

PHILIP PULLMAN

"Este talvez seja o melhor livro de fantasia das últimas décadas."

The Washington Post



A Bússola de Ouro

SUMA
de letras



PHILIP PULLMAN

A Bússola de Ouro

TRADUÇÃO
Eliana Sabino



*Para dentro desse abismo agreste,
Ventre da natureza e talvez tumba,
Nem de mar, nem praia, ar ou fogo
Mas de todos esses misturados em suas causas preñhes
Confusamente, e em constante luta
A não ser que o poderoso criador lhes ordene
Seus materiais obscuros para criar mais mundos,
Para dentro desse abismo agreste o demônio cauteloso
Postou-se à beira do inferno e olhou por algum tempo,
Refletindo sobre a sua viagem...*

John Milton, *Paraíso Perdido*, Livro II

Sumário

PRIMEIRA PARTE

Oxford

1. A garrafa de Tokay
2. A ideia do norte
3. A Jordan de Lyra
4. O aletômetro
5. A festa
6. As tarrafas
7. John Faa
8. Frustração
9. Os espiões

SEGUNDA PARTE

Bolvangar

10. O cônsul e o urso
11. A armadura
12. O menino perdido
13. Esgrima
14. As luzes de Bolvangar
15. Os daemons nas caixas de vidro
16. A guilhotina prateada
17. As feiticeiras

TERCEIRA PARTE

Svalbard

18. Gelo e neblina
19. O cativoiro
20. À *outrance*

21. As boas-vindas de lorde Asriel
22. A traição
23. A ponte para as estrelas

PRIMEIRA PARTE
OXFORD

1. A GARRAFA DE TOKAY

Lyra e seu daemon atravessaram o salão, já bastante escuro, tomando cuidado para seguirem junto à parede, fora de vista da cozinha. As três mesas grandes ao longo do salão já estavam arrumadas, com a prataria e as taças refletindo a luz fraca do ambiente e os bancos compridos afastados, esperando os convidados. No alto, ao longo das paredes, os retratos de antigos reitores estavam na penumbra. Lyra chegou ao tablado e voltou-se para olhar a porta aberta da cozinha; não vendo ninguém, subiu para junto da mesa principal. Ali os talheres eram de ouro, não de prata, e os catorze lugares não eram em um banco de carvalho, mas em cadeiras de mogno com almofadas de veludo.

Lyra parou junto à cadeira do reitor e deu um peteleco de leve na maior taça; o som percorreu todo o salão.

— Você não está levando isso a sério. Comporte-se — cochichou o daemon.

O nome do daemon era Pantalaimon, e, no momento, ele tinha a forma de uma mariposa marrom para não se destacar na penumbra do salão.

— Estão fazendo muito barulho na cozinha — cochichou Lyra de volta. — E o administrador só aparece depois do primeiro sino. Deixe de ser ranzinza.

Mas, em todo caso, ela colocou a palma da mão sobre o cristal que vibrava; Pantalaimon esvoaçou à frente dela e entrou pela porta entreaberta da sala privativa, no outro extremo do tablado. Logo depois tornou a aparecer.

— Está vazia — sussurrou. — Mas temos que ser rápidos.

Agachada, escondida pela mesa, Lyra foi até a porta e entrou na sala privativa, onde tornou a ficar de pé e olhou em volta. A única luz vinha da lareira; a pilha de lenha em brasa desabou enquanto ela observava, fazendo subir uma coluna de faíscas pela chaminé. Ela havia passado a maior parte da vida na Faculdade, mas nunca tinha visto a sala privativa; só os catedráticos e

seus convidados podiam entrar ali, e nunca uma mulher. Nem as criadas entravam para limpar; esse trabalho quem fazia era o mordomo.

Pantalaimon se acomodou no ombro dela.

— Está satisfeita agora? Podemos ir? — cochichou.

— Não seja medroso! Ainda quero dar uma olhada!

Era uma sala ampla, com uma mesa oval de jacarandá encerada e várias garrafas e taças de cristal sobre ela, além de uma tabaqueira de prata com uma pequena divisão para cachimbo. Em um aparador ao lado, havia uma panelinha e uma cesta com botões de papoula.

— Eles vivem bem, hein, Pan? — comentou ela, baixinho.

Lyra foi sentar-se em uma das poltronas de couro verde, tão funda que ela ficou quase deitada, mas se endireitou e cruzou as pernas. Então se pôs a examinar os retratos nas paredes: mais catedráticos, com certeza; barbados e melancólicos, eles lançavam olhares de solene desaprovação de dentro das molduras.

— O que acha que eles conversam aqui? — perguntou a garota, ou começou a perguntar, pois antes de terminar a frase ela ouviu vozes do lado de fora da sala.

— Para trás da poltrona! Depressa! — sussurrou Pantalaimon.

Como um raio, Lyra pulou da poltrona e se escondeu atrás dela. Não era o melhor esconderijo: ela havia escolhido logo a poltrona que ficava bem no meio da sala, e se não ficasse quietinha...

A porta se abriu, e a iluminação da sala mudou: um dos recém-chegados trazia uma lamparina, que colocou no aparador. Lyra via as pernas dele, as calças verde-escuras e os sapatos pretos bem engraxados: um criado.

Então uma voz grossa perguntou:

— Lorde Asriel já chegou?

Era o reitor. Lyra prendeu a respiração ao ver o daemon do criado (um cão, como os daemons de todos os criados) entrar trotando e sentar-se em silêncio aos pés dele, e então os pés do reitor ficaram visíveis também, metidos nos velhos sapatos pretos que ele sempre usava.

— Não, reitor — disse o mordomo. — Também não temos notícia das Docas Aéreas.

— Imagino que ele vá chegar com fome. Leve-o direto para o salão, sim?

— Sim, senhor.

— E já separou um pouco do Tokay especial?

— Já, sim, reitor. O 1898, como o senhor pediu. Lorde Asriel apreciava muito essa safra, se não me falha a memória.

— Ótimo. Agora vá, por favor.

— Vai precisar da lamparina, reitor?

— Sim, pode deixá-la aí. Durante o jantar, venha ajeitar o pavio, está bem?

O mordomo fez uma reverência curta e se virou para sair, e seu daemon o seguiu obedientemente. De seu precário esconderijo, Lyra ficou observando enquanto o reitor ia até um grande armário de carvalho em um canto da sala, tirava sua beca de um cabide e a vestia com dificuldade — o reitor da Jordan tinha sido um homem robusto na juventude, mas agora estava com bem mais de setenta anos e seus movimentos eram rígidos e lentos. Seu daemon era uma fêmea de corvo, e assim que ele terminou de vestir a beca o daemon voou de cima do armário e foi se acomodar no seu lugar de costume: seu ombro direito.

Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, apesar de o daemon não emitir um único som. Ela mesma estava achando delicioso aquele friozinho na barriga. Lorde Asriel, o visitante mencionado pelo reitor, era tio dela, um homem que ela muito admirava e temia. Diziam que ele estava envolvido em altas políticas, explorações secretas, guerras distantes, e ela nunca sabia quando ele ia aparecer. Ele era muito bravo; se a apanhasse ali, seria severamente punida, mas conseguiria aguentar.

Porém, o que ela viu em seguida mudou completamente as coisas.

O reitor tirou do bolso um papel dobrado e o colocou na mesa. Tirou a rolha de uma garrafa que continha um vinho dourado, desdobrou o papel e deixou cair lá dentro um jorro fino de pó branco; depois amassou o papel e o jogou na lareira. Então tirou um lápis do bolso, mexeu o vinho até dissolver todo o pó e recolocou a rolha.

Seu daemon soltou um grasnido curto; o reitor respondeu com um murmúrio e olhou em volta com os olhos semicerrados e severos antes de sair pela porta pela qual tinha entrado.

— Viu isso, Pan? — cochichou Lyra.

— Claro que vi! Agora saia depressa, antes que o administrador chegue!

Mal terminou a frase e os dois ouviram um sino tocando uma vez na outra ponta do salão.

— É o sino do administrador! — exclamou Lyra. — Pensei que a gente ia ter mais tempo...

Pantalaimon esvoaçou até a porta do salão e voltou depressa.

— O administrador já está lá — avisou. — E você não vai poder sair pela outra porta...

A outra porta, aquela por onde o reitor tinha entrado e saído, dava para o movimentado corredor entre a biblioteca e a sala de estar dos catedráticos. A essa hora do dia, o corredor estaria cheio de homens indo vestir suas becas para o jantar, ou correndo para deixar papéis ou pastas na sala de estar antes de ir para o salão; sabendo disso, Lyra tinha planejado sair por onde entrara, contando com mais alguns minutos antes do sino do administrador.

Se ela não tivesse visto o reitor colocar aquele pó no vinho, poderia até ter desafiado a cólera do administrador ou tentado passar despercebida no corredor movimentado. Mas estava confusa, e isso fez com que hesitasse.

Então ouviu passos pesados no tablado: era o administrador vindo verificar se a sala privativa estava pronta, com as papoulas e o vinho que os catedráticos beberiam depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho e se escondeu lá dentro, fechando a porta bem no momento em que o administrador entrou. Ela não se preocupou com Pantalaimon: a sala era toda de cores escuras, e ele podia muito bem entrar debaixo de uma poltrona.

Lyra escutou a respiração ofegante do administrador e, pela fresta da porta, viu quando ele ajeitou os cachimbos junto à tabaqueira, lançando um olhar de relance para os frascos de bebida e as taças. Depois ajeitou os cabelos sobre as orelhas com ambas as mãos e disse algo ao seu daemon. O administrador era um criado, então seu daemon era uma cadela; mas, como era um criado de alta categoria, seu cão também era superior — um setter vermelho. O daemon parecia suspeitar de alguma coisa, lançando olhares em volta como se sentisse a presença de um intruso, mas não foi até o armário, para grande alívio de Lyra. Ela temia muito o administrador, que já havia lhe dado uma

surra duas vezes.

Lyra ouviu um sussurro bem fraquinho; Pantalaimon também tinha se enfiado no armário.

— Agora vamos ter que ficar aqui. Por que você *nunca* escuta o que eu digo?

Lyra só respondeu depois que o administrador saiu. Cabia a ele supervisionar os criados que serviam a mesa principal; ela ouviu os catedráticos entrando no salão, o murmúrio de vozes, o arrastar de pés.

— Ainda bem que não escutei — cochichou ela em resposta. — Senão não teríamos visto o reitor colocar veneno no vinho. Pan, era o Tokay que ele tinha pedido ao mordomo! Vão assassinar lorde Asriel!

— Você não sabe se aquilo é veneno.

— Claro que é! Você não notou? Ele esperou o mordomo sair da sala; se fosse inocente, não se importaria que o mordomo visse. E eu *sei* que está acontecendo alguma coisa. Alguma coisa política. Os criados só falam disso. Pan, nós podemos impedir um assassinato!

— Nunca ouvi tanta bobagem — cortou ele. — Como você acha que vai conseguir ficar quatro horas dentro deste armário apertado? Vou vigiar o corredor; quando estiver vazio, eu aviso.

Ele voou do ombro dela, e Lyra viu a sombra minúscula aparecer na fresta de luz.

— Não adianta, Pan, vou ficar aqui — declarou. — Há outra beca ou sei lá o quê aqui dentro; vou colocá-la no chão do armário e me acomodar. *Tenho* que ver o que eles fazem!

Até então ela estava agachada; ficou em pé com cuidado, tateando à procura dos cabides para não fazer barulho, e descobriu que o armário era maior do que pensara. Havia várias becas acadêmicas e capuzes, alguns orlados de pele, a maioria com forro de seda.

— Será que são todos do reitor? — sussurrou ela. — Quando recebe diplomas honorários de outros lugares, talvez eles lhe deem becas que ele guarda aqui... Pan, você acha mesmo que aquilo no vinho não é veneno?

— Não, também acho que é veneno. E acho que isso não é da nossa conta. E acho que interferir seria a mais idiota de todas as coisas idiotas que você já

fez na vida. Não temos nada a ver com isso.

— Não seja idiota! — exclamou Lyra. — Não posso ficar aqui sabendo que ele vai ser envenenado!

— Então vamos embora.

— Você é um covarde, Pan.

— Claro que sou. Posso saber o que você pretende fazer? Vai sair do armário e arrancar a taça dos dedos trêmulos dele? Qual é o seu plano?

— Não tenho plano nenhum, e você sabe muito bem — respondeu ela em voz baixa. — Mas agora que vi o que o reitor fez, não tenho escolha. Pensei que você soubesse o que é consciência. Sabendo o que vai acontecer, como é que eu posso ir me sentar na biblioteca ou em qualquer outro lugar e ficar de braços cruzados? Isso eu não pretendo fazer, pode acreditar!

— Era isso que você queria o tempo todo — disse Pan depois de um momento. — Queria se esconder aqui e assistir a tudo. Por que não percebi isso antes?

— Está certo, quero mesmo — confessou Lyra. — Todo mundo sabe que eles vêm fazer uma coisa secreta. Têm um ritual, ou alguma coisa assim. E eu só queria saber o que é.

— Não é da nossa conta! Se eles querem ter seus segredinhos, você devia apenas ser superior e deixar isso pra lá. Xeretar é coisa de criança boba.

— Sabia que você ia dizer isso. Agora pare de resmungar.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, Lyra desconfortável no chão duro do armário e Pantalaimon pousado em uma das túnicas com ar contrariado, mexendo suas antenas temporárias. Lyra sentia vários pensamentos brigando dentro da sua cabeça e queria muito poder compartilhá-los com seu daemon, mas era também orgulhosa e achou melhor tentar clarear os pensamentos sem a ajuda dele.

O que predominava era a aflição, e não por si própria — de tanto se encrencar, Lyra já estava acostumada. Dessa vez, estava aflita por causa de lorde Asriel e pelo que aquilo tudo significava. Ele não visitava a faculdade com frequência, e o fato de estarem em uma época de alta tensão política significava que ele não estava vindo simplesmente para comer, beber e fumar com velhos amigos. Ela sabia que tanto lorde Asriel quanto o reitor eram

membros do Conselho do Gabinete, o órgão especial de assessoria ao primeiro-ministro, de modo que a visita podia ter alguma coisa a ver com isso; mas as reuniões do Conselho do Gabinete eram feitas no palácio, não na sala privativa da Faculdade Jordan.

Além disso, havia o boato que estava provocando cochichos entre os criados da Jordan: diziam que os tártaros tinham invadido a Moscóvia e estavam avançando rumo ao norte, para São Petersburgo, de onde poderiam dominar o mar Báltico e acabar conquistando toda a Europa Ocidental. E lorde Asriel estivera no norte: na última vez em que ela o vira, ele estava preparando uma expedição para a Lapônia...

— Pan... — cochichou ela.

— Que foi?

— Você também acha que vai haver guerra?

— Ainda não. Lorde Asriel não estaria jantando aqui se a guerra fosse explodir na semana que vem.

— Também acho. Mas depois...

— Shh. Vem vindo alguém.

Ela se endireitou e olhou pela fresta da porta. Era o mordomo, entrando para checar o pavio da lamparina, como o reitor pedira. A sala de estar e a biblioteca eram iluminadas por luz ambárica, mas, na sala privativa, os catedráticos preferiam as lâmpadas de nafta, mais antigas e suaves. Isso não mudaria enquanto o reitor estivesse vivo.

O mordomo aparou o pavio e colocou outra tora de lenha na lareira, depois escutou cautelosamente junto à porta antes de surrupiar um punhado de folhas da tabaqueira.

Mal tinha recolocado a tampa quando a maçaneta da outra porta girou e ele deu um pulo, sobressaltado. Lyra segurou o riso. O mordomo enfiou às pressas as folhas de fumo no bolso e se virou para cumprimentar o recém-chegado.

— Lorde Asriel! — exclamou.

Um arrepio de surpresa gelou as costas de Lyra. Ela não conseguia ver o tio e tentou dominar a vontade de mudar de posição para fazer isso.

— Boa noite, Wren — disse lorde Asriel, com aquela voz áspera que Lyra

sempre escutara com uma mistura de prazer e apreensão. — Cheguei atrasado para o jantar. Vou esperar aqui.

O mordomo parecia constrangido; só se entrava na sala privativa a convite do reitor, e lorde Asriel sabia muito bem disso. Mas o mordomo viu também o olhar de lorde Asriel fixo em seu bolso estufado e resolveu não dizer nada.

— Devo avisar ao reitor que o senhor chegou?

— Não seria mau. Pode me trazer um café.

— É claro, senhor.

O mordomo fez uma reverência e saiu apressado, seu daemon trotando obedientemente atrás. O tio de Lyra foi até a lareira e estendeu os braços por cima da cabeça, se espreguiçando e bocejando como um leão. Estava usando roupas de viagem. Como sempre acontecia quando tornava a vê-lo, Lyra se lembrou do quanto ele a assustava. Estava fora de questão sair de fininho: ela teria que esperar e torcer.

O daemon de lorde Asriel, uma pantera branca, se postou logo atrás dele.

— Vai mostrar as projeções aqui? — perguntou ela em voz baixa.

— Vou. Vai ser menos confuso do que irmos para o auditório. Vão querer ver os espécimes também; daqui a pouco vou mandar chamar o porteiro. São tempos difíceis, Stelmaria.

— Você devia descansar.

Ele esticou-se em uma das poltronas, de modo que seu rosto ficou escondido de Lyra.

— Devia, sim. E também mudar de roupa; com certeza, existe alguma regra de etiqueta arcaica que permite que eles me multem em uma dúzia de garrafas por entrar aqui sem estar vestido adequadamente. Eu precisava dormir uns três dias. Mas o caso é que...

Houve uma batida na porta, e o mordomo entrou, trazendo um bule de café e uma xícara em uma bandeja de prata.

— Obrigado, Wren — disse lorde Asriel. — Aquilo ali na mesa é Tokay?

— O reitor mandou separar este especialmente para o senhor — informou o mordomo. — Restam apenas três dúzias de garrafas do 98.

— Não há bem que sempre dure. Deixe a bandeja aqui ao meu lado. Ah, e peça ao porteiro para mandar as duas caixas que deixei na portaria.

— Para cá, senhor?

— Sim, para cá, ora. E vou precisar de uma tela e uma lanterna de projeção, também aqui, também agora.

O mordomo mal conseguia segurar o queixo de surpresa, mas conseguiu engolir a pergunta ou o protesto.

— Wren, você está esquecendo seu lugar — disse lorde Asriel. — Não me questione; apenas faça o que mando.

— Claro, senhor — replicou o mordomo. — Se posso dar uma sugestão, senhor, talvez seja melhor avisar o sr. Cawson do que o senhor está planejando, senão ele poderá ficar um tanto surpreso, se é que me entende.

— Está bem. Avise a ele, então.

O sr. Cawson era o administrador. Havia uma rivalidade antiga e permanente entre ele e o mordomo; o administrador tinha mais autoridade, porém o mordomo tinha mais oportunidades de bajular os catedráticos, e aproveitava cada uma delas. Ele ia adorar poder mostrar ao administrador que sabia mais do que ele sobre o que acontecia na sala privativa.

Wren fez uma reverência e saiu. Lyra observou o tio se servir de uma xícara de café, bebê-la de uma vez e servir outra, que bebeu mais devagar. Ela estava perplexa: caixas de espécimes? Uma lanterna de projeção? Que teria ele de tão urgente e importante para mostrar aos catedráticos?

Então lorde Asriel se levantou e deu as costas para o fogo. Lyra o viu de corpo inteiro e se maravilhou com o contraste que ele formava com o mordomo gorducho e os catedráticos curvados e lânguidos: lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos, fisionomia soturna e feroz, olhos que pareciam cintilar com um humor selvagem. Tinha o rosto de uma pessoa a quem se obedecia ou combatia — de alguém que nunca poderia ser tratado como inferior ou digno de compaixão. Todos os seus movimentos eram largos e possuíam um equilíbrio perfeito, como os de um animal selvagem; dentro de um aposento como aquele, ele parecia uma fera presa em uma jaula pequena demais.

No momento, sua expressão era distante e preocupada. Seu daemon se aproximou e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático antes de lhe dar as costas e seguir até a

mesa. Lyra de repente sentiu o estômago dar um nó, pois lorde Asriel havia tirado a tampa da garrafa de Tokay e estava enchendo uma taça.

— Não!

O grito abafado saiu antes que pudesse contê-lo. Lorde Asriel ouviu e se virou imediatamente.

— Quem está aí?

Lyra não conseguiu se controlar: saltou para fora do armário e correu para arrancar a taça das mãos do tio. O vinho voou, molhando a borda da mesa e o tapete, e a taça caiu e se estilhaçou. Ele agarrou a menina pelo pulso, torcendo-o com força.

— Lyra! O que está fazendo aqui?

— Me solte e eu vou contar!

— Primeiro vou quebrar seu braço. Como ousa entrar aqui?

— Acabei de salvar a sua vida!

Por um segundo, os dois ficaram imóveis, Lyra se retorcendo de dor e fazendo uma careta para reprimir um gemido mais alto, ele inclinado sobre ela, com a testa franzida, como um trovão anunciando a tempestade.

— O que você disse? — perguntou ele, em voz baixa.

— O vinho está envenenado — resmungou ela, os dentes cerrados. — Vi o reitor colocar um pó branco nele.

Lorde Asriel a soltou, e Lyra caiu no chão; nervoso, Pantalaimon esvoaçou para o ombro dela. O tio a encarou com uma raiva controlada, e ela não ousou encará-lo nos olhos.

— Entrei só para ver como esta sala era — contou Lyra. — Sei que não devia ter feito isso. Ia sair antes que alguém entrasse, mas o reitor apareceu e fiquei encurralada. O armário era o único esconderijo. Eu vi quando ele colocou o pó no vinho. Se não tivesse...

Uma batida na porta.

— Deve ser o porteiro — disse lorde Asriel. — Volte para o armário. Se eu ouvir um barulho sequer, vou fazê-la ter vontade de morrer.

Ela correu para se esconder, e mal fechara a porta do armário quando lorde Asriel falou em voz alta:

— Pode entrar!

Como ele tinha dito, era o porteiro.

— Coloco aqui, senhor?

Lyra viu o velho parado à porta com ar indeciso, e atrás dele a ponta de um grande caixote de madeira.

— Isso mesmo, Shuter. Traga as duas para dentro e coloque no chão perto da mesa.

Lyra relaxou um pouquinho e se permitiu sentir a dor no ombro e no pulso. Ela teria chorado se fosse outro tipo de menina; mas só cerrou os dentes e movimentou de leve o braço até senti-lo mais leve.

Então ouviu o ruído de vidro se quebrando e o borbulhar de um líquido que se derramava.

— Maldição! Shuter, seu velho desastrado! Veja o que você fez!

Lyra conseguia ver pouco, mas o suficiente. O tio dera um jeito de derrubar a garrafa de Tokay da mesa, fazendo parecer que tinha sido o porteiro. O velho pousou com cuidado o caixote no chão e começou a se desculpar.

— Sinto muito, senhor. A mesa estava mais perto do que eu pensava...

— Arrume alguma coisa para limpar esta sujeira. Vá depressa, antes que o tapete fique encharcado!

O porteiro e seu jovem ajudante saíram apressados. Lorde Asriel se aproximou do armário e falou em um cochicho:

— Já que está aí, pode me ser útil. Vigie atentamente o reitor. Se me contar alguma coisa interessante a respeito dele, vou impedir que você tenha ainda mais problemas do que os que já vai ter. Entendeu?

— Sim, tio.

— Se fizer barulho aí dentro, não vou ajudá-la. Você está por conta própria.

Ele se afastou, e estava novamente parado de costas para a lareira quando o porteiro voltou com uma vassoura e uma pá para os cacos de vidro, além de um pano e uma tigela.

— Peço desculpas mais uma vez, senhor. Juro, não sei o que me...

— Limpe isso aí e pronto.

Enquanto o porteiro enxugava o vinho do tapete, o mordomo bateu à porta

e entrou com o criado de lorde Asriel — um homem chamado Thorold. Os dois carregavam um caixote pesado, de madeira envernizada e alças de bronze. Viram o que o porteiro estava fazendo e estacaram.

— Era o Tokay, sim — disse lorde Asriel. — Uma pena. A lanterna está aí? Coloque-a perto do armário, Thorold, por favor. A tela vai ficar do outro lado.

Lyra percebeu que pela fresta da porta conseguiria ver a tela e o que fosse projetado nela, e imaginou se o tio tinha feito aquilo de propósito. Protegida pelo barulho que o criado fazia ao desenrolar o linho rígido e montar a tela e sua armação, ela cochichou:

— Está vendo? Não valeu a pena?

— Pode ser que sim... — disse Pantalaimon em tom severo, com sua vozinha de mariposa — ... e pode ser que não.

Lorde Asriel ficou parado perto da lareira bebericando o resto do café e observando com seriedade enquanto Thorold abria a caixa da lanterna de projeção e desencapava as lentes antes de verificar o tanque de óleo.

— Há bastante óleo, senhor — disse. — Quer que eu mande chamar um técnico para fazer a projeção?

— Não, eu mesmo farei isso. Obrigado, Thorold. Eles já terminaram o jantar, Wren?

— Creio que estão quase terminando, senhor — respondeu o mordomo. — Se entendi direito o que o sr. Cawson disse, o reitor e seus convidados vão se apressar quando souberem que o senhor está aqui. Posso levar a bandeja do café?

— Pode levar.

— Muito bem, senhor.

Com uma mesura leve, o mordomo pegou a bandeja e saiu, e Thorold foi com ele. Assim que a porta se fechou, lorde Asriel olhou diretamente para o armário no outro lado da sala, e Lyra sentiu a força daquele olhar quase como se ele tivesse uma forma física, como se fosse uma flecha ou uma lança. Então o tio desviou os olhos e falou baixinho com seu daemon.

A pantera veio sentar-se calmamente ao lado dele, alerta, elegante e perigosa, os olhos verdes examinando o aposento antes de se voltarem, como

os olhos negros dele, para a porta que dava para o salão no momento em que a maçaneta girou. Lyra não conseguia ver a porta, mas escutou uma respiração profunda quando o primeiro homem entrou.

— Estou de volta, reitor — disse lorde Asriel. — Por favor, traga os seus convidados; tenho algo muito interessante para lhes mostrar.

2. A IDEIA DO NORTE

— Lorde Asriel! — exclamou o reitor em tom alto, e avançou para lhe apertar a mão.

De seu esconderijo, Lyra observava os olhos do reitor, e de fato, por um segundo, eles foram até a mesa onde o Tokay estivera.

Lorde Asriel falou:

— Reitor, cheguei tarde demais, não quis atrapalhar seu jantar, então me acomodei aqui. Olá, vice-reitor. Está com uma ótima aparência. Perdoem meus trajes, senhores, eu acabei de chegar. Sim, reitor, o Tokay se foi. Acho que o senhor está pisando nele. O porteiro o derrubou, mas a culpa foi minha. Olá, capelão. Li seu último artigo com grande interesse...

Ele se afastou com o capelão, deixando a Lyra uma visão perfeita do rosto do reitor. Este estava impassível, mas o daemon em seu ombro arrepiava as penas e se movia sem parar de um pé para o outro. Lorde Asriel já estava dominando o ambiente, e, embora tivesse o cuidado de ser cortês com o reitor em seu próprio território, era óbvio quem detinha o poder.

Os catedráticos saudaram o visitante e se espalharam pela sala, alguns indo se sentar à mesa, outros preferindo as poltronas, e logo o zumbido das conversas enchia o ar. Lyra percebia que eles estavam muito intrigados com a caixa de madeira, a tela e a lanterna de projeção. Conhecia muito bem os catedráticos: o bibliotecário, o vice-reitor, o inquiridor e o resto. Durante toda a vida, Lyra convivera com esses homens; eles a ensinavam, a castigavam, a consolavam, davam-lhe presentes, proibiam que chegasse perto das frutas no pomar; eram sua família. Ela até poderia gostar deles como se fossem mesmo sua família se soubesse o que era uma família, embora nesse caso fosse mais provável que ela sentisse isso pelos criados da faculdade; os catedráticos tinham coisas mais importantes a fazer do que se importar com uma garota meio selvagem, meio civilizada, que o acaso colocara entre eles.

O reitor acendeu o pavio sob a panelinha de prata e aqueceu um pouco de manteiga antes de abrir com uma faca meia dúzia de botões de papoula e jogá-los ali. Depois do jantar, sempre se servia papoula; ela clareava a mente e estimulava a língua, favorecendo a riqueza da conversa. A tradição era o próprio reitor fritá-las.

Sob o chiado da manteiga no fogo e o burburinho das conversas, Lyra se mexeu, procurando uma posição mais confortável. Com muito cuidado, ela tirou do cabide uma das becas — uma comprida túnica de pele — e a estendeu no chão.

— Você devia ter escolhido uma velha e áspera — sussurrou Pantalaimon.
— Se ficar confortável demais, vai pegar no sono.

— Se isso acontecer, você tem a obrigação de me acordar.

Sentou-se e ficou ouvindo a conversa. Uma conversa bastante chata, por sinal; quase toda sobre política, e ainda por cima política de Londres, nenhum assunto excitante como os tártaros. O cheiro agradável de papoula fritando na manteiga e de folha de tabaco penetrava pela fresta da porta do armário, e mais de uma vez Lyra percebeu que estava quase cochilando. Por fim, ouviu que alguém dava pancadinhas na mesa. As vozes silenciaram, e então o reitor falou.

— Cavalheiros, tenho certeza de que falo por todos ao dar as boas-vindas a lorde Asriel. Suas visitas são raras, mas imensamente prazerosas, e sei que esta noite ele tem algo muito interessante para nos mostrar. Como todos nós sabemos, estamos em uma época de grande tensão política; lorde Asriel tem que estar amanhã cedo em White Hall, e há um trem esperando com a caldeira cheia de vapor para levá-lo a Londres assim que tivermos terminado esta conversa; portanto, devemos aproveitar o tempo com sabedoria. Imagino que quando ele terminar de falar haverá algumas perguntas; por favor, que sejam breves e relevantes. Lorde Asriel, gostaria de começar?

— Obrigado, reitor — disse lorde Asriel. — Para começar, tenho alguns fotogramas para lhes mostrar. Vice-reitor, acho que vai enxergar melhor daqui. Talvez o reitor queira se sentar ali perto do armário.

Lyra admirou a habilidade do tio. O velho vice-reitor era quase cego, então era uma questão de cortesia arranjar para ele um lugar perto da tela, e isso fez

com que o reitor fosse obrigado a se sentar ao lado do bibliotecário, a menos de um metro do armário onde Lyra estava acomodada. Ela ouviu o reitor murmurar enquanto se ajeitava na poltrona:

— Esse demônio! Ele *sabia* do vinho, tenho certeza.

— Ele vai pedir dinheiro — cochichou o bibliotecário de volta. — Se forçar uma votação...

— Se ele fizer isso, temos que nos opor, com toda a eloquência que pudermos.

A lanterna começou a chiar enquanto lorde Asriel a bombeava com força. Lyra mudou ligeiramente de posição para poder enxergar a tela, na qual agora brilhava um círculo branco. Lorde Asriel pediu:

— Alguém pode diminuir a luz da lamparina?

Um dos catedráticos levantou-se para fazer isso, e a sala ficou escura. Lorde Asriel começou:

— Como alguns de vocês já sabem, há doze meses parti para o norte em uma visita diplomática ao rei da Lapônia. Pelo menos é o que eu fingia que ia fazer. Minha verdadeira intenção era chegar ainda mais ao norte, até o gelo, para tentar descobrir o que aconteceu com a expedição de Grumman. Uma das últimas mensagens dele para a Academia em Berlim falava de certo fenômeno natural que só é visto nas terras do extremo norte. Eu estava decidido a investigar tal fenômeno, e também a descobrir o que pudesse sobre Grumman. Mas a primeira figura que vou lhes mostrar não se refere a nenhuma dessas coisas.

Ele colocou o primeiro slide na armação e deslizou-o para trás da lente. Um fotograma circular em preto e branco apareceu na tela. Tinha sido tirado à noite, sob a lua cheia, e mostrava um casebre de madeira a pouca distância, as paredes escuras contrastando com a neve que o rodeava e cobria o telhado. Ao lado do casebre, havia uma série de instrumentos científicos que aos olhos de Lyra eram como alguma coisa do Parque Ambárico na estrada para Yarnnton: antenas, fios, isoladores de porcelana, tudo brilhando ao luar e coberto por uma camada espessa de gelo. Um homem envolto em peles, o rosto pouco visível pela abertura do capuz, aparecia em primeiro plano, com a mão erguida em uma saudação. Ao lado dele, havia uma figura menor. A

lua banhava tudo na mesma claridade pálida.

— Este fotograma foi feito com uma emulsão padrão, de nitrato de prata — informou lorde Asriel. — Quero que vejam outro, tirado no mesmo local apenas um minuto depois, com uma nova emulsão, de preparo especial.

Ele retirou o primeiro slide e colocou outro no lugar. Esse era bem mais escuro; era como se o luar tivesse sido filtrado. O horizonte ainda estava visível, com a sombra escura do casebre e o telhado coberto de neve em destaque, mas não era possível identificar qualquer detalhe dos instrumentos. Mas o homem havia mudado inteiramente: estava banhado em luz, e uma fonte de partículas cintilantes parecia jorrar da mão erguida.

— Essa luz está subindo ou descendo? — perguntou o capelão.

— Está descendo — respondeu lorde Asriel. — Mas não é luz. É Pó.

Alguma coisa no modo como ele disse isso fez Lyra imaginar “Pó” com letra maiúscula, como se não fosse uma poeira comum. A reação dos catedráticos confirmou sua teoria, porque as palavras de lorde Asriel provocaram um silêncio súbito na sala, seguido por exclamações de incredulidade.

— Mas como...

— É claro que...

— É impossível...

— Cavalheiros! — Era a voz do capelão. — Vamos deixar lorde Asriel se explicar.

— É Pó — repetiu lorde Asriel. — É registrado como luz porque as partículas de poeira afetam essa emulsão como os fótons afetam a emulsão de nitrato de prata. Foi em parte para testar isso que a minha expedição ao norte foi montada. Como podem perceber, a figura do homem está perfeitamente visível. Agora quero que observem a figura à esquerda dele.

Indicou a sombra desfocada da figura menor.

— Pensei que era o daemon dele — disse o inquiridor.

— Não. O daemon estava enrolado no pescoço dele na forma de serpente. A figura que os senhores não conseguem ver muito bem é uma criança.

— Uma criança seccionada...? — perguntou alguém; a maneira como essa pessoa se interrompeu mostrava que ela sabia que aquilo era uma coisa que

não devia ter sido dita.

Houve um silêncio intenso. Então lorde Asriel disse calmamente:

— Uma criança completa. O que, dada a natureza do Pó, é exatamente o xis da questão, não é?

Durante vários segundos, ninguém se pronunciou. Então se ouviu a voz do capelão.

— Ah... — fez ele, como um homem sedento que, tendo acabado de beber à vontade, baixa o copo para poder soltar a respiração que estava prendendo enquanto bebia. — E os rios de Pó...

— ... caem do céu e o banham no que parece ser luz. Podem examinar o fotograma com cuidado. Vou deixá-lo com vocês. Estou mostrando agora para demonstrar o efeito dessa nova emulsão. Mas gostaria de lhes mostrar outro.

Ele mudou o slide. O fotograma seguinte também tinha sido tirado à noite, mas dessa vez sem luar. Mostrava um grupo de tendas em primeiro plano, pouco delineadas contra o horizonte, e ao lado delas um monte de caixotes e um trenó. Mas a parte interessante da figura era o céu. Jorros e véus de luz pendiam como cortinas, entrelaçando-se e enroscando-se em ganchos invisíveis com centenas de quilômetros de altura ou deslizando no sopro de um vento inimaginável.

— O que é aquilo? — perguntou o vice-reitor.

— É um retrato da Aurora Boreal.

— É um lindo fotograma — disse o catedrático do idioma palmeriano. — Um dos melhores que já vi.

— Perdoe minha ignorância — interpôs a voz trêmula do velho diretor do coral. — Mas se eu algum dia soube o que é a Aurora Boreal, já esqueci. É o que chamam de Luzes do Norte?

— É. Ela tem muitos nomes. É composta de tempestades de partículas carregadas e raios solares de força intensa e extraordinária. São invisíveis, mas provocam esta irradiação luminosa quando interagem com a atmosfera. Se houvesse tempo, eu teria mandado pintar este slide para lhes mostrar as cores; verde e rosa claros, na maior parte, com um toque de escarlate ao longo da borda inferior daquela formação que parece uma cortina. Isto foi

tirado com emulsão comum. Agora quero que vejam uma imagem tirada com a emulsão especial.

Ele retirou o slide. Lyra ouviu o reitor dizer baixinho:

— Se ele forçar uma votação, podemos tentar invocar a cláusula de residência. Ele ficou fora da faculdade durante trinta das últimas cinquenta e duas semanas.

— Ele já tem o apoio do capelão... — murmurou o bibliotecário.

Lorde Asriel colocou um novo slide atrás da lente. A cena era a mesma: como acontecera com o outro par de fotos, muitas coisas visíveis à luz comum eram muito mais escuras neste, assim como as cortinas de luz no céu.

Mas, no centro da Aurora, bem acima da paisagem sombria, Lyra podia ver algo sólido. Pressionou o rosto na fresta para ver melhor e notou que os catedráticos perto da tela também se inclinavam para a frente. Seu assombro cresceu ao ver ali no céu o contorno inconfundível de uma cidade: torres, domos, muralhas... prédios e ruas, suspensos no ar! Ela quase engasgou de susto.

O catedrático do idioma cassington comentou:

— Aquilo ali parece... uma cidade.

— É exatamente o que é — confirmou lorde Asriel.

— Uma cidade em outro mundo, sem dúvida — falou o decano, em tom de desprezo.

Lorde Asriel o ignorou. Havia um tremor de excitação entre alguns catedráticos, como se, tendo escrito tratados sobre a existência do unicórnio sem jamais terem visto um, lhes fosse apresentado um exemplar vivo.

— É aquele negócio do Barnard-Stokes? — quis saber o catedrático de palmeriano. — É, não é?

— É isto que eu quero descobrir — respondeu lorde Asriel.

Ele se posicionou ao lado da tela iluminada. Lyra via seus olhos escuros observando os catedráticos, que contemplavam o slide da Aurora; ela via também, ao lado dele, o brilho verde dos olhos de seu daemon. Todas as cabeças veneráveis estavam eretas, os óculos brilhando; apenas o reitor e o bibliotecário estavam recostados em suas poltronas, com as cabeças muito unidas.

O capelão estava dizendo:

— O senhor disse que estava procurando notícias da expedição de Grumman, lorde Asriel. O dr. Grumman também estava investigando este fenômeno?

— Acredito que sim, e acredito também que conseguiu bastante informação sobre isso. Mas ele não vai poder nos contar, porque está morto.

— Não! — exclamou o capelão.

— Infelizmente sim, e eu tenho a prova aqui comigo.

Uma onda de nervosa apreensão percorreu a sala privativa enquanto, a pedido de lorde Asriel, dois ou três catedráticos mais jovens carregaram a caixa de madeira para a frente da sala. Lorde Asriel retirou o último slide, mas deixou a lanterna acesa e, no brilho teatral do círculo de luz, inclinou-se para abrir a caixa com um pé de cabra. Lyra ouviu o rangido dos pregos saindo da madeira úmida. O reitor ficou de pé para poder ver o que havia na caixa, tapando a visão de Lyra.

O tio dela tornou a falar:

— Se vocês se lembram, a expedição de Grumman desapareceu há dezoito meses. A Academia Alemã mandou-o avançar para o norte até chegar ao polo magnético, e ali fazer várias observações astronômicas. Foi durante essa viagem que ele observou o curioso fenômeno que acabamos de ver. Logo depois, desapareceu sem deixar rastros; supôs-se que tivesse sofrido um acidente, e seu corpo esteja todo esse tempo caído em uma fenda qualquer. Na verdade, não houve acidente algum.

— O que você tem aí? — perguntou o decano. — É um recipiente a vácuo?

A princípio, lorde Asriel não respondeu. Lyra ouviu o estalido de presilhas de metal e um sibilo de ar penetrando em um objeto, e depois houve silêncio. Mas o silêncio durou pouco; após um instante, Lyra ouviu uma explosão de exclamações confusas: gritos de horror, protestos veementes, vozes alteradas de raiva e medo.

— Mas o que...

— ... não é humano...

— ... ele foi...

— Mas o que foi que *aconteceu* com ele?

A voz do reitor calou todas as outras:

— Lorde Asriel, em nome de Deus, o que o senhor tem aí?

— Esta é a cabeça de Stanislaus Grumman — respondeu lorde Asriel.

Acima da cacofonia das vozes, Lyra ouviu alguém ir tropeçando até a porta e sair, soltando gemidos incoerentes. Ela queria poder ver o que eles estavam vendo.

— Encontrei o corpo dele conservado no gelo perto de Svalbard — continuou lorde Asriel. — Os assassinos fizeram isto na cabeça dele. Reparem no padrão de escalpelo característico. Acho que o senhor deve estar familiarizado com isto, vice-reitor.

A voz do ancião era firme ao responder:

— Já vi os tártaros fazerem isso. É uma técnica encontrada entre os aborígenes da Sibéria e da Tunguska. De lá, naturalmente, essa prática espalhou-se para as terras dos escraelingues, embora eu acredite que ela agora esteja proibida na Nova Dinamarca. Posso examinar de perto, lorde Asriel?

Após um silêncio breve, ele tornou a falar.

— Minha visão não é muito nítida, e o gelo está sujo, mas me parece que há um buraco no alto do crânio. Estou certo?

— Está, sim.

— Uma trepanação?

— Exatamente.

Isso provocou um murmúrio de excitação. O reitor saiu da frente do armário, e Lyra tornou a enxergar a cena. O velho vice-reitor, no círculo de luz da lamparina, segurava um pesado bloco de gelo bem perto dos olhos, e Lyra conseguiu ver o objeto dentro dele: uma bola sanguinolenta quase irreconhecível como uma cabeça humana. Pantalaimon esvoaçou em volta de Lyra, e a aflição dele a deixou ansiosa.

— Quietos, escute — sussurrou ela.

— O dr. Grumman já foi catedrático nesta faculdade — disse o decano em tom veemente.

— Cair nas mãos dos tártaros...

— Mas tão ao norte?

— Eles devem ter penetrado mais do que nós imaginávamos!

— O senhor disse que o encontrou perto de Svalbard? — perguntou o decano.

— Isso mesmo.

— Então está querendo dizer que os panserbjornes têm algo a ver com isto?

Lyra não reconheceu aquela palavra, mas obviamente os catedráticos sim.

— Impossível — disse o catedrático de cassington com firmeza. — Eles nunca se comportariam assim.

— Então não conhece Iofur Raknison — retrucou o catedrático de palmeriano, que tinha feito ele próprio várias expedições às regiões árticas. — Não me surpreenderia que ele tivesse começado a escalar as pessoas à moda dos tártaros.

Lyra tornou a olhar para o tio, que observava os catedráticos com um brilho de satisfação maldosa, sem nada dizer.

— Quem é Iofur Raknison? — perguntou alguém.

— O rei de Svalbard — esclareceu o catedrático de palmeriano. — Sim, é isso mesmo, um dos panserbjornes. Ele é uma espécie de usurpador; chegou ao trono através de trapagens, pelo que sei, mas é uma figura poderosa, nem um pouco tolo, apesar de suas afetações ridículas: construir um palácio de mármore importado, criar o que ele chama de uma universidade...

— Para quem? Para os ursos? — comentou outra pessoa, e todos riram.

Mas o catedrático de palmeriano prosseguiu:

— Eu lhes digo que Iofur Raknison seria capaz de fazer isso a Grumman. Ao mesmo tempo, com certa bajulação, é possível fazer com que ele se comporte de maneira bem diferente, se for preciso.

— E o senhor sabe fazer isso bem, não é, Trelawney? — comentou o decano com zombaria.

— Claro que sei. Quer saber o que ele deseja acima de tudo? Até mais do que um diploma honorário? Ele quer um daemon! Se alguém descobrir um meio de lhe dar um daemon, ele fará qualquer coisa.

Os catedráticos riram com vontade.

Lyra acompanhava tudo com perplexidade: o que o catedrático de

palmeriano tinha dito não fazia sentido. Além disso, ela estava impaciente para ouvir mais sobre o escalpelamento, as Luzes do Norte e aquele Pó misterioso. Mas ficou decepcionada, pois lorde Asriel havia terminado de mostrar suas relíquias e fotos, e a conversa logo se transformou em um debate acadêmico sobre a conveniência ou não de financiar outra expedição. Os argumentos vinham de todos os lados, e Lyra sentiu os olhos pesarem. Logo estava dormindo com Pantalaimon enrolado em seu pescoço na sua forma de dormir favorita: como um arminho.

Ela despertou com um susto quando alguém a sacudiu pelo ombro.

— Quieta! — ordenou o tio. A porta do armário estava aberta, e ele estava agachado na frente da luz. — Foram todos embora, mas ainda há alguns criados zanzando pelos corredores. Vá para o seu quarto agora, e trate de não contar a ninguém sobre o que ouviu aqui.

— Eles vão lhe dar o dinheiro? — perguntou ela com voz sonolenta.

— Sim.

— O que é o Pó? — continuou Lyra, se esforçando para ficar de pé depois de passar tanto tempo em um lugar tão apertado.

— Não lhe interessa.

— Interessas, sim. Se queria que eu fosse uma espiã no armário, devia me contar sobre o que eu estou espionando. Posso ver a cabeça do homem?

A pelagem branca de arminho de Pantalaimon se arrepiou; ela sentiu cócegas no pescoço. Lorde Asriel soltou uma risada curta.

— Não seja mórbida — disse, e começou a guardar os slides e a caixa de espécimes. — Ficou de olho no reitor?

— Sim, e ele procurou o vinho antes de qualquer outra coisa.

— Ótimo. Por enquanto eu o derrotei. Agora faça o que mandei e vá para a cama.

— Mas para onde o *senhor* vai?

— De volta para o norte. Parto em dez minutos.

— Posso ir junto?

Ele interrompeu o que estava fazendo e olhou para Lyra como se fosse a

primeira vez. Seu daemon também voltou os enormes olhos verdes de pantera para ela, e, sob os olhares concentrados de ambos, Lyra enrubesceu. Mas ficou firme.

— Seu lugar é aqui — disse o tio, por fim.

— Mas por quê? Por que meu lugar é aqui? Por que não posso ir para o norte com o senhor? Quero ver as Luzes do Norte, os ursos, os icebergs e tudo mais. Quero conhecer o Pó. E aquela cidade no ar. É outro mundo?

— Você não vem, garota. Tire isso da cabeça; estamos em uma época perigosa demais. Faça o que estou mandando e vá para a cama; se você se comportar, trago de presente uma presa de morsa entalhada pelos esquimós. Não discuta mais, ou vou ficar muito zangado.

O daemon dele rosnou com tal ferocidade que Lyra de repente tomou consciência de como seria sentir aqueles dentes na garganta.

Lyra comprimiu os lábios e olhou de cara feia para o tio. Ele estava retirando o ar do recipiente a vácuo e não percebeu; era como se já tivesse se esquecido dela. Em silêncio, mas com os lábios apertados e o olhar furioso, a garota e seu daemon saíram e foram para o quarto.

O reitor e o bibliotecário eram velhos amigos e aliados, e tinham o costume, depois de um episódio difícil, de beber uma taça de conhaque e consolar-se mutuamente. Assim, depois que se despediram de lorde Asriel, eles foram até os aposentos do reitor e se acomodaram no escritório dele; com as cortinas fechadas e o fogo na lareira reforçado, seus daemons nos lugares de costume, sobre o joelho ou o ombro, eles se prepararam para conversar a respeito do que acabara de ocorrer.

— Acredita mesmo que ele sabia sobre o vinho? — perguntou o bibliotecário.

— Claro que sabia. Não imagino como, mas ele sabia, e derrubou a garrafa. Claro que foi.

— Perdão, reitor, mas não consigo deixar de me sentir aliviado. Não estava gostando da ideia de...

— De envenená-lo?

— Sim. De assassinato.

— Acho que ninguém gosta disso, Charles. Mas as consequências de não o fazer poderiam ser ainda piores. Bom, alguma Providência interveio, e nada aconteceu. Só lamento ter perturbado você com essa informação.

— Não, não — protestou o bibliotecário. — Mas eu queria que o senhor tivesse me contado mais.

O reitor ficou em silêncio por um instante antes de dizer:

— É, talvez eu devesse, mesmo. O aletímetro indica que as consequências serão desastrosas se lorde Asriel continuar com sua pesquisa. Além do mais, a criança será envolvida, e quero mantê-la a salvo enquanto for possível.

— As atividades de lorde Asriel têm alguma coisa a ver com essa nova iniciativa do Tribunal Consistorial de Disciplina? Aquele tal de... como é mesmo o nome?... Conselho de Oblação?

— Lorde Asriel?... Não, não. Pelo contrário. O Conselho de Oblação também não está totalmente subordinado ao Tribunal Consistorial. É uma iniciativa semiprivada; está sendo dirigida por alguém que não gosta de lorde Asriel. Entre os dois, Charles, eu tremo.

O bibliotecário ficou calado. Desde que o papa João Calvino havia transferido a sede do papado para Genebra e criado o Tribunal Consistorial de Disciplina, o poder da Igreja sobre todos os aspectos da vida tinha sido absoluto. O próprio papado fora abolido após a morte de Calvino, e em seu lugar crescera um emaranhado de tribunais, colegiados e conselhos, conhecidos coletivamente como Magisterium. Esses órgãos nem sempre eram unidos; às vezes crescia entre eles uma amarga rivalidade. Durante grande parte do século anterior, o mais poderoso deles tinha sido o Colegiado dos Bispos, porém, nos últimos anos, o Tribunal Consistorial de Disciplina tinha se tornado o mais atuante e o mais temido de todos os órgãos da Igreja.

Mas era sempre possível que entidades independentes crescessem sob a proteção de outra facção do Magisterium, e o Conselho de Oblação mencionado pelo bibliotecário era um exemplo. O bibliotecário não sabia muita coisa sobre o Conselho, mas as coisas que ouvira lhe despertavam desagrado e temor, de modo que ele compreendia perfeitamente a aflição do

reitor.

— O catedrático de palmeriano citou um nome — disse, depois de alguns minutos. — Barnard-Stokes? Quem é esse tal de Barnard-Stokes?

— Ah, não é da nossa esfera, Charles. Pelo que entendi, a Santa Igreja ensina que existem dois mundos: o mundo de tudo que podemos ver, ouvir e tocar, e outro mundo, o mundo espiritual do céu e do inferno. Barnard e Stokes eram dois teólogos... como posso dizer?... dois teólogos *renegados*, que defendiam a ideia da existência de vários outros mundos como o nosso, nem céu nem inferno, mas materiais e pecaminosos. Estão aqui, bem próximos, mas invisíveis e inatingíveis. Naturalmente, a Santa Igreja desaprovou essa heresia abominável, e Barnard e Stokes foram silenciados, mas, infelizmente para o Magisterium, parece haver sólidas provas matemáticas a favor dessa teoria dos outros mundos. Eu próprio nunca as estudei, mas o catedrático de cassington me disse que são muito sólidas.

— E agora lorde Asriel tirou uma foto de um desses outros mundos — completou o bibliotecário. — E nós financiamos sua expedição para ir procurá-los. Entendo.

— Exato. O Conselho de Oblação e seus poderosos protetores vão pensar que a Faculdade Jordan é um antro de apoio à heresia. E entre o Tribunal Consistorial e o Conselho de Oblação, Charles, tenho que manter o equilíbrio; enquanto isso, a criança está crescendo. Sei que não a esqueceram; mais cedo ou mais tarde, ela iria acabar se envolvendo, mas será arrastada agora, com ou sem a minha proteção.

— Mas, pelo amor de Deus, como é que o senhor sabe disso? Foi o aletímetro de novo?

— Sim. Lyra tem um papel importante a desempenhar. A ironia é que ela tem que fazer tudo sem saber o que está fazendo. Mas pode ser auxiliada, e, se meu plano com o Tokay tivesse dado certo, ela ficaria em segurança por mais algum tempo. Eu gostaria de lhe poupar uma viagem para o norte. Acima de tudo, queria poder explicar a ela...

— Ela não prestaria atenção — contrapôs o bibliotecário. — Conheço muito bem o jeito dela. Se alguém tenta lhe dizer qualquer coisa séria, escuta muito mal por cinco minutos e aí começa a se distrair. E nem adianta lhe

fazer perguntas depois, porque já terá esquecido tudo.

— E se eu conversasse com ela sobre o Pó? Não acha que ela iria prestar atenção?

O bibliotecário fez um ruído de descrença.

— Por que ela prestaria atenção? — perguntou ele. — Por que um enigma teológico distante interessaria a uma criança imprudente e cheia de saúde?

— Por causa do que ela terá que viver. Inclusive uma grande traição...

— Quem é que vai traí-la?

— Não, não, essa é que é a coisa mais triste: *ela* é quem vai trair, e a experiência será terrível. É claro que ela não pode saber disso, mas não há nenhuma razão para ela não saber sobre o problema do Pó. E talvez você esteja enganado, Charles; ela pode muito bem se interessar se o assunto for explicado de maneira simples. E pode ser que isso a ajude depois. Certamente ajudaria a diminuir a minha ansiedade.

— Este é o dever dos velhos: ter ansiedade por causa dos jovens — comentou o bibliotecário. — E o dever dos jovens é desdenhar da ansiedade dos velhos.

Depois de algum tempo, os dois se despediram, pois era tarde e eles eram velhos e ansiosos.

3. A JORDAN DE LYRA

A Faculdade Jordan era a mais grandiosa e mais rica faculdade de Oxford. Era provavelmente a maior, também, embora ninguém tivesse certeza disso. Os prédios, agrupados ao redor de três quarteirões irregulares, datavam de todos os períodos: do início da Idade Média até meados do século XVIII. Sua arquitetura não tinha sido planejada; a faculdade crescera aos poucos, com o passado e o presente se misturando a cada esquina, e o efeito final era de uma imponência confusa e decadente. Sempre havia uma parte querendo desabar, e, durante cinco gerações, a mesma família — os Parslow — trabalhara para a faculdade em tempo integral, como pedreiros e mestres de obras. O sr. Parslow atual estava ensinando a profissão ao filho; os dois, com mais três empregados, subiam como formigas diligentes pelos andaimes que estavam montados no canto da biblioteca, ou ficavam sobre o telhado da capela e içavam novos blocos de pedra, ou rolos de chumbo brilhante, ou vigas de madeira.

A faculdade era dona de fazendas e propriedades por toda a Inglaterra. Diziam que era possível caminhar de Oxford a Bristol, em uma direção, ou de Oxford a Londres, em outra, sem nunca sair das terras da Faculdade Jordan. Por todo o reino, havia olarias e tanques de tintura, florestas e oficinas de naves atômicas que pagavam aluguel à Jordan, e todo primeiro dia de cada trimestre o tesoureiro e seus funcionários somavam tudo, anunciavam o total ao conselho e encomendavam um par de cisnes para o banquete. Parte do dinheiro ia para novos investimentos — o conselho acabara de aprovar a compra de um prédio de escritórios em Manchester —, e o que sobrava era usado para pagar os modestos salários dos catedráticos e dos criados (e dos Parslow, e de mais de uma dezena de famílias de artesãos e comerciantes que serviam à Faculdade), para manter a adega bem provida de vinhos, para comprar livros e ambarógrafos para a imensa biblioteca — que ocupava um

lado inteiro do Quarteirão Melrose e se estendia, como a toca de uma toupeira, por vários andares no subsolo — e também para comprar o equipamento científico mais moderno para a capela.

Era importante manter a capela equipada com o que havia de mais moderno, porque a Faculdade Jordan não tinha concorrentes, na Europa ou na Nova França, como centro de teologia experimental. Disso Lyra sabia, pelo menos. Tinha orgulho do destaque de sua faculdade e gostava de se gabar com os vários moleques com quem brincava junto ao Canal ou nos Barreiros; e olhava para os eruditos e professores visitantes com desprezo e piedade, porque eles não pertenciam à Jordan, e por isso deviam saber menos, coitados, do que o mais humilde professor-assistente da Jordan.

O que era essa teologia experimental, Lyra sabia tão pouco quanto os moleques da rua. Imaginava que era algo relacionado à magia, aos movimentos das estrelas e dos planetas, às minúsculas partículas de matéria — mas tudo isso era apenas palpite. Com certeza, as estrelas tinham daemons, como os humanos, e na teologia experimental se conversava com eles. Lyra imaginava o capelão falando solenemente, escutando o que os daemons das estrelas tinham a dizer e depois concordando com ar sagaz, ou balançando a cabeça com tristeza. Mas Lyra não fazia ideia sobre o que eles conversavam.

Nem estava muito interessada, na verdade. De certo modo, Lyra tinha alma de moleque; o que ela mais gostava de fazer era subir nos telhados da faculdade com Roger, o ajudante de cozinha que era seu amigo, para cuspir caroços de ameixa na cabeça dos catedráticos que passavam lá embaixo, ou piar como corujas do lado de fora da janela de uma sala de aula, ou apostar corrida nas ruas estreitas, ou roubar maçãs no mercado, ou brigar. Assim como ela não tinha consciência das disputas políticas ocultas sob a aparência de normalidade no dia a dia da Jordan, os catedráticos, por sua vez, não conseguiriam enxergar o caldo fervilhante de alianças, inimizades, guerras e acordos que era a vida de uma criança em Oxford. Crianças brincando juntas: que cena agradável! Existia alguma coisa mais inocente e encantadora que isso?

Na verdade, Lyra e seus amigos estavam travando uma guerra mortal.

Primeiro, as crianças de uma faculdade — jovens serviçais, filhos dos criados e Lyra — declaravam guerra às de outra. Mas essa inimizade era esquecida quando as crianças da cidade atacavam uma criança de faculdade; então todas as crianças de faculdade se juntavam e brigavam com as crianças da cidade. A rivalidade entre esses dois grupos tinha centenas de anos e era bastante profunda e apreciada.

Mas até isso era esquecido diante de uma ameaça maior. Um inimigo era eterno: os filhos dos oleiros, que viviam perto dos Barreiros e eram desprezados tanto pelas crianças das faculdades como pelas da cidade. No ano anterior, Lyra e algumas crianças da cidade tinham feito uma trégua provisória e atacaram os Barreiros, atirando grandes pedaços de argila nos filhos dos fabricantes de tijolos e derrubando o ensopado castelo de barro que eles haviam construído; depois rolaram cada um deles na substância pegajosa de onde tiravam o sustento, até que todos — vencidos e vencedores — ficaram parecendo um bando de monstros de lama.

O outro inimigo regular tinha sua época: as famílias de gípcios, que moravam em barcos no Canal, iam e vinham com as feiras de primavera e outono e estavam sempre dispostos a brigar. Havia uma família em particular, que voltava regularmente para seu atracadouro na parte da cidade conhecida como Jericó, com quem Lyra vinha lutando desde a primeira vez que teve força para jogar uma pedra. Na última vez que a família esteve em Oxford, ela, Roger e alguns dos outros ajudantes da cozinha da Jordan e da Faculdade St. Michael's prepararam uma emboscada, jogando lama na barcaça pintada de cores brilhantes, até que a família inteira desembarcou para expulsá-los. Nesse momento, o esquadrão de ataque, sob as ordens de Lyra, invadiu o barco e afastou-o da margem, deixando que a embarcação flutuasse canal abaixo, atrapalhando os barcos que passavam, enquanto os soldados de Lyra revistavam a barcaça de uma ponta a outra, procurando a rolha. Lyra acreditava firmemente na existência dessa rolha e assegurou à sua tropa que se a puxassem o barco afundaria no mesmo instante; não a encontraram, e tiveram que abandonar a embarcação quando os gípcios os alcançaram; acabaram fugindo, encharcados e em meio a gritos de triunfo, pelas ruas estreitas de Jericó.

Aquele era o mundo e a felicidade de Lyra. Na maior parte do tempo, ela era uma selvagenzinha ambiciosa e mal-educada, mas sempre tivera uma sensação vaga de que aquele não era o seu mundo inteiro, que parte dela pertencia à solenidade e aos rituais da Faculdade Jordan; e que, em algum lugar de sua vida, havia uma ligação com o nobre mundo da política representado por lorde Asriel. Essa intuição apenas fazia com que ela se sentisse superior a ponto de mandar nos outros moleques; nunca lhe passara pela cabeça tentar descobrir alguma coisa a respeito.

Lyra passara a infância, então, mais parecendo um gato selvagem. As coisas só mudavam um pouco quando lorde Asriel fazia uma visita à faculdade. Ter um tio rico e poderoso era muito bom para se vangloriar, mas o preço disso era ter que ser agarrada pelo catedrático mais ágil e levada à governanta para ser banhada e metida em um vestido limpo, sendo em seguida acompanhada (sob várias ameaças) à sala de estar dos decanos para tomar chá com lorde Asriel. Alguns catedráticos mais velhos também eram convidados. Lyra, rebelde, jogava-se em uma cadeira até o reitor lhe ordenar severamente que se sentasse direito, e ela então fazia uma cara tão zangada que até o capelão achava graça.

Essas visitas formais e constrangedoras nunca variavam; depois do chá, o reitor e o punhado de catedráticos deixavam Lyra e o tio a sós, e ele a chamava para ficar de pé à sua frente e contar o que aprendera desde sua última visita. Ela então murmurava tudo que conseguia lembrar sobre geometria, ou árabe, ou história ou ambarologia, e ele, recostado na poltrona com as pernas cruzadas, observava-a enigmaticamente até ela ficar sem palavras.

No ano anterior, antes da expedição ao norte, ele tinha perguntado também:

— E como você passa o tempo quando não está estudando com afinco?

E Lyra respondeu:

— Eu brinco, só isso. Por aí pela Faculdade. Só... brinco.

Ele então pediu:

— Deixe-me ver suas mãos, garota.

Ela estendeu as mãos para serem examinadas, e ele as virou, para ver as

unhas. Seu daemon estava deitado como uma Esfinge no tapete, sacudindo a cauda de vez em quando e encarando Lyra sem piscar.

— Sujas — declarou lorde Asriel, empurrando as mãos dela. — Aqui neste lugar não lhe fazem tomar banho?

— Sim, mas as unhas do capelão estão sempre sujas. Até mais que as minhas.

— Ele é um homem culto. Qual é a sua desculpa?

— Devo ter sujado depois que lavei.

— Onde é que você brinca, para se sujar tanto assim?

Ela encarou o tio, desconfiada. Tinha a impressão de que subir no telhado era proibido, embora ninguém tivesse lhe dito isso com todas as letras.

— Em algumas salas velhas — respondeu, por fim.

— E onde mais?

— Nos Barreiros, às vezes.

— E?

— Em Jericó e Port Meadow.

— Mais algum outro lugar?

— Não.

— Mentirosa. Ontem mesmo vi você no telhado.

Ela mordeu o lábio e ficou calada. Ele a observava com ironia.

— Quer dizer que brinca no telhado também — continuou o tio. — Costuma entrar na biblioteca?

— Não. Mas encontrei uma gralha no telhado da biblioteca.

— É mesmo? E a pegou?

— Ela estava com uma pata machucada. Eu ia matar e assar ela, mas Roger disse que tínhamos que cuidar dela. Então lhe demos sobras de comida e um pouco de vinho, e ela melhorou e voou para longe.

— Quem é Roger?

— Meu amigo. O ajudante da cozinha.

— Entendo. Então você já andou pelo telhado inteiro...

— Não o telhado inteiro. Não dá para chegar no Prédio Sheldon porque é preciso dar um pulo da Torre do Peregrino, por cima de um vão. Há uma claraboia que se abre para lá, mas não consigo alcançar.

— Você andou pelo telhado inteiro, menos o Prédio Sheldon; e lá embaixo?

— Lá embaixo?

— O subterrâneo da Jordan é tão grande quanto os andares de cima. Estou surpreso de ver que você ainda não descobriu isso. Bem, já estou de partida. Você parece bastante saudável. Tome aqui.

Ele tirou do bolso um punhado de moedas, de onde separou e entregou a ela cinco dólares de ouro.

— Não lhe ensinaram a agradecer? — perguntou.

— Muito obrigada — resmungou Lyra.

— Você obedece ao reitor?

— Ah, sim.

— E respeita os professores?

— Sim.

O daemon de lorde Asriel riu baixinho. Era o primeiro som que a pantera fazia, e Lyra enrubesceu.

— Então vá brincar — disse lorde Asriel.

Lyra deu as costas e disparou para a porta, aliviada, lembrando-se de parar e dizer até logo.

Assim tinha sido a vida de Lyra antes do dia em que ela resolveu se esconder na sala privativa e pela primeira vez ouviu falar no Pó.

E naturalmente o bibliotecário estava enganado ao dizer ao reitor que ela não prestaria atenção; Lyra teria ouvido com muita atenção quem quer que pudesse lhe contar sobre o Pó. Nos meses seguintes, ela iria ouvir muita coisa sobre o assunto, e no fim saberia mais sobre o Pó do que qualquer outra pessoa no mundo; mas, enquanto isso, havia toda aquela fascinante vida da Jordan acontecendo bem à sua volta.

De qualquer maneira, havia outra coisa para se pensar. Nas últimas semanas, um boato vinha se espalhando pelas ruas — um boato que fazia algumas pessoas rirem e outras se silenciarem, assim como algumas pessoas riam de fantasmas e outras tinham medo: sem nenhum motivo, crianças

estavam começando a desaparecer.

Aconteceria assim: ao longo da margem oriental da grande rodovia que é o rio Isis, repleto de barcas carregando tijolos, asfalto ou milho a passos lentos, até abaixo de Henley e Maidenhead chegando em Teddington, onde a maré do oceano Germano alcança, e ainda bem mais abaixo até Mortlake, passando pela casa do grande mago dr. Dee, por Falkeshall, onde os parques ostentam seus chafarizes e suas bandeirolas durante o dia, e suas lanternas nas árvores e seus fogos de artifício à noite; e passando pelo Palácio de White Hall, onde o rei comanda semanalmente o Conselho de Estado; pela Torre Shot, pingando seu infundável chuvisco de chumbo derretido em barris de água escura; e ainda mais abaixo, até onde o rio, agora largo e imundo, faz uma grande curva para o sul.

Ali fica o bairro de Limehouse, e lá está a criança que vai desaparecer.

É um menino chamado Tony Makarios. A mãe pensa que ele tem nove anos, mas ela tem memória fraca devido à bebedeira; ele pode ter oito, ou quem sabe dez. Seu sobrenome é grego, mas, assim como a idade, pode ser apenas um palpite da mãe, porque ele parece mais chinês que grego, e pelo lado da mãe ele tem sangue irlandês, escraelingue e lascar. Tony não é muito inteligente, mas tem uma espécie de ternura desajeitada que às vezes o leva a dar um abraço meio bruto na mãe e plantar um beijo pegajoso em seu rosto. A pobre mulher geralmente está tonta demais para tomar a iniciativa, mas corresponde com carinho quando percebe o que está acontecendo.

No momento, Tony está vagando pelo mercado na rua Pie. Está com fome; é de noitinha e não tem comida em casa.

Carrega no bolso um xelim que um soldado lhe deu para levar um recado à sua namorada, mas Tony não vai desperdiçar seu dinheiro com comida quando se pode conseguir tanta coisa de graça.

Então ele fica vagando pelo mercado com seu pequeno daemon — uma pardoca — empoleirado no ombro observando tudo por entre as barracas de roupas usadas e as de papéis da sorte, os vendedores de fruta e o vendedor de peixe frito; e quando uma barraqueira e seu daemon estão ambos olhando

para o outro lado, a pardoca dá o sinal, e as mãos de Tony vão à frente e voltam para dentro da camisa larga com uma maçã ou um punhado de castanhas, e finalmente com um pastelão quentinho.

A barraqueira percebe tudo e dá um grito, e seu daemon, que tem a forma de um gato, ataca, mas a pardoca de Tony está voando, e o próprio Tony já está quase na esquina. Palavrões e pragas o acompanham, mas não até muito longe; ele para de correr junto à escada do Oratório de Santa Catarina, onde se senta e pega seu troféu quente e amassado, deixando um rastro de molho na camisa.

E ele está sendo observado; uma mulher usando um casaco longo de pele de raposa amarela e vermelha, uma linda jovem, cujos cabelos negros brilham delicadamente na sombra de seu capuz forrado de pele, está parada à porta do Oratório, alguns degraus acima do garoto. Talvez a missa esteja terminando, pois pela porta atrás dela jorra luz, Tony ouve um órgão tocando lá dentro, e a dama está segurando um livro de orações enfeitado com pedras preciosas.

O menino nada percebe. Feliz, com o rosto enterrado no pastelão, os dedos dos pés curvados para dentro e as solas descalças juntas, ele mastiga e engole enquanto seu daemon se transforma em uma ratinha e alisa os bigodes.

O daemon da mulher está se deslocando pelo casaco de pele de raposa. Ele tem a forma de um macaco, mas não um macaco comum: tem os pelos compridos e sedosos, de um tom dourado forte e lustroso. Com movimentos sinuosos, ele desce lentamente a escadaria na direção de Tony e se senta no degrau acima do garoto.

Então a ratinha percebe alguma coisa e se transforma outra vez em pardoca, virando a cabecinha de lado e saltando um ou dois passos pela escadaria de pedra.

O macaco observa a pardoca; a pardoca observa o macaco.

O macaco estende a mão devagar. Tem a mão pequena e preta, as unhas são garras perfeitas, e os movimentos, suaves e convidativos. A pardoca não consegue resistir; dá mais alguns saltos, cada vez mais próxima, e então esvoaça para a mão do macaco.

O macaco estuda o pássaro de perto antes de se levantar e voltar para junto

da mulher, levando consigo o daemon de Tony. A dama inclina a cabeça perfumada para lhe sussurrar alguma coisa.

E então o menino se vira; não consegue evitar.

— Rateira! — chama, de boca cheia, com certo susto.

A pardoca pia, sentindo-se segura. Tony engole o que tem na boca e encara a bela mulher.

— Olá! — diz ela. — Qual é o seu nome?

— Tony.

— Onde é que você mora, Tony?

— Na alameda Clarice.

— Esse pastelão é de quê?

— De carne.

— Gosta de chocolate?

— Gosto!

— Por acaso acabei comprando chocolate demais. Quer me ajudar a acabar com ele?

Tony está perdido; já estava perdido desde o momento em que seu daemon insensato saltou para a mão do macaco. Ele acompanha a mulher e o macaco dourado ao longo da rua Dinamarca, passando pelo Cais do Algoz e descendo a Escadaria do Rei George, até uma portinhola verde na parede de um armazém de teto alto. Ela bate, a porta é aberta; eles entram, a porta se fecha. Tony nunca mais vai sair de lá — pelo menos por aquela entrada — e nunca mais vai ver a mãe; e ela, pobre bêbada, vai pensar que o filho fugiu, e, quando pensar nele, vai achar que a culpa foi sua e vai se desmanchar em lágrimas.

O pequeno Tony Makarios não foi a única criança raptada pela mulher com o macaco dourado. No porão do armazém, ele encontrou uma dezena de outras, meninos e meninas, nenhuma com mais de doze anos — apesar de que, tendo todas elas uma infância parecida, ninguém tinha certeza da própria idade. O que Tony não percebeu, naturalmente, era o que todas tinham em comum: ninguém naquele porão quentinho tinha chegado à adolescência.

A gentil dama acomodou-o em um banco ao longo da parede e lhe mandou, por uma criada silenciosa, uma caneca de chocolate tirado da panela sobre o fogão de ferro. Tony comeu o resto do pastelão e bebeu o líquido quente e doce sem prestar muita atenção ao que estava acontecendo à sua volta, e ninguém prestou muita atenção nele: era pequenino demais para ser uma ameaça e apático demais para desempenhar satisfatoriamente o papel de vítima.

Foi outro menino quem fez a pergunta óbvia.

— Ei, moça! Por que trouxe a gente para cá?

Era um moleque de ar durão, com um bigode de chocolate e uma ratazana preta e magricela como daemon. A mulher estava parada perto da porta, conversando com um homem corpulento com jeito de capitão de navio; quando se virou para responder, ela tinha uma aparência tão angelical à luz sibilante da lamparina a nafta que todas as crianças se calaram.

— Queremos a sua ajuda — explicou ela. — Vocês não se importam em nos ajudar, não é?

Ninguém conseguiu dizer uma palavra. Tímidos de repente, limitaram-se a contemplá-la. Nunca tinham visto uma mulher assim; ela era tão graciosa, simpática e gentil que eles sentiam que não mereciam tamanha sorte, e fariam com prazer tudo que ela pedisse, apenas para ficar mais um pouco na presença dela.

Ela revelou que iam fazer uma viagem; as crianças seriam bem alimentadas e vestidas, e aquelas que quisessem poderiam mandar um recado para a família dizendo que estavam em segurança. Logo o capitão Magnusson as levaria para o seu navio, e quando a maré estivesse favorável, iam sair velejando rumo ao norte.

Logo as poucas crianças que queriam mandar um recado para os pais estavam sentadas em volta da linda dama, que escrevia o que elas lhe ditavam e deixava que desenhassem um X desajeitado no final, dobrava a folha, colocava-a dentro de um envelope perfumado e escrevia nele o endereço que lhe davam. Tony teria gostado de mandar alguma coisa para a mãe, mas sabia que ela não ia conseguir ler. Deu um puxão na manga do casaco de pele da mulher e cochichou que queria que ela dissesse à sua mãe aonde ele estava

indo; ela inclinou a cabeça graciosa para bem perto do corpinho malcheiroso do menino, acariciou sua cabeça e prometeu levar o recado.

Então as crianças se amontoaram para se despedir. O macaco dourado acariciou os daemons de todas, e todas elas tocaram na pele de raposa para dar sorte, ou como se estivessem recebendo alguma força ou esperança ou bondade emanando da mulher, e ela se despediu de todas e as levou até uma lancha a vapor parada no cais, deixando-as aos cuidados do valente capitão. O céu já estava escuro, e o rio era uma massa de luzinhas cintilantes. A dama ficou parada no cais acenando até não conseguir mais ver o rosto das crianças.

Então voltou para dentro do armazém, com o macaco dourado aninhado em seu colo, e jogou a pequena pilha de cartas na fornalha antes de sair por onde tinha entrado.

Era muito fácil atrair as crianças dos bairros mais pobres, mas logo as pessoas começaram a notar, e a polícia teve que se envolver, a contragosto. Por algum tempo, não houve mais desaparecimentos. Mas o boato tinha se espalhado e, aos poucos, foi mudando, crescendo e se espalhando, e quando, passado algum tempo, algumas crianças desapareceram em Norwich, e depois em Sheffield, e depois em Manchester, as pessoas nesses lugares que sabiam dos desaparecimentos em outras cidades acrescentavam novos fatos à história, lhe dando mais vigor.

E assim nasceu a lenda de um misterioso grupo de feiticeiros que roubavam crianças. Alguns diziam que o mandante era uma linda mulher, outros falavam em um homem alto, de olhos vermelhos, e uma terceira versão falava em um rapaz que ria e cantava para suas vítimas, que o seguiam como carneirinhos.

Quanto ao local para onde levavam as crianças perdidas, não havia duas versões iguais. Alguns diziam que era para o Inferno, para o subsolo, para a Terra Encantada. Outros afirmavam: para uma fazenda onde as crianças eram confinadas e engordadas para serem servidas à mesa. Outros diziam que elas eram vendidas como escravas para tártaros ricos...

Mas uma coisa em que todos concordavam era quanto ao nome desses sequestradores invisíveis. Tinham que ter um nome, ou não poderiam ser mencionados, e falar sobre eles — especialmente para quem estava são e a salvo em casa, ou na Faculdade Jordan — era delicioso. E o nome com que eles aparentemente foram batizados, sem que ninguém soubesse por quê, foi Papões.

“Não fique na rua até tarde, senão os Papões vão pegar você!”

“Minha prima em Northampton conhece uma mulher cujo filho foi roubado pelos Papões...”

“Os Papões estiveram em Stratford. Dizem que eles estão vindo para o sul!”

E inevitavelmente:

— Vamos brincar de crianças e Papões!

Foi o que Lyra disse a Roger, o ajudante da cozinha da Faculdade Jordan. Ele a teria seguido até o fim do mundo.

— Como é que se brinca disso?

— Você se esconde e eu te encontro e te abro ao meio, como os Papões fazem.

— Você não sabe o que eles fazem. Pode ser que não façam nada disso.

— Você está com medo. Estou vendo! — disse ela.

— Não estou. Aliás, nem acredito neles.

— Eu acredito — retrucou Lyra com firmeza. — Mas também não tenho medo. Faço o que meu tio fez na última vez que veio à Jordan. Eu vi. Ele estava na sala privativa e havia um convidado que não foi educado, e tio Asriel só fez olhar firme para ele, e o homem caiu morto na hora, espumando pela boca.

— Duvido. Nunca falaram sobre isso na cozinha. Além disso, você não pode entrar na sala privativa.

— Claro que não falaram. Eles não iam contar esse tipo de coisa aos criados. E eu estive na sala privativa, sim. De qualquer modo, ele está sempre fazendo isso. Fez com uns tártaros que o capturaram uma vez. Amarraram

meu tio e iam cortar as tripas dele, mas, quando o primeiro se aproximou com a faca, meu tio olhou bem para ele, e ele caiu morto, então veio outro, e meu tio fez a mesma coisa, e no final só sobrou um. Tio Asriel disse que ia deixar o homem vivo se ele o desamarrasse, e foi o que ele fez, e então meu tio o matou mesmo assim, para lhe dar uma lição.

Roger duvidava dessa história ainda mais do que dos Papões, mas era boa demais para ser desperdiçada, de modo que se revezaram sendo lorde Asriel e os tártaros que iam morrer; em vez de espuma, os dois usaram bicarbonato adocicado.

Mas isso foi apenas uma distração: Lyra ainda queria brincar de Papões e convenceu Roger a descer para as adegas, onde eles entraram com a chave reserva do mordomo. Juntos, atravessaram as grandes câmaras onde o Tokay e o Canary da Faculdade, o Borgonha e o conhaque descansavam sob as teias de aranha de muitos anos. Os antigos arcos de pedra se erguiam acima deles, apoiados em colunas grossas como dez troncos unidos; o chão era de pedras irregulares; e por toda parte havia garrafas arrumadas em prateleiras e barris. Era fantástico. Esquecendo-se dos Papões, Lyra e Roger foram de um lado ao outro da sala, cautelosamente, segurando uma vela com dedos trêmulos, tentando enxergar cada cantinho escuro, com uma única pergunta cada vez mais forte na mente de Lyra: qual era o gosto do vinho?

Havia um modo fácil de descobrir. Lyra — apesar de Roger ser totalmente contra — escolheu a garrafa mais velha, retorcida e verde que conseguiu encontrar e, não tendo nada com que pudesse tirar a rolha, quebrou a garrafa no gargalo. Encolhidos no canto mais escuro, os dois bebericaram o líquido vermelho, curiosos para ver quando ficariam bêbados e como saberiam que estavam. Lyra não gostou muito do sabor, mas tinha que admitir que tinha algo de solene e complexo. O mais engraçado era observar os dois daemons, que pareciam ficar cada vez mais tontos: caíam, davam risadinhas sem motivo e mudavam de forma imitando monstros, tentando ficar mais feio que o outro.

Por fim, e quase ao mesmo tempo, os dois descobriram como era ficar bêbado.

— Eles *gostam* disso? — murmurou Roger, depois de vomitar muito.

— Gostam, sim — afirmou Lyra, nas mesmas condições. — E eu também — acrescentou, teimosa.

A única coisa que Lyra aprendeu nesse episódio foi que brincar de Papões levava a lugares interessantes. Lembrou-se das palavras do tio na última conversa que tiveram e começou a explorar o porão, pois o que havia acima do solo era apenas uma pequena fração do todo; como um enorme fungo cujas raízes se estendiam por muitos quilômetros, a Jordan, ao se ver brigando por espaço com a Faculdade St. Michael's de um lado, a Faculdade Gabriel do outro e a Biblioteca da Universidade nos fundos, começara, ainda na Idade Média, a se espalhar para baixo da terra. Túneis, poços, câmaras, porões, escadarias — tudo isso tinha escavado tanto a terra abaixo da Jordan e por centenas de metros ao redor dela que havia quase tanto ar debaixo da terra quanto acima dela; a Faculdade Jordan ficava sobre uma espécie de espuma de pedra.

Tendo provado o gostinho de explorar o subsolo, Lyra abandonou seu território de costume, os Alpes irregulares que formavam os telhados da Faculdade, e mergulhou com Roger no novo mundo subterrâneo. Brincar de Papões virou caçar Papões, pois o que seria mais provável do que haver tais criaturas escondidas no subsolo, à espreita?

De modo que certo dia ela e Roger desceram para a cripta sob o Oratório. Era ali que as gerações de reitores vinham sendo enterradas, cada um em seu caixão de carvalho forrado de chumbo. Os caixões ficavam dentro de nichos ao longo das paredes de pedra. Uma placa de pedra abaixo de cada um dava os nomes deles:

Simon Le Clerc, reitor 1765-1789 Cerebaton
Requiescant in pace

— O que quer dizer isso? — perguntou Roger.

— A primeira linha é o nome dele, e a última, romano. E as datas no meio são o tempo que ele foi reitor. E o outro nome deve ser o do daemon dele.

Saíram caminhando ao longo da cripta silenciosa, lendo mais inscrições:

Francis Lyall, reitor 1748-1765 Zohariel
Requiescant in pace

Ignatius Cole, reitor 1745-1748 Musca
Requiescant in pace

Lyra achou interessante constatar que, em cada caixão, havia uma placa de bronze com uma imagem diferente: em um era um basilisco; no outro, uma serpente; no outro, um macaco. Percebeu que eram imagens dos daemons dos mortos. Quando uma pessoa chegava à idade adulta, seu daemon perdia o poder de se transformar e ficava com uma forma única e permanente.

— Esses caixões têm esqueletos dentro! — sussurrou Roger.

— Carne em decomposição — sussurrou Lyra de volta. — Vermes e lombrigas se retorcendo nos buracos dos olhos deles...

— Deve haver fantasmas por aqui... — comentou Roger, sentindo um arrepio.

Depois da primeira cripta, eles encontraram um corredor cujas paredes eram cobertas de prateleiras de pedra. Cada prateleira era dividida em quadrados, e em cada quadrado descansava uma caveira.

O daemon de Roger, com o rabo entre as pernas, estremeceu junto ao corpo dele e soltou um uivo breve e fraco.

— Shh! — mandou Roger.

Lyra não podia ver Pantalaimon, mas sabia que, em sua forma de mariposa, ele estava pousado em seu ombro e com certeza também tremia.

Ela agarrou a caveira mais próxima e a tirou do lugar com cuidado.

— O que está fazendo? Não é para tocar nelas! — protestou Roger.

Sem lhe dar atenção, Lyra ficou girando a caveira nas mãos. De repente, alguma coisa saiu pelo buraco na base do crânio, passou entre os dedos dela e caiu no chão com um ruído alto. Com o susto, ela quase deixou cair a caveira.

— É uma moeda! — exclamou Roger, Tateando no chão. — Podemos ter encontrado um tesouro!

Ele ergueu o objeto à luz da vela e ambos o contemplaram de olhos arregalados. Não era uma moeda, e sim um pequeno disco de bronze com um entalhe grosseiro representando um gato.

— Como os dos caixões — disse Lyra. — É o daemon dele. Só pode ser.

— É melhor botar de volta — sugeriu Roger, inquieto.

Lyra girou a caveira e deixou o disco cair de volta em seu lugar imemorial antes de recolocá-la na prateleira. Os dois descobriram então que todos os crânios tinham sua moeda-daemon representando o companheiro, ainda perto dele na morte.

— O que você acha que estes eram quando estavam vivos? — perguntou Lyra. — Provavelmente catedráticos, imagino. Só os reitores ganham caixões. Com certeza, foram tantos catedráticos durante todos esses séculos que não haveria lugar para enterrar todos, de modo que eles cortam a cabeça e guardam. É mesmo a parte mais importante...

Não encontraram Papões, mas as catacumbas sob o Oratório mantiveram Lyra e Roger ocupados durante vários dias. Certa vez, ela decidiu fazer uma brincadeira com alguns dos catedráticos mortos, trocando os discos dentro dos crânios, dando a eles daemons errados; Pantalaimon ficou tão nervoso com isso que se transformou em um morcego e começou a voar para cima e para baixo soltando gritos agudos e batendo as asas no rosto dela, mas Lyra não deu atenção; a brincadeira era boa demais. Porém, ela pagou por isso mais tarde. Na cama, em seu quartinho apertado no topo da Escadaria Doze, ela foi visitada por uma assombração e acordou gritando por causa das três figuras de túnica de pé ao lado da cama apontando dedos ossudos antes de puxar os capuzes para trás e mostrar os tocos sangrentos onde deveria estar a cabeça. Só quando Pantalaimon transformou-se em um leão e rugiu foi que eles recuaram, fundindo-se à parede de matéria sólida até que só restaram de fora os braços, depois as mãos secas e cinzentas, depois os dedos espasmódicos, depois nada. De manhã, a primeira coisa que ela fez foi ir correndo até as catacumbas e devolver as moedas-daemons aos seus verdadeiros donos, sussurrando “Perdão! Perdão!” às caveiras.

As catacumbas eram muito maiores do que a adega, mas também tinham um limite. Depois que Lyra e Roger exploraram cada centímetro delas e se

certificaram de que não havia Papões por lá, voltaram a atenção para outra coisa — mas não antes de terem sido vistos saindo da cripta pelo intercessor, que os chamou ao Oratório.

O intercessor era um velho gorducho conhecido como padre Heyst. Sua função era celebrar todas as missas da Jordan, pregar, orar e ouvir confissões. Tinha se interessado pelo bem-estar espiritual de Lyra quando ela era mais nova, mas foi desencorajado pela indiferença e pelos falsos arrependimentos dela. Por fim, chegara à conclusão de que ela não era espiritualmente promissora.

Ouvindo o chamado dele, Lyra e Roger se viraram com relutância na direção do Oratório e, arrastando os pés, entraram no cômodo escuro, cheirando a mofo. Aqui e ali tremulavam chamas de velas diante das imagens dos santos; um ruído fraco e distante vinha do mezanino do órgão, que estava sendo consertado; um criado polia o púlpito de bronze. Padre Heyst, na porta da sacristia, fez um aceno.

— Onde estiveram? — perguntou. — Já vi vocês saindo de lá mais de uma vez. O que estão tramando?

Seu tom não era de acusação; ele parecia genuinamente interessado. Empoleirado em seu ombro, o daemon do padre estendeu para eles a língua de lagarto.

Lyra respondeu:

— Queríamos ver a cripta.

— Por quê?

— Os... os caixões. Queríamos ver todos os caixões.

— Mas por quê?

Ela deu de ombros, sua resposta costumeira quando se sentia pressionada.

— E você? — continuou ele, olhando para Roger. O daemon do menino começou a balançar a cauda de terrier, tentando acalmá-lo. — Qual é o seu nome?

— Roger, padre.

— Se é um criado, onde trabalha?

— Na cozinha, padre.

— Não devia estar lá agora?

— Sim, padre.

— Então vá.

Roger se virou e saiu correndo. Lyra arrastou o pé de um lado para outro no chão.

— Quanto a você, Lyra, fico contente em ver que está se interessando pelo Oratório. É uma menina de sorte, por se ver cercada por tanta história.

— Hum... — murmurou ela.

— Mas me espanta a sua escolha de amigos. Você se sente sozinha?

— Não.

— Sente... sente falta da companhia de outras crianças?

— Não.

— Não estou falando de Roger, o ajudante da cozinha. Estou falando de crianças como você. Crianças de berço. Gostaria de ter companheiros desse tipo?

— Não.

— Outras meninas, talvez...

— Não.

— Sabe, nenhum de nós quer que você perca todos os prazeres e divertimentos comuns da infância. Às vezes penso que sua vida aqui deve ser solitária, no meio de tantos catedráticos velhos. Sente isso?

— Não.

Ele juntou os polegares sobre os outros dedos entrelaçados, incapaz de pensar em outra coisa para perguntar àquela criança obstinada.

— Se estiver com algum problema, saiba que pode me contar — disse ele, por fim. — Espero que sempre se lembre disso.

— Sim.

— Tem feito suas orações?

— Sim.

— Muito bem. Pode ir.

Com um suspiro de alívio mal disfarçado, ela se virou e saiu.

Não tendo conseguido encontrar Papões debaixo da terra, Lyra voltou para as ruas. Era onde se sentia em casa.

Então, quando estava quase perdendo o interesse neles, os Papões

apareceram em Oxford.

A primeira notícia que Lyra teve foi quando um menino de uma família gípcia que ela conhecia sumiu.

Foi na época da Feira de Cavalos, e a enseada do canal estava apinhada de barcos e barcaças, com mercadores e viajantes, e os ancoradouros ao longo do cais em Jericó cintilavam com os arreios brilhantes e ressoavam com o ruído de ferraduras e os gritos dos negociantes. Lyra sempre gostou da Feira de Cavalos; além da chance de um passeio clandestino em algum cavalo pouco vigiado, havia inúmeras oportunidades para provocar uma batalha.

Naquele ano ela tinha um ótimo plano: inspirada pela captura do barco no ano anterior, dessa vez pretendia navegar um pouco mais antes de precisar fugir. Se ela e os amigos das cozinhas das faculdades conseguissem chegar até Abingdon, poderiam fazer uma grande bagunça no dique...

Mas naquele ano não haveria guerra. Enquanto caminhava pelo estaleiro de Port Meadow em uma manhã ensolarada com dois moleques, compartilhando com eles um cigarro roubado e soprando a fumaça com bastante ostentação, ela escutou uma voz familiar gritar:

— Então o que foi que você *fez* com ele, seu bunda-mole?

Era uma voz poderosa, uma voz de mulher — mas uma mulher com pulmões de couro e cobre. Lyra na mesma hora tentou ver de onde ela vinha, pois tinha reconhecido a voz de Mãe Costa, que, em duas ocasiões, tinha deixado Lyra quase desmaiada com uns tapas bem dados, mas em três lhe dera pão de mel quentinho, e cuja família era famosa pelo luxo e pela imponência de seu barco. Eram príncipes entre os gípcios, e Lyra admirava muito Mãe Costa, mas, apesar disso, decidiu manter a cautela, pois era deles o barco que haviam roubado.

Um dos moleques que acompanhavam Lyra se abaixou para pegar uma pedra no chão quando ouviu a gritaria, mas Lyra ordenou:

— Solte isso. Ela está com raiva. Pode quebrar você ao meio como um graveto.

Na verdade, Mãe Costa parecia mais ansiosa do que zangada. O homem

com quem falava, um mercador de cavalos, dava de ombros e espalmava as mãos.

— Eu não sei — dizia ele. — Ele estava aqui e no minuto seguinte tinha sumido. Não cheguei a ver para onde ele foi...

— Ele estava ajudando você! Estava segurando seus malditos cavalos!

— Bom, ele devia ter ficado aqui, não é? Sair correndo no meio do trabalho...

O homem não chegou a terminar a frase, pois Mãe Costa lhe pregou um tremendo tabefe na lateral da cabeça, acompanhado de tantos xingamentos e safanões que ele soltou um berro e se virou para fugir. Os outros mercadores de cavalos zombaram, e um potro assustadiço empinou, sobressaltado.

— O que está acontecendo? — perguntou Lyra a um menino gípcio que assistia a tudo, boquiaberto. — Por que ela está com tanta raiva?

— É o filho dela — explicou o menino. — Billy. Com certeza, ela acha que os Papões pegaram ele. E talvez seja verdade. Eu mesmo não vejo Billy desde...

— Os Papões? Eles chegaram a Oxford?

O menino gípcio se virou para gritar para os amigos, que ainda observavam Mãe Costa:

— Ela não sabe de nada! Nem sabe que os Papões tão aqui!

Meia dúzia de moleques a encararam com expressões de desprezo, e Lyra jogou fora o cigarro, reconhecendo a deixa para uma boa briga. No mesmo instante, os daemons de todos se prepararam para a guerra: cada criança era acompanhada por dentes, garras ou pelos eriçados, e Pantalaimon, desprezando a imaginação limitada daqueles daemons gípcios, se transformou em um dragão do tamanho de um cão.

Mas antes que a batalha começasse, Mãe Costa se intrometeu, empurrando dois gípcios e confrontando Lyra como se fosse uma lutadora profissional.

— Você sabe dele? — ela interpelou Lyra. — Viu o Billy?

— Não. Acabamos de chegar. Não vejo Billy há meses.

O daemon de Mãe Costa fazia círculos no ar acima da cabeça dela — um gavião de olhos amarelos e ferozes que olhava para todo lado sem piscar. Lyra ficou com medo; ninguém se preocupava quando uma criança sumia por

algumas horas, principalmente uma criança gípcia: no mundinho dos barcos gípcios, todas as crianças eram preciosas e muito amadas, e cada mãe sabia que, se seu filho estivesse longe de *sua* vista, não estaria longe da vista de outra mãe, que o protegeria instintivamente.

No entanto, ali estava Mãe Costa, rainha entre os gípcios, aterrorizada pela ausência de uma criança. O que estava acontecendo?

Mãe Costa observou o grupinho de crianças com olhar desfocado antes de sair aos tropeços por entre a multidão, indo na direção do ancoradouro, sempre gritando o nome do filho. Diante daquele sofrimento, as crianças esqueceram a briga.

— Esses Papões são o quê, afinal? — perguntou Simon Parslow, amiguinho de Lyra.

O primeiro menino gípcio respondeu:

— *Você sabe*. Eles estão roubando crianças por toda parte. São piratas...

— Eles não são piratas — corrigiu outro gípcio. — São canibais. É por isso que o nome deles é Papões.

— Eles *comem* crianças? — perguntou outro amigo de Lyra, Hugh Lovat, ajudante da cozinha na St. Michael's.

— Ninguém sabe — disse o primeiro menino. — Levam a criança e ninguém mais tem notícia dela.

— Isso nós todos sabemos — retrucou Lyra. — Há meses estamos brincando de crianças e Papões, muito antes de vocês, aposto. Mas duvido que alguém já tenha visto um Papão.

— Já viram — disse um garoto.

— Quem? — insistiu Lyra. — *Você* já viu? Como é que sabe que não é só uma pessoa normal?

— Charlie os viu em Banbury — disse uma menina gípcia. — Eles ficaram falando com a mãe enquanto outro homem tirava o filho dela do jardim.

— É, eu vi fazerem isso! — confirmou Charlie, um menino gípcio.

— Como é que eles eram? — Lyra quis saber.

— Bom, eu não vi direito — confessou Charlie. — Mas vi o caminhão deles — acrescentou. — Eles chegaram em um caminhão branco. Colocaram o menino no caminhão e saíram disparados.

— Mas por que os chamam de Papões? — insistiu Lyra.

— Porque eles comem as crianças — disse o primeiro garoto gípcio. — Nos contaram lá em Northampton. Eles estiveram por lá. Levaram o irmão de uma garota em Northampton, e ela disse que os sequestradores disseram que iam comer ele. Todo mundo sabe disso. Eles comem as crianças.

Uma menina gípcia começou a chorar alto.

— É a prima de Billy — informou Charlie.

Lyra perguntou:

— Quem viu o Billy por último?

— Eu! — exclamou uma dúzia de vozes.

— Eu vi o Billy segurando aquele pangaré do Johnny Fiorelli.

— Eu vi ele perto do vendedor de maçã caramelada.

— Eu vi ele se balançando no guindaste...

Depois que conseguiu entender o que tinha acontecido, Lyra ficou sabendo que Billy tinha sido visto pouco mais de duas horas antes.

— Então, nas últimas duas horas, os Papões estiveram por aqui...

Todos olharam em volta, estremecendo apesar do sol quente, do porto apinhado, do cheiro familiar de alcatrão, cavalos e tabaco. O problema era que, já que ninguém sabia como eram esses Papões, qualquer pessoa podia ser um, como Lyra declarou ao bando de crianças perplexas, todas elas — as das faculdades e as gípcias — já agora sob o seu domínio.

— Eles têm que *parecer* pessoas comuns, senão seriam logo descobertos — explicou a menina. — Se só surgissem à noite, podiam ter qualquer aparência. Mas, se vêm à luz do dia, têm que parecer gente normal. Então qualquer pessoa aqui pode ser um Papão...

— Não pode, não — disse um gípcio em tom hesitante. — Conheço todas elas.

— Certo, não estas aqui, mas qualquer outra — disse Lyra. — Vamos procurar os Papões! E o caminhão branco também!

Aquilo provocou um estouro de boiada. Outros logo se juntaram aos primeiros, e, em pouco tempo, havia mais ou menos trinta crianças gípcias correndo de uma ponta à outra dos ancoradouros, entrando e saindo dos estábulos, subindo pelos guindastes e gruas no estaleiro, saltando por cima da

cerca para os campos, quinze crianças ao mesmo tempo agarradas à corda que se usava para atravessar o rio de águas verdes, e correndo a toda pelas ruas estreitas de Jericó, por entre as casinhas de tijolos, e entrando no grande oratório de St. Barnabas, o Químico, com sua torre quadrada. Metade delas não sabia o que estava procurando e achava que se tratava apenas de uma brincadeira, porém as mais próximas a Lyra sentiam medo e aflição de verdade cada vez que avistavam uma figura solitária em um beco ou na meia-luz do Oratório: seria um Papão?

Mas, naturalmente, não era. Por fim, sem sucesso e com a sombra do desaparecimento real de Billy pesando sobre todos, o entusiasmo foi diminuindo. Quando Lyra e os dois jovens das faculdades saíram de Jericó perto da hora do jantar, viram os gípcios reunidos no ancoradouro vizinho àquele em que o barco dos Costa estava atracado. Algumas mulheres choravam bem alto, e os homens, furiosos, formavam grupinhos; todos os seus daemons estavam agitados, voando nervosos ou rosnando para as sombras.

— Aposto que os Papões não teriam coragem de vir aqui — disse Lyra a Simon Parslow quando os dois atravessavam a soleira do grande saguão da Jordan.

— Não... — concordou ele sem muita firmeza. — Mas sei que uma garota do Mercado sumiu.

— Quem?

Lyra conhecia a maioria das crianças do Mercado, mas não sabia que alguma tinha desaparecido.

— Jessie Reynolds, da selaria. Ontem ela saiu para buscar um pedaço de peixe para a janta do pai, mas na hora de fechar a loja ainda não tinha voltado. E ninguém a viu. Procuraram no Mercado inteiro, em toda parte.

— Ninguém me contou isso! — disse Lyra, indignada. Achava uma falha imperdoável de seus súditos não a manterem sempre informada de tudo.

— Bom, isso aconteceu ontem. Ela pode já ter aparecido.

— Vou perguntar — disse Lyra, se virando para tornar a sair.

Mas ainda não tinha passado pelo portão quando o porteiro a chamou.

— Venha cá, Lyra! Você não pode sair esta noite. Ordens do reitor.

— Por que não?

— Já disse: ordens do reitor. Ele disse que, se você voltasse, não deveria sair de novo.

— Então tente me pegar — desafiou a menina, e saiu correndo.

Atravessou em disparada a rua estreita e entrou no beco onde as caminhonetes descarregavam mercadoria para o Mercado Coberto. Como era quase hora de fechar, havia poucas caminhonetes por ali, mas um grupinho de jovens fumava e conversava perto da porta central, em frente ao alto muro de pedra da Faculdade St. Michael's. Lyra conhecia um deles, um rapaz de dezesseis anos, que ela admirava porque ele conseguia cuspir mais longe que qualquer outra pessoa de que ela ouvira falar; foi até lá e ficou esperando humildemente que ele a percebesse.

— Ei, o que você quer? — perguntou ele, por fim.

— Jessie Reynolds sumiu?

— É. Por quê?

— Porque um menino gípcio também sumiu hoje.

— Estão sempre sumindo, esses gípcios. Depois de toda Feira de Cavalos eles somem.

— Os cavalos também — comentou um dos amigos dele.

— Mas é diferente — protestou Lyra. — Era um garotinho. Ficamos procurando ele a tarde toda, e as outras crianças disseram que os Papões o pegaram.

— Os o quê?

— Os Papões. Nunca ouviu falar deles?

Aquilo era novidade também para os outros rapazes, e, tirando alguns comentários grosseiros, eles escutaram com atenção o que ela lhes contou.

— Papões... — repetiu o conhecido de Lyra, cujo nome era Dick. — Que coisa idiota. Esses gípcios vivem inventando essas histórias idiotas.

— Disseram que os Papões apareceram em Banbury há poucas semanas e levaram cinco crianças — insistiu Lyra. — Com certeza, vieram para Oxford agora para pegar as nossas. Devem ter sido eles que pegaram a Jessie.

— Um menino sumiu lá para as bandas de Cowley — contou um dos rapazes. — Agora lembro. Minha tia, ela veio aqui ontem, porque vende

peixe e batata frita em uma barraca, ouviu falar nisso... Foi um menino pequeno... Mas não sei sobre esses tais Papões. Não existem Papões. É só uma história.

— Existem, sim! — contestou Lyra. — Os gípcios já viram eles. Aham que eles comem as crianças que pegam e...

Ela parou a frase no meio, porque de repente tinha se lembrado de uma coisa. Durante aquela noite estranha que passara escondida na sala privativa, lorde Asriel tinha mostrado um slide de um homem com jorros de luz entrando nele; e ao lado do homem havia uma figura pequena com menos luz em volta; e lorde Asriel tinha dito que era uma criança; e alguém perguntara se era uma criança seccionada, e o tio tinha dito que não, que essa era a questão. Lyra sabia que “seccionada” queria dizer cortada.

Então sentiu uma pontada no coração: onde estava Roger?

Ela não o via desde aquela manhã...

De repente ficou com medo. Pantalaimon, como um leão em miniatura, saltou para os seus braços e rosou. Ela se despediu dos rapazes junto ao portão e caminhou em silêncio de volta para a rua Turl, depois correu o mais rápido que podia até a Faculdade Jordan, entrando pela porta um segundo antes de Pan, agora em forma de leopardo.

O porteiro estava zangado.

— Tive que ligar para o reitor e contar tudo — declarou. — Ele não gostou. Eu não queria estar no seu lugar, mocinha, por dinheiro nenhum.

— Cadê o Roger? — ela quis saber.

— Não vi. Ele também vai ver só. Ah, quando o sr. Cawson pegar ele...

Lyra correu para a cozinha e se enfiou no meio daquela agitação barulhenta e fumegante.

— Cadê o Roger? — berrou.

— Saia daqui, Lyra! Estamos ocupados!

— Mas onde é que ele está? Você *tem* que saber! — gritou Lyra para o Chefe da Cozinha, que lhe deu um tapa na orelha e a expulsou de lá.

Bernie, o confeitiro, tentou acalmá-la, mas não conseguiu.

— Eles pegaram o Roger! Aqueles Papões malditos, alguém devia matá-los! Eu odeio todos eles! Vocês não se importam com o Roger...

— Lyra, todos nós nos importamos com o Roger...

— Não, porque senão paravam o trabalho e iam procurar por ele nesse instante! Odeio vocês!

— Pode haver um monte de motivos para o Roger ter sumido. Seja sensata. Temos que preparar e servir o jantar em menos de uma hora; o reitor tem convidados na residência, e ele também vai jantar lá, o que significa que o Chefe vai ter que mandar a comida para lá bem depressa, para não esfriar; com uma coisa e outra, Lyra, a vida tem que continuar. Tenho certeza de que o Roger vai aparecer...

Lyra saiu correndo da cozinha, derrubando uma pilha de tampas de bandejas de prata e ignorando o grito de raiva que isso provocou. Desceu os degraus correndo e atravessou o quarteirão, passou entre a capela e a Torre Palmer e entrou no Quarteirão Yaxley, onde ficavam os prédios mais antigos da faculdade.

Pantalaimon corria à frente dela na forma de um leopardo em miniatura e disparou escada acima até o último andar, onde ficava o quarto de Lyra. A menina abriu a porta de sopetão, arrastou a cadeira cambaleante para perto da janela, abriu-a e passou para o lado de fora. Logo abaixo da janela havia uma calha de pedra forrada de chumbo com uns trinta centímetros de largura, para recolher a água da chuva; de pé dentro dela, Lyra subiu pelas telhas rústicas até chegar à cumeeira do telhado. Ali, ela abriu a boca e gritou. Pantalaimon, que sempre se transformava em pássaro quando sua dona estava no telhado, voava em círculos ao redor dela, acompanhando-a com seu grasnado agudo de gralha.

O céu do entardecer se tingia dos tons de pêssego, damasco e creme, com delicadas nuvens de sorvete em um céu alaranjado. As torres e os campanários de Oxford estavam em volta deles, na mesma altura; os bosques verdes de Château-Vert e White Ham assomavam a cada lado — um a leste, outro a oeste. Em algum lugar, havia gralhas grasnando e sinos tocando, e dos currais as batidas ritmadas de um motor a gás anunciavam a decolagem diária do zepelim do Correio Real para Londres. Lyra ficou olhando enquanto ele subia acima do campanário da Capela de St. Michael's, a princípio do tamanho da ponta do dedo mindinho dela quando estendeu o braço, depois

ficando cada vez menor, até virar um pontinho no céu perolado.

Ela se virou e baixou o olhar para o Quarteirão mergulhado em sombras, onde os catedráticos, usando as becas pretas, já começavam a chegar, sozinhos ou aos pares, para a cantina, seus daemons caminhando ou voejando ao lado deles, ou então empoleirados em seus ombros. Estavam acendendo as luzes no salão; ela via os vitrais da janela começando a brilhar, um a um, à medida que um criado percorria as mesas, acendendo as lamparinas. O sino do administrador começou a tocar, anunciando que o jantar seria servido em breve.

Aquele era seu mundo. Ela queria que ele permanecesse o mesmo para sempre, mas tudo estava mudando ao seu redor, pois alguém lá fora estava roubando crianças. Ela se sentou na cumeeira do telhado, o queixo apoiado nas mãos.

— Precisamos salvar o Roger, Pantalaimon — declarou.

Ele respondeu da chaminé, com sua voz de gralha:

— Vai ser perigoso.

— Claro! Sei muito bem disso.

— Não esqueça o que eles disseram na sala privativa.

— O quê?

— Alguma coisa sobre uma criança no Ártico. Aquela que não estava atraindo o Pó.

— Disseram que era uma criança completa... E daí?

— Pode ser isso, ó, que vão fazer com Roger, os gípcios e as outras crianças.

— Como assim?

— Bom, o que *completa* quer dizer?

— Sei lá. Com certeza, cortam elas no meio. Acho que viram escravas. Isso seria mais útil. Com certeza, há muitas minas por lá. Minas de urânio para as naves atômicas. Aposto que é isso. Se mandassem adultos para o fundo das minas, eles morreriam, então usam crianças porque elas são mais baratas. Foi isso que fizeram com Roger.

— Eu acho...

Mas a opinião de Pantalaimon teve que esperar, porque uma voz lá de

baixo começou a gritar:

— Lyra! Lyra! Desça daí agora mesmo!

Alguém batia na janela. Lyra reconheceu a voz e a impaciência: era a sra. Lonsdale, a governanta. Era impossível se esconder dela!

Com o rosto fechado, Lyra escorregou pelo telhado até a calha e tornou a entrar pela janela. A sra. Lonsdale estava enchendo uma pequena bacia descascada com água; os gemidos e as batidas que o sistema hidráulico produzia acompanhavam a ação.

— Quantas vezes já lhe disseram para não ir ao telhado? Veja o seu estado! A saia está imunda! Tire a roupa imediatamente e se lave enquanto eu procuro algum vestido decente que não esteja rasgado. Não sei por que você não consegue ficar limpa e arrumada...

Lyra estava aborrecida demais até para perguntar por que tinha que se lavar e se vestir, e nenhum adulto fornecia uma razão por iniciativa própria. Ela puxou o vestido pela cabeça e o deixou cair sobre a cama estreita, e começou a se lavar com má vontade enquanto Pantalaimon, agora um canário, saltava cada vez mais para perto do daemon da sra. Lonsdale, um impassível cão de caça, tentando em vão implicar com ele.

— Veja o estado deste guarda-roupa! Faz semanas que você não pendura um vestido! Veja como este está amassado...

Veja isso, veja aquilo... Lyra não queria ver nada. Ela fechou os olhos enquanto esfregava o rosto com a toalha fina.

— Vai ter que usar este assim mesmo. Não dá tempo de passar. Deus me perdoe, menina, veja os seus *joelhos*, veja o estado deles...

— Não quero ver nada — resmungou Lyra.

A sra. Lonsdale lhe deu um tapa na perna.

— Lave — ordenou com ferocidade. — Tire toda essa sujeira.

— Por quê? — perguntou Lyra, por fim. — Eu nunca lavo os joelhos. Ninguém vai olhar para os meus joelhos. Por que tenho que fazer isso tudo? A senhora também não liga para o Roger, igual ao Chefe da Cozinha. Eu sou a única que...

Um novo tapa, agora na outra perna.

— Chega dessa bobagem. Sou uma Parslow, como o pai do Roger. Ele é

meu primo em segundo grau. Aposto que não sabia disso, pois aposto que nunca perguntou, srta. Lyra. Aposto que isso nunca lhe passou pela cabeça. Não me acuse de não me importar com o menino. Deus sabe que eu me importo até mesmo com você, que me dá poucos motivos para isso e nenhuma gratidão.

Ela pegou um pano e esfregou os joelhos de Lyra com tanta força que deixou a pele rosada e ardendo, mas limpa.

— O motivo é que você vai jantar com o reitor e os convidados dele. Peço a Deus que você se comporte. Fale somente quando falarem com você, seja discreta e educada, sorria e nunca diga “sei lá” quando lhe perguntarem alguma coisa.

Ela enfiou o melhor vestido de Lyra no corpo magro da menina, ajeitou-o, pescou na confusão de uma gaveta uma fita vermelha e escovou os cabelos dela com uma escova de cerdas duras.

— Se tivessem me avisado antes, podia ter lavado direito seu cabelo. Bom, é uma pena. Tomara que não olhem muito de perto... Pronto. Agora fique de pé. Onde estão aqueles sapatos bons, de verniz?

Cinco minutos depois, Lyra estava batendo na porta da residência do reitor, a casa imponente e um pouco sombria que se abria para o Quarteirão Yaxley e cujos fundos davam para o jardim da biblioteca. Pantalaimon, que por educação se transformara em um arminho, se esfregou na perna dela. A porta foi aberta por Cousins, criado do reitor e velho inimigo de Lyra; mas ambos sabiam que aquilo era uma trégua.

— A sra. Lonsdale disse para eu vir — explicou Lyra.

— Sim — fez Cousins, dando um passo para o lado. — O reitor está na sala.

Ele a levou para o aposento amplo que dava para o jardim. Os últimos raios de sol entravam ali através do espaço entre a biblioteca e a Torre Palmer, e iluminavam os quadros pesados e a prataria austera que o reitor colecionava. Iluminavam também os convidados, e Lyra entendeu por que não iam jantar no salão: três deles eram mulheres.

— Ah, Lyra! Que bom que pôde vir! — exclamou o reitor. — Cousins, arranje algo que ela possa beber. Dama Hannah, acho que não conhece

Lyra... A sobrinha de lorde Asriel.

Dama Hannah Relf, a diretora de uma das faculdades femininas, era uma senhora de cabelos grisalhos cujo daemon era um sagui. Lyra a cumprimentou com toda educação e depois foi apresentada aos outros convidados, que eram, como dama Hannah, estudiosos de outras faculdades e muito desinteressantes. Então o reitor chegou ao último.

— Sra. Coulter, esta é Lyra. Lyra, cumprimente a sra. Coulter.

— Olá, Lyra — disse a sra. Coulter.

Era uma mulher linda e jovem. Os cabelos negros e lisos emolduravam seu rosto. O daemon dela era um macaco dourado.

4. O ALETIÔMETRO

— Espero que seu lugar no jantar seja ao meu lado — disse a sra. Coulter, abrindo espaço para Lyra no sofá. — Não estou acostumada com o luxo da residência de um reitor. Vai ter que me mostrar quais garfos e facas devo usar.

— A senhora é uma catedrática? — perguntou Lyra.

Ela considerava as catedráticas com o desprezo próprio a uma pessoa da Jordan: elas existiam, mas, coitadas, não podiam ser levadas mais a sério que animais vestidos de gente representando uma peça. A sra. Coulter, por outro lado, não se parecia com qualquer catedrática que Lyra já tivesse visto e certamente não com as duas senhoras idosas e sérias que eram as outras convidadas. Lyra havia feito essa pergunta esperando uma resposta negativa, pois a sra. Coulter tinha um ar elegante que encantou a garota; Lyra mal conseguia tirar os olhos dela.

— Na verdade, não — respondeu a sra. Coulter. — Pertencço à faculdade da dama Hannah, porém a maior parte do meu trabalho é feita fora de Oxford... Mas conte-me mais sobre você, Lyra. Sempre morou na Faculdade Jordan?

Cinco minutos depois, Lyra tinha contado a ela tudo da sua vida meio selvagem: seus caminhos favoritos pelos telhados, a batalha dos Barreiros, a vez em que ela e Roger tinham capturado e assado uma gralha, sua intenção de capturar um barco dos gípcios e ir velejando até Abingdon etc. Contou até (depois de olhar em volta e baixar a voz) sobre a brincadeira dela e de Roger com as caveiras na cripta.

— E aí os fantasmas apareceram no meu quarto, e sem cabeça! Não conseguiam falar, só faziam uns barulhos de gorgolejo, mas eu sabia muito bem o que eles queriam. Então, no dia seguinte, fui até lá embaixo e coloquei as moedas de volta. Senão eles podiam até me matar.

— Quer dizer que você não tem medo do perigo? — disse a sra. Coulter em tom de admiração.

A essa altura já estavam jantando; como a sra. Coulter esperava, estavam sentadas lado a lado. Lyra ignorou completamente seu outro vizinho — o bibliotecário — e passou a refeição inteira conversando com ela.

Quando as senhoras se retiraram para o café, dama Hannah disse:

— Diga-me, Lyra, vão mandá-la para a escola?

Lyra a olhou com uma expressão neutra.

— Sei l... Eu não sei. Provavelmente não — acrescentou, para não errar. — Eu não ia querer dar esse trabalho a eles — continuou, em tom de boa menina. — E uma despesa dessas. Certamente é melhor que eu continue morando na Jordan, sendo educada pelos catedráticos daqui quando eles têm um tempinho livre. Como já estão aqui, certamente vai ser de graça.

— E seu tio, lorde Asriel, tem algum plano para você? — perguntou a outra senhora, que era uma catedrática de outra faculdade feminina.

— Acho que sim — disse Lyra. — Mas não uma escola. Ele vai me levar para o norte na próxima viagem.

— Eu lembro, foi o que ele me contou — disse a sra. Coulter.

Lyra piscou, surpresa. As duas catedráticas se sentaram ligeiramente mais eretas, embora seus daemons, por boa educação ou preguiça, tivessem se limitado a olhar de relance um para o outro.

— Nós nos encontramos no Régio Instituto do Polo Ártico — continuou a sra. Coulter. — Aliás, é em parte por causa desse encontro que estou aqui hoje.

— A senhora também é exploradora? — perguntou Lyra.

— De certo modo, sim. Fui várias vezes ao norte. No ano passado, fiquei três meses na Groenlândia fazendo observações da Aurora Boreal.

Foi o que bastou; daí em diante, para Lyra nada — e ninguém — mais existia. Ela contemplava a sra. Coulter com respeitoso deslumbramento e escutava atenta e encantada as descrições da construção de iglus, das caçadas de focas, das negociações com as feiticeiras da Lapônia. As duas catedráticas não tinham coisas tão interessantes para contar e ficaram sentadas em silêncio até a chegada dos homens.

Mais tarde, quando os convidados se preparavam para partir, o reitor disse:

— Fique mais um pouco, Lyra; eu gostaria de conversar um minutinho com você. Vá para meu escritório, sente-se e espere por mim lá.

Intrigada, cansada e animada, Lyra obedeceu. Cousins a levou ao escritório e deixou a porta aberta propositalmente para poder vigiá-la do saguão, onde ajudava os convidados com os casacos. Lyra procurou a sra. Coulter com o olhar, mas não a viu, e então o reitor entrou no escritório e fechou a porta.

Sentou-se pesadamente na poltrona junto à lareira. Seu daemon esvoaçou para as costas da cadeira e se empoleirou perto da cabeça dele, fixando em Lyra os velhos olhos semicerrados. A lamparina sibilava baixinho.

— Bem, Lyra, vi que você conversou bastante com a sra. Coulter; gostou de ouvir o que ela disse?

— Gostei!

— É uma dama notável.

— É maravilhosa. É a pessoa mais maravilhosa que já conheci.

O reitor suspirou. Com seu terno e gravata pretos, ele se parecia com seu daemon, e de repente ocorreu a Lyra que um dia não muito distante ele seria enterrado na cripta sob o Oratório, e um artista iria gravar a imagem do daemon dele na placa de bronze para o caixão, e o nome do daemon estaria ao lado do nome do reitor.

— Eu já devia ter tido essa conversa com você há um tempo — começou ele, depois de um instante. — Estava pretendendo mesmo fazer isso, mas parece que temos menos tempo do que eu imaginava. Você sempre esteve segura aqui na Jordan, minha cara. Acho que tem sido feliz. Não foi fácil para você nos obedecer, mas gostamos muito de você, Lyra, e você nunca foi uma criança má. Há muita bondade e ternura na sua natureza, e muita determinação. Você vai precisar de tudo isso. No mundo lá fora, estão acontecendo coisas das quais eu gostaria de proteger você, prendendo-a aqui na Jordan, mas isso não é mais possível.

Ela o encarou em silêncio. Então ela ia embora?

— Você sabia que um dia teria que ir para a escola — continuou o reitor.
— Nós aqui lhe ensinamos algumas coisas, mas não muito bem, nem de maneira organizada. Nosso conhecimento é de outro tipo. Você precisa

aprender coisas que homens idosos não têm condições de lhe ensinar, principalmente na sua idade. Você certamente sabia disso. Também não é filha de criados, então não poderíamos entregá-la para ser criada por uma família da cidade. Eles poderiam cuidar de você de certa forma, mas as suas necessidades são diferentes. O que estou querendo dizer, Lyra, é que sua estadia dentro da Faculdade Jordan está chegando ao fim.

— Não! — protestou ela. — Não quero sair da Jordan! Gosto daqui. Quero ficar aqui para sempre!

— Quando a gente é jovem, pensa que as coisas duram para sempre. Infelizmente, não é assim. Lyra, não falta muito tempo, no máximo poucos anos, para você se tornar uma moça, não mais uma criança. Uma senhorita. Pode acreditar: aí você vai achar a Faculdade Jordan um lugar muito difícil para se morar.

— Mas é o meu lar!

— Tem sido o seu lar. Mas agora você precisa de outra coisa.

— Escola, não. Eu não vou para a escola.

— Você precisa de companhia feminina. De orientação feminina.

A expressão “orientação feminina” fez Lyra pensar nas catedráticas, e ela fez uma careta involuntária. Ser afastada da imponência da Jordan, do esplendor e da fama de seu ensino, para uma faculdade em um prédio de tijolos parecendo uma pensão no subúrbio de Oxford, com catedráticas desmazeladas que cheiravam a repolho e naftalina, como aquelas duas!

O reitor percebeu a expressão dela e viu os olhos vermelhos de arminho de Pantalaimon brilharem.

— E se por acaso fosse a sra. Coulter?

No mesmo instante, o pelo de Pantalaimon mudou de marrom-escuro para puro branco. Lyra arregalou os olhos.

— De verdade?

— Ela é conhecida de lorde Asriel. O seu tio, naturalmente, está muito preocupado com o seu bem-estar, e quando a sra. Coulter ouviu falar de você, no mesmo instante se ofereceu para ajudar. Aliás, ela é viúva. O marido morreu em um acidente muito triste há alguns anos; então, se lembre disso antes de perguntar alguma coisa.

Lyra assentiu ansiosamente e perguntou:

— E ela vai mesmo... tomar conta de mim?

— É o que você gostaria?

— Sim!

Lyra mal conseguia ficar sentada. O reitor sorriu. Isso acontecia tão raramente que ele tinha perdido a prática, e quem estivesse prestando atenção (coisa que Lyra não estava em condições de fazer) pensaria que se tratava de uma careta de tristeza.

— Bem, então é melhor convidá-la para cá e conversar sobre isso — disse.

Ele saiu do escritório e quando voltou, um minuto depois, com a sra. Coulter, Lyra estava de pé, excitada demais para ficar sentada. A sra. Coulter sorriu, e seu daemon mostrou os dentes brancos em uma expressão travessa e satisfeita. Ao passar por Lyra a caminho de uma das poltronas, a sra. Coulter tocou de leve seus cabelos e Lyra sentiu uma onda de carinho cobri-la e enrubesceu.

Depois que o reitor serviu conhaque à sra. Coulter, ela disse:

— Bem, Lyra, quer dizer que vou ter uma assistente?

— Sim — respondeu Lyra. Teria dito “sim” a qualquer coisa.

— Preciso de ajuda em muita coisa.

— Posso trabalhar!

— E talvez tenhamos que viajar.

— Não me importo. Vou a qualquer lugar.

— Mas pode ser perigoso. Podemos ter que ir para o norte.

Lyra ficou sem palavras. Por fim, conseguiu perguntar:

— Logo?

A sra. Coulter riu.

— Talvez. Mas saiba que vai ter que trabalhar muito. Vai ter que aprender matemática, navegação, geografia celeste.

— A *senhora* vai me ensinar?

— Vou. E você vai ter que me ajudar tomando notas, botando documentos em ordem, fazendo cálculos básicos e coisas assim. E como vamos visitar algumas pessoas importantes, temos que arrumar roupas bonitas para você. Há muito que aprender, Lyra.

— Não me importo. Quero aprender tudo.

— Tenho certeza de que vai conseguir. Quando voltar à Jordan, será uma viajante célebre. Agora, vamos partir muito cedo amanhã de manhã, pelo zepelim da madrugada, então é melhor você ir direto para a cama. Vejo você no café da manhã. Boa noite!

— Boa noite. — Então, ao se lembrar da pouca etiqueta que conhecia, virou-se da porta e disse: — Boa noite, reitor.

Ele assentiu.

— Durma bem.

— E obrigada — acrescentou Lyra, dirigindo-se à sra. Coulter.

Ela finalmente conseguiu dormir, embora Pantalaimon não tivesse sossegado até ela ralar com ele, que se transformou em porco-espinho de pura má-criação. Ainda estava escuro quando alguém a sacudiu.

— Lyra... psiu... Não se assuste... acorde, garota!

Era a sra. Lonsdale. Estava segurando uma vela; ela se inclinou e falou baixinho, segurando Lyra com a mão livre.

— Escute: o reitor quer falar com você antes de se encontrar com a sra. Coulter no café da manhã. Se arrume depressa e vá até a residência. Siga pelo jardim e bata na porta de vidro do escritório. Entendeu?

Completamente desperta e fervendo de curiosidade, Lyra assentiu e enfiou os pés nos sapatos que a sra. Lonsdale colocou no chão para ela.

— Não precisa tomar banho agora. Pode fazer isso depois. Vá direto e volte direto. Vou começar a arrumar a bagagem e separar alguma coisa para você usar. Vamos, rápido.

O quarto escuro ainda estava cheio do ar frio da noite. No céu as últimas estrelas ainda estavam visíveis, mas a luz que vinha do leste gradualmente tomava o céu acima do salão. Lyra correu para o jardim da biblioteca e, por um momento, ficou parada na imensa quietude, olhando os pináculos de pedra da capela, a cúpula verde-perolada do Prédio Sheldon, o lampião pintado de branco da biblioteca. Agora que ia deixar aquele lugar, estava se perguntando se sentiria muita saudade.

Alguma coisa se moveu por trás da porta de vidro do escritório, e um brilho de luz cintilou por um instante. Ela se lembrou do que tinha que fazer e bateu na porta, que se abriu de imediato.

— Muito bem. Entre depressa. Não temos muito tempo — disse o reitor, fechando as cortinas assim que ela entrou. Ele estava inteiramente vestido de preto, como de costume.

— Quer dizer que eu não vou, afinal? — perguntou Lyra.

— Vai, sim. Isso eu não posso impedir — disse o reitor, sem que Lyra percebesse na ocasião que aquilo era algo estranho de se dizer. — Lyra, quero lhe dar uma coisa, mas você tem que prometer que não vai contar a ninguém. Você promete?

— Prometo.

Ele foi até a escrivaninha e tirou de uma gaveta um pacotinho embrulhado em veludo preto. Quando abriu o pano, Lyra viu uma coisa como um relógio de pulso grande, ou um relógio de parede pequeno: um disco espesso de ouro e cristal. Parecia ser uma bússola ou algo do tipo.

— O que é isso? — perguntou ela.

— É um aletiômetro. Só existem seis no mundo, Lyra, e novamente eu aviso: guarde segredo. Seria melhor se a sra. Coulter não soubesse. O seu tio...

— Mas o que isso faz?

— Diz a verdade. Mas como ele funciona, você vai ter que descobrir sozinha. Agora vá, já está clareando. Corra de volta ao seu quarto antes que alguém a veja.

Ele voltou a embrulhar o instrumento no veludo e o colocou nas mãos dela. Era surpreendentemente pesado. O reitor colocou as mãos de cada lado da cabeça da menina e a segurou com gentileza por um instante.

Ela tentou erguer os olhos para ele e perguntou:

— O que o senhor ia dizer sobre meu tio?

— Lorde Asriel deu o aletiômetro de presente à Faculdade Jordan há alguns anos. Talvez ele possa...

Antes que o reitor pudesse terminar a frase, ouviram uma batida leve na porta. Ela sentiu as mãos dele estremecerem.

— Vá depressa, criança — disse o velho, baixinho. — Os poderes deste mundo são muito grandes. Homens e mulheres são movidos por ondas muito mais violentas do que você pode imaginar, arrastando todos para a correnteza. Vá em paz, Lyra. Seja discreta.

— Obrigada, reitor — disse ela em tom formal.

Apertando o pacote de encontro ao peito, Lyra saiu do escritório pela porta que dava para o jardim, olhando de relance para trás e vendo o daemon do reitor observando-a do peitoril da janela. O céu já estava clareando; havia certo frescor no ar.

— O que é isso aí? — perguntou a sra. Lonsdale, fechando a pequena e maltratada mala.

— O reitor que me deu. Posso colocar na mala?

— Tarde demais. Não vou abri-la de novo. Seja o que for, vai ter que ir no bolso do seu casaco. Vá depressa para a cantina; não faça os outros esperarem...

Só depois de se despedir dos poucos criados que estavam acordados àquela hora e da sra. Lonsdale foi que ela se lembrou de Roger, e então se sentiu culpada por não ter pensado nele nem uma vez depois que conhecera a sra. Coulter. Como as coisas tinham acontecido depressa!

E agora Lyra estava a caminho de Londres; sentada junto à janela em um zepelim, com as pequenas e afiadas garras das patas traseiras de arminho de Pantalaimon enfiadas na sua coxa, enquanto as patas dianteiras do daemon se apoiavam na vidraça. Ao lado de Lyra, a sra. Coulter trabalhava em alguns documentos, mas logo os guardou e começou a conversar. Que conversa interessante! Lyra ficou deslumbrada; dessa vez a conversa não era sobre o norte, mas sobre Londres, os restaurantes e salões de baile, as festas nas Embaixadas e nos Ministérios, as fofocas entre White Hall e Westminster. Para Lyra a conversa rivalizava em fascínio com a paisagem vista da aeronave. O que a sra. Coulter estava dizendo parecia ser acompanhado de um perfume de “adulter”, alguma coisa ao mesmo tempo perturbadora e atraente: era o cheiro da elegância.

A aterrissagem em Falkeshall Gardens, a viagem de barco atravessando o grande rio de águas marrons, o quarteirão de mansões imponentes no Embankment, onde um atendente corpulento (uma espécie de porteiro condecorado) saudou a sra. Coulter e piscou para Lyra, que o estudou com expressão impassível.

E depois o apartamento...

Lyra ficou de queixo caído.

Em sua curta vida, ela já havia visto muita beleza, mas era uma beleza jordaniana, uma beleza oxfordiana — imponente, pétrea, masculina. Na Faculdade Jordan, tudo era grandioso, mas nada era gracioso; no apartamento da sra. Coulter tudo era gracioso. Ele era cheio de luz, pois as janelas largas eram viradas para o sul e as paredes eram cobertas por um delicado papel listrado em branco e dourado. Quadros encantadores em molduras douradas, um espelho antigo, arandelas interessantes servindo de base para luminárias ambáricas com cúpulas franjadas; e franjas nas almofadas, também, e sanefas estampadas de flores escondendo o trilho das cortinas, e um macio tapete verde estampado de folhas; aos olhos inocentes de Lyra parecia que cada superfície estava coberta de lindas caixinhas de cerâmica, bonecas de pastoras e arlequins de porcelana.

A sra. Coulter sorriu ao perceber a admiração da menina.

— É, Lyra, há tanta coisa para lhe mostrar! Tire o casaco e vou levá-la ao banheiro. Você pode se lavar, depois vamos almoçar e fazer compras...

O banheiro era outra maravilha. Lyra estava acostumada a se lavar com um duro sabonete amarelo em uma bacia trincada, onde a água que pingava das torneiras nunca ficava mais do que morna, e muitas vezes com ferrugem; mas ali a água era quente, o sabão era rosa e cheiroso, e as toalhas eram felpudas e macias como nuvens. Em volta do espelho colorido havia pequenas luzes cor-de-rosa, de modo que quando Lyra se olhou no espelho ela viu uma figura suavemente iluminada, bem diferente da Lyra que ela conhecia.

Pantalaimon, que imitava a forma do daemon da sra. Coulter, estava agachado na beirada da bacia, fazendo caretas para ela. Ela o empurrou para dentro da água com sabão e de repente se lembrou do aletímetro no bolso do casaco. Tinha deixado o casaco em uma cadeira na sala. Tinha prometido ao

reitor guardar segredo da sra. Coulter...

Ah, aquilo *era* confuso. A sra. Coulter era tão boa e sábia, ao passo que Lyra tinha visto o reitor tentando envenenar tio Asriel. A qual dos dois ela devia mais obediência?

Enxugou-se às pressas e correu de volta para a sala, onde seu casaco ainda estava intocado, naturalmente.

— Pronta? Acho que podemos ir almoçar no Régio Instituto do Polo Ártico. Sou uma das poucas mulheres aceitas como membros, então é melhor aproveitarmos esse privilégio.

Uma caminhada de vinte minutos as levou a um imponente prédio com fachada de pedra, onde elas se sentaram em um amplo salão de refeições com toalhas brancas como neve e talheres de prata brilhante sobre as mesas, e comeram fígado de vitela e bacon.

— O fígado de vitela não faz mal, nem o de foca, mas, se você ficar sem comida no Ártico, não deve comer fígado de urso. Ele é cheio de um veneno que mata em poucos minutos.

Enquanto comiam, a sra. Coulter comentava sobre algumas pessoas nas outras mesas.

— Está vendo aquele senhor idoso, de gravata vermelha? É o coronel Carborn. Ele fez o primeiro voo de balão sobre o Polo Norte. E o homem alto perto da janela, aquele que acaba de se levantar, é o dr. Flecha Partida.

— Ele é escraelingue?

— É, sim. Foi ele quem mapeou as correntes oceânicas do Grande Oceano Ártico...

Lyra olhava todos aqueles grandes homens com curiosidade e respeito. Eram estudiosos, sem dúvida, mas também exploradores. O dr. Flecha Partida sabia sobre o fígado dos ursos; ela duvidava que o bibliotecário da Jordan soubesse.

Depois do almoço, a sra. Coulter lhe mostrou algumas das preciosas relíquias do Ártico na biblioteca do Instituto: o arpão que matara a grande baleia Grimssdur, a pedra com a inscrição em uma língua morta encontrada na mão do explorador lorde Rukh, que morreu congelado na solidão da sua barraca, um acendedor de fogo usado pelo capitão Hudson em sua famosa

viagem à Terra de Van Tieren. Ela contou a história de cada relíquia, e Lyra sentiu o coração disparar de admiração por aqueles grandes heróis corajosos e distantes.

Depois foram às compras. Tudo naquele dia extraordinário era uma experiência nova para Lyra, mas fazer compras foi a mais estonteante. Entrar em um prédio enorme cheio de roupas lindas, onde as pessoas a deixaram experimentar tudo e se observar nos espelhos... E as roupas eram tão *bonitinhas*... As roupas de Lyra tinham sido doadas pela sra. Lonsdale, e muitas delas eram usadas e bastante remendadas. Ela raramente teve alguma coisa nova, e quando tinha, era uma roupa escolhida pela durabilidade, não pela aparência; a própria Lyra nunca tinha escolhido nada. E agora, com a sra. Coulter sugerindo isto, elogiando aquilo e pagando por tudo, e muito mais...

Quando terminaram, Lyra estava corada e tinha os olhos brilhantes de cansaço. A sra. Coulter pediu que a maior parte das roupas fosse embalada e entregue em sua casa, mas levou uma ou duas consigo quando ela e Lyra caminharam de volta para o apartamento.

Depois, um banho com espuma espessa e perfumada. A sra. Coulter entrou no banheiro para lavar os cabelos de Lyra, e ela não esfregava e arranhava como a sra. Lonsdale. Era delicada. Pantalaimon observava com intensa curiosidade até que a sra. Coulter olhou para ele, que entendeu o que ela queria dizer e se virou de costas, desviando timidamente o olhar daqueles mistérios femininos, como o macaco dourado estava fazendo. Antes disso ele nunca tinha precisado desviar os olhos de Lyra.

Então, depois do banho, um copo de leite quente com ervas, uma camisola nova de flanela com estampa floral e a bainha recortada e chinelos de lã de carneiro tingida de azul-claro, Lyra foi para cama.

Tão macia, aquela cama! Tão delicada, a luz ambárica na mesa de cabeceira! E o quarto era tão aconchegante, com os pequenos armários, a penteadeira e a cômoda onde seriam guardadas suas novas roupas, um tapete de uma parede à outra e lindas cortinas cobertas de estrelas, luas e planetas! Lyra, tensa, estava cansada demais para dormir, encantada demais para questionar qualquer coisa.

Depois que a sra. Coulter lhe desejou uma boa noite e saiu do quarto, Pantalaimon puxou seu cabelo. Ela o empurrou de leve, mas ele sussurrou:

— Onde está o negócio?

Ela soube logo o que ele queria dizer. O casaco velho e humilde estava pendurado no armário; segundos depois, ela estava de volta na cama, sentada de pernas cruzadas à luz da luminária, com Pantalaimon observando atentamente enquanto desdobrava o veludo preto e contemplava o objeto que o reitor lhe dera.

— Como foi que ele chamou? — cochichou ela.

— Aletiômetro.

Não adiantava perguntar o que isso significava. O objeto pesava nas mãos dela, a face de cristal brilhando, o corpo de ouro muito bem-feito. Era muito parecido com um relógio, ou uma bússola, pois havia ponteiros apontando para lugares em volta do mostrador, mas em vez de horas ou pontos cardeais havia várias figuras pequeninas, todas pintadas com precisão extraordinária, como se fosse em marfim com o mais fino e delicado dos pincéis. Ela girou o aletiômetro nas mãos para observar todas elas. Havia uma âncora, uma ampulheta encimada por uma caveira; um touro, uma colmeia... Ao todo eram trinta e seis desenhos, e ela não fazia ideia do que significavam.

— Há um botão, olhe — avisou Pantalaimon. — Veja se consegue dar corda nele.

Na verdade, havia três pequenos pinos giratórios facetados, e cada um movimentava um dos três ponteiros menores, que se moviam em volta do mostrador em uma série de pequenos estalidos. Podiam ser apontados para qualquer uma das figuras; e uma vez entrando em posição, apontando exatamente para o centro de cada uma, eles não podiam ser movidos.

O quarto ponteiro era mais comprido e fino, e parecia ser feito de metal menos brilhante que os outros três. Lyra não conseguiu controlar o movimento dele; ele ia para onde queria, como a agulha de uma bússola, mas não parava.

— O final “metro” significa “medida” — declarou Pantalaimon. — Como termômetro. O capelão nos ensinou isso.

— É, mas essa é a parte fácil — sussurrou ela. — Para que ele serve?

Nenhum dos dois conseguiu adivinhar. Lyra passou muito tempo movendo os ponteiros para apontar para um ou outro símbolo (anjo, elmo, golfinho; globo, bandolim, bússolas; vela, raio, cavalo) e observando o ponteiro grande se mover sem uma lógica aparente e sem nunca parar sobre uma das imagens; embora não tenha entendido coisa alguma, ela ficou intrigada e deliciada com a complexidade e o detalhamento. Pantalaimon se transformou em um camundongo para poder chegar mais perto e apoiou as patas minúsculas na borda, os olhinhos redondos e negros cheios de curiosidade enquanto ele observava os movimentos do ponteiro.

— O que você acha que o reitor quis dizer sobre o tio Asriel? — perguntou ela.

— Talvez a gente tenha que manter isto em segurança e depois entregar a ele.

— Mas o reitor ia envenená-lo! Talvez seja o contrário. Talvez ele fosse dizer: não entregue ao seu tio.

— Não — retrucou Pantalaimon. — É *dela* que temos que manter isto escondido...

Os dois ouviram batidas leves na porta. A sra. Coulter disse:

— Lyra, se eu fosse você, apagava a luz. Você está cansada, e teremos muito trabalho amanhã.

Lyra tinha enfiado depressa o aletômetro debaixo das cobertas.

— Está certo, sra. Coulter — disse.

— Boa noite.

— Boa noite.

Ela se acomodou e apagou a luz. Antes de adormecer, enfiou o aletômetro debaixo do travesseiro, por segurança.

5. A FESTA

Nos dias que se seguiram, Lyra foi a toda parte com a sra. Coulter, quase como se ela própria fosse um daemon. A sra. Coulter conhecia muita gente, e as duas frequentavam vários tipos de lugar. De manhã podia haver uma reunião de geógrafos no Régio Instituto do Polo Ártico, a que Lyra assistia; depois a sra. Coulter podia almoçar com um político ou um religioso em um restaurante elegante, onde todos eram muito simpáticos com Lyra e lhe ofereciam pratos especiais, e ela aprendia a comer aspargos e descobria o sabor de tripas de carneiro. À tarde talvez fossem às compras, pois a sra. Coulter estava preparando sua expedição — era preciso comprar peles, capas de chuva impermeáveis e botas à prova d'água, assim como sacos de dormir, facas e instrumentos de desenho que deliciaram Lyra. Depois disso talvez fossem tomar chá com algumas damas tão bem vestidas quanto a sra. Coulter, embora não tão belas ou talentosas: eram mulheres tão diferentes das catedráticas, ou das mães gípcias, ou das criadas das faculdades, que quase pareciam ser de um gênero diferente, com perigosos poderes e qualidades tais como elegância, charme e graça. Lyra se vestia com capricho para essas ocasiões, e as damas a paparicavam, incluindo-a em suas conversas leves e agradáveis, que eram sempre sobre pessoas: um artista, um político, dois amantes.

E quando a noite chegava, a sra. Coulter talvez levasse Lyra ao teatro, onde também haveria muitas pessoas elegantes com quem conversar e por quem ser admirada, pois parecia que a sra. Coulter conhecia todas as pessoas importantes de Londres.

Nos intervalos das muitas atividades, a sra. Coulter ensinava a Lyra os rudimentos de geografia e matemática. A cultura da menina tinha grandes lacunas, como um mapa-múndi roído por ratos, pois na Jordan ela aprendia sem muita ordem: mandavam um professor-assistente lhe ensinar certas

matérias, e ela comparecia às aulas com alguma resistência durante uma semana, mais ou menos, até que “se esquecia” de aparecer, para grande alívio do professor. Ou então um catedrático se esquecia do que deveria ensinar a ela e lhe aplicava um curso intensivo sobre o que quer que estivesse pesquisando na época, independentemente do que fosse; assim, não era de admirar que seu conhecimento se assemelhasse a uma colcha de retalhos. Ela conhecia alguma coisa sobre átomos e partículas elementares, cargas ambaromagnéticas, as quatro forças fundamentais e mais um ou outro item da teologia experimental, mas nada sobre o sistema solar. Na verdade, quando a sra. Coulter percebeu isso e lhe explicou que a Terra e os outros cinco planetas giravam ao redor do Sol, Lyra riu como se fosse uma piada.

No entanto, estava ansiosa para mostrar que sabia algumas coisas, e quando a sra. Coulter estava lhe explicando sobre os elétrons, ela afirmou, com ar sábio:

— É, são partículas com carga negativa. Um pouco parecidos com o Pó, mas o Pó não tem carga.

Assim que ela disse isso, o daemon da sra. Coulter ergueu a cabeça para olhar para ela, e todos os pelos dourados se eriçaram, como se eles próprios estivessem eletricamente carregados. A sra. Coulter pousou a mão no dorso do daemon.

— Pó? — ecoou, em tom de pergunta.

— Sim. Do espaço, sabe? Aquele Pó.

— O que você sabe sobre isso, Lyra?

— Ah, que ele vem do espaço e acende as pessoas; se a gente tiver uma câmara especial, dá para ver. Mas as crianças, não. Ele não afeta as crianças.

— Onde foi que aprendeu isso?

A essa altura, Lyra percebeu que havia uma forte tensão no ar, porque Pantalaimon tinha se esgueirado na forma de arminho para o colo dela e tremia violentamente.

— Uma pessoa na Jordan — disse a menina de forma vaga. — Não lembro quem. Acho que foi um dos catedráticos.

— Foi durante uma aula?

— É, pode ter sido, ou então posso ter ouvido de passagem. É, acho que

foi isso. Um professor, acho que ele era da Nova Dinamarca, estava conversando com o capelão sobre o Pó e eu estava passando e achei interessante. Então parei para escutar. Foi isso.

— Entendo.

— Está correto o que ele me disse? Eu entendi errado?

— Bem, não sei. Tenho certeza de que você sabe muito mais que eu. Vamos voltar para os elétrons...

Mais tarde Pantalaimon disse:

— Lembra quando o daemon dela ficou todo arrepiado? Bom, eu estava atrás dele, e ela agarrou a pele dele com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Não dava para você ver. Demorou muito até o pelo dele voltar ao normal. Pensei que ele fosse pular em cima de você.

Aquilo era estranho, sem dúvida, mas nenhum dos dois tinha ideia do porquê.

E, por fim, havia outro tipo de aulas, dadas com tanta sutileza que não pareciam aulas: como lavar os cabelos, como escolher as cores que a favoreciam, como dizer não de maneira tão encantadora que não causasse ofensa, como passar batom, pó, perfume. Era verdade que a sra. Coulter não ensinou as últimas artes diretamente, mas sabia que Lyra estava observando enquanto ela se arrumava, e tomava cuidado para que Lyra visse onde ela guardava os cosméticos e para lhe proporcionar um tempo livre para explorá-los e experimentá-los se quisesse.

O tempo passou, e o outono começou a virar inverno. De vez em quando Lyra pensava na Faculdade Jordan, que lhe parecia pequena e sossegada em comparação à vida agitada que ela levava agora. De vez em quando, pensava em Roger e ficava inquieta, mas havia sempre uma ópera, ou um vestido novo, ou uma visita ao Régio Instituto do Polo Ártico, e ela tornava a se esquecer dele.

Quando já fazia cerca de seis semanas que Lyra morava no apartamento, a sra. Coulter resolveu dar uma festa. Lyra tinha a impressão de que havia uma coisa a ser comemorada, embora a sra. Coulter não dissesse o que era. Ela

encomendou flores, debateu drinques e canapés com a firma do bufê, passou horas com Lyra decidindo quem convidar.

— Temos que chamar o arcebispo. Não posso deixá-lo de fora, embora ele seja um velho odiento e esnobe. O lorde Boreal está na cidade; ele é divertido. E a princesa Postnikova. Acha que seria correto convidar Erik Andersson? Não sei se já está na hora de admiti-lo...

Erik Andersson era o mais recente dançarino da moda. Lyra não tinha ideia do que significava “admiti-lo”, mas mesmo assim gostava de dar sua opinião. Anotou todos os nomes que a sra. Coulter sugeriu, com muitos erros de ortografia, depois os riscava quando a sra. Coulter mudava de ideia.

Quando Lyra foi para a cama, Pantalaimon cochichou:

— Ela nunca irá para o norte! Vai nos prender aqui para sempre. Quando é que vamos fugir?

— Vai, sim — cochichou Lyra de volta. — É que você não gosta dela. Bem, azar o seu; eu gosto. E por que ela ia nos ensinar navegação se não quisesse nos levar para o norte?

— Para que você não fique impaciente, só por isso. Não acredito que você vai querer ficar nessa festa, toda simpática e bonitinha. Ela está transformando você em um bichinho de estimação.

Lyra virou para o outro lado e fechou os olhos. Mas o que Pantalaimon tinha dito era verdade: ela vinha se sentindo presa e oprimida por aquela vida de boas maneiras, por mais luxuosa que fosse. A garota daria qualquer coisa por um dia com os moleques de Oxford, por uma batalha nos Barreiros ou uma corrida ao longo do canal. A única coisa que lhe fazia ser educada e atenciosa com a sra. Coulter era a tentadora esperança de ir para o norte; talvez encontrassem lorde Asriel, talvez ele e a sra. Coulter se apaixonassem, se casassem e adotassem Lyra, e salvassem Roger dos Papões.

Na tarde da festa, a sra. Coulter levou Lyra a um cabeleireiro da moda, onde seus rebeldes cachos louros foram amaciados e penteados, e suas unhas foram lixadas e polidas; aplicaram até um pouco de maquilagem nos olhos e nos lábios dela, para ensiná-la como fazer isso sozinha. Depois as duas foram buscar o vestido que a sra. Coulter tinha encomendado para Lyra e compraram sapatos de verniz; então chegou a hora de voltar para o

apartamento, verificar as flores e se vestir.

Lyra saiu do quarto radiante com a própria formosura.

— A bolsa a tiracolo não, querida — disse a sra. Coulter.

Lyra tinha o hábito de levar sempre consigo uma bolsinha a tiracolo de couro branco, para ter o aletômetro sempre por perto. A sra. Coulter, ajeitando um buquê de rosas que estava torto dentro do vaso e vendo que Lyra não se mexia, olhou fixamente para a porta do quarto de Lyra.

— Ah, por favor, sra. Coulter, eu adoro esta bolsa!

— Não dentro de casa, Lyra. É absurdo usar uma bolsa a tiracolo em sua própria casa. Guarde isso imediatamente e venha me ajudar a verificar essas taças...

Não foi apenas o tom irritado como também as palavras “na sua própria casa” que fizeram Lyra resistir com teimosia. Pantalaimon voou para o chão e imediatamente virou um arminho, arqueando as costas contra as meias soquetes brancas que sua dona usava. Encorajada, Lyra disse:

— Mas ela não vai atrapalhar. E é a única coisa que eu gosto mesmo de usar. Acho que realmente combina com...

Lyra não terminou a frase, pois o daemon da sra. Coulter saltou do sofá como um raio dourado e prendeu Pantalaimon no tapete antes que ele pudesse escapar. Lyra soltou um grito de susto, depois de medo e dor, enquanto Pantalaimon se contorcia, guinchando e rosnando, sem conseguir se soltar das garras do macaco dourado. Poucos segundos depois, o macaco o havia dominado: tinha uma das patas negras em volta da garganta de Pantalaimon e as duas patas traseiras prendendo as pernas do arminho; o macaco agarrou uma das orelhas de Pantalaimon com a pata livre e começou a puxá-la como se quisesse arrancá-la. Não parecia fazer aquilo com raiva, mas com uma força fria e curiosa que era horrível de ver e ainda pior de sentir.

Lyra soluçava de terror.

— Não! Por favor, pare de nos machucar!

A sra. Coulter ergueu os olhos das flores.

— Então faça o que eu mando.

— Eu prometo!

O macaco dourado largou Pantalaimon, como se de repente tivesse ficado entediado. Pantalaimon disparou na direção de Lyra, que o pegou no colo para acariciá-lo e beijá-lo.

— Agora, Lyra — ordenou a sra. Coulter.

Lyra foi para seu quarto e bateu a porta, mas não demorou nem um instante para a porta se abrir novamente. A sra. Coulter estava parada no batente.

— Lyra, se você se comportar desta maneira grosseira e vulgar, nós vamos brigar, e eu vou vencer. Largue a bolsa imediatamente. Desmanche esta careta desagradável. Nunca mais bata uma porta, na minha presença ou longe dela. Os primeiros convidados vão chegar em poucos minutos e vão achar você simpática, encantadora, inocente, educada, de comportamento impecável. Este é o meu maior desejo, está me entendendo, Lyra?

— Sim, sra. Coulter.

— Então me dê um beijo.

Ela se inclinou e ofereceu o rosto. Lyra teve que ficar na ponta dos pés para beijá-la. Notou a maciez da pele e o cheiro leve e curioso da sra. Coulter: perfumado, mas um pouco metálico. Ela se afastou e colocou a bolsa na penteadeira antes de seguir a sra. Coulter de volta à sala.

— O que está achando das flores, meu bem? — perguntou a sra. Coulter como se nada tivesse acontecido. — Escolher rosas é garantia de não errar, mas o exagero pode ficar feio... Será que o pessoal do bufê trouxe gelo suficiente? Por favor, vá verificar. Bebida quente é *horrível*...

Lyra achou muito fácil fingir estar alegre e ser simpática, embora o tempo todo estivesse consciente da aversão de Pantalaimon e do ódio dele pelo macaco dourado. Em poucos minutos, a campainha da porta soou, e logo a sala estava repleta de senhoras bem vestidas e cavalheiros atraentes ou distintos. Lyra andava entre eles oferecendo canapés ou sorrindo com doçura e dando respostas bonitinhas quando falavam com ela. Ela se sentia o bichinho de estimação de todos os presentes; e no instante em que pensou isso, Pantalaimon estendeu as asas de pintassilgo e piou bem alto.

Ela sentiu a satisfação dele em ter acertado, e ficou um pouco mais retraída.

— E onde você estuda, querida? — perguntou uma dama idosa, examinando Lyra através de um pincenê.

— Não vou para a escola — respondeu Lyra.

— É mesmo? Pensei que sua mãe teria matriculado você na antiga escola dela. Um lugar *bastante* satisfatório...

Lyra ficou sem entender até perceber o engano da velha senhora.

— Ah, ela não é minha mãe! Eu sou só a assistente dela. Sou a secretária — disse, em tom importante.

— Entendo. E quem são seus pais?

Mais uma vez Lyra precisou de um tempo para entender o que ela queria dizer antes de responder:

— Um conde e uma condessa. Os dois morreram em um acidente aeronáutico no norte.

— Que conde?

— O conde Belacqua. Ele era irmão de lorde Asriel.

O daemon da dama, uma espécie de papagaio vermelho, mudou de um pé para o outro, como se estivesse irritado. A velha senhora estava começando a se mostrar curiosa demais, de modo que Lyra sorriu com doçura e seguiu em frente.

Estava passando por um grupo de homens e uma mulher jovem perto do sofá grande quando ouviu a palavra “Pó”. A essa altura, ela já conhecia suficientemente a sociedade para perceber quando homens e mulheres estavam paquerando, e observava o processo com fascínio, embora tivesse ficado mais fascinada pela menção do Pó, por isso ficou por ali para escutar. Os homens pareciam ser catedráticos; pelo modo como a moça os interrogava, Lyra concluiu que ela era uma estudante.

— Quem descobriu foi um moscovita, um homem chamado Rusakov — dizia um homem de meia-idade enquanto a moça o ouvia com admiração. — Se já souber dessas coisas, me avise. Bom, elas costumam ser chamadas de Partículas de Rusakov, por causa dele. Partículas elementares que não interagem com outras de maneira alguma. Muito difíceis de serem detectadas. Mas o extraordinário é que parece que elas são atraídas pelos seres humanos.

— É mesmo? — disse a jovem, arregalando os olhos.

— Ainda mais extraordinário: por alguns seres humanos mais que por outros. Os adultos as atraem, mas as crianças não. Pelo menos não muito, e mesmo assim só depois da adolescência. Aliás, foi exatamente por isso... — Ele baixou a voz e chegou mais perto da moça, colocando a mão no ombro dela. — Foi exatamente por isso que o Conselho de Oblação foi criado. Aliás, como a nossa boa anfitriã poderia lhe contar.

— Sêrio? Ela está envolvida com o Conselho de Oblação?

— Minha cara, ela é o próprio Conselho de Oblação. O projeto é inteiramente dela...

O homem ia contar mais alguma coisa quando reparou em Lyra. Ela o encarou sem receio, e talvez ele tivesse bebido um pouco demais, ou talvez estivesse ansioso para impressionar a moça, pois disse:

— Esta senhorita sabe tudo sobre isso, aposto. Você está a salvo do Conselho de Oblação, não está, minha cara?

— Ah, sim — disse Lyra. — Aqui estou a salvo de todo mundo. Onde eu morava, em Oxford, havia todo tipo de coisas perigosas. Havia os gípcios, que roubam crianças e vendem como escravas para os turcos. E em Port Meadow, na lua cheia, há um lobisomem que mora no velho convento em Godstow. Uma vez eu escutei o uivo dele. E também os Papões...

— É disso que estou falando — interrompeu o homem. — É assim que as pessoas chamam o Conselho de Oblação, não é?

Lyra sentiu Pantalaimon estremecer de repente, mas ele estava se comportando bem. Os daemons dos dois adultos, uma gata e uma borboleta, pareciam não ter notado.

— Papões? — repetiu a moça. — Que nome estranho! Por que chamam de Papões?

Lyra estava prestes a contar a ela uma das histórias de arrepiar os cabelos que ela havia inventado para assustar os garotos de Oxford, mas o homem já estava respondendo.

— Deve ter sido por causa da lenda de um bicho devorador de crianças. Ninguém sabe direito, nem o próprio Conselho de Oblação... Essa é uma ideia bem antiga, aliás. Na Idade Média, os pais davam os filhos para a Igreja, para serem monges ou freiras. E as pobres crianças eram conhecidas

como oblatos. Significa um sacrifício, uma oferta, algo assim. De modo que essa ideia foi aproveitada quando estavam pesquisando esse tal Pó... como nossa amiguinha provavelmente sabe. Por que não vai conversar com lorde Boreal? — acrescentou, falando diretamente com Lyra. — Tenho certeza de que ele gostaria de conhecer a protegida da sra. Coulter... É aquele ali, o homem de cabelos grisalhos e um daemon na forma de serpente.

Lyra sabia que ele queria se livrar dela para conversar mais tranquilamente com a jovem. Mas a moça, ao que parecia, ainda estava interessada em Lyra e se afastou do homem para conversar com ela.

— Espere um instante... qual é o seu nome?

— Lyra.

— Eu sou Adèle Starminster. Sou jornalista. Podemos conversar um pouco?

Achando muito natural que as pessoas quisessem conversar com ela, Lyra disse simplesmente:

— Sim.

O daemon-borboleta se ergueu no ar, voejando para a esquerda e para a direita, e baixou um pouco para cochichar alguma coisa, e Adèle Starminster disse:

— Vamos até o banco da janela.

Era o lugar favorito de Lyra; dali podia ver o rio, e àquela hora da noite as luzes da margem oposta brilhavam acima de seus reflexos na água escura da maré alta. Uma fila de balsas subia o rio, puxada por um rebocador. Adèle Starminster se sentou e deslizou pela almofada para deixar um lugar para Lyra.

— O professor Docker disse que você tem uma ligação com a sra. Coulter.

— É verdade.

— Que ligação? Você é filha dela ou algo assim? Acho que eu deveria conhecer...

— Não! Claro que não. Sou a secretária dela — esclareceu Lyra.

— Secretária? Você é um pouco novinha para isso, não é? Pensei que fosse da família ou algo assim. Como ela é?

— É muito inteligente — disse Lyra.

Antes daquela noite, ela teria dito muito mais, porém as coisas estavam mudando.

— Sim, mas pessoalmente — insistiu Adèle Starminster. — Quero dizer, ela é amigável, ou impaciente, ou o quê? Você mora aqui com ela? Como ela é na vida particular?

— É muito boazinha — disse Lyra, inabalável.

— Que tipo de coisas você faz? Como é o seu trabalho?

— Faço cálculos, coisas assim. Para navegação, por exemplo.

— Ah, entendo... E de onde você vem? Como é mesmo o seu nome?

— Lyra. Venho de Oxford.

— Por que a sra. Coulter escolheu você para...

De repente ela emudeceu, porque a própria sra. Coulter tinha aparecido ao lado dela. Pelo modo como Adèle Starminster olhou para ela, e pela agitação da borboleta esvoaçando em volta da cabeça da jornalista, Lyra entendeu que a jovem não tinha sido convidada para a festa.

— Não sei o seu nome, mas vou descobrir dentro de cinco minutos, e então você nunca mais vai trabalhar como jornalista neste país — disse a sra. Coulter em voz baixa. — Agora levante-se com muita calma, sem fazer cena, e vá embora. Devo acrescentar que quem quer que tenha trazido você aqui também vai sofrer as consequências.

A sra. Coulter parecia estar carregada de alguma espécie de força ambárica. Chegava a ter um cheiro diferente: um cheiro quente, como metal aquecido, saía de seu corpo. Lyra sentira um pouco dele mais cedo, mas agora ela o via dirigido a outra pessoa, e a pobre Adèle Starminster não teve forças para resistir. Seu daemon caiu em seu ombro e bateu duas vezes as lindas asas antes de desmaiar, e a própria mulher parecia incapaz de ficar de pé. Com passos cambaleantes e as costas ligeiramente curvadas, ela passou pelos convidados que conversavam ruidosamente e saiu pela porta da sala. Com uma das mãos agarrada ao ombro, ela amparava o daemon desfalecido.

— Então? — perguntou a sra. Coulter.

— Não contei nada de importante.

— O que ela estava perguntando?

— Só o que eu faço e quem eu sou, coisas assim.

Enquanto falava, Lyra percebeu que a sra. Coulter estava sozinha, sem seu daemon. Como podia ser isso? Mas, no momento seguinte, o macaco dourado apareceu ao lado dela e, inclinando-se, ela pegou a mão dele e em um gesto gracioso o puxou para seu ombro. No mesmo instante, ela pareceu se acalmar.

— Se encontrar qualquer pessoa que obviamente não foi convidada, querida, por favor me procure e me avise, está bem?

O cheiro quente de metal estava desaparecendo. Talvez Lyra tivesse apenas imaginado aquilo. Ela sentia novamente o perfume da sra. Coulter, e as rosas, e a fumaça da cigarrilha, e o perfume das outras mulheres. A sra. Coulter deu a Lyra um sorriso que parecia dizer “Você entendeu, não é?”, e se afastou para conversar com os convidados.

Pantalaimon cochichou no ouvido de Lyra:

— Enquanto ela estava aqui, o daemon dela estava saindo do nosso quarto. Andou espionando por lá. Ele sabe do aletômetro!

Lyra sentiu que isso provavelmente era verdade, mas nada podia fazer a respeito. O que aquele catedrático estava dizendo sobre os Papões? Olhou em volta à procura dele, mas, no mesmo instante em que o avistou, o porteiro (usando naquela noite um traje de criado) e outro homem tocaram no ombro do professor e falaram com ele em voz baixa; ele empalideceu e os seguiu para fora da sala. Aquilo não levou mais que dois segundos, e foi feito de forma tão discreta que quase ninguém percebeu. Mas deixou Lyra aflita e se sentindo exposta.

Ela ficou andando pelas duas amplas salas onde a festa estava acontecendo, mal ouvindo as conversas à sua volta, meio interessada no sabor dos coquetéis que não tinha permissão de experimentar, e cada vez mais preocupada. Não havia percebido que alguém a estava observando até que o porteiro surgiu ao seu lado e se inclinou para dizer:

— Srta. Lyra, o cavalheiro perto da lareira gostaria de conversar com você. Se não sabe, ele é lorde Boreal.

Lyra olhou para o outro lado da sala. O homem grisalho de aparência poderosa olhava diretamente para ela; quando os olhares se encontraram, ele assentiu e a chamou com um gesto.

De má vontade, mas agora bastante interessada, ela atravessou a sala.

— Boa noite, menina — disse ele. Sua voz era suave e cheia de autoridade. A cabeça escamosa e os olhos cor de esmeralda do seu daemon cintilavam à luz da luminária de cristal na parede próxima.

— Boa noite — respondeu Lyra.

— Como vai meu velho amigo, o reitor da Jordan?

— Muito bem, obrigada.

— Imagino que todos tenham ficado tristes quando você partiu.

— Ficaram, sim.

— E a sra. Coulter está mantendo você ocupada? O que ela está lhe ensinando?

Por estar se sentindo revoltada e inquieta, Lyra não respondeu a esta pergunta paternalista com a verdade, ou com um dos costumeiros produtos da sua imaginação, dizendo apenas:

— Estou aprendendo tudo sobre as Partículas de Rusakov e sobre o Conselho de Oblação.

Ele imediatamente pareceu se concentrar, como se fosse o facho de uma lanterna ambárica. Toda a atenção dele jorrava sobre ela com força.

— E se você me contar o que sabe? — disse ele.

— Estão fazendo experiências no norte — contou Lyra. Agora estava se sentindo ousada. — Como o dr. Grumman.

— Continue.

— Eles têm uma espécie de fotograma especial onde se pode ver o Pó, e quando a gente vê um homem, parece que a luz toda está indo para ele, e nenhuma para uma criança. Pelo menos, não muita.

— A sra. Coulter lhe mostrou um fotograma assim?

Lyra hesitou, pois isso não era mentir, e sim outra coisa em que ela não tinha prática.

— Não — respondeu, depois de um instante. — Eu vi na Faculdade Jordan.

— Quem foi que lhe mostrou?

— Ele não estava mostrando para *mim* — admitiu Lyra. — Eu estava passando e vi por acaso. E então meu amigo Roger foi levado pelo Conselho

de Oblação. Mas...

— Quem lhe mostrou o fotograma?

— Tio Asriel.

— Quando?

— Na última vez que ele esteve na faculdade.

— Entendo. E que mais você andou aprendendo? Será que ouvi você mencionar o Conselho de Oblação?

— Foi, sim. Mas não ouvi isso dele, ouvi aqui.

O que é a pura verdade, ela pensou.

Ele a estudava com os olhos semicerrados. Ela retribuiu o olhar com toda a inocência que possuía. Por fim, o homem assentiu.

— Então a sra. Coulter deve ter resolvido que você está pronta para ajudá-la nesse trabalho. Interessante. Você já faz parte?

— Não — disse Lyra.

Do que ele está falando? Pantalaimon, com esperteza, tinha assumido sua forma mais inexpressiva, uma mariposa, e não poderia delatar os sentimentos dela; e Lyra estava certa de que conseguiria manter a expressão inocente.

— Ela lhe contou o que acontece com as crianças?

— Não, isso ela não me contou. Eu só sei que tem a ver com o Pó, e elas são uma espécie de sacrifício.

Isso também não é bem uma mentira, ela pensou; afinal, não tinha dito que a sra. Coulter lhe contara isso.

— “Sacrifício” é uma palavra meio forte. O que é feito é para o bem delas, assim como para o nosso. E é claro que todas acompanham a sra. Coulter por vontade própria. É por isso que ela é tão preciosa. Elas têm que querer fazer parte, e que criança poderia resistir a seus encantos? E se ela vai usar você também para ajudar a trazê-las, melhor ainda. Estou muito contente.

Ele deu um sorriso como o da sra. Coulter: como se ambos compartilhassem um segredo. Ela sorriu de volta educadamente, e ele se virou para conversar com outra pessoa.

Ela e Pantalaimon podiam sentir o horror um do outro. Ela queria ficar sozinha e conversar com ele; tinha vontade de ir embora; queria voltar para a Jordan e para seu quartinho humilde na Escadaria Doze; queria encontrar

lorde Asriel...

E como em resposta a esse desejo, ela ouviu o nome dele ser mencionado, e com o pretexto de se servir de um canapé em uma bandeja, se aproximou do grupo que conversava ali perto. Um homem usando o tom roxo dos bispos estava dizendo:

— ... Não, eu não acho que lorde Asriel vai nos incomodar por bastante tempo.

— E onde mesmo ele está preso?

— Na fortaleza de Svalbard, ouvi dizer. Vigiado pelos panserbjornes, sabem, os ursos de armadura. Criaturas formidáveis! Ele não vai conseguir escapar nem em mil anos. O fato é que eu realmente acho que nosso caminho está bem claro...

— As últimas experiências confirmaram o que eu sempre acreditei: que o Pó é uma emanção do próprio princípio das trevas e...

— Será que estou detectando a heresia zoroastriana?

— O que *costumava* ser uma heresia...

— E se pudéssemos isolar o princípio das trevas...

— Você disse Svalbard?

— Ursos de armadura...

— O Conselho de Oblação...

— As crianças não sofrem, tenho certeza...

— Lorde Asriel feito prisioneiro...

Lyra tinha ouvido o suficiente. Ela se virou e, silenciosa como Pantalaimon na forma de mariposa, foi para o seu quarto e fechou a porta, abafando o barulho da festa.

— E então? — cochichou, e Pantalaimon se tornou um pintassilgo no ombro dela.

— Vamos fugir? — perguntou ele.

— Claro. Se formos agora, com toda essa gente, ela vai demorar a perceber.

— Mas *ele* vai perceber.

Pantalaimon estava falando do daemon da sra. Coulter. Quando Lyra pensava naquela figura dourada e esguia, sentia náuseas de medo.

— Desta vez vou lutar — afirmou Pantalaimon corajosamente. — Eu posso mudar, e ele não pode; vou mudar tão depressa que ele não vai conseguir me segurar. Desta vez eu vou vencer, você vai ver.

Lyra concordou distraidamente. Que roupa deveria vestir? Como poderia sair sem ser vista?

— Você vai ter que ir espiar — cochichou. — Assim que o caminho estiver livre, vamos ter que correr. Fique na forma de mariposa. Não esqueça: quando ninguém estiver olhando...

Ela abriu uma fresta da porta, e ele saiu, um pontinho escuro contra a luz quente e rósea do corredor.

Enquanto isso, ela vestia as roupas mais quentes que possuía e enfiava mais algumas em uma das bolsas de seda carbonífera comprada na loja elegante que elas haviam visitado naquela mesma tarde. A sra. Coulter tinha lhe dado dinheiro como se, em vez de moedas, fossem bombons, e, embora Lyra tivesse gastado muito, ainda sobraram várias moedas, que ela colocou no bolso do seu casaco escuro de pele de lobo.

Por fim, ela guardou o aletômetro dentro do pedaço de veludo preto. Teria aquele macaco abominável encontrado o instrumento? Certamente que sim; com certeza tinha contado à sra. Coulter; ah, se o tivesse escondido melhor...

Foi na ponta dos pés até a porta. Por sorte seu quarto dava para o final do corredor mais perto da entrada, e a maioria dos convidados estava nas duas salas mais distantes. Havia o burburinho de vozes conversando em voz alta, risos, o ruído abafado de uma descarga, o tilintar de copos; e então uma vozinha de mariposa disse em seu ouvido:

— Agora! Depressa!

Ela se esgueirou pela porta e saiu para a entrada, e em menos de três segundos estava abrindo a porta da frente do apartamento. Um instante depois já passara por ela, fechando-a atrás de si, e, com Pantalaimon novamente como pintassilgo, ela correu para as escadas e fugiu dali.

6. AS TARRAFAS

Ela caminhou depressa, se afastando do rio, porque a calçada ao longo da margem era larga e bem iluminada. Havia uma confusão de ruelas entre aquele lugar e o Régio Instituto do Polo Ártico, que era o único lugar que Lyra tinha certeza de conseguir localizar, e foi nesse labirinto escuro que ela penetrou.

Se ao menos conhecesse Londres tão bem quanto conhecia Oxford! Então saberia as ruas a serem evitadas, ou onde conseguiria comida, ou, melhor ainda, em que porta bater para conseguir abrigo. Naquela noite fria, os becos escuros à sua volta estavam repletos de movimento e segredos, dos quais ela nada sabia.

Pantalaimon virou um gato-do-mato, passando a examinar a escuridão com seus olhos que enxergavam no escuro. De tempos em tempos, ele parava, ficava arrepiado, e ela desviava da ruela em que estava prestes a entrar. A noite era cheia de ruídos; gargalhadas de bêbados, vozes estridentes se elevando em uma canção, estalidos e rangidos vindos de alguma máquina mal-lubrificada em um porão qualquer. Lyra caminhava cuidadosamente em meio a isso tudo, mantendo-se nas sombras e nos becos estreitos, seus sentidos aumentados e misturados com os de Pantalaimon.

De vez em quando, ela precisava atravessar uma rua mais larga, bem iluminada, onde os bondes zumbiam e faiscavam sob os fios ambáricos. Havia regras para atravessar as ruas londrinas, mas ela não dava atenção a isso, e quando alguém gritava, ela fugia.

Era ótimo estar livre outra vez! Ela sabia que Pantalaimon, caminhando com seus passinhos de gato-do-mato a seu lado, sentia a mesma alegria por estar ao ar livre, mesmo no poluído e barulhento ar londrino, carregado de fumaça e fuligem. Eles logo teriam que refletir sobre o que tinham ouvido no apartamento da sra. Coulter, mas ainda não era o momento. Logo teriam que

encontrar um lugar para dormir.

Em uma esquina onde havia uma grande loja de departamentos, com vitrines cujo brilho se refletia na calçada molhada, havia também uma banca de café: uma barraquinha sobre rodas com um balcão sob a janela de madeira que se abria para cima e virava um toldo. Lá dentro brilhava uma luz amarela, e o cheiro do café se espalhava pelo ar. O proprietário, de jaleco branco, estava debruçado sobre o balcão, conversando com dois ou três fregueses.

Aquilo era tentador; Lyra estava andando havia uma hora, e a noite estava fria e úmida. Com Pantalaimon transformado em pardal, ela foi até o balcão e ficou na ponta dos pés para chamar a atenção do proprietário.

— Um café e um sanduíche de presunto — pediu.

— Está meio tarde para você estar na rua, minha cara — disse um cavalheiro de cartola e cachecol branco de seda.

— É — disse ela, virando de costas para observar o movimentado cruzamento.

Em um teatro ali perto, o espetáculo terminara e grupos de pessoas ocupavam a calçada iluminada, chamando os táxis aos gritos, vestindo os sobretudos. Na outra direção ficava a entrada de uma Estação de Trem Ctônico, com muita gente subindo e descendo a escada.

— Pronto, meu bem — disse o dono da barraca. — São dois xelins.

— Deixe que eu pago — ofereceu o homem de cartola.

Lyra pensou: *Por que não? Consigo correr mais depressa que ele, e mais tarde posso precisar de todo o meu dinheiro.* O homem de cartola jogou uma moeda no balcão e sorriu para ela. Seu daemon era uma lêmure; agarrada à lapela dele, encarava Lyra com seus olhos esbugalhados.

Lyra mordeu o sanduíche, com os olhos voltados para o movimento da rua. Não tinha ideia de onde estava, porque nunca havia visto um mapa de Londres nem sequer sabia o tamanho da cidade e se teria que caminhar muito para chegar ao campo.

— Qual é o seu nome? — perguntou o homem.

— Alice.

— Que lindo nome. Deixe-me colocar uma gotinha disso no seu café... Para esquentar...

Ele estava tirando a tampa de um frasco de prata.

— Não gosto — protestou ela. — Gosto só de café.

— Aposto que nunca tomou conhaque assim antes.

— Tomei, sim. Vomitei tudo. Tomei uma garrafa inteira, ou quase.

— Como quiser — disse o homem, colocando o conhaque em seu próprio café. — Aonde está indo sozinha?

— Vou me encontrar com meu pai.

— E quem é ele?

— Um assassino.

— Ele é o quê?

— Já disse, um assassino. É a profissão dele. Está fazendo um trabalho esta noite. Estou trazendo roupas limpas para ele, porque em geral ele fica coberto de sangue no final de um trabalho.

— Ah! É uma piada.

— Não é, não.

A lêmure soltou um miado baixo e passou para trás da cabeça do homem, de onde ficou espiando Lyra. Sem se perturbar, a menina bebeu o café e comeu o resto do sanduíche.

— Boa noite — disse, por fim. — Estou vendo papai chegando. Ele parece meio zangado.

O homem de cartola olhou em volta, e Lyra partiu na direção da multidão em frente ao teatro. Por mais que tivesse vontade de conhecer o Trem Ctônico (que a sra. Coulter tinha dito que não era para pessoas de sua classe social), ela estava com medo de ficar presa debaixo da terra; melhor ficar ao ar livre, onde poderia correr se precisasse.

Prosseguiu em sua caminhada pelas ruas cada vez mais escuras e desertas. Estava garoando, mas, mesmo se não houvesse nuvens no céu da cidade, as luzes não iam deixá-la ver as estrelas. Pantalaimon achava que estavam indo para o norte, mas quem poderia ter certeza?

Ruas infindáveis, de casinhas de tijolos idênticas, com quintais onde só cabia uma lata de lixo; grandes e soturnas fábricas atrás de cercas de arame, com uma única luz ambárica no alto de um muro e um vigia noturno cochilando junto ao braseiro; de vez em quando um oratório desolado, que só

se diferenciava de um armazém pelo crucifixo na fachada. Ela experimentou a porta de um deles, e ouviu um gemido vindo de um banco a um metro dela, na escuridão. Percebeu que o pórtico do oratório estava repleto de vultos adormecidos, e fugiu.

— Onde é que vamos dormir, Pan? — perguntou ela, enquanto desciam uma rua cheia de lojas fechadas.

— Em uma soleira qualquer.

— Mas não quero que me vejam, e elas são tão abertas...

— Há um canal ali embaixo...

Ele estava olhando para uma rua lateral à esquerda. Realmente, um brilho escuro denunciava a presença de água, e quando os dois foram cautelosamente até lá, encontraram um porto na margem de um canal onde cerca de uma dúzia de balsas estavam amarradas aos ancoradouros, algumas altas na água, outras mais afundadas sob o peso da carga, próximas aos guindastes que mais pareciam forcas. Uma luz fraca brilhava na janela de uma cabana de madeira, e um fio de fumaça subia da chaminé de metal; fora isso, as únicas luzes ficavam no alto — na parede de um armazém ou na cabine de um guindaste —, deixando as partes mais baixas na escuridão. Nos ancoradouros, havia pilhas de barris com carvão, montões de grandes troncos, rolos de cabos cobertos de borracha.

Lyra foi na ponta dos pés até a cabana e olhou pela janela. Um velho estava lendo com dificuldade um jornal com história em quadrinhos e fumando um cachimbo, com seu daemon — na forma de um cão — dormindo enrodilhado na mesa. Enquanto Lyra espiava, o homem se levantou, pegou no fogão de ferro uma chaleira escurecida e serviu um pouco de água em uma caneca rachada antes de tornar a se acomodar com o jornal.

— Será que devemos pedir para ele nos deixar entrar, Pan? — sussurrou ela.

Mas ele estava ocupado, se transformando em morcego, depois em coruja, depois novamente em gato-do-mato; ela olhou em volta, sentindo o pânico dele, e então os viu ao mesmo tempo que seu daemon: dois homens correndo na direção dela, o mais próximo segurando uma tarrafa.

Pantalaimon soltou um grito agudo antes de se transformar em leopardo e

pular sobre a raposa de aparência feroz que era o daemon do homem com a tarrafa, jogando-a para trás, de modo que a raposa trombou contra as pernas do homem. O homem xingou e se desviou para o lado, e Lyra passou correndo por ele, na direção da área aberta do ancoradouro; ela sabia que não podia ficar encurralada.

Pantalaimon, agora uma águia, mergulhou sobre ela e gritou:

— Para a esquerda! Para a esquerda!

Ela se desviou para aquele lado e viu um espaço estreito entre os barris de carvão e o final de um barracão de chapas de ferro, e disparou para lá.

Mas aquelas tarrafas!

Ela ouviu um assobio no ar, e alguma coisa caiu sobre ela, açoitando-a dolorosamente no rosto, e cordões imundos de piche ficaram enrolados na sua cabeça, nos seus braços, nas suas mãos, prendendo-a; Lyra caiu no chão, rosnando e lutando em vão.

— Pan! Pan!

Mas o daemon-raposa atacou o Pantalaimon-gato, e Lyra sentiu a dor em sua própria carne, e soltou um grito alto e soluçante quando ele caiu. Um homem começou a enrolar a rede em volta das pernas dela, da garganta, do corpo, da cabeça, rolando-a de um lado para outro no chão. Ela estava indefesa, exatamente como uma mosca sendo enrolada pela teia de uma aranha. O pobre Pan estava se arrastando em sua direção, com o daemon-raposa atacando suas costas, e não tinha forças nem para mudar de forma; e o outro homem estava deitado em uma poça, com uma flecha atravessada no pescoço...

O mundo inteiro ficou imóvel quando o homem que a enrolava na rede também o viu.

Pantalaimon conseguiu ficar sentado e pestanejou, e então houve um ruído baixo e seco, e o homem da tarrafa caiu, engasgado e ofegante, bem em cima de Lyra, que gritou de horror: havia *sangue* jorrando dele!

A menina ouviu o som de passos apressados e sentiu alguém arrastando o homem para longe dela; então outras mãos colocaram Lyra sentada, uma faca brilhou, e os fios da tarrafa caíram um por um. Quando conseguiu se soltar, arfando, ela se ajoelhou junto a Pantalaimon.

Nessa posição, ela virou a cabeça para olhar os recém-chegados. Três homens morenos, um deles armado com um arco, os outros com facas; quando a viu, o arqueiro levou um susto.

— Lyra? É você?

A voz era familiar, mas ela não a reconheceu até que ele avançou um passo, e a luz de um poste próximo mostrou seu rosto e o daemon-falcão no ombro dele. Então ela o reconheceu: um gípcio! Um gípcio de Oxford!

— Sou Tony Costa — explicou ele. — Lembra? Você brincava com meu irmãozinho Billy nos barcos em Jericó, antes de os Papões pegarem ele.

— Ah, meu Deus, Pan, estamos salvos! — soluçou ela.

Mas então um pensamento lhe veio à cabeça: tinha sido dos Costa o barco que ela roubara; e se ele lembrasse?

— É melhor vir com a gente — disse ele. — Está sozinha?

— Estou. Eu fugi...

— Tá bem, não fale agora. Fique quieta. Jaxer, leve os corpos para um lugar escuro. Kerim, fique de olho.

Lyra se levantou, Pantalaimon na forma de gato-do-mato em seu colo. Ele tentava girar o corpo para ver alguma coisa; ela seguiu o olhar dele, compreendendo, e de repente curiosa também: o que tinha acontecido com os daemons dos mortos? Eles estavam esmaecendo, essa era a resposta; se apagando e se dispersando no ar como fumaça, embora se esforçassem para ficar agarrados aos donos. Pantalaimon desviou o olhar, e Lyra correu às cegas atrás de Tony Costa.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Quieta, garota. Já temos problemas suficientes. Vamos conversar no barco.

Ele a levou por uma pontezinha de madeira para o coração do porto. Os outros dois homens os acompanhavam silenciosamente. Tony seguiu ao longo da beira do cais até um píer de madeira; subiu para um barco estreito e abriu a porta da cabine.

— Entre, depressa — instruiu.

Lyra obedeceu, apalpando a bolsa (que não soltara nem uma vez, mesmo presa na rede) para ter certeza de que o aletíômetro ainda estava lá. Na cabine

comprida e estreita, à luz de uma lamparina presa em um gancho, ela viu uma mulher forte e corpulenta, de cabelos grisalhos, sentada a uma mesa com um jornal. Lyra reconheceu a mãe de Billy.

— Quem é esta? — quis saber a mulher. — Ora, é a Lyra?

— Ela mesma. Mamãe, temos que sair daqui. Matamos dois homens lá no porto. Pensamos que eram Papões, mas acho que eram mercadores turcos. Tinham agarrado a Lyra. Vamos deixar a conversa para depois, quando estivermos em movimento.

— Venha cá, criança — chamou Mãe Costa.

Lyra obedeceu, meio feliz, meio apreensiva, pois Mãe Costa tinha mãos como porretes, e agora ela tinha certeza: fora mesmo o barco deles que ela capturara com Roger e outros moleques das faculdades. Mas a mulher colocou as mãos de cada lado do rosto de Lyra, e seu daemon — um enorme gavião de olhos amarelos — deu uma bicadinha carinhosa na cabeça de gato-do-mato de Pantalaimon. Então Mãe Costa abraçou Lyra com seus braços enormes e a apertou contra os seios.

— Não sei o que você está fazendo aqui, mas parece bem cansada. Pode usar a cama do Billy depois que eu lhe der alguma coisa quente para beber. Sente-se aqui, criança.

Parecia que o ato de pirataria tinha sido perdoado, ou pelo menos esquecido. Lyra deslizou pela almofada do banco atrás de uma mesa de tampo de pinho enquanto o ronco baixo do motor a gasolina sacudia o barco.

— Aonde vamos? — perguntou Lyra.

Mãe Costa estava colocando uma leiteira sobre o fogão de ferro e cutucando por entre a grade para avivar o fogo.

— Para longe daqui. Não fale agora. Vamos conversar pela manhã.

E não disse mais nada; entregou uma xícara de leite quente a Lyra e subiu para o convés quando o barco se pôs em movimento, trocando cochichos com os homens de vez em quando. Lyra bebeu o leite devagar e ergueu uma ponta da cortina para observar os ancoradouros escuros que passavam pela janela. Minutos depois estava dormindo profundamente.

Despertou em uma cama estreita com o reconfortante ronco do motor soando de algum lugar embaixo dali. Ela se sentou, bateu com a cabeça, soltou um palavrão, tateou em volta e se levantou com mais cuidado. Uma luz cinzenta permitia ver três outras camas, todas vazias e arrumadas, uma abaixo da dela e as outras duas do outro lado da minúscula cabine. Ela percebeu que estava usando apenas as roupas de baixo, e viu o vestido e o casaco de pele de lobo dobrados na ponta da cama, junto com a bolsa. O aletômetro ainda estava lá.

Vestiu-se depressa e saiu pela porta do cômodo, indo para a cozinha do barco, onde estava mais quente por causa do fogão. Não havia ninguém ali. Pelas janelas, ela viu um lençol de neblina espessa, com formas escuras que poderiam ser prédios ou árvores.

Antes que pudesse subir para o convés, a porta se abriu, e Mãe Costa desceu, enrolada em um velho casaco de lã escocesa, sobre o qual a umidade tinha formado milhares de pequenas pérolas.

— Dormiu bem? — perguntou, pegando uma frigideira. — Agora vá se sentar fora do meu caminho e vou preparar seu café da manhã. Não fique aí parada; isso aqui é muito apertado.

— Onde estamos? — perguntou Lyra.

— No canal Grand Junction. Fique escondida, criança. Não quero ver você lá fora. Temos problemas.

Ela colocou duas fatias de bacon e um ovo na frigideira.

— Que tipo de problema?

— Nada que a gente não consiga resolver, se você ficar escondida.

E não quis dizer mais nada até Lyra ter acabado de comer. Em certo momento, o barco diminuiu a velocidade e alguma coisa bateu na lateral dele, e ela ouviu vozes masculinas irritadas; então uma piada fez com que rissem, as vozes se afastaram e o barco retomou seu caminho.

Dali a pouco Tony Costa desceu para a cabine. Como a mãe, ele tinha pérolas de umidade na roupa e sacudiu a touca de lã sobre o fogão para fazer as gotas saltarem sobre a chapa quente.

— O que vamos dizer a ela, mãe?

— Perguntar primeiro, contar depois.

Ele serviu café em uma caneca de latão e se sentou. Era um homem forte e

sério, e à luz do dia Lyra viu em seu rosto uma expressão de tristeza.

— Certo — concordou ele. — Agora você vai nos contar o que fazia em Londres, Lyra. Pensávamos que tinha sido levada pelos Papões.

— Eu estava morando com uma moça, então...

Com dificuldade Lyra juntou e preparou sua história, como se estivesse preparando um baralho para uma partida. Contou tudo a eles, menos sobre o aletômetro.

— E então ontem à noite na tal festa eu descobri o que eles faziam mesmo. A sra. Coulter faz parte dos Papões, e ia me usar para ajudar a pegar mais crianças. E o jeito de fazer isso é...

Mãe Costa saiu da cabine e foi para o convés. Tony esperou até que ela fechasse a porta e disse:

— Sabemos o que eles fazem. Pelo menos em parte. Sabemos que elas não voltam. As crianças são levadas para o norte, bem longe daqui, e eles fazem experiências com elas. A princípio, a gente achava que testavam remédios para diversas doenças, mas não há motivo para começar isso de repente, há dois ou três anos. Então ficamos achando que eram os tártaros, talvez algum acordo secreto que estivessem fazendo lá pela Sibéria; porque os tártaros querem ir para o norte tanto quanto o resto, por causa do carvão e das minas de fogo, e os boatos de guerra começaram antes dos Papões. E achamos que os Papões estivessem usando as crianças para subornar os chefes tártaros, porque os tártaros comem crianças, não é? Assam e comem.

— Mentira!

— Comem, sim. Têm muitas outras coisas para contar. Você já ouviu falar nos nälkäinens?

— Não, nunca. Nem pela sra. Coulter. Quem são eles?

— Um tipo de fantasma que existe naquelas florestas. São do tamanho de uma criança, mas não têm cabeça. À noite, eles se guiam pelo tato, e se a pessoa está dormindo na floresta eles pegam e não soltam por nada neste mundo. Essa palavra, nälkäinen, vem do norte. E os sugadores de vento também são perigosos. Ficam deslizando pelo ar. Às vezes a gente encontra um monte deles boiando, ou presos nos galhos. Assim que eles tocam na pessoa, ela perde toda a força. A gente não consegue ver esses fantasmas, só

uma espécie de ondulação no ar. E os sem-ar...

— Quem são eles?

— São guerreiros mortos-vivos. Estar vivo é uma coisa, estar morto é outra, mas ser um morto-vivo é pior que tudo. Eles não conseguem morrer e não podem mais viver. Ficam vagando para sempre. São chamados de sem-ar por causa do que fizeram com eles.

— O quê? — perguntou Lyra de olhos arregalados.

— Os tártaros do norte abrem as costelas deles e tiram os pulmões. Fazer isso é uma arte; os guerreiros não morrem, mas seus pulmões só trabalham quando seus daemons os bombeiam manualmente, de modo que o resultado é que estão sempre no meio do caminho entre respirar e não respirar, entre a vida e a morte. São mortos-vivos, entende? E os daemons deles têm que bombear dia e noite, para não morrerem junto com os guerreiros. Dizem que às vezes na floresta a gente encontra um pelotão inteiro de sem-ar. E existem também os panserbjornes, já ouviu falar? Significa ursos de armadura. São como ursos-polares, só que...

— Já ouvi falar deles! Ontem à noite um dos homens disse que o meu tio, o lorde Asriel, está preso em uma fortaleza vigiada pelos ursos de armadura.

— É mesmo? E o que seu tio estava fazendo por lá?

— Explorando. Mas pelo jeito que o homem estava falando, acho que meu tio não está do lado dos Papões. Acho que estavam felizes por ele estar preso.

— Bom, ele não vai conseguir fugir se os ursos de armadura estiverem vigiando. São mercenários, sabe o que isso quer dizer? Vendem sua força de trabalho para quem pagar mais. Têm mãos como os homens, e há muito tempo aprenderam o segredo de trabalhar o ferro, principalmente o ferro meteórico, e fazem grandes folhas e chapas para se cobrirem. Há séculos eles atacam os esraelingues. São assassinos ferozes, brutalmente impiedosos. Mas são honrados. Quem faz um acordo com um panserbjorne pode confiar.

Lyra pensou nesses horrores com temor.

— Mamãe não gosta de ouvir falar no norte — acrescentou Tony depois de alguns minutos. — Por causa do que pode ter acontecido com o Billy. Sabemos que eles levaram o Billy para o norte, entende?

— Como tem certeza?

— Pegamos um dos Papões e o obrigamos a falar. Foi assim que soubemos um pouco sobre o que eles fazem. Aqueles dois ontem à noite não eram Papões; eram desajeitados demais. Se fossem Papões, a gente ia pegar eles vivos. Sabe, nós, o povo gípcio, nós fomos os mais atingidos por esses Papões, e estamos nos juntando para resolver o que vamos fazer. Era o que a gente estava fazendo naquele porto essa noite, abastecendo, porque vamos fazer uma grande reunião nos Pântanos, o que a gente chama de Encontro. E o que eu acho é que vamos mandar um grupo de resgate, depois que ouvirmos o que os outros gípcios sabem, depois que juntarmos nosso conhecimento. É o que eu faria, se fosse o John Faa.

— Quem é John Faa?

— O rei dos gípcios.

— E vocês vão mesmo salvar as crianças? E quanto ao Roger?

— Quem é Roger?

— O ajudante da cozinha da Faculdade Jordan. Ele foi levado no mesmo dia que o Billy, na véspera de eu vir embora com a sra. Coulter. Aposto que se eu fosse presa ele ia me salvar. Se vocês vão salvar o Billy, eu quero ir também e salvar o Roger.

E o tio Asriel também, ela pensou, mas não falou sobre isso.

7. JOHN FAA

Agora que tinha uma missão pela frente, Lyra se sentia muito melhor. Ajudar a sra. Coulter tinha sido bom, mas Pantalaimon tinha razão: ela não estava trabalhando de verdade, era apenas um bichinho de estimação. No barco gípcio, havia trabalho de verdade a fazer, e Mãe Costa fazia com que ela trabalhasse: Lyra limpava e varria, descascava batatas e fazia chá, lubrificava os rolamentos do eixo da hélice, mantinha limpa a grade protetora da hélice, lavava pratos, abria comportas, amarrava o barco nos trapiches, e em poucos dias estava tão à vontade nessa nova vida como se tivesse nascido gípcia.

O que ela não percebia era que os Costa estavam o tempo todo alertas, observando se as pessoas nas margens demonstravam sinais de interesse em Lyra. Embora não tivesse consciência disso, ela era importante, e a sra. Coulter e o Conselho de Oblação certamente estariam procurando por ela em toda parte. Realmente, Tony ouviu nos bares ao longo do caminho que a polícia estava revistando casas, fazendas, canteiros de obras e fábricas sem qualquer explicação, embora houvesse um boato de que estavam procurando uma menina desaparecida. E isso era estranho, considerando que tantas crianças tinham sumido sem terem sido procuradas. Tanto os gípcios quanto as pessoas do continente estavam ficando cada vez mais nervosos e agitados.

E havia outra razão para o interesse dos Costa em Lyra, mas isso ela só descobriria dali a alguns dias.

Assim, mantinham a menina na cabine sempre que passavam pela cabana de um guardador de comporta ou por um porto, ou onde quer que pudesse haver gente. Uma vez passaram por uma cidade onde a polícia estava revistando todos os barcos que vinham pelo canal, segurando o trânsito em ambas as direções. Mas os Costa sabiam como enfrentar esse tipo de coisa: havia um compartimento secreto debaixo da cama de Mãe Costa, onde Lyra ficou enfiada durante duas horas, enquanto a polícia percorria o barco de uma

ponta a outra, inutilmente.

— Por que os daemons deles não me encontraram? — perguntou ela depois.

Mãe Costa mostrou o forro do esconderijo: cedro, que tinha um efeito sonífero nos daemons; e era verdade, pois Pantalaimon tinha passado o tempo todo dormindo tranquilamente junto à cabeça de Lyra.

Lentamente, com muitas paradas e muitos desvios, o barco dos Costa se aproximava dos Pântanos, aquela vasta extensão nunca inteiramente desbravada, com céus extensos e pântanos infindáveis, na Anglia Oriental. As margens do terreno se misturavam aos riachos e lagoas de maré do mar raso, e o outro lado do mar se confundia com a Holanda; e partes dos Pântanos tinham sido drenadas e fechadas com diques pelos holandeses, alguns dos quais haviam se estabelecido lá, de modo que a língua nos Pântanos tinha muita influência holandesa. Mas algumas áreas não foram drenadas, plantadas ou desbravadas, e nas regiões centrais — as mais selvagens, onde enguias deslizavam e pássaros aquáticos se reuniam, onde sinistros fogos-fátuos tremeluziam e criaturas atraíam os viajantes descuidados para a morte certa — o povo gípcio sempre encontrara segurança para se reunir.

E agora, através de mil canais, regatos e cursos d'água serpenteantes, barcos gípcios seguiam para o Byanplats, a única área de terreno ligeiramente mais alto em meio às centenas de quilômetros quadrados de pântanos e atoleiros. Havia lá uma espécie de auditório em um pavilhão antigo, feito de madeira, com algumas moradias permanentes em volta, cais e píeres e um Mercado de Enguias. Quando um Encontro era marcado, quando havia uma convocação de gípcios, tantos barcos enchiam os cursos d'água que uma pessoa podia caminhar mais de um quilômetro em qualquer direção passando de um barco a outro — era o que se dizia. Os gípcios mandavam nos Pântanos; ninguém mais ousava entrar lá, e, como os gípcios mantinham a paz e comerciavam com honestidade, as autoridades terrestres faziam vista grossa ao contrabando incessante e às ocasionais rixas. Se o cadáver de um gípcio aparecia em uma praia levado pela maré, ou vinha em uma rede de pesca, bem, era só um gípcio.

Lyra escutava, fascinada, as histórias dos habitantes dos Pântanos, do

grande cão-fantasma Concha Negra, dos fogos-fátuos subindo das bolhas de óleo de feiticeira, e mesmo antes de chegarem aos Pântanos ela já começava a se sentir uma gípcia. Logo voltou a ter o sotaque de Oxford, e agora estava pegando o sotaque gípcio, inclusive com algumas palavras em pântano-holandês. Mãe Costa teve que lhe recordar algumas coisas:

— Você não é gípcia, Lyra. Com alguma prática poderia se passar por gípcia, mas não é só a língua; temos profundezas e correntezas em nós. Somos um povo da água, e você é do fogo. O que mais parece com você é o fogo-fátuo, é o lugar que você tem no esquema gípcio; você tem óleo de feiticeira na alma. Enganadora é o que você é, criança.

Lyra ficou magoada.

— Nunca enganei ninguém! A senhora pode perguntar...

Não havia a quem perguntar, naturalmente, e Mãe Costa riu, mas com bondade.

— Não está vendo que estou lhe fazendo um elogio, bobinha?

Ouvindo isso, Lyra se acalmou, embora não tivesse entendido.

Chegaram ao Byanplats à tardinha, e o sol estava prestes a se pôr em um céu manchado de vermelho. A ilha baixa e o Zaal estavam acorados de encontro à luz, como o amontoado de construções em volta; fios de fumaça subiam no ar parado, e dos numerosos barcos apinhados em volta deles vinha o cheiro de peixe frito, de folhas de tabaco, de gim.

Atracaram perto do Zaal, em um lugar que Tony disse ter sido usado por várias gerações da sua família. Logo Mãe Costa pôs a frigideira para funcionar, com duas gordas enguias sibilando e espirrando gordura, e ferveu água para preparar o purê de batata em pó. Tony e Kerim passaram óleo nos cabelos, colocaram suas melhores jaquetas de couro e lenços azuis no pescoço, encheram os dedos de anéis de prata e foram cumprimentar alguns velhos amigos nos barcos vizinhos e beber alguma coisa no bar mais próximo. Voltaram com novidades importantes.

— Chegamos bem a tempo. O Encontro vai ser esta noite. E estão dizendo na cidade, imaginem só, que a criança desaparecida está em um barco gípcio e que vai aparecer esta noite no Encontro!

Ele riu alto e despenteou os cabelos de Lyra. Desde que tinham entrado

nos Pântanos, ele vinha ficando cada vez mais bem-humorado, como se a expressão feroz que seu rosto mostrava fosse apenas um disfarce. E Lyra sentiu a animação crescer em seu peito enquanto comia às pressas e lavava a louça, antes de pentear os cabelos, enfiando o aletômetro dentro do bolso do casaco de pele de lobo e saltando para terra firme com todas as outras famílias que subiam a ladeira para o Zaal.

Ela achava que Tony estava brincando. Logo descobriu que não estava, ou então ela se parecia menos com uma gípcia do que havia imaginado, pois muita gente ficou olhando para ela, e as crianças apontavam; quando chegaram aos grandes portões do Zaal, estavam caminhando isolados no meio de uma multidão de pessoas que se afastaram para poderem observar e lhes dar espaço.

Então Lyra começou a ficar nervosa de verdade. Não saiu de perto de Mãe Costa, e para tranquilizá-la Pantalaimon tomou sua forma de pantera, a maior que conseguia tomar. Mãe Costa subiu os degraus como se nada no mundo pudesse obrigá-la a parar ou a andar mais depressa, e Tony e Kerim caminhavam orgulhosamente, como príncipes, ao lado dela.

O auditório estava iluminado por lamparinas de nafta, que permitiam que se visse bem os rostos e os corpos das pessoas, mas deixavam as imensas traves do telhado ocultas na escuridão. Aqueles que estavam entrando tinham que se esforçar para encontrar lugar no chão, pois os bancos já estavam lotados; mas as famílias se apertavam para abrir espaço, as crianças iam para o colo e os daemons se enfiavam debaixo dos bancos ou se empoleiravam fora do caminho, nas rústicas paredes de madeira.

Na frente do Zaal, havia um tablado com oito cadeiras de madeira entalhada. Enquanto Lyra e os Costa se acomodavam ao longo da parede do auditório, oito homens surgiram das sombras atrás do tablado e pararam diante das cadeiras. Uma onda de excitação percorreu a plateia enquanto as pessoas pediam silêncio ou tentavam se sentar nos bancos próximos. Por fim, tudo ficou em silêncio e sete dos homens no tablado se sentaram.

O único que ficou de pé tinha mais de setenta anos, mas era alto e forte, com o pescoço musculoso. Usava paletó de lonita e camisa quadriculada, como muitos gípcios; não havia nada nele que o distinguisse dos outros além

do ar de poder e autoridade. Lyra reconheceu esse ar de cara: tio Asriel o tinha, e também o reitor da Jordan. O daemon desse homem era uma gralha muito parecida com o daemon do reitor.

— Este é John Faa, o chefe dos gípcios do Oriente — cochichou Tony.

John Faa começou a falar devagar, a voz profunda.

— Gípcios! Bem-vindos ao Encontro. Viemos escutar e viemos decidir. Todos aqui sabem a razão: muitas das famílias reunidas hoje perderam um filho. Algumas perderam dois. Alguém está levando nossas crianças. É verdade que os da terra também estão perdendo crianças. Nesse ponto, nossa situação não é muito diferente.

Ele fez uma pausa antes de continuar:

— Ora, andam falando de uma criança e de uma recompensa. Eis a verdade, para acabar com as fofocas: o nome da criança é Lyra Belacqua, e ela está sendo procurada pela polícia do continente. Há uma recompensa de mil moedas para quem entregar a garota. Ela é uma criança dos terrestres, está sob os nossos cuidados e assim vai permanecer. Qualquer pessoa que se sentir tentada pela recompensa é melhor que vá encontrar um lugar para se esconder que não seja nem na terra, nem na água. Não vamos entregar a criança.

Lyra sentiu que estava ficando vermelha desde a raiz dos cabelos até a sola dos pés; Pantalaimon virou uma mariposa marrom para se esconder. Todos os olhos estavam voltados para eles, e ela só conseguiu olhar para Mãe Costa em busca de apoio.

Mas John Faa estava falando novamente:

— Por mais que a gente converse, não vai mudar nada. Se quisermos mudar as coisas, vamos ter que agir. Eis mais um fato para vocês: os Papões, esses ladrões de crianças, estão levando seus prisioneiros para uma cidade no extremo norte, na terra das trevas. Não sei o que fazem com elas lá. Algumas pessoas dizem que as matam, já outras dizem outra coisa. Não sabemos. O que nós sabemos é que eles fazem isso com a ajuda da polícia terrestre e dos padres. Todos os poderes em terra estão ajudando. Não se esqueçam disso: eles sabem o que está acontecendo e ajudam sempre que podem.

Depois de outra pausa, ele continuou:

— O que estou propondo não é fácil. Preciso da autorização de vocês. Estou propondo que a gente mande alguns guerreiros para o norte, para libertar as crianças e trazer todas de volta vivas. Estou propondo que a gente use o nosso ouro e toda a esperteza e a coragem que conseguirmos juntar. Sim, Raymond van Gerrit?

Um homem na plateia havia levantado a mão, e John Faa se sentou para deixá-lo falar.

— Com licença, lorde Faa. Lá tem crianças terrestres também, além das gípcias. Está dizendo que a gente vai salvar essas também?

John Faa ficou de pé para responder.

— Raymond, você está sugerindo que a gente devia passar por todo tipo de perigo para chegar a um grupinho de crianças assustadas e então dizer para algumas delas que vão ter que ficar para trás? Não, você é bondoso demais para isso. Bem, temos a aprovação de todos, meus amigos?

A pergunta pegou todo mundo de surpresa, pois houve um instante de hesitação; mas então um rugido encheu o salão, e as pessoas começaram a bater palmas de braços estendidos, sacudir o punho fechado, levantar a voz em um clamor excitado. As colunas do Zaal estremeceram, e de seus poleiros lá em cima na escuridão um bando de pássaros que dormiam despertaram apavorados e bateram as asas, provocando uma pequena precipitação de poeira.

John Faa deixou o clamor prosseguir por um minuto, depois ergueu a mão pedindo silêncio.

— Vai levar algum tempo para organizarmos tudo. Quero que os chefes das famílias colem o dinheiro e reúnam os voluntários. Tornaremos a nos reunir daqui a três dias. Enquanto isso, vou conversar com a criança e com Farder Coram, e fazer um plano para apresentar a vocês. Boa noite a todos.

Sua presença forte, simples e imponente teve o poder de acalmar a multidão. As pessoas começaram a sair pelos grandes portões para o frio da noite, voltando para seus barcos ou indo encher os bares do pequeno povoado. Lyra perguntou a Mãe Costa:

— Quem são os outros homens no tablado?

— Os chefes das seis famílias, e o outro homem é Farder Coram.

Era fácil entender o que ela queria dizer com “o outro homem”, porque ele era o mais idoso ali. Caminhava com uma bengala e durante todo o tempo que estivera sentado atrás de John Faa tremera como se estivesse com febre.

— Venha, é melhor levar você para cumprimentar John Faa. Você deve chamá-lo de lorde Faa. Não sei o que ele vai perguntar, mas diga apenas a verdade.

Pantalaimon era um pardal agora, cheio de curiosidade, empoleirado no ombro de Lyra, as garras cravadas no casaco de pele de lobo enquanto ela acompanhava Tony até o tablado através da multidão.

Foi ele que a suspendeu e colocou em cima do tablado. Sentindo que todos que ainda estavam no salão olhavam para ela, e consciente daquelas mil moedas que de repente passara a valer, Lyra ficou vermelha e hesitou. Pantalaimon saltou para o colo dela e se transformou em um gato-do-mato, sibilando baixinho enquanto olhava em volta com expressão vigilante.

Lyra sentiu um empurrão e caminhou na direção de John Faa. Ele era sério, enorme, de rosto inexpressivo, mais uma coluna de pedra do que um homem, mas se abaixou e estendeu a mão para ela. Quando ela apertou a mão dele, sua mãozinha quase desapareceu.

— Seja bem-vinda, Lyra.

De perto ela sentia a voz dele ressoar como a própria terra. Teria ficado amedrontada se não fosse por Pantalaimon, e pelo fato de que a expressão pétrea de John Faa tinha se amenizado um pouco. Ele estava sendo delicado com ela.

— Obrigada, lorde Faa — respondeu ela.

— Agora venha ao meu escritório para termos uma conversa — disse John Faa. — Estão alimentando você direito, os Costa?

— Ah, estão, sim. Comemos enguias no jantar.

— As verdadeiras enguias dos Pântanos, eu espero.

O escritório era um lugar confortável, com uma grande lareira acesa, prateleiras carregadas de prata e porcelana e uma mesa pesada escurecida pelos anos, tendo em volta doze cadeiras.

Os outros homens no tablado não estavam ali, mas o ancião trêmulo sim. John Faa o ajudou a se sentar.

— Agora sente-se aqui à minha direita — disse John Faa a Lyra.

Ele se sentou à cabeceira, e Lyra ficou de frente para Farder Coram. Sentia um pouco de medo do rosto esquelético e do tremor contínuo dele. O daemon dele era uma linda gata da cor das folhas secas do outono, enorme, que atravessou a mesa com andar elegante, de cauda erguida, e examinou Pantalaimon, encostando o focinho no dele antes de se acomodar no colo de Farder Coram, semicerrar os olhos e começar a ronronar baixinho.

Uma mulher que Lyra não tinha notado saiu das sombras com uma bandeja cheia de copos que deixou junto a John Faa, fez uma leve reverência e saiu. John Faa serviu pequenos cálices de aguardente de um frasco de pedra para si mesmo e para Farder Coram, e vinho para Lyra.

— Quer dizer, Lyra, que você fugiu — disse John Faa.

— Foi.

— E quem era a dama de quem você fugiu?

— O nome dela é sra. Coulter. Eu achava que ela era boa, mas depois descobri que ela faz parte dos Papões. Ouvi alguém dizer o que os Papões eram, que eram chamados de Conselho de Obleção, e que ela estava encarregada de tudo, era tudo ideia dela. E todos eles estavam planejando uma coisa, mas não sei o que era, só sei que iam me fazer ajudar a pegar as crianças. Mas eles não sabiam...

— O que eles não sabiam?

— Bom, para começar, não sabiam que eu conhecia algumas das crianças que eles roubaram. Meu amigo Roger, que era ajudante da cozinha na Jordan, e Billy Costa, e uma menina do Mercado Coberto em Oxford. E outra coisa... o meu tio, sabe, o lorde Asriel, eu ouvi quando falaram das viagens dele para o norte, e não acho que ele tenha alguma coisa a ver com os Papões. Porque eu espionei o reitor e os catedráticos da Jordan, sabe, me escondi na sala privativa onde ninguém pode entrar além deles, e ouvi quando ele contou a todos sobre a expedição para o norte, sobre o Pó que ele viu, e ele trouxe de volta a cabeça de Stanislaus Grumman, porque os tártaros tinham feito um buraco nela. E agora os Papões o prenderam em algum lugar. Os ursos de armadura estão vigiando sua prisão. E eu quero salvá-lo.

Sentada ali, pequenina contra o encosto alto da cadeira entalhada, ela

parecia feroz e decidida. Os dois anciãos não conseguiram reprimir um sorriso, mas, enquanto o sorriso de Farder Coram era hesitante, rico e complicado, e tremulou pelo seu rosto como um raio de sol em um dia nublado de final de inverno, o sorriso de John Faa era lento, cálido, simples e bondoso.

— É melhor você nos contar o que ouviu seu tio dizer naquela noite — pediu John Faa. — Não deixe nada de fora, está bem? Conte tudo para nós.

Lyra assim fez, mais lentamente do que tinha contado aos Costa, porém com mais franqueza; tinha medo de John Faa, e o que mais temia nele era a bondade. Quando ela terminou, Farder Coram falou pela primeira vez. Tinha a voz rica e musical, com tantos tons quantas eram as cores do pelo de seu daemon.

— Esse Pó, eles alguma vez usaram outro nome para ele, Lyra?

— Não, só Pó. A sra. Coulter me contou o que era, partículas elementares, mas foi só isso que ela me falou.

— E eles acham que fazendo alguma coisa com as crianças eles vão conseguir descobrir mais sobre o tal Pó?

— É. Mas não sei o que é. Meu tio... Eu me esqueci de contar uma coisa. Quando ele estava mostrando os fotogramas, havia outro. Era a Orora...

— O quê? — interrompeu John Faa.

— A Aurora Boreal — disse Farder Coram. — Não é isso, Lyra?

— Isso. E nas luzes da tal Orora dava para ver uma cidade. Cheia de torres e igrejas e cúpulas e tal. Era um pouco como Oxford, pelo menos eu achei. E o tio Asriel estava mais interessado nisso, eu acho, mas o reitor e os catedráticos estavam mais interessados no Pó, como a sra. Coulter e o lorde Boreal e os outros.

— Entendo — disse Farder Coram. — Isso é muito interessante.

— Agora, Lyra, eu vou lhe contar uma coisa — começou John Faa. — Farder Coram, ele é um sábio. Um vidente. Ele vem acompanhando tudo que está acontecendo com o Pó e os Papões e lorde Asriel e tudo o mais, e vem acompanhando você. Toda vez que os Costa iam para Oxford, ou meia dúzia de outras famílias também, eles traziam alguma notícia. Sobre você, menina. Sabia disso?

Lyra balançou a cabeça. Estava começando a ficar assustada. Pantalaimon estava rosnando baixo demais para alguém ouvir, mas ela sentia o rosnado dele nas pontas dos dedos enfiados nos pelos do daemon.

— Ah, sim, tudo o que você fazia vinha parar nos ouvidos de Farder Coram.

Lyra não conseguiu se controlar:

— Nós não *estragamos* nada! Juro! Foi só um pouquinho de lama! E não fomos muito longe...

— De que está falando, menina? — perguntou John Faa.

Farder Coram riu. Quando ria, seu tremor cessava e seu rosto ficava jovem e brilhante.

Mas Lyra não estava rindo. Com os lábios trêmulos, ela disse:

— E mesmo que a gente tivesse encontrado a rolha, não íamos puxar! Era só uma brincadeira. Não íamos afundar o barco, juro!

Então John Faa começou a rir também. Deu um tapa tão forte na mesa que os copos tilintaram, e seus ombros enormes estremeceram, e ele teve que enxugar as lágrimas dos olhos. Lyra nunca vira uma coisa como aquela, nunca ouvira uma gargalhada assim; era como uma montanha gargalhando.

— Ah, sim — disse ele, quando recuperou o fôlego. — Nós ouvimos essa história também, garotinha! Eu soube que depois disso os Costa não vão a lugar nenhum sem ouvir piadinhas. “É melhor deixar um vigia no seu barco, Tony”, dizem. “Temos garotas ferozes por aqui!” Ora, esse caso se espalhou por toda parte nos Pântanos, filha. Mas não vamos castigar você por isso. Não, não! Fique tranquila.

Ele olhou para Farder Coram, e os dois tornaram a rir, mas de um jeito menos exagerado. E Lyra se sentiu bem e segura.

Por fim, John Faa balançou a cabeça e ficou sério de novo.

— Eu estava dizendo, Lyra, que conhecemos você desde pequena. Desde bebê. Você devia saber o que nós sabemos. Não posso imaginar o que eles lhe contaram na Faculdade Jordan sobre suas origens, mas eles não conhecem toda a verdade. Alguma vez lhe contaram quem eram seus pais?

Agora Lyra estava atordoada.

— Contaram, sim — respondeu. — Disseram que eu era... disseram que

eles... disseram que lorde Asriel me levou para lá quando meu pai e minha mãe morreram em um acidente de aeronave. Foi o que me disseram.

— Ah, foi? Bem, menina, então vou lhe contar uma história. Uma história real. Sei que é real porque uma gípcia me contou, e todos eles dizem a verdade a John Faa e a Farder Coram. Então é a verdade sobre você, Lyra. Seu pai não morreu em um acidente de aeronave, porque seu pai é o lorde Asriel.

Lyra estava pasma. John Faa continuou:

— Foi assim que aconteceu: quando era rapaz, lorde Asriel saiu explorando todo o norte e voltou com uma grande fortuna. Ele era temperamental, se zangava facilmente, um homem passional. E sua mãe, ela também era passional. Não vinha de uma família nobre como a dele, mas era uma mulher inteligente. Estudiosa, e aqueles que a viam diziam que era muito bonita. Ela e seu pai se apaixonaram assim que se conheceram. Mas sua mãe já era casada. Era casada com um político. Ele era do partido do rei, um de seus homens de confiança. Um político em ascensão.

“Ora, quando sua mãe descobriu que estava grávida, teve medo de contar ao marido que a criança não era dele. Quando você nasceu, não era nada parecida com o marido dela, e sim com o verdadeiro pai, e ela achou melhor esconder você e dizer que o bebê havia morrido. Então levaram você para Oxford, onde seu pai tinha propriedades, e a entregaram para uma mulher gípcia criar. Mas alguém contou tudo ao marido da sua mãe, e ele invadiu a cabana onde a gípcia estivera, só que ela havia fugido para a casa principal; o marido traído foi atrás, com intenções assassinas. Seu pai estava caçando, mas ficou sabendo e voltou o mais rápido que pôde, chegando a tempo de encontrar o marido da sua mãe ao pé da grande escada; mais um minuto e ele teria forçado a porta do armário onde a gípcia estava escondida com você, mas lorde Asriel o desafiou e eles duelaram ali mesmo. Lorde Asriel o matou. A mulher gípcia ouviu e viu tudo, Lyra, e é por isso que sabemos.

“A consequência foi um enorme processo judicial. Seu pai não é o tipo de homem que esconde ou nega a verdade, e isso criou um problema para os juízes. Ele tinha matado, sim, derramara sangue, mas estava defendendo seu lar e sua filha de um invasor. Por outro lado, a lei permite que um homem

vingue a violação do seu casamento, e os advogados do morto alegaram que era isso que ele estava fazendo. O processo se arrastou por semanas, com horas e mais horas de discussão. No fim, os juízes puniram lorde Asriel confiscando todas as suas propriedades e terras, deixando-o pobre; e ele tinha sido mais rico que um rei. Quanto à sua mãe, ela não quis saber de nada, nem de você. Deu as costas para tudo isso. A gípcia me disse que muitas vezes teve medo pensando em como a sua mãe ia tratar você, porque era uma mulher orgulhosa e cheia de desprezo. Não vale a pena falarmos dela.

“Além disso, havia você. Se as coisas tivessem sido diferentes, Lyra, você poderia ter crescido como gípcia, porque a gípcia implorou ao tribunal para que deixassem você com ela; mas nós, gípcios, somos pouco considerados pela lei. O tribunal decidiu que você seria colocada em um convento, e assim você foi para as Irmãs da Obediência em Watlington. Você era nova demais para lembrar.

“Mas lorde Asriel não permitiu isso. Ele odiava abades, monges e freiras, e, sendo um homem impulsivo, ele um dia apareceu e levou você embora de lá. Não para cuidar ele mesmo nem para dar aos gípcios; levou você para a Faculdade Jordan e desafiou a lei a tirar você de lá. Bem, a lei deixou as coisas por isso mesmo. Lorde Asriel voltou para suas explorações, e você cresceu na Jordan. A única coisa que ele, seu pai, disse, a única condição que impôs, foi que sua mãe não podia visitar você. Se alguma vez tentasse, teria que ser impedida, e ele teria que ser informado, porque toda a raiva que havia em sua natureza tinha se voltado contra ela. O reitor prometeu fazer isso. E o tempo passou. Então começou toda essa aflição por causa do Pó. E no país inteiro, no mundo inteiro, sábios e sábias também começaram a se preocupar. Para nós, gípcios, isso não tinha a menor importância, até que começaram a levar nossas crianças. Foi quando começamos a nos interessar. E temos ligações em lugares que você nem imaginaria, inclusive na Jordan. Você não sabia, mas havia uma pessoa tomando conta de você e nos contando tudo desde que você foi para lá. Porque temos interesse em você, e a gípcia que a criou nunca deixou de se preocupar com você.”

— Quem é que tomava conta de mim na Jordan? — Lyra quis saber.

Sentia-se imensamente importante e estranhava que seus atos pudessem

preocupar pessoas tão afastadas dela.

— Era um criado da cozinha. Bernie Johansen, o confeitiro. Ele é meio gípcio. Você não sabia disso, apostou.

Bernie era um homem bondoso, solitário, uma das raras pessoas que tinham o daemon do mesmo sexo. Foi com Bernie que ela havia gritado em desespero quando Roger tinha sido levado. Bernie contava tudo aos gípcios! Ela ficou impressionada.

John Faa continuou:

— Bem, nós ouvimos dizer que você ia sair da faculdade, e que nessa mesma ocasião lorde Asriel estava preso e não poderia impedir. E nos lembramos do que ele dissera ao reitor para jamais fazer, e nos lembramos de que o homem com quem sua mãe tinha se casado, o tal político que lorde Asriel matou, se chamava Edward Coulter.

— A sra. Coulter... — disse Lyra, sem querer acreditar. — Ela é a minha mãe?

— Sim, Lyra. E se o seu pai estivesse livre, ela jamais ousaria desafiá-lo, e você ainda estaria na Jordan sem saber de nada. Mas o que o reitor pretendia, deixando você ir embora, é um mistério para mim. Ele deveria tomar conta de você. Só posso imaginar que ela tenha algum poder sobre ele.

Lyra entendeu de repente o curioso comportamento do reitor na manhã da sua partida.

— Ele não queria... — começou ela, tentando lembrar exatamente o que se passou. — Ele... ele mandou me chamar de manhã bem cedo, e eu não podia contar à sra. Coulter... era como se ele quisesse me proteger dela...

Ela olhou atentamente para os dois homens; então resolveu contar toda a verdade sobre a sala privativa.

— Sabem, tem outra coisa. Na noite em que me escondi na sala privativa, vi o reitor tentar envenenar lorde Asriel. Vi quando ele colocou um pozinho no vinho, e eu contei ao meu tio e ele derrubou a garrafa da mesa e derramou tudo no chão. Quer dizer que eu salvei a vida dele. Nunca entendi por que o reitor queria envenenar lorde Asriel, que sempre foi tão bom. Então, na manhã da partida, ele me chamou cedinho ao seu escritório, eu tive que ir escondido para que ninguém ficasse sabendo, e o reitor disse... — Lyra se

concentrou para tentar recordar o que o reitor tinha dito, mas não adiantou. Ela balançou a cabeça. — A única coisa que consegui entender foi que ele me deu uma coisa que eu tinha que esconder dela, da sra. Coulter. Acho que não tem problema contar para vocês...

Lyra enfiou a mão no bolso do casaco de pele de lobo e tirou o embrulho de veludo. Ela o colocou sobre a mesa e sentiu sobre ele, como um holofote, a curiosidade simples e sólida de John Faa e a inteligência cintilante de Farder Coram.

Quando ela desembulhou o aletiômetro, foi Farder Coram quem falou primeiro:

— Nunca pensei que ia tornar a ver um desses. É um leitor de símbolos. Ele lhe contou alguma coisa sobre isso, filha?

— Não. Só disse que eu ia ter que descobrir sozinha como fazer funcionar. E chamou de aletiômetro.

— O que quer dizer isso? — perguntou John Faa, se voltando para o companheiro.

— Acho que vem do grego *alétheia*, que quer dizer “verdade”. É um medidor de verdade. E você descobriu como é que se usa? — perguntou à menina.

— Não. Consigo fazer os três ponteiros menores apontarem para figuras diferentes, mas não consigo controlar o ponteiro grande. Ele se mexe para toda parte. Mas às vezes, é, sim, às vezes, quando estou bem concentrada, consigo fazer o ponteiro grande ir para um lado ou para o outro só com o pensamento.

— O que ele faz, Farder Coram? E como é que se lê? — perguntou John Faa.

Farder Coram segurou delicadamente o instrumento na direção do olhar duro de John Faa e disse:

— Todas essas figuras ao redor da borda são símbolos, e cada um deles tem vários significados. A âncora, por exemplo: o primeiro significado dela é esperança, porque a esperança nos prende como uma âncora, para não cedermos. O segundo significado é firmeza. O terceiro significado é empecilho, ou prevenção. O quarto é o mar. E assim por diante, com dez,

doze, talvez uma série infinita de significados.

— E você conhece todos?

— Conheço alguns, mas para ler tudo eu precisaria do livro. Já vi o livro e sei onde está, mas não está comigo.

— Podemos falar sobre isso depois; continue a explicar como se lê — pediu John Faa.

— Existem esses três ponteiros que podemos controlar, e são usados para fazermos uma pergunta. Apontando para três símbolos, se pode fazer qualquer pergunta, porque cada uma tem muitos níveis. Depois de feita a pergunta, o ponteiro grande gira e aponta para outros símbolos, que darão a resposta.

— Mas como ele sabe em qual nível a gente está pensando quando faz a pergunta? — quis saber John Faa.

— Ah, ele sozinho não sabe. Só funciona se quem pergunta pensar nesses níveis. Primeiro é preciso conhecer todos os significados, e deve haver mais de mil. Depois tem que conseguir manter os níveis na mente sem perder a paciência e ficar observando os movimentos do ponteiro grande. Quando ele tiver dado uma volta completa, a pessoa saberá qual é a resposta. Sei como isso funciona porque já vi um sábio em Uppsala mexendo com um desses, e foi a única vez que vi. Sabe quão raros eles são?

— O reitor me disse que só seis foram fabricados — contou Lyra.

— Sejam quantos forem, são pouquíssimos.

— E você guardou segredo da sra. Coulter, como o reitor pediu? — perguntou John Faa.

— Guardei, sim. Mas o daemon dela costumava entrar no meu quarto. Ele descobriu, tenho certeza.

— Entendo. Bem, Lyra, não sei se algum dia vamos chegar a compreender tudo, mas tenho um palpite, nada mais que isso: lorde Asriel encarregou o reitor de tomar conta de você e não deixar sua mãe se aproximar. E foi o que ele fez, por mais de dez anos. Então os amigos da sra. Coulter na Igreja ajudaram sua mãe a criar esse tal de Conselho de Oblação, ainda não sabemos com que intenção, e ela ficou tão poderosa quanto lorde Asriel. Seus pais, ambos poderosos, ambos ambiciosos, e o reitor da Jordan mantendo

você em equilíbrio entre os dois. Mas o reitor tem mil coisas para cuidar; sua primeira preocupação é a faculdade e o aprendizado lá, de modo que, se surgir uma ameaça, ele tem que agir contra ela. E a Igreja, ultimamente, Lyra, tem ficado mais autoritária. Criaram conselhos disso e daquilo; estão falando em reviver o Ofício da Inquisição, Deus me livre. E o reitor tem que pisar com cuidado entre todos esses poderes. Tem que manter a Faculdade Jordan nas graças da Igreja, senão ela não vai sobreviver.

John Faa continuou:

— Outra preocupação do reitor é você, minha filha. Bernie Johansen sempre foi muito claro sobre isso: o reitor da Jordan e os outros catedráticos amam você como uma filha. Fariam qualquer coisa para mantê-la em segurança, não só porque prometeram a lorde Asriel, mas por sua causa também. Então, se o reitor entregou você à sra. Coulter depois de prometer ao seu pai que não faria isso, ele deve ter achado que estaria mais segura com ela do que na Jordan, apesar das aparências. E quando ele resolveu envenenar lorde Asriel, deve ter achado que sua expedição ao norte ia colocar todos eles em perigo, e talvez todos nós também; talvez o mundo inteiro. Considero o reitor um homem que tem que fazer escolhas terríveis; seja qual for sua escolha, isso vai causar dano; mas, talvez, se ele fizer a coisa certa, o dano será um pouco menor do que se ele fizer a escolha errada. Deus me livre de ter que lidar com esse tipo de coisa. E quando chegou ao ponto de ter que deixar você partir, ele lhe entregou o leitor de símbolos e pediu que o guardasse. Fico me perguntando o que ele pretendia que você fizesse com o instrumento; como você não sabe fazer a coisa funcionar, não entendo quais eram suas intenções.

— Ele disse que tio Asriel deu o aletômetro de presente à Faculdade Jordan há muitos anos — contou Lyra. — Ia dizer mais alguma coisa, mas bateram na porta, e ele teve que parar. O que eu achei foi que ele podia querer que eu escondesse o aletômetro de lorde Asriel também.

— Ou o contrário — opinou John Faa.

— Como assim, John? — quis saber Farder Coram.

— Ele podia estar pretendendo pedir a Lyra para devolver isto a lorde Asriel, como uma espécie de compensação por tentar envenená-lo. Pode ter

achado que o perigo que lorde Asriel representava tinha passado. Ou que lorde Asriel conseguiria tirar algum proveito deste instrumento e desistir da sua intenção. Se ele está preso agora, isso poderia ajudar a libertá-lo. Bem, Lyra, é melhor você guardar em segurança este leitor de símbolos. Se conseguiu até agora, não me preocupo. Mas pode chegar a hora de precisarmos consultá-lo, e então vou pedir que nos empreste.

Ele embrulhou o instrumento no veludo e deslizou-o por cima da mesa. Lyra queria fazer todo tipo de perguntas, mas de repente ficou tímida diante daquele homenzarrão de olhos tão vivos e bondosos no rosto enrugado.

Mas uma coisa ela precisava perguntar.

— Quem foi a mulher gípcia que me amamentou?

— Ora, foi a mãe de Billy Costa, é claro. Ela não podia contar a você porque eu não permiti, mas sabe qual é o assunto desta conversa, então acabou o segredo. Aliás, é melhor você voltar para ela agora. Tem muita coisa em que pensar, filha. Daqui a três dias vamos ter outro encontro e discutir o que se há de fazer. Comporte-se. Boa noite, Lyra.

— Boa noite, lorde Faa. Boa noite, Farder Coram — disse ela educadamente, apertando o aletômetro contra o peito com uma das mãos e pegando Pantalaimon com a outra.

Ambos os anciãos sorriram para ela com bondade. Do lado de fora da sala, Mãe Costa estava à espera e, como se nada tivesse acontecido desde que Lyra nasceria, a gípcia a abraçou com seus braços enormes e a beijou antes de levá-la para a cama.

8. FRUSTRAÇÃO

Lyra tinha que digerir aquela nova história da sua vida, e para isso precisava de tempo. Ver lorde Asriel como seu pai era uma coisa, mas aceitar a sra. Coulter como sua mãe não era tão fácil. Alguns meses antes, ela teria gostado, sabia disso também, e ficava confusa.

Mas, sendo Lyra, não perdeu muito tempo com isso, pois havia a cidade do Pântano para explorar e muitas crianças gípcias para impressionar. Antes de passado o prazo de três dias, ela tinha virado especialista — pelo menos se considerava — em manejar a vara que impulsionava os barcos e tinha reunido um bando de crianças contando histórias de seu pai poderoso que fora preso injustamente.

— E então uma noite o embaixador da Turquia foi convidado para jantar na Jordan. Ele tinha ordens do próprio sultão para matar o meu pai, e tinha no dedo um anel com uma pedra oca cheia de veneno. Quando o vinho chegou, ele esticou o braço por cima da taça do meu pai e deixou o veneno cair dentro dela. Fez isso tão depressa que ninguém viu, mas...

— Que tipo de veneno? — quis saber uma menina de rosto magro.

— Veneno de uma serpente turca muito especial, que eles atraem tocando flauta e então jogam uma esponja encharcada de mel; a serpente morde e não consegue desprender os dentes, aí eles tiram o veneno dela. De qualquer maneira, meu pai tinha visto o que o turco fez e disse: “Senhores, quero fazer um brinde pela amizade entre a Faculdade Jordan e a Faculdade de Izmir”, que era a faculdade do Embaixador turco. “E para mostrar nossa boa vontade, vamos trocar as taças, cada um bebendo o vinho do outro.” O embaixador ficou enrascado, porque não podia recusar sem cometer uma ofensa mortal, e também não podia beber porque sabia sobre o veneno. Ele ficou pálido e desmaiou ali mesmo. Quando voltou a si, todos ainda estavam sentados à mesa, esperando e olhando para ele. Então ele tinha que beber o veneno ou

confessar tudo.

— O que foi que ele fez?

— Ele bebeu. Levou cinco minutos inteiros para morrer e sofreu o tempo todo.

— Você viu isso tudo acontecer?

— Não, porque as meninas não têm permissão para se sentar na mesa principal. Mas vi o corpo dele, depois. A pele estava toda enrugada, como uma maçã podre, e os olhos tinham saltado das órbitas. Tiveram que enfiar eles para dentro...

E assim por diante.

Enquanto isso, na periferia da região dos Pântanos, policiais batiam nas portas, revistavam porões e latrinas, inspecionavam documentos e interrogavam todos que dissessem ter visto uma menina loura. Em Oxford, a busca foi ainda mais severa: vasculharam a Jordan desde o mais empoeirado estoque até o porão mais escuro, e fizeram o mesmo com a Gabriel e St. Michael's, até que os reitores de todas as faculdades fizeram um protesto coletivo invocando seus direitos. A única ideia que Lyra tinha de que a procuravam era o incessante zumbido dos motores a gás das aeronaves cruzando o céu. Elas não eram visíveis porque as nuvens estavam baixas, e as aeronaves eram obrigadas a manter certa altura acima da região do Pântano, mas quem sabia que instrumentos de espionagem elas poderiam ter? Era melhor se esconder quando ouvia os motores, ou usar uma capa de chuva para cobrir os cabelos louros.

Lyra interrogou Mãe Costa sobre cada detalhe da história do seu nascimento. Teceu todos os detalhes formando uma tapeçaria mental mais clara do que as histórias que tinha inventado, e revivia vezes sem conta a fuga do casebre, o esconderijo no armário, o desafio, a luta de espadas...

— Espadas? Meu Deus, garota, você está sonhando? — perguntou Mãe Costa. — O sr. Coulter tinha uma pistola, e lorde Asriel arrancou-a da mão dele e o derrubou com um único soco. Depois ouvi dois tiros. Não sei como você não lembra; devia lembrar, embora fosse pequena. O primeiro tiro foi de Edward Coulter, que conseguiu recuperar a arma e disparou, e o segundo foi de lorde Asriel, que tornou a arrancar a arma do outro e atirou bem na testa

dele, espalhando os miolos. Então, com a maior calma, ele disse: “Pode sair, sra. Costa, e traga o bebê”, porque você estava berrando tanto, você e esse seu daemon; ele pegou você, brincou com você e carregou-a nos ombros de um lado para outro, bem-humorado, com o morto estendido ali, e me pediu para trazer uma taça de vinho e para limpar o chão.

No final da quarta repetição, Lyra estava firmemente convencida de que se lembrava de tudo, e até mesmo ofereceu detalhes da cor do casaco do sr. Coulter e dos mantos e das peles penduradas no armário. Mãe Costa riu.

Sempre que estava sozinha Lyra pegava o aletíômetro e ficava olhando para ele como se fosse o retrato de um namorado. Então cada imagem tinha vários significados? Por que ela não conseguiria entender todos eles? Afinal, não era filha de lorde Asriel?

Lembrando-se do que Farder Coram tinha dito, ela tentou focar a mente em três símbolos escolhidos ao acaso e moveu os ponteiros para cada um deles. Descobriu que, se segurasse o aletíômetro de certa maneira na palma das mãos e olhasse para ele de um jeito especial, com olhar meio preguiçoso (como ela chamava), o ponteiro maior começava a se movimentar. Em vez de passear pelo visor, ele ia de uma figura para outra. De vez em quando, parava em três delas, às vezes em duas, às vezes em cinco ou mais, e, embora ela nada compreendesse, aquilo lhe dava uma calma agradável e profunda, diferente de tudo que conhecia. Pantalaimon ficava debruçado sobre o mostrador, às vezes na forma de gato, às vezes de rato, acompanhando o ponteiro grande com a cabeça; e, uma ou duas vezes, os dois compartilharam um vislumbre de significado, como se um raio de sol tivesse atravessado as nuvens para iluminar a majestosa silhueta de montanhas a distância — alguma coisa muito além e jamais imaginada. Lyra sentia, nessas ocasiões, o mesmo arrepio que sentira durante toda a sua vida ao ouvir a palavra *norte*.

Assim se passaram os três dias, com muitas idas e vindas entre a grande quantidade de barcos e o Zaal. E então chegou a noite da segunda reunião do Encontro. O salão estava mais cheio que antes, se isso fosse possível. Lyra e os Costa chegaram a tempo de se sentar na frente, e assim que as luzes trêmulas mostraram que o lugar estava lotado, John Faa e Farder Coram apareceram na plataforma e se sentaram à mesa. John Faa não precisou pedir

silêncio; apenas colocou as mãos enormes sobre a mesa e olhou para a plateia, e o burburinho cessou.

Ele falou:

— Vocês fizeram o que pedi, e melhor do que eu esperava. Agora vou chamar os chefes das seis famílias para subirem aqui, entregar o ouro e oferecer suas possibilidades. Nicholas Rokeby, você primeiro.

Um homenzarrão de barba preta subiu na plataforma e colocou sobre a mesa uma pesada sacola de couro.

— Este é nosso ouro, e nós oferecemos trinta e oito homens.

— Obrigado, Nicholas — disse John Faa.

Farder Coram estava tomando notas. O primeiro homem ficou parado nos fundos da plataforma enquanto John Faa chamava o seguinte, e o seguinte; e cada um deles subia, colocava uma sacola na mesa e anunciava o número de homens que tinha para oferecer. Os Costa faziam parte da família Stefanski, e naturalmente Tony tinha sido um dos primeiros a se oferecer como voluntário. Lyra percebeu o daemon-falcão dele se movimentando de uma pata para outra e estendendo as asas enquanto o ouro dos Stefanski e vinte e três homens eram oferecidos a John Faa.

Depois que os chefes das seis famílias tinham sido chamados, Farder Coram mostrou suas anotações a John Faa, que ficou de pé e falou para que todos ouvissem.

— Amigos, conseguimos cento e setenta homens. Agradeço a todos com muito orgulho. Quanto ao ouro, não duvido, pelo peso, que todos vocês rasparam seus cofres, e meus agradecimentos são também por isso. Nós vamos fazer o seguinte: vamos arrendar um navio e velejar para o norte, encontrar as crianças e libertar todas elas. Pelo que sabemos, pode haver luta. Não será a primeira nem a última vez que lutamos, mas nunca tivemos que lutar com sequestradores de crianças, e vamos precisar ser muito espertos. Mas não vamos voltar sem nossas crianças. Sim, Dirk Vries?

Um homem se levantou e perguntou:

— Lorde Faa, o senhor sabe por que levaram nossos filhos?

— Ouvimos dizer que é um assunto teológico. Estão fazendo uma experiência, mas não sabemos qual. Para dizer a verdade a vocês, nem sequer

sabemos se o que estão fazendo com elas é bom ou ruim. Mas, seja como for, eles não têm o direito de aparecer de noite e roubar criancinhas de suas camas. Sim, Raymond van Gerrit?

O homem que tinha falado na primeira reunião se levantou e disse:

— Essa criança, lorde Faa, essa que o senhor disse que estava sendo procurada, a que está agora sentada na primeira fileira. Ouvi dizer que as casas de todas as pessoas na beira dos Pântanos estão sendo revistadas e reviradas de cabeça para baixo por causa dela. Ouvi dizer que hoje mesmo estão votando no Parlamento para acabar com nossos privilégios tradicionais por causa desta criança. Sim, amigos — continuou ele, acima dos cochichos assustados que surgiram —, eles vão passar uma lei acabando com nosso direito de ir e vir dentro e fora dos Pântanos. Agora, lorde Faa, o que queremos saber é o seguinte: quem é esta criança que pode fazer isso conosco? Ela não é gípcia, pelo que ouvi dizer. Como é que uma menina terrestre pode colocar todos nós em perigo?

Lyra ergueu os olhos para John Faa. Seu coração batia com tanta força que ela mal conseguiu ouvir as primeiras palavras da resposta dele.

— Ora, fale claramente, Raymond, não seja tímido — disse ele. — Quer que a gente entregue a criança para os perseguidores dela, é isso?

O homem ficou em silêncio, de cara fechada.

— Bom, pode ser que sim, pode ser que não — continuou John Faa. — Mas se algum homem ou alguma mulher precisa de uma razão para fazer o bem, que pense nisso: essa menina é nada menos que a filha de lorde Asriel. Para os que esqueceram, foi lorde Asriel quem intercedeu com os turcos pela vida de Sam Broekman. Foi lorde Asriel quem permitiu aos barcos gípcios passagem livre nos canais dentro das suas propriedades. Foi lorde Asriel quem derrotou a Lei dos Cursos d'Água no Parlamento, para grande benefício nosso. E foi lorde Asriel quem lutou noite e dia nas enchentes de 1953 e mergulhou de cabeça na água duas vezes para salvar os jovens Ruud e Nellie Koopman. Já se esqueceram disso? Que vergonha! E agora esse mesmo homem está preso nas regiões mais frias, distantes e escuras, na fortaleza de Svalbard. Preciso dizer a vocês que tipo de criaturas o estão vigiando por lá? É da filhinha dele que nós estamos cuidando, e Raymond

van Gerrit pretendia entregá-la para as autoridades em troca de um pouco de paz. É verdade, Raymond? Fique de pé e responda, homem!

Mas Raymond van Gerrit estava afundado no assento e não se levantou. Um sussurro baixo de desaprovação percorreu o grande salão, e Lyra notou a vergonha que ele devia estar sentindo, assim como uma onda de orgulho por seu corajoso pai.

John Faa olhou para os outros homens na plataforma.

— Nicholas Rokeby, você será o encarregado de encontrar um navio e também será o capitão quando partirmos. Adam Stefanski, quero que se encarregue das armas e munições, seja nosso comandante. Roger van Poppel, você será responsável por todos os outros suprimentos, da comida às roupas para o frio. Simon Hartmann, você vai ser o tesoureiro e vai prestar contas a todos nós do emprego do nosso ouro. Benjamin de Ruyter, quero que se encarregue da espionagem; há muita coisa que precisamos saber, por isso vou colocar você responsável por isso, e vai fazer seus relatórios a Farder Coram. Michael Canzona, você vai ficar responsável por coordenar o trabalho dos quatro primeiros, e vai escrever relatórios para mim. Se eu morrer, você tomará o meu lugar. Bem, já fiz as disposições de acordo com nosso costume, e se qualquer homem ou mulher discordar, pode dizer isso com toda liberdade.

Depois de um momento, uma mulher se levantou.

— Lorde Faa, não vai levar mulheres nessa expedição para tomar conta das crianças depois que as encontrar?

— Não, Nell. Vamos ter pouco espaço. As crianças que libertarmos vão estar melhor conosco do que onde estão agora.

— Mas e se descobrir que não vai poder soltar as crianças sem algumas mulheres disfarçadas de guardas, de criadas ou de sei lá o quê?

— Bom, eu não tinha pensado nisso — confessou John Faa. — Prometo que vamos pensar nisso com muito cuidado quando formos para o escritório.

Ela se sentou, e um homem ficou de pé.

— Lorde Faa, ouvi o senhor dizer que lorde Asriel está no cativeiro. Faz parte do plano libertá-lo? Porque, caso faça, e se ele estiver em poder daqueles ursos como eu acho que o senhor disse, vamos precisar de bem mais

do que cento e setenta homens. E por mais que lorde Asriel seja nosso amigo, não sei se temos o dever de fazer isso.

— Adriaan Braks, você não está enganado. O que eu tinha em mente era ficarmos de olhos e ouvidos abertos e vermos o que podemos descobrir enquanto estivermos no norte. Pode ser que a gente possa fazer alguma coisa para ajudá-lo, e pode ser que não, mas confie em mim: não vamos usar o que vocês nos deram, homens ou ouro, para qualquer coisa além de encontrarmos e trazermos para casa as nossas crianças.

Outra mulher se levantou.

— Lorde Faa, não sabemos o que esses Papões podem estar fazendo com os nossos filhos. Todos nós ouvimos boatos e histórias horríveis. Falam sobre crianças sem cabeça, ou crianças cortadas ao meio e depois costuradas, e outras coisas horríveis demais para dizer. Fico muito triste de ter que falar disso, mas todos nós escutamos esse tipo de coisa e quero que tudo seja esclarecido. Agora, caso o senhor encontre esse tipo de coisa, lorde Faa, espero que sua vingança seja prioridade. Espero que não vá deixar essas ideias de piedade e bondade impedirem que sua mão ataque com toda força, dando um fim a essa maldade infernal. Tenho certeza de que todas as mães que tiveram um filho sequestrado pelos Papões concordam comigo.

Houve um ruidoso murmúrio de concordância, e ela se sentou. Em todo o Zaal as pessoas assentiam. John Faa esperou que se fizesse silêncio, então disse:

— Nada vai segurar minha mão, Margaret, a não ser que seja uma questão de estratégia. Se eu não atacar no norte, vai ser para poder atacar com mais força no sul. Atacar cedo demais é tão ruim quanto atacar o lugar errado. É claro que há um sentimento muito forte no que você diz. Mas, se alimentarem esse sentimento, amigos, estarão fazendo aquilo que eu sempre desaconselhei: estarão colocando a satisfação acima do trabalho que têm a fazer. Nosso trabalho agora é salvar, depois punir. Não estamos fazendo isso para agradar ninguém. Nossos sentimentos não têm importância. Se salvarmos as crianças e não pudermos castigar os Papões, fizemos a coisa mais importante. Mas se pretendermos castigar os Papões primeiro e assim perdermos a chance de salvar as crianças, fracassaremos antes de começar.

John Faa ficou um instante em silêncio.

— Mas de uma coisa você pode ter certeza, Margaret — prosseguiu. — Quando chegar a hora de punir, vamos lhes dar um golpe tão forte que eles vão se acovardar. Vamos tirar a força deles. Vamos deixar todos arruinados e liquidados, partidos em mil pedaços e espalhados aos quatro ventos. O meu próprio martelo está sedento de sangue, amigos. Ele não sente o gosto de sangue desde que eu matei o campeão tártaro nas estepes do Cazaquistão; ele está sonhando, pendurado lá no meu barco, mas está sentindo cheiro de sangue no vento que vem do norte. Ontem à noite, ele falou comigo e me contou de sua sede, e eu disse: logo, logo. Margaret, você pode pensar em mil coisas, mas não pense que o coração de John Faa esteja mole demais para lutar quando chegar a hora. E quem vai dizer quando a hora chegar vai ser a razão, não o coração. Alguém mais quer dizer alguma coisa?

Ninguém quis, e John Faa pegou a sineta de encerramento e a tocou com força, balançando-a em um grande arco, produzindo sons que encheram o salão e subiram até as vigas.

John Faa e os outros homens na plataforma foram para o escritório. Lyra ficou um pouquinho decepcionada: não iam querer que ela fosse com eles lá para dentro? Mas Tony riu.

— Eles têm que fazer planos — explicou. — Você já fez sua parte, Lyra. Agora é por conta de John Faa e do conselho.

— Mas ainda não fiz nada! — protestou a menina, enquanto seguia os outros relutantemente para fora do salão, descendo a rua calçada de pedras na direção do ancoradouro. — Tudo que fiz foi fugir da sra. Coulter! Este foi só o começo. Quero ir para o norte!

— Vamos fazer o seguinte: eu lhe trago uma presa de morsa, está bem? — prometeu Tony.

Lyra fechou a cara. Quanto a Pantalaimon, ele estava ocupado fazendo caretas para o daemon de Tony, que, desdenhoso, fechou os olhos castanhos. Lyra chegou ao ancoradouro e ficou com seus novos amigos, sacudindo lamparinas penduradas em fios sobre a água escura para atrair os peixes de olhos esbugalhados que vinham nadando devagar, correndo o risco de serem espetados pelas crianças, coisa que nunca acontecia.

Mas os pensamentos dela estavam com John Faa e a reunião no escritório, e não demorou muito antes que ela subisse outra vez a rua até o Zaal. Havia luz na janela do cômodo. A janela era alta demais para que Lyra enxergasse o outro lado, mas ela conseguiu ouvir o som de vozes lá dentro.

Então foi até a porta e bateu com firmeza cinco vezes. As vozes se calaram, uma cadeira foi arrastada e a porta se abriu, derramando uma cálida luz de nafta sobre o degrau úmido.

— Sim? — disse o homem que abriu a porta.

Atrás dele, Lyra viu os outros homens em volta da mesa, com sacolas de ouro, papéis e canetas, cálices e um frasco de gim.

— Quero ir para o norte — falou Lyra para que todos ouvissem. — Quero ajudar a salvar as crianças. Era o que eu pretendia fazer quando fugi da sra. Coulter. E até antes, eu pretendia salvar meu amigo Roger, o ajudante da cozinha da Jordan que foi raptado. Quero ajudar. Sei navegar e posso fazer as leituras ambaromagnéticas da Aurora, e sei quais são as partes comestíveis de um urso, e todo tipo de coisas úteis. Vão se arrepender se chegarem lá e descobrirem que iam precisar de mim e me deixaram para trás. E como aquela mulher disse, talvez vocês precisem de uma mulher para se infiltrar, e, ora, podem precisar de uma criança também. Vocês não sabem. Portanto, deviam me levar, lorde Faa, desculpe interromper sua conversa.

Lyra já estava dentro da sala com todos os homens e seus daemons olhando para ela, alguns com divertimento e outros com irritação, mas ela só tinha olhos para John Faa. Pantalaimon estava no colo dela, e seus olhos verdes de gato-do-mato soltavam faíscas.

John Faa disse:

— Lyra, não posso colocá-la em perigo, então trate de não se iludir, minha filha. Fique aqui, ajude Mãe Costa e fique em segurança. É o que você tem que fazer.

— Estou aprendendo a ler o aletímetro também. Está ficando mais claro a cada dia! Vocês vão precisar disso, tenho certeza!

Ele balançou a cabeça.

— Não. Sei que seu coração estava decidido a ir para o norte, mas acho que nem a sra. Coulter ia levar você. Se quer conhecer o norte, vai ter que

esperar todos esses problemas terminarem. Agora vá.

Pantalaimon sibilou baixinho, mas o daemon de John Faa voou das costas da cadeira dele e avançou para os dois com suas asas negras, sem ameaçar, mas como um lembrete de boas maneiras. Lyra girou nos calcanhares, e a ave, que planava sobre sua cabeça, voltou para junto de John Faa. A porta se fechou atrás da menina com um estalo final.

— Nós *vamos*, sim! — disse ela a Pantalaimon. — Quero ver tentarem nos impedir. Nós *vamos*!

9. OS ESPIÕES

Durante os dias seguintes, Lyra pensou em uma dezena de planos e os descartou com impaciência, pois no fundo todos consistiam em ir escondida, e como alguém poderia se esconder em um barco pequeno? Naturalmente a viagem em si seria feita em um navio de verdade, e ela conhecia histórias suficientes para imaginar que em um navio havia muitos esconderijos: nos barcos salva-vidas, nos porões, ou até nos escaleres, fosse lá o que fosse isso; mas primeiro ela teria que chegar ao navio, e o percurso dos Pântanos até o navio seria feito à moda gípcia.

E mesmo que ela conseguisse chegar sozinha ao litoral, podia acabar se escondendo no navio errado. E seria mesmo uma maravilha conseguir se esconder em um navio e acordar a caminho do Alto Brasil...

Enquanto isso, à sua volta o trabalho tentador de preparar a expedição continuava noite e dia. Ela ficou por perto de Adam Stefanski, observando enquanto ele escolhia os voluntários para a força de guerra. Encheu Roger van Poppel de sugestões sobre os suprimentos necessários: ele tinha se lembrado dos óculos de neve? E por acaso conhecia o melhor lugar para encontrar mapas da região ártica?

O homem que ela mais queria ajudar era Benjamin de Ruyter, o espião. Mas ele tinha partido na madrugada seguinte ao segundo Encontro, e naturalmente ninguém sabia informar para onde ele tinha ido ou quando voltaria. Assim, Lyra grudou em Farder Coram.

— Acho que seria melhor aceitar minha ajuda, Farder Coram, porque eu provavelmente sei mais sobre os Papões do que qualquer outra pessoa, pois eu quase fui um deles. Provavelmente o senhor vai precisar de mim para ajudar a decifrar as mensagens do sr. de Ruyter.

Ele ficava com pena da menina corajosa e desesperada e não a mandava embora; em vez disso conversava com ela e escutava sobre as lembranças de

Oxford e da sra. Coulter, e ficava observando enquanto ela lia o aletômetro.

— Onde está o tal livro que tem todos os símbolos? — perguntou ela um dia.

— Em Heidelberg — informou ele.

— E só existe esse?

— Pode haver outros, mas esse é o único que eu já vi.

— Aposto que tem um na Biblioteca Bodley's em Oxford.

Ela mal conseguia tirar os olhos do daemon de Farder Coram, que era o mais bonito que ela já vira. Quando Pantalaimon ficava na forma de gato, ele era magro, eriçado e bravo, mas Sophonax, que era o nome dela, tinha olhos dourados e era indescritivelmente elegante, duas vezes maior que um gato normal e com uma pelagem maravilhosa. Quando a luz do sol a tocava, iluminava mais tons de castanho-marrom-bege-areia-dourado do que Lyra conseguiria distinguir. Sua vontade de tocar naquela pele, esfregar o rosto nela, era enorme, mas naturalmente nunca fez isso, pois a maior grosseria imaginável era tocar no daemon de outra pessoa. Os daemons podiam tocar uns nos outros, naturalmente, ou brigar; mas a proibição contra o contato gente-daemon era tão séria que nem mesmo na batalha um guerreiro tocava no daemon do inimigo. Era terminantemente proibido. Lyra não se lembrava de ter ouvido isso de alguém, mas sabia instintivamente, como sabia que náusea era ruim, e o conforto era bom. Assim, embora admirasse a pelagem de Sophonax e até mesmo especulasse como seria a sensação, nunca fez a menor menção de tocá-la, nem nunca faria.

Sophonax era tão esguia e cheia de saúde quanto Farder Coram era velho e fraco. Talvez por doença, ou por ter sofrido um grande ferimento, o fato era que ele não conseguia caminhar sem se apoiar em duas bengalas, e tremia constantemente, como uma folha ao vento. Mas tinha a mente clara, rápida e poderosa, e depressa conquistou Lyra com seu conhecimento das coisas e a firmeza com que a instruía.

— O que significa esta ampulheta, Farder Coram? — perguntou ela, debruçada sobre o aletômetro, em uma manhã ensolarada no barco dele. — Ela está sempre voltando para lá.

— Costuma haver uma pista, se você olhar com atenção. O que é essa

coisinha em cima dela?

Ela semicerrou os olhos para olhar.

— É uma caveira!

— Então o que você acha que isso significa?

— A morte... É a morte?

— Isso mesmo. Então nos significados da ampulheta está a morte. Aliás, depois da passagem do tempo, que é o primeiro, vem a morte em segundo lugar.

— Sabe uma coisa que eu percebi, Farder Coram? O ponteiro só para em cima dela na segunda volta! Na primeira volta, ele só estremece, e na segunda ele para. Isso quer dizer que é o segundo significado?

— Provavelmente. Que pergunta você está fazendo, Lyra?

— Eu estou pensando... — Ela parou, surpresa ao descobrir que estava mesmo fazendo uma pergunta, sem perceber. — Eu só juntei as três figuras porque... Eu estava pensando no sr. de Ruyter... então eu juntei a serpente, o cadinho e a colmeia, para perguntar como ele está indo com a sua espionagem, e...

— Por que escolheu esses três símbolos?

— Porque eu achei que a serpente era esperta, como um espião tem que ser, e o cadinho podia significar conhecimento, uma coisa que é destilada, e a colmeia era o trabalho, porque as abelhas estão sempre trabalhando; então, do trabalho e da esperteza vem o conhecimento, entende, que é a missão do espião; aponte para os três e pensei na pergunta, e o ponteiro parou na morte... Acha que está mesmo funcionando, Farder Coram?

— Está funcionando, sim, Lyra. O que não sabemos é se estamos lendo direito. Essa é uma arte muito sutil. Será que...

Antes que pudesse terminar a frase, bateram na porta, e um jovem gípcio entrou.

— Com licença, Farder Coram, Jacob Huismans acabou de voltar, e ele está muito ferido.

— Ele estava com Benjamin de Ruyter — disse Farder Coram. — Que foi que aconteceu?

— Ele não quer falar — disse o rapaz. — É melhor vir logo, Farder

Coram, porque ele não vai durar muito, está sangrando por dentro.

Farder Coram e Lyra trocaram um olhar assustado e perplexo, mas só por um segundo; Farder Coram saiu caminhando, apoiado em suas bengalas, com a maior velocidade possível, seu daemon seguindo na frente. Lyra foi também, saltando de impaciência.

O rapaz os guiou até um barco atracado, onde uma mulher com um avental de flanela vermelha abriu a porta para eles. Vendo o olhar desconfiado que ela lançou a Lyra, Farder Coram disse:

— É importante que a menina escute o que Jacob tem a dizer, senhora.

Então a mulher os deixou entrar e ficou para trás, com seu daemon-esquilo empoleirado no cais de madeira. Em uma cama, sob uma colcha de retalhos, estava deitado um homem com o rosto branco coberto de suor e os olhos desfocados.

— Já mandei vir o médico, Farder Coram — disse a mulher com a voz trêmula. — Por favor não deixe ele muito agitado. Está sofrendo muito. Ele chegou no barco de Peter Hawker há poucos minutos.

— Onde está Peter?

— Está atracando. Foi ele que disse que eu tinha que chamar o senhor.

— Está certo. Agora, Jacob, está me ouvindo?

Jacob girou os olhos para olhar para Farder Coram sentado na cama oposta, a meio metro dele.

— Olá, Farder Coram — murmurou.

Lyra olhou para o daemon dele. Era uma fuinha, deitada imóvel junto à cabeça do homem, aninhada, mas não adormecida, pois tinha os olhos abertos e embaçados como os dele.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Farder Coram.

— Benjamin está morto — foi a resposta. — Está morto, e Gerard foi preso.

Tinha a voz rouca e a respiração difícil. Quando parou de falar, seu daemon se desenrodilhou dolorosamente e lambeu o rosto dele; retirando forças desse gesto, ele continuou:

— Estávamos entrando às escondidas no Ministério da Teologia, porque Benjamin tinha ouvido de um dos Papões que aprisionamos que o quartel-

general era lá, que era de lá que saíam todas as ordens...

Ele tornou a silenciar.

— Vocês capturaram Papões? — perguntou Farder Coram.

Jacob assentiu e olhou para seu daemon. Era incomum os daemons falarem com outros humanos além dos seus, mas às vezes acontecia, e nessa ocasião a fuinha falou:

— Pegamos três Papões em Clerkenwell e os obrigamos a nos contar para quem estavam trabalhando e de onde vinham as ordens, coisas assim. Eles não sabiam para onde estavam levando as crianças, a não ser que era para o norte, para a Lapônia...

Ela teve que parar, ofegante, o pequeno peito arfando, e descansar um pouco, antes de conseguir continuar.

— Então os Papões nos falaram do Ministério da Teologia e de lorde Boreal. Benjamin disse que ele e Gerard Hook deviam entrar às escondidas no Ministério, e Frans Broekman e Tom Mendham deviam ir descobrir mais sobre lorde Boreal.

— Eles conseguiram?

— Não sabemos. Eles não voltaram. Farder Coram, parecia que tudo que fazíamos eles ficavam sabendo com antecedência, e, pelo que sabemos, Frans e Tom foram engolidos vivos assim que chegaram perto de lorde Boreal.

— Vamos voltar a falar sobre Benjamin — disse Farder Coram, percebendo a respiração de Jacob se tornar cada vez mais ofegante e vendo seus olhos se fecharem de dor.

O daemon de Jacob soltou um pequeno miado de preocupação e amor, e a mulher chegou um pouco mais perto, com as mãos junto à boca; mas não falou nada, e o daemon continuou com voz fraca:

— Benjamin, Gerard e nós fomos para o Ministério em White Hall e descobrimos uma portinha lateral que não estava muito vigiada. Ficamos de guarda do lado de fora enquanto eles abriam a fechadura e entravam. Não havia se passado um minuto quando ouvimos um grito de horror, e o daemon de Benjamin veio voando, fez um gesto nos chamando e tornou a entrar. Cada um pegou sua faca e saímos correndo atrás dele; só que o lugar estava escuro, cheio de formas e sons que nos confundiam com seus movimentos

assustados; tentamos lutar, mas houve uma confusão mais em cima, e um grito, e Benjamin e seu daemon caíram de uma escadaria alta, o daemon tentando segurá-lo em vão, pois eles se esborracharam no chão de pedra e morreram na hora. Não conseguíamos saber de Gerard, mas ouvimos a voz dele soltando um urro lá em cima, e ficamos aterrorizados e confusos demais para fazer qualquer coisa, e então uma flecha nos atingiu no ombro e penetrou muito fundo...

A voz do daemon estava mais fraca, e o homem ferido soltou um gemido. Farder Coram se inclinou e com delicadeza puxou a colcha, e ali, saindo do ombro do ferido, havia a ponta cheia de plumas de uma flecha, em uma massa de sangue coagulado. O resto da flecha estava tão enterrado no peito do pobre homem que só aqueles dez centímetros ficavam fora da pele. Lyra sentiu-se tonta.

Houve um ruído de passos e vozes lá fora, no ancoradouro. Farder Coram se endireitou.

— Chegou o médico, Jacob. Vamos sair agora. Quando você estiver se sentindo melhor, conversaremos com mais calma.

A caminho da porta, ele colocou a mão no ombro da mulher. No ancoradouro, Lyra ficou perto dele, porque já havia um ajuntamento de pessoas cochichando e apontando. Farder Coram deu ordem a Peter Hawker para ir imediatamente chamar John Faa, depois disse:

— Lyra, assim que soubermos se Jacob vai viver ou morrer precisamos ter outra conversa sobre aquele aletiômetro. Vá fazer alguma outra coisa, minha filha; nós mandaremos chamá-la.

Lyra foi se sentar sozinha na margem cheia de vegetação e começou a jogar lama dentro da água. Sabia de uma coisa: não estava feliz ou orgulhosa por conseguir ler o aletiômetro — estava com medo. Fosse qual fosse o poder que fazia aquele ponteiro andar e parar, ele sabia das coisas, como um ser inteligente.

— Acho que é um espírito — disse ela, e por um instante ficou tentada a jogar o pequeno instrumento no meio do pântano.

— Eu veria o espírito, se houvesse um aí dentro — afirmou Pantalaimon.
— Como o fantasma velho em Godstow. Eu vi, e você não.

— Existe mais de um tipo de espírito — retrucou Lyra em tom de reprovação. — Você não consegue ver todos. E aqueles catedráticos mortos sem cabeça? Eu vi, lembra?

— Aquilo foi só uma assombração.

— Não foi, não. Eram espíritos, mesmo, e você sabe disso. Mas seja qual for o espírito que está movendo esse maldito ponteiro, não é daquele tipo.

— Pode não ser um espírito — teimou Pantalaimon.

— Que mais poderia ser?

— Poderiam ser... partículas elementares.

Ela soltou uma risadinha de desprezo.

— Poderiam, sim — insistiu Pan. — Você se lembra daquela ventoinha movida a luz que eles têm na Gabriel? Então?

Na Faculdade Gabriel, havia um objeto muito sagrado que ficava guardado no altar principal do Oratório, coberto (agora Lyra se lembrava disso) com um pano de veludo preto, como o que embrulhava o aletômetro. Ela o tinha visto quando acompanhou o bibliotecário da Jordan em um culto religioso. No auge da cerimônia, o intercessor levantou o pano e revelou na penumbra um domo de vidro; dentro dele havia alguma coisa distante demais para ser vista, até que ele puxou um cordão preso a uma cortina lá no alto, deixando um raio de sol cair exatamente sobre o domo. Então ficou claro o que era: uma coisinha como uma ventoinha, com quatro pás pretas de um lado e brancas do outro, que começaram a girar quando a luz bateu nela. O intercessor disse então que aquilo ilustrava uma lição moral, pois o negror da ignorância fugia da luz, enquanto a alvura da sabedoria era atraída por ela. Lyra acreditou naquilo; de qualquer forma, fosse qual fosse o significado, as pequenas pás giratórias eram lindas; o movimento era impulsionado pela força dos fótons, disse o bibliotecário enquanto voltavam a pé para a Jordan.

Então talvez Pantalaimon tivesse razão. Se as partículas elementares conseguiam fazer girar uma ventoinha, sem dúvida podiam mover um ponteiro com muito mais facilidade; mas isso ainda a preocupava.

— Lyra! Lyra!

Era Tony Costa, acenando para ela do ancoradouro.

— Venha aqui — chamou ele. — Você tem que ir falar com John Faa no

Zaal. Depressa, garota, é urgente!

Ela encontrou John Faa com Farder Coram e os outros chefes, parecendo preocupados. John Faa falou:

— Lyra, minha filha, Farder Coram me contou sobre a sua leitura daquele instrumento. Lamento dizer que o coitado do Jacob acaba de falecer. Acho que vamos ter que levar você conosco, afinal, mesmo contra a minha vontade. Estou muito preocupado com isso, mas parece que não temos alternativa. Assim que Jacob for enterrado, segundo a tradição, nós vamos partir. Entenda, Lyra: você vai também, mas não é motivo para alegria. Há problemas e perigos esperando por todos nós. Farder Coram vai cuidar de você. Não crie problemas ou riscos para ele, senão vai sentir a força da minha fúria. Agora vá explicar isso para Mãe Costa e fique preparada para partir.

As duas semanas seguintes foram as mais atarefadas da vida de Lyra. Atarefadas, mas não rápidas, pois havia tediosos períodos de espera, de se esconder em armários apertados e úmidos, de contemplar a paisagem triste e chuvosa de outono passando pela janela, de se esconder outra vez, de dormir perto do escapamento do motor e acordar com uma terrível dor de cabeça e — pior de tudo — nem uma vez ter permissão para sair para o ar fresco, correr pela margem, subir ao convés, abrir as comportas ou agarrar uma corda jogada da margem.

Naturalmente, ela devia ficar escondida. Tony Costa contou para ela o boato nas tavernas à beira d'água: que, por todo o reino, estavam caçando uma menina loura com uma grande recompensa pela sua descoberta e severos castigos para quem a escondesse. Havia também boatos estranhos: as pessoas diziam que ela era a única criança que tinha conseguido escapar dos Papões com vida e que possuía segredos terríveis. Outro boato dizia que ela não era uma criança humana, e sim um par de espíritos em forma de criança e daemon, enviados a este mundo pelos poderes infernais para causar grande mal; outro ainda dizia que não se tratava de uma criança, mas de uma adulta encolhida por magia e trabalhando para os tártaros, para vir espionar o bom povo inglês e preparar o caminho para uma invasão tártara.

Lyra escutava estas histórias a princípio achando graça, mas depois com desânimo. Todas aquelas pessoas com medo e raiva dela! E estava louca para sair daquela cabine estreita e apertada. Queria já estar no norte, na neve sob a cintilante Aurora Boreal. E às vezes desejava estar de volta à Faculdade Jordan, pulando pelos telhados com Roger e ouvindo o sino do administrador bater a meia hora para o jantar, e os ruídos de louça, fritura e gritos na cozinha... Então desejava ardentemente que nada tivesse mudado, que nada jamais mudasse, que ela pudesse ser para sempre a Lyra da Jordan.

A única coisa que lhe tirava o tédio e a irritação era o aletômetro. Ela o lia todos os dias, às vezes com Farder Coram, às vezes sozinha, e descobriu que era cada vez mais fácil entrar no estado de paz em que os significados dos símbolos se revelavam para ela, e aquelas altas montanhas tocadas pelo sol emergiam em sua visão.

Ela se esforçou para explicar como era a Farder Coram.

— É quase como conversar com uma pessoa, só que a gente não consegue ouvir as respostas e fica se sentindo meio burra porque a outra pessoa é mais inteligente que a gente, só que ela nunca fica zangada nem nada... E ela sabe tanta coisa, Farder Coram! Quase como se soubesse tudo! A sra. Coulter era inteligente, sabia muita coisa, mas isto aqui é um tipo de conhecimento diferente... É como compreender, eu acho...

Ele fazia perguntas específicas, e ela procurava as respostas.

— O que a sra. Coulter está fazendo agora? — perguntava ele; as mãos de Lyra se moviam no mesmo instante, e ele pedia: — Me explique o que está fazendo.

— Bem, a madona é a sra. Coulter, e penso *minha mãe* quando coloco o ponteiro ali; e a formiga é atarefada... essa é fácil, é o primeiro significado; e a ampulheta tem *passagem do tempo* entre seus significados, e no meio da lista está *agora*, e eu fixo o pensamento nisso.

— E como sabe quais são os significados?

— É como se eu os visse. Ou melhor, sentisse, como descer uma escada à noite, a gente baixa o pé e acha outro degrau. Bom, eu baixo o pensamento e acho outro significado, eu sinto qual é. Então junto tudo. Tem um truque, um jeito de focar os olhos.

— Faça isso então e veja o que ele diz.

Lyra obedeceu. O ponteiro grande começou a girar no mesmo instante, parou, continuou, tornou a parar, em uma série precisa de movimentos e pausas. Era uma sensação de tamanha graciosidade e tamanho poder que Lyra, compartilhando dele, se sentiu como um filhote de passarinho aprendendo a voar. Farder Coram, observando do outro lado da mesa, anotou os lugares onde o ponteiro parava e observou a menininha segurando os cabelos longe do rosto e mordiscando de leve o lábio, os olhos a princípio seguindo o ponteiro, mas depois, quando este regularizava seu movimento, olhando para outras partes do mostrador. Não ao acaso. Farder Coram gostava de jogar xadrez, e sabia como os jogadores ficavam durante uma partida. Um bom jogador parecia ver linhas de força e influência no tabuleiro, seguia as linhas importantes e ignorava as fracas; e os olhos de Lyra se moviam do mesmo modo, seguindo algum campo magnético que só ela conseguia enxergar.

O ponteiro parou no raio, no bebê, na serpente, no elefante e em uma criatura cujo nome Lyra não sabia: uma espécie de lagarto de olhos grandes e um rabo enrolado em volta do galho onde estava empoleirado. Enquanto Lyra observava, o ponteiro repetiu várias vezes a mesma sequência.

— Qual é o significado do lagarto? — perguntou Farder Coram, interrompendo a concentração dela.

— Não entendo... Vejo o que ele está dizendo, mas acho que estou lendo errado. O raio eu acho que é raiva, e a criança... acho que sou eu... Eu estava conseguindo um significado para o lagarto, Farder Coram, mas o senhor falou comigo e eu perdi. Está vendo, o ponteiro está indo para qualquer lugar.

— É, estou vendo. Sinto muito, Lyra. Está cansada? Quer parar?

— Não quero, não.

Mas seu rosto estava vermelho, e os olhos, brilhantes. Tinha todos os sinais de cansaço intensificado pelo longo confinamento naquela cabine abafada.

Ele olhou pela janela. Estava quase escuro lá fora, e eles viajavam ao longo do último trecho de rio antes de chegar ao litoral. Sob um céu encoberto dava para perceber a amplidão marrom de um estuário até um

grupo distante de tanques de álcool, enferrujados e trespassados por canos, junto a uma refinaria onde uma mancha espessa de fumaça subia com relutância na direção das nuvens.

— Onde é que estamos? — perguntou Lyra. — Posso ir lá fora só um pouquinho, Farder Coram?

— Aqui é a água do Colby — disse ele. — Onde o rio Cole deságua. Quando chegarmos à cidade, vamos atracar junto ao Mercado de Defumados e vamos a pé até o porto. Estaremos lá dentro de uma ou duas horas...

Mas estava ficando escuro, e na desolação do rio nada se movia além do barco deles e uma distante balsa de carvão indo para a refinaria; Lyra estava tão vermelha e cansada, e tinha ficado tanto tempo enclausurada, que Farder Coram disse:

— Bem, acho que não tem problema alguns minutinhos ao ar livre. Não posso chamar de ar fresco, pois ele só é fresco quando sopra do mar; mas você pode se sentar lá em cima e apreciar a paisagem até chegarmos mais perto.

Lyra deu um salto, e Pantalaimon no mesmo instante se transformou em uma gaivota, ansioso por estender as asas no céu. Mas estava frio lá fora e, embora estivesse bem agasalhada, logo Lyra estava tremendo. Pantalaimon, por outro lado, girava no ar com grasnidos de felicidade, dando rasantes em volta do barco. Lyra adorou isso, se sentindo na pele dele enquanto voava, e ficou insistindo mentalmente para que Pan fosse desafiar o daemon-biguá do velho capitão para uma corrida. Mas o daemon ignorou Pantalaimon e só se ajeitou, sonolenta, no timão, perto do seu humano. Naquela amplidão árida e marrom não havia vida, e apenas o ruído constante do motor e o som abafado da água no casco rompiam o silêncio. Nuvens pesadas cobriam o céu sem oferecer chuva; o ar estava cheio de fumaça. Só a elegância do voo de Pantalaimon possuía alguma vida e alegria.

Enquanto ele saía de um rasante com as asas brancas contra o céu cinzento, alguma coisa o atingiu. Ele tombou de lado, cheio de choque e dor, e Lyra gritou, sentindo também. Outra coisa escura veio se juntar à primeira; não se moviam como pássaros, mas como besouros, pesados e diretos, com um zumbido alto.

Enquanto Pantalaimon caía, tentando mudar de direção para alcançar o barco e os braços desesperados de Lyra, as coisas pretas não paravam de atacá-lo. Lyra estava enlouquecendo com o medo de Pantalaimon e o próprio, mas então alguma coisa passou por ela e se elevou.

Era o daemon do capitão do barco; com toda a sua aparência desajeitada e pesada, seu voo era poderoso e ágil. Ela virou a cabeça para os lados — houve uma agitação das asas escuras, um estremecimento branco e uma coisinha preta caiu sobre o teto da cabine enquanto Pantalaimon pousava na mão estendida dela.

Antes que ela pudesse acariciá-lo, ele mudou para sua forma de gato-domato e saltou sobre a criatura, impedindo que ela chegasse à borda do telhado para onde estava tentando fugir. Pantalaimon segurou-a firmemente com as garras e ergueu os olhos para o céu que escurecia, onde as asas escuras do biguá faziam círculos enquanto ela procurava a outra criatura.

Então o biguá voltou voando e grasnou alguma coisa para o capitão, que disse:

— Fugiu. Não deixe essa coisa escapar. Tome aqui.

Ele derramou o resto do líquido da caneca de latão e a jogou para Lyra, que no mesmo instante prendeu o animal que zumbia e roncava como um motorzinho.

— Segure firme — pediu Farder Coram atrás dela, e em seguida se ajoelhou e enfiou um pedaço de papelão sob a caneca.

— O que é isso, Farder Coram? — perguntou ela, trêmula.

— Vamos lá para baixo dar uma olhada. Leve com cuidado, Lyra. Segure com força.

Ao passar, ela olhou para o daemon do capitão; queria agradecê-la, mas ela havia fechado os olhos. Então Lyra agradeceu ao homem.

— Você devia ter ficado lá embaixo — foi tudo o que ele disse.

Ela levou a caneca para a cabine, onde Farder Coram tinha encontrado um copo de cerveja. Ele segurou a caneca de cabeça para baixo sobre o copo e então retirou o pedaço de papelão, de modo que a criatura caiu lá dentro. Ele segurou o copo de modo que ambos pudessem ver claramente a coisinha furiosa.

Tinha o tamanho do polegar de Lyra e era verde-escura, não preta. As asas estavam levantadas, como uma joaninha prestes a voar, e batiam tão furiosamente que eram apenas um borrão. As seis pernas tentavam escalar a superfície de vidro.

— O que é isso? — perguntou Lyra.

Pantalaimon, ainda como gato-do-mato, estava agachado sobre a mesa, os olhos verdes seguindo os círculos da criatura dentro do copo.

Farder Coram disse:

— Se a gente abrir isso aí, não vai encontrar vida. Não é animal nem inseto. Já vi uma dessas antes, e nunca pensei que fosse ver outra aqui tão ao norte. São africanas. Têm um mecanismo dentro, e preso na mola um espírito mau com um feitiço atravessando o coração.

— Mas quem foi que mandou isso?

— Você não precisa ler os símbolos, Lyra; pode adivinhar tão bem quanto eu.

— A sra. Coulter?

— Claro. Ela não explorou só o norte; estão acontecendo muitas coisas estranhas lá pelas lonjuras do sul. Foi no Marrocos que vi pela última vez uma dessas coisas. São mortais; enquanto o espírito estiver dentro, ela nunca para, e quando a gente liberta o espírito, ele está tão furioso que mata a primeira coisa que encontra.

— Mas o que ela estava procurando?

— Estava espionando. Fui um idiota em deixar você ir lá em cima. E devia ter deixado você decifrar os símbolos, em vez de interrompê-la.

— Agora estou entendendo! — exclamou Lyra de repente. — Aquele lagarto significa “ar”! Eu vi isso, mas não consegui ver onde se encaixava, então tentei entender e perdi o pensamento.

— Ah, agora também estou vendo — disse Farder Coram. — Não é um lagarto, é por isso; é um camaleão. Significa ar porque eles não comem nem bebem, vivem de ar.

— E o elefante...

— A África! — completou ele. — Minha nossa.

Eles se entreolharam. A cada revelação do poder do aletiômetro, os dois

ficavam mais impressionados.

— Ele estava nos falando dessas coisas o tempo todo — disse Lyra. — Devíamos ter escutado. Mas o que podemos fazer com esta aí, Farder Coram? Podemos matar, ou coisa assim?

— Acho que não podemos fazer nada. Vamos ter que prender isso aí em uma caixa e nunca mais soltar. O que mais me preocupa é o outro, o que fugiu. Ele agora deve estar voando de volta para a sra. Coulter, com a notícia de que encontrou você. Droga, Lyra, sou um idiota.

Ele remexeu em um armário e encontrou uma lata de guardar folhas de tabaco com cerca de dez centímetros de diâmetro. Ela estava sendo usada para guardar parafusos, mas ele a esvaziou e limpou o interior com um pano antes de inverter o copo sobre ela com o cartão ainda no lugar.

Depois de um momento assustador, quando uma perna da criatura escapou e afastou a tampa com força surpreendente, eles conseguiram prendê-la na lata e enroscar a tampa com força.

— Assim que chegarmos ao navio, vou colocar uma solda em volta, por segurança — disse Farder Coram.

— Mas a corda não vai acabar?

— Se fosse um mecanismo comum, sim. Mas, como eu disse, este aqui fica sempre esticado pelo espírito preso no meio. Quanto mais ele luta, mais corda é dada, e maior é a força. Agora vamos guardar esse sujeito...

Ele enrolou a lata em um pedaço de flanela para abafar o zumbido incessante e a escondeu debaixo da cama.

Já estava escuro, e Lyra contemplava pela janela as luzes de Colby cada vez mais próximas. O ar pesado havia se transformado em neblina, e quando atracaram ao lado do Mercado de Defumados, tudo em volta estava meio desfocado. A escuridão transformada em véus cinza-prateados cobria as guias e os depósitos, as barraquinhas de madeira e o prédio de granito com muitas chaminés, que davam nome ao mercado, onde dia e noite havia peixes sendo defumados pela perfumada fumaça do carvalho. As chaminés contribuíam para o ar abafado, e o cheiro agradável de peixe defumado — arenque, cavala e hadoque — parecia sair das pedras do chão.

Lyra, enrolada em uma capa de chuva e com um enorme capuz

escondendo os cabelos louros e brilhantes, caminhava entre Farder Coram e o capitão. Todos os três daemons estavam alertas, vigiando as esquinas à frente, vigiando atrás, tentando escutar as mais leves passadas. Mas eles eram as únicas figuras à vista. Os cidadãos de Colby estavam todos dentro de casa, provavelmente bebericando aguardente junto a uma lareira quentinha. Não encontraram ninguém até chegarem ao porto, e o primeiro homem que viram foi Tony Costa, vigiando os portões.

— Graças a Deus vocês chegaram — disse ele, baixinho, deixando-os passar. — Acabamos de saber que Jack Verhoeven levou um tiro e o barco dele foi afundado, e ninguém sabia onde vocês estavam. John Faa já está no navio, louco para partir.

Lyra achou o navio imenso. Tinha no centro a casa do leme e a chaminé, o castelo da proa bem alto e um guindaste acima de uma grande abertura coberta por uma lona; luz amarela brilhava nas escotilhas e na ponte, e luz branca no topo do mastro; e três ou quatro homens no convés trabalhavam apressadamente em coisas que ela não conseguia distinguir direito.

Ela subiu depressa a rampa de madeira, passando à frente de Farder Coram, e olhou em volta com ansiedade. Pantalaimon se transformou em um macaco e imediatamente começou a subir pelo guindaste, mas ela o chamou de volta; John Faa conversava baixinho com Nicholas Rokeby, o gípcio encarregado do navio. John Faa não fazia nada às pressas. Lyra estava esperando que ele a cumprimentasse, mas ele terminou o que dizia sobre a maré e a navegação antes de se virar para os recém-chegados.

— Boa noite, amigos. O coitado do Jack Verhoeven está morto, talvez vocês já saibam. E seus homens foram capturados.

— Nós também temos más notícias — disse Farder Coram, e relatou o encontro com os espíritos voadores.

John Faa balançou a cabeça, mas não os repreendeu.

— Onde está a criatura agora? — perguntou.

Farder Coram pegou a lata e a colocou sobre a mesa. De dentro vinha um zumbido tão furioso que a própria lata se movia lentamente sobre o tampo de madeira.

— Já ouvi falar nesses demônios mecânicos, mas nunca tinha visto um —

disse John Faa. — Não há jeito de domesticá-lo ou acabar com a corda, disso eu sei. Também não adianta colocar um peso de chumbo e jogar no fundo do mar, porque um dia a lata vai enferrujar, e o demônio vai sair e ir atrás de Lyra onde quer que ela esteja. Não, é melhor guardar e vigiar.

Sendo Lyra a única mulher a bordo (pois John Faa, depois de muito meditar, tinha resolvido não levar mulheres), ela ficou com uma cabine só para ela. Não muito grande, naturalmente; na verdade, era pouco mais que um armário com uma cama e uma escotilha. Ela guardou os poucos pertences na gaveta sob o colchão e subiu correndo, animada, para se debruçar sobre a amurada e contemplar a Inglaterra desaparecendo lá atrás, descobrindo então que a maior parte da Inglaterra tinha desaparecido na neblina antes que ela chegasse ao convés.

Mas o ruído da água, o movimento no ar, as luzes do navio brilhando corajosamente na escuridão, o ronco do motor, o cheiro de sal, de peixe e de álcool já a fizeram se sentir mais animada. Não demorou para que outra sensação se somasse àquelas, quando o navio começou a balançar nas ondas do oceano Germânico. Quando alguém chamou Lyra para jantar, ela descobriu que tinha menos fome do que imaginara, e depois de algum tempo achou que seria uma boa ideia ir dormir — por causa de Pantalaimon, porque a pobre criatura não estava se sentindo muito bem.

E assim começou a viagem dela para o norte.

SEGUNDA PARTE

BOLVANGAR

10. O CÔNSUL E O URSO

John Faa e os outros chefes tinham decidido que iriam para Trollesund, o principal porto da Lapônia. As feiticeiras tinham um consulado nessa cidade, e John Faa sabia que, sem a ajuda delas — ou pelo menos sua neutralidade —, seria impossível salvar as crianças sequestradas.

No dia seguinte, quando o enjoo de Lyra tinha diminuído um pouco, ele explicou sua ideia a ela e a Farder Coram. O sol brilhava, e as ondas verdes quebravam de encontro à proa formando espuma. No convés, com a brisa soprando e o mar inteiro brilhando com luz e movimento, ela sentia pouco enjoo; e agora que Pantalaimon tinha descoberto o prazer de ser uma gaivota e depois um painho roçando os picos das ondas, Lyra se distraiu com a alegria dele e conseguiu não ficar entregue aos sofrimentos de um marinheiro de primeira viagem.

John Faa, Farder Coram e mais dois ou três homens estavam sentados na popa, sob o sol, conversando sobre o próximo passo.

— Farder Coram conhece as feiticeiras da Lapônia — disse John Faa. — E se não me engano há uma dívida de gratidão.

— É isso mesmo, John — confirmou Farder Coram. — Foi há quarenta anos, mas para uma feiticeira isso não é nada; algumas vivem muitas vezes isso.

— O que foi que aconteceu para que elas ficassem em dívida com você, Farder Coram? — perguntou Adam Stefanski, o homem encarregado da tropa de combate.

— Salvei a vida de uma feiticeira — explicou o ancião. — Ela caiu do céu, perseguida por um enorme pássaro vermelho, nunca vi outro igual. Ela caiu ferida no pântano, e eu saí procurando. Estava quase afogada, e eu a coloquei dentro do barco e dei um tiro no pássaro. Ele caiu em um atoleiro, infelizmente, pois era do tamanho de uma galinha pequena e vermelho como

uma labareda.

— Ah... — murmuraram os outros, presos à narrativa de Farder Coram.

— Bom, quando coloquei a moça no barco, tive o maior susto da minha vida, porque ela não tinha daemon.

Foi como se ele tivesse dito “ela não tinha cabeça”; essa ideia era repugnante. Os homens estremeceram, seus daemons se eriçaram, ou se sacudiram, ou piaram, e os homens os acalmaram. Pantalaimon foi para o colo de Lyra, os corações de ambos batendo no mesmo ritmo.

— Pelo menos era o que parecia — continuou Farder Coram. — Como tinha caído do céu, eu já suspeitava que era uma feiticeira. Parecia mesmo uma mulher jovem, mais magra que algumas e mais bonita que a maioria, mas não ver o daemon me causou um grande choque.

— Então as feiticeiras não têm daemons? — quis saber outro homem, Michael Canzona.

— Os daemons delas são invisíveis, eu acho — disse Adam Stefanski. — Ele estava lá o tempo todo, e Farder Coram não viu.

— Não, você está enganado, Adam — explicou Farder Coram. — Ele não estava lá. As feiticeiras têm o poder de se separar de seus daemons a uma distância muito maior do que nós. Se for preciso, elas podem mandar seus daemons viajar para terras distantes, ou até as nuvens, ou até o fundo do mar. Não tinha se passado nem uma hora desde que eu a encontrei quando o daemon dela chegou voando, porque ele sentiu o medo e os ferimentos de sua dona, é claro. E eu acredito, embora ela nunca tenha admitido, que o grande pássaro vermelho que eu matei era o daemon de outra feiticeira. Fiquei muito nervoso quando pensei nisso. Se eu soubesse, não teria atirado; teria tomado outra medida, no mar ou em terra; mas eu atirei. De qualquer maneira, eu salvei a vida dela, e ela me deu uma lembrança disso e disse para eu lhe pedir ajuda se algum dia precisasse. E uma vez ela me mandou ajuda quando os escaelingues me acertaram com uma flecha envenenada. Nós tínhamos outras ligações, também... Não nos vemos há muitos anos, mas ela vai lembrar.

— E essa feiticeira mora em Trollesund?

— Não, não. Elas moram nas florestas e na tundra, não em um porto

marítimo, entre homens e mulheres. O negócio delas é com a natureza. Mas elas têm um consulado lá, e eu vou mandar um recado para ela, sem dúvida.

Lyra estava louca para saber mais sobre as feiticeiras, mas a conversa mudou para a questão do combustível e dos suprimentos, e ela ficou impaciente para conhecer o resto do navio. Saiu vagando pelo convés na direção da proa, e logo fez amizade com um dos marinheiros — amizade que começou com ela atirando nele, uma por uma, as sementes que guardara da maçã que tinha comido no café da manhã.

Ele era um homem corpulento e tranquilo, e depois que lhe disse um palavrão e ouviu outro dela em resposta, eles se tornaram grandes amigos. O nome dele era Jerry. Sob a orientação dele, Lyra descobriu que ter alguma coisa para fazer impedia o enjoo, e que até um trabalho como lavar o convés podia ser prazeroso, se fosse feito como um marinheiro fazia. Ela ficou entusiasmada com essa ideia, e depois disso passou a dobrar as cobertas da sua cama à moda dos marinheiros, a guardar seus pertences no armário à moda dos marinheiros e usar o termo “estivar” em vez de “arrumar” para esse processo.

Depois de dois dias no mar, Lyra estava convencida de que aquela era a vida que ela queria. Podia andar pelo navio inteiro, desde a casa de máquinas até a ponte, e logo já sabia o nome de toda a tripulação. O capitão Rokeby deixou que ela tocasse o apito a vapor para sinalizar para uma fragata das Holandas; o cozinheiro aceitou a ajuda dela para misturar o pudim de pêsego; e só uma bronca de John Faa impediu que ela subisse ao topo do mastro para contemplar o horizonte.

O navio ia para o norte, e cada dia o frio ficava mais intenso. Procuraram, nos depósitos, lonas que pudessem ser cortadas para ela, e Jerry lhe ensinou a costurar, uma arte que ela aprendeu de boa vontade, embora na Jordan a tivesse desprezado, fugindo das aulas da sra. Lonsdale. Juntos, fizeram uma sacola à prova d’água para o aletômetro que ela podia prender em volta da cintura, caso caísse na água, segundo ela. Com o instrumento em segurança e a menina usando a capa e o capuz de lona, Lyra se agarrava à amurada, enquanto a espuma gelada se derramava por cima da proa e molhava o convés. Às vezes, ela sentia enjoo, principalmente quando o vento crescia e o

navio mergulhava pesadamente por uma crista das ondas verde-acinzentadas, e então foi a vez de Pantalaimon distraí-la roçando as ondas como uma ave marinha, porque ela conseguia sentir a euforia da liberdade dele ao sabor do vento e da água e esquecer o enjoo. De vez em quando, ele tentava até mesmo ser um peixe, e certa vez se juntou a um bando de golfinhos, para grande surpresa e prazer deles. Lyra ficou, tremendo de frio, no castelo de proa, e riu de prazer enquanto seu amado Pantalaimon, esguio e poderoso, saltava da água com meia dúzia de outras figuras cinzentas e rápidas. Era prazer, mas não um prazer simples, pois nele havia também dor e medo: e se ele gostasse mais de ser golfinho do que gostava dela?

Seu amigo, o marinheiro, estava por perto, e enquanto ajeitava a proteção de lona sobre a abertura da proa ele parou para observar o daemon da menina nadando e saltando com os golfinhos. Seu próprio daemon, uma gaivota, estava empoleirado no guincho, com a cabeça enfiada sob a asa. Ele sabia o que Lyra estava sentindo.

— Eu me lembro da primeira vez que vim para o mar, eu era bem novinho e Belisária ainda não tinha tomado uma forma definitiva, e ela adorava ser toninha, que é uma baleia pequena. Eu tinha medo que ela ficasse assim para sempre. No meu primeiro navio, tinha um velho marinheiro que nunca podia ir à terra, porque o daemon dele tinha tomado a forma de um golfinho, e ele nunca podia sair do mar. Era um marinheiro muito bacana, o melhor navegador que já se viu; podia ter feito fortuna com a pesca, mas não gostava. Nunca foi feliz até morrer e poder ser sepultado no mar.

— Por que os daemons têm que ficar com uma forma só? — perguntou Lyra. — Queria que Pantalaimon pudesse mudar sempre. Ele também quer.

— Ah, eles sempre ficam com uma só, e sempre ficarão. Faz parte de crescer. Vai chegar uma época em que você vai ficar cansada de tantas mudanças, e vai querer que ele tenha uma forma fixa.

— Nunca vou querer isso!

— Ah, vai, sim. Vai querer crescer como todas as outras meninas. De qualquer maneira, a forma única tem suas vantagens.

— Quais?

— Saber que tipo de pessoa você é. A velha Belisária, por exemplo; ela é

uma gaivota, o que significa que eu sou uma espécie de gaivota, também. Não sou grandioso, esplêndido nem bonito, mas sou durão e consigo sobreviver em qualquer lugar, e sempre arranjo comida e boa companhia. Vale a pena saber disso. E quando o seu daemon se estabelecer em uma forma, vai saber que tipo de pessoa você é.

— Mas e se Pantalaimon se estabelecer em uma forma que eu não goste?

— Bom, você vai se decepcionar, não é? Tem muita gente que gostaria de ter um daemon-leão e acaba com um poodle. E até aprenderem a se contentar com o que são, reclamam muito. Acho isso um desperdício de energia.

Mas Lyra tinha a impressão de que nunca cresceria.

Certa manhã, havia no ar um cheiro diferente, e o navio se movia de modo estranho, balançando de um lado para outro, em vez de mergulhar a proa e tornar a erguê-la. Lyra acordou e em menos de um minuto estava no convés, olhando avidamente para a terra: uma visão muito estranha depois de toda aquela água, pois, embora só tivessem ficado alguns dias navegando, para Lyra era como se tivessem passado meses no oceano. Bem à frente ela via uma montanha de encostas verdes e o pico coberto de neve, e no sopé uma cidadezinha e um porto: casas de madeira com telhados pontudos, a torre de uma igreja, caixotes no porto e bandos de gaivotas voando em círculo e gritando. O cheiro era de peixe, mas junto com ele vinham também cheiros de terra firme: resina de pinheiro, barro, e alguma coisa animal e almiscarada, e mais alguma coisa, que era fria, incolor e selvagem: devia ser a neve. Era o cheiro do norte.

Em volta do navio, brincavam focas, mostrando seus rostos de palhaço acima da água antes de mergulharem de novo sem levantar respingos. O vento que levantava espuma das cristas brancas era monstruosamente frio e procurava toda abertura que houvesse no casaco de pele de lobo de Lyra, e logo suas mãos doíam e o rosto estava dormente. Pantalaimon, em sua forma de arminho, aquecia o pescoço dela, mas o tempo estava frio demais para que ficassem do lado de fora por muito tempo sem um trabalho a fazer, mesmo que fosse observar as focas, e Lyra desceu para tomar mingau no café da

manhã e olhar pela escotilha do refeitório.

No porto, o mar estava calmo, e, enquanto o barco avançava ao longo do gigantesco quebra-mar, Lyra começou a se sentir tonta por causa da falta de movimento. Ela e Pantalaimon observavam atentamente enquanto o navio se movia de modo lento e majestoso em direção ao atracadouro. Durante a hora seguinte, o ruído do motor diminuiu para um ronco baixo, vozes gritavam ordens ou perguntas, cordas eram jogadas, passarelas baixadas, portas abertas.

— Vamos, Lyra — chamou Farder Coram. — Já arrumou sua bagagem?

A bagagem de Lyra, por assim dizer, já estava arrumada desde que ela acordara de manhã e avistara terra firme. Tudo que precisava fazer agora era correr até a cabine e pegar a bolsa.

A primeira coisa que ela e Farder Coram fizeram em terra firme foi visitar a casa do cônsul das feiticeiras. Não demoraram a encontrar; a cidadezinha rodeava o porto, sendo o Oratório e a casa do governador as únicas construções um pouco maiores. O cônsul das feiticeiras morava em uma casa de madeira pintada de verde com vista para o mar, e quando eles tocaram a campainha, o som ressoou pela rua silenciosa.

Um criado os levou para uma saleta e lhes trouxe café. Depois, o próprio cônsul veio recebê-los. Era um homem gordo, de rosto alegre, usando um sóbrio terno preto. Seu nome era Martin Lanselius. Seu daemon era uma serpente pequena da mesma cor verde e brilhante dos olhos do homem, que eram a única coisa de feiticeiro nele; mas Lyra não fazia ideia de como seria a aparência de uma feiticeira.

— Em que posso ajudá-lo, Farder Coram? — perguntou o homem.

— De duas maneiras, dr. Lanselius. Primeiro, estou ansioso para entrar em contato com uma feiticeira que conheci há alguns anos, na região dos Pântanos na Anglia Oriental. O nome dela é Serafina Pekkala.

O dr. Lanselius tomou nota com uma lapiseira de prata.

— Há quanto tempo foi o seu encontro com ela? — quis saber.

— Deve fazer uns quarenta anos. Mas acho que ela ainda lembra.

— E em que mais posso ajudá-lo?

— Estou representando um grupo de famílias gípcias que perderam seus

filhos. Temos razões para acreditar que existe uma organização sequestrando crianças, as nossas e as terrestres, e que essas crianças são trazidas para o norte por algum motivo desconhecido. Gostaria de saber se o senhor ou o seu povo ouviu alguma coisa sobre isso.

O dr. Lanselius ficou bebericando calmamente seu café.

— Não é impossível que notícias de tal atividade possam ter chegado até esses lados — disse ele. — O senhor sabe que as relações entre o meu povo e os nortenhos são bem cordiais. Seria difícil encontrar uma razão para ficarmos contra eles.

Farder Coram assentiu como se compreendesse muito bem.

— Naturalmente — respondeu. — E não me seria necessário lhe perguntar se eu pudesse conseguir a informação de outra maneira. Foi por isso que primeiro perguntei pela minha amiga.

Agora foi o dr. Lanselius quem assentiu como se compreendesse tudo muito bem. Lyra observava esse jogo com admiração e respeito. Havia muita coisa acontecendo por trás das palavras, e ela viu que o cônsul das feiticeiras estava chegando a uma decisão.

— Muito bem — disse ele. — Naturalmente, isso é verdade, e o senhor fique sabendo que seu nome não nos é desconhecido, Farder Coram. Serafina Pekkala é a rainha de um clã de feiticeiras na região do Lago Enara. Quanto à sua outra pergunta, naturalmente fica entendido que essa informação não chegou ao senhor por mim.

— Naturalmente.

— Bem, aqui mesmo nesta cidade existe uma filial de uma organização chamada Companhia de Exploração Progresso do Norte, que finge estar procurando minério, mas que na realidade é controlada pelo Conselho Geral Londrino de Oblação. Por acaso sei que essa organização importa crianças. Isto não é conhecido na cidade; o governo da Noruega não tem conhecimento oficial do fato. As crianças não ficam muito tempo aqui. São levadas para o interior.

— Sabe para onde, dr. Lanselius?

— Não. Eu lhe contaria, se soubesse.

— E sabe o que acontece com elas?

Pela primeira vez o dr. Lanselius olhou de relance para Lyra. Ela o encarou de volta, impassível. O pequeno daemon-serpente verde ergueu a cabeça do colarinho do cônsul e cochichou algo em seu ouvido, deixando ver a língua pequena e rápida. O homem declarou:

— Já ouvi a expressão “o Processo Maystadt” em relação a este assunto. Acho que é um nome usado para evitar o uso do nome real. Também já ouvi a palavra “intercisão”, mas não sei a que se refere.

— E no momento há crianças na cidade? — perguntou Farder Coram.

Ele estava acariciando o pelo de seu daemon, sentada alerta em seu colo. Lyra percebeu que ela havia parado de ronronar.

— Acho que não — disse o dr. Lanselius. — Um grupo de umas dez chegou na semana passada e foi embora anteontem.

— Ah, há tão pouco tempo assim? Isso nos dá alguma esperança. Como foi que viajaram?

— De trenó.

— E o senhor não tem ideia de para onde foram?

— Muito pouca. Não é um assunto que nos interesse.

— Naturalmente. O senhor respondeu a todas as minhas perguntas de boa vontade, e agora tenho apenas mais uma: se o senhor fosse eu, que pergunta faria ao cônsul das feiticeiras?

Pela primeira vez o dr. Lanselius sorriu.

— Eu perguntaria onde poderia obter os serviços de um urso de armadura.

Lyra se endireitou na cadeira e sentiu o coração de Pantalaimon dar um salto em suas mãos.

— Pensei que os ursos de armadura estivessem a serviço do Conselho de Oblação — disse Farder Coram, surpreso. — Quer dizer, da Companhia de Exploração Progresso do Norte, ou seja lá qual for o nome que estão usando.

— Pelo menos um deles não está. Vai encontrá-lo no entreposto de trenós no final da rua Langlokur. No momento, ele ganha a vida lá, mas tem um gênio tão forte, e tão forte é o medo que ele causa nos cachorros, que seu emprego talvez não dure muito.

— Então ele é um renegado?

— Parece que sim. O nome dele é Iorek Byrnison. Você me perguntou o

que eu perguntaria, e eu lhe respondi. Agora eis o que eu faria: eu agarraria a chance de empregar um urso de armadura, mesmo que fosse uma oportunidade muito mais remota do que esta.

Lyra mal conseguia ficar sentada. Farder Coram, no entanto, conhecia o ritual de entrevistas como esta, e pegou outro pedaço de pão de mel. Enquanto ele comia, o dr. Lanselius se virou para Lyra.

— Fiquei sabendo que você possui um aletiômetro — disse, para grande surpresa dela; como ele poderia saber disso?

— Sim. — Então, impulsionada por um cutucão de Pantalaimon, ofereceu: — Gostaria de dar uma olhada nele?

— Gostaria muito.

Ela puxou de dentro da roupa a sacola de lona e entregou ao cônsul o embrulho de veludo. Ele desembulhou o instrumento e o ergueu com grande cuidado, contemplando o mostrador como um sábio diante de um manuscrito raro.

— Que maravilha! — exclamou. — Já vi outro exemplar, mas não era tão bonito quanto este. E você possui o livro de instruções?

— Não — respondeu Lyra.

Antes, porém, que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, Farder Coram interveio:

— Não, é uma grande pena que embora Lyra possua o aletiômetro não haja meio de consultá-lo. É um mistério igual às manchas de tinta que os hindus usam para ler o futuro. E o livro de instruções mais próximo, pelo que sei, é o da Abadia de St. Johann, em Heidelberg.

Lyra entendeu por que ele dizia isso: não queria que o dr. Lanselius soubesse das habilidades dela. Mas ela via também uma coisa que Farder Coram não conseguia ver: a agitação do daemon do dr. Lanselius. Ela logo percebeu que a mentira não era a resposta. Portanto, disse:

— Na verdade, eu *consigo* ler o aletiômetro.

Ela se dirigiu tanto ao dr. Lanselius quanto a Farder Coram, mas quem reagiu foi o cônsul.

— É muito sábio da sua parte — disse ele. — Onde foi que obteve este exemplar?

— O reitor da Faculdade Jordan em Oxford me deu. Dr. Lanselius, o senhor sabe quem foi que construiu estas coisas?

— Dizem que tiveram origem em Praga. O inventor do primeiro aletiómetro estava aparentemente tentando descobrir um modo de medir a influência dos planetas, de acordo com os princípios da astrologia. Ele pretendia criar um mecanismo que reagisse à percepção de Marte ou Vênus, assim como a bússola reage à percepção do Norte. Nisso ele fracassou, mas o mecanismo que criou está obviamente reagindo a algo, mesmo que ninguém saiba exatamente a quê.

— E onde ele conseguiu estes símbolos?

— Ah, foi no século XVII. Havia símbolos e emblemas por toda parte. Os prédios e os quadros podiam ser lidos como livros. Tudo simbolizava outra coisa; se a pessoa tivesse o dicionário certo, poderia ler até a natureza. Não era estranho que os filósofos usassem a simbologia da sua época para interpretar um conhecimento vindo de uma origem misteriosa. Mas, vocês sabem, durante mais de dois séculos eles não foram corretamente usados.

Devolveu o instrumento a Lyra e acrescentou:

— Posso lhe fazer uma pergunta? Sem o livro dos símbolos, como é que você lê o instrumento?

— Eu esvazio minha mente e então é como olhar para dentro d'água. A gente deixa os olhos encontrarem o nível certo, porque é o único que fica em foco. Mais ou menos isso.

— Posso vê-la fazer isso? — pediu o cônsul.

Lyra olhou para Farder Coram, com vontade de concordar, porém esperando a aprovação dele. O ancião assentiu.

— O que devo perguntar? — quis saber Lyra.

— Quais são as intenções dos tártaros em relação a Kamchatka?

Esta não era difícil. Lyra girou um ponteiro até o camelo, que significava Ásia, que significa os tártaros; outro, para a cornucópia, significando Kamchatka, onde ficavam as minas de ouro; e o terceiro para a formiga, que significava atividade, que significava propósito e intenção. Então ficou imóvel, deixando a mente reunir os três níveis de significado, esperando tranquilamente a resposta, que veio quase no mesmo instante. O ponteiro

comprido estremeceu sobre o golfinho, o elmo, o bebê e a âncora, dançando entre eles e até o cadinho em um padrão complicado que os olhos de Lyra acompanhavam sem hesitação, mas que era incompreensível para os dois homens.

Depois que ele repetiu várias vezes o movimento, Lyra ergueu os olhos. Piscou duas vezes, como se saísse de um transe.

— Eles vão fingir que atacam a cidade, mas não vão atacar, porque é longe demais, e eles iam ficar muito espalhados — disse.

— Pode me dizer como leu isto?

— O golfinho, um dos significados mais profundos dele é brincar, fazer travessuras — explicou Lyra. — Sei que é esse significado porque ele parou no símbolo certo número de vezes e ficou claro nesse nível e em nenhum outro. O elmo significa guerra; juntos, os dois símbolos indicam fingir ir para a guerra, mas não a sério. O bebê significa... significa dificuldade... O ataque seria muito difícil para eles, e a âncora diz por quê: porque eles iam ficar esticados como a corda da âncora. É assim que eu vejo, entende?

O dr. Lanselius assentiu.

— Notável — comentou. — Fico-lhe muito grato. Não vou esquecer.

Então olhou por um tempo para Farder Coram e depois para Lyra.

— Posso lhe pedir mais uma demonstração? — perguntou. — No quintal atrás desta casa você vai encontrar vários galhos de pinheiro-nubígeno pendurados na parede. Um deles foi usado por Serafina Pekkala; você pode me dizer qual?

— Claro! — disse Lyra, sempre pronta para se mostrar.

Pegou o aletômetro e saiu depressa. Estava ansiosa para ver o tal pinheiro-nubígeno que as feiticeiras usavam para voar. Enquanto ela estava ausente, o cônsul perguntou:

— Você sabe quem é esta criança?

— É a filha de lorde Asriel — respondeu Farder Coram. — E a mãe é a sra. Coulter, do Conselho de Oblação.

— E além disto?

O velho gípcio balançou a cabeça.

— Não, eu não sei mais. Mas é uma criatura inocente, e eu não quero que

nenhum mal lhe aconteça. Como ela consegue ler aquele instrumento eu não faço ideia, mas acredito no que ela diz. Por que pergunta, dr. Lanselius? O que o senhor sabe sobre ela?

— Há séculos as feiticeiras falam sobre essa criança — disse o cônsul. — Por viverem tão próximas do lugar onde o véu entre os mundos é fino, de vez em quando elas escutam sussurros imortais, as vozes dos seres que passam de um mundo a outro. E eles falaram de uma criança como esta, que tem um grande destino que não poderá ser cumprido neste mundo, mas em um lugar muito distante. Sem esta criança, todos morreremos, é o que dizem as feiticeiras. Mas ela tem que cumprir esse destino sem saber o que está fazendo, porque somente na inocência dela nós podemos ser salvos. Está entendendo, Farder Coram?

— Não — disse Farder Coram. — Não posso dizer que estou.

— Significa que ela deve ser livre para cometer os próprios erros. Devemos esperar que ela não os cometa, mas não podemos guiá-la. Estou feliz por ter visto a criança antes de morrer.

— Mas como foi que o senhor a reconheceu? E o que quis dizer quando falou em seres que passam de um mundo a outro? Não consigo compreender o que o senhor diz, dr. Lanselius, por mais que o considere um homem honesto...

Mas antes que o cônsul pudesse responder, a porta se abriu e Lyra entrou, triunfante, trazendo um raminho de pinheiro.

— É este aqui! — exclamou. — Testei todos eles, e tenho certeza de que é este.

O cônsul examinou o ramo com atenção e assentiu.

— Está correto — disse. — Bem, Lyra, isto é notável. Você tem sorte de ter um instrumento como este, e eu lhe desejo sorte com ele. Gostaria de lhe dar uma coisa...

Ele pegou o galho e partiu um ramo para ela.

— Ela voou com isto? — Lyra quis saber, impressionada.

— Voou, sim. Não posso lhe dar ele inteiro, porque preciso dele para entrar em contato com ela, mas isto é suficiente. Cuide bem dele.

— Vou cuidar. Muito obrigada.

Ela enfiou o ramo dentro da bolsa, ao lado do aletiômetro. Farder Coram tocou no ramo de pinheiro como se fosse um amuleto, e Lyra viu no rosto dele uma expressão que nunca tinha visto antes: quase nostálgica. O cônsul os acompanhou até a porta, onde apertou a mão de Farder Coram, e a de Lyra também.

— Espero que sejam bem-sucedidos — disse.

Ficou parado na soleira, no frio penetrante, observando enquanto eles seguiam pela pequena rua.

— Ele já sabia sobre os tártaros — contou Lyra a Farder Coram. — O aletiômetro me contou, mas eu não disse. Foi o cadinho.

— Acho que estava testando você, filha. Mas fez bem em ser gentil, já que não temos certeza do que ele já sabe. E aquela dica do urso foi muito útil. De outra maneira, não ficaríamos sabendo.

Conseguiram encontrar o entreposto, que era formado por dois armazéns de concreto em uma área de terrenos baldios onde o capim fino crescia entre pedras cinzentas e poças de lama gelada. No escritório, um homem carrancudo informou que eles poderiam falar com o urso no final do expediente, às seis horas, mas teriam que chegar na hora, porque em geral ele ia diretamente para o quintal atrás do Bar do Einarsson, onde lhe davam bebida.

Então Farder Coram levou Lyra para a melhor loja de roupas da cidade e comprou para ela algumas peças próprias para o frio.

Compraram um casacão feito de pele de rena, porque os pelos da rena eram ocos e isolavam muito bem; e o capuz era feito de pele de carcaju, porque esse pelo expulsava o gelo que se formava quando a pessoa respirava. Compraram segundas peles e forros de bota de pele de filhote de rena, e luvas de seda para usar debaixo das grossas luvas de pele. As botas e as luvas eram feitas da pele da perna da rena, que era muito resistente, e as solas das botas eram feitas com a pele da foca barbada, que era tão grossa quanto o couro do leão-marinho, porém mais leve. Por fim, compraram uma capa feita de intestino de foca.

Vestindo tudo isso, com um cachecol de seda em volta do pescoço, uma touca de lã tapando as orelhas e o grande capuz puxado para a frente, Lyra

sentia até calor; mas eles iam para lugares ainda muito mais frios.

John Faa, que tinha ficado supervisionando o descarregamento do navio, estava ansioso para saber o que o cônsul das feiticeiras dissera, e ficou ainda mais curioso quando soube do urso.

— Vamos lá hoje mesmo — decidiu. — Já falou alguma vez com uma criatura dessas, Farder Coram?

— Já, sim; e já lutei contra uma, também, embora não sozinho, graças a Deus. Temos que nos preparar para lidar com ele, John. Ele vai pedir muito, tenho certeza, e deve ser mal-humorado e difícil de tratar; mas precisamos dele.

— Ah, precisamos, sim. E a sua feiticeira?

— Bem, ela está muito longe, e agora é a rainha de um clã — contou Farder Coram. — Eu esperava que pudesse mandar um recado para ela, mas a resposta ia demorar demais.

— Ah, sim. Agora vou contar o que foi que *eu* descobri, amigo.

John Faa estava impaciente para lhe contar uma coisa. Ele havia conhecido no porto um explorador, um homem da Nova Dinamarca chamado Lee Scoresby, do país do Texas, e esse homem tinha um balão! A expedição que ele pretendia acompanhar fracassara por falta de fundos antes de sair de Amsterdã, então ele estava livre.

— Pense no que podemos fazer com a ajuda de um aeróstata, Farder Coram! — disse John Faa, esfregando as mãos. — Contratei o sujeito para ir conosco. Parece que estamos tendo sorte neste lugar.

— Teríamos ainda mais sorte se tivéssemos uma ideia de aonde estamos indo — disse Farder Coram.

Mas nada conseguia diminuir o prazer de John Faa por estar novamente em campanha.

Depois que escureceu e que toda a carga tinha sido retirada do navio e estava esperando no cais, Farder Coram e Lyra seguiram ao longo da praia procurando o Bar do Einarsson. Encontraram facilmente: um tosco barracão de concreto com um letreiro de néon vermelho piscando irregularmente acima da porta e o som de vozes altas passando através das janelas embaçadas de condensação.

Um beco de solo acidentado ao lado do bar levava a um portão de ferro que dava para os fundos do prédio, onde havia um barracão. A luz fraca que saía pela janela dos fundos do bar mostrava uma figura grande e pálida agachada, devorando uma posta de carne que segurava com ambas as mãos. Lyra teve um vislumbre de um focinho sujo de sangue, olhos pequenos e maus, e uma imensidão de pelos amarelados e sujos. A figura fazia muito barulho ao mastigar e engolir, rosnados e ofegos.

Farder Coram parou junto ao portão e chamou:

— Iorek Byrnison!

O urso parou de comer. Pelo que podiam ver, o urso estava olhando diretamente para eles, mas era impossível decifrar sua expressão.

— Iorek Byrnison! — tornou a chamar Farder Coram. — Podemos conversar?

Lyra tinha o coração disparado, porque alguma coisa na presença do urso lhe dava uma sensação quase de frio, de uma força perigosa e brutal, mas uma força controlada pela inteligência; e não uma inteligência humana, nada parecido com um homem, porque naturalmente os ursos não tinham daemons. Aquela estranha figura mastigando carne não se parecia com o que ela havia imaginado, e ela sentiu admiração e piedade profundas pela criatura solitária.

O urso deixou a perna de rena cair na lama e foi andando de quatro até o portão. Ali ficou de pé, com seus mais de três metros de altura, como se quisesse mostrar seu poder e deixar claro que aquele portão seria inútil para contê-lo.

— E quem são vocês?

Sua voz era tão grossa que parecia sacudir a terra. O fedor que vinha do seu corpo era quase insuportável.

— Sou Farder Coram, do povo gípcio da Anglia Oriental. E esta menininha é Lyra Belacqua.

— O que querem?

— Queremos lhe oferecer um emprego, Iorek Byrnison.

— Já tenho um emprego.

O urso ficou de quatro novamente. Sua voz era tão grossa e sem entonação

que era difícil detectar nela alguma expressão, fosse de ironia ou de raiva.

— O que você faz no entreposto de trenós? — Farder Coram quis saber.

— Conserto máquinas e artigos de ferro. Levanto coisas pesadas.

— Que tipo de trabalho é esse para um panserbjorne?

— Trabalho remunerado.

Atrás do urso, uma fresta foi aberta, e um homem colocou no chão um grande jarro de barro antes de erguer os olhos para eles.

— Quem está aí?

— Desconhecidos — respondeu o urso.

Parecia que o dono do bar ia perguntar mais alguma coisa, mas Iorek se lançou na direção dele, e o homem, assustado, fechou a porta. O urso passou uma garra pelo cabo do jarro e bebeu. Lyra sentiu o cheiro forte de álcool.

Depois de beber vários goles, o urso largou o jarro e voltou a morder a carne, aparentemente ignorando Farder Coram e Lyra; mas de repente ele tornou a falar.

— Que trabalho vocês estão oferecendo?

— Combate, com certeza — disse Farder Coram. — Estamos viajando para o norte até encontrarmos o local para onde algumas crianças roubadas foram levadas. Quando encontrarmos o lugar, vamos ter que lutar para libertar as crianças; e então vamos trazer todas de volta.

— E como vão pagar?

— Não sei o que lhe oferecer, Iorek Byrnison. Se quiser ouro, nós temos.

— Não serve.

— O que lhe pagam no entreposto de trenós?

— Comida e bebida.

O urso ficou calado; deixou cair o osso esfrangalhado e tornou a levar o jarro ao focinho, engolindo a forte bebida como se fosse água. Farder Coram falou então:

— Desculpe perguntar, Iorek Byrnison, mas você podia viver com orgulho e liberdade no gelo, caçando focas e leões-marinhos, ou podia ir para a guerra e ganhar muitos prêmios; o que prende você a Trollesund e ao Bar do Einarsson?

Lyra sentiu o corpo inteiro se arrepiar. Achava que uma pergunta como

aquela, na verdade quase um insulto, iria enraivecer a enorme criatura, e ficou impressionada com a coragem de Farder Coram. Iorek Byrnison largou o jarro e chegou perto do portão para estudar o rosto do ancião. Farder Coram não se abalou.

— Sei quem são as pessoas que estão procurando, os mutiladores de crianças — disse o urso. — Saíram da cidade anteontem, indo para o norte com mais crianças. Ninguém vai lhes contar sobre eles; fingem não ver, porque os mutiladores de crianças trazem dinheiro e negócios para a cidade. Eu não gosto deles, então vou responder com educação. Fico aqui e bebo porque os homens daqui tiraram a minha armadura, e sem ela eu posso matar focas, mas não posso ir para a guerra. E eu sou um urso de armadura: a guerra é o mar em que eu nado e o ar que eu respiro. Os homens desta cidade me deram bebida, me fizeram beber até dormir e então tiraram a minha armadura. Se eu soubesse onde está, derrubaria a cidade inteira até tê-la de volta. Se desejam o meu serviço, o preço é este: recuperar minha armadura. Se fizerem isto, eu vou ajudar na sua luta até morrer ou até vocês vencerem. O preço é a minha armadura; quando eu a tiver de volta, nunca mais vou precisar da bebida.

11. A ARMADURA

Quando voltaram para o navio, Farder Coram, John Faa e os outros chefes passaram muito tempo em reunião no refeitório, e Lyra foi mandada para a sua cabine para consultar o aletiômetro. Cinco minutos depois ela sabia exatamente onde estava a armadura do urso e por que o resgate seria difícil.

Ficou sem saber se deveria ir ao refeitório contar para John Faa e para os outros, mas resolveu que se quisessem saber eles lhe perguntariam. Talvez até já soubessem.

Ficou deitada na cama pensando naquele urso poderoso e selvagem e no modo como ele engolia aquela bebida forte, e na solidão dele naquele barracão sujo. Como era diferente ser gente, com seu daemon sempre por perto para conversar! No silêncio do navio parado, sem os contínuos estalidos de metal e madeira ou o ronco do motor ou o barulho da água no casco, Lyra foi adormecendo, com Pantalaimon dormindo em cima do seu travesseiro.

Lyra estava sonhando com seu pai aprisionado quando de repente, sem qualquer razão, despertou. Não tinha ideia das horas. A cabine era iluminada por uma luz fraca que ela imaginou ser da lua, e ela viu, no canto da cabine, as suas roupas novas. E no mesmo instante teve vontade de experimentá-las.

Depois de vesti-las, ela quis sair para o convés, e um minuto depois estava no topo da escada, abrindo a porta.

Viu imediatamente que alguma coisa estranha estava acontecendo no céu. Pensou que fossem nuvens se movendo e estremecendo sob uma agitação nervosa, mas Pantalaimon cochichou:

— A Aurora Boreal!

O êxtase dela foi tão grande que ela precisou se agarrar à amurada para não cair.

A luz enchia todo o céu ao norte; sua imensidão mal podia ser concebida. Como se vindas do próprio paraíso, grandes cortinas de delicada luz pendiam

e estremeciam. Com seus tons de verde-claro e rosa, transparentes como a renda mais fina, e tendo como bainha uma faixa de um vermelho profundo e gritante como as chamas do inferno, elas balançavam e cintilavam com mais graça do que a mais graciosa bailarina. Lyra chegou a pensar que as escutava: um sussurro intenso e distante. No meio daquela delicadeza evanescente, ela experimentou uma emoção tão profunda como a que havia sentido quando estava perto do urso. Aquilo a comovia, era muito lindo, quase sagrado; sentiu lágrimas nos olhos, e as lágrimas dividiram ainda mais a luz em arco-íris prismáticos. Não demorou para ela se encontrar no mesmo tipo de transe de quando consultava o aletiómetro. Pensou calmamente: *Talvez a mesma força que move o ponteiro do aletiómetro crie também a Aurora Boreal.* Podia ser até o próprio Pó. Ela pensou isto sem perceber que tinha pensado, e logo esqueceu; só foi lembrar muito tempo depois.

Enquanto Lyra observava, a imagem de uma cidade se formou atrás dos véus e dos jatos de luz translúcida: torres e domos, templos e colunatas, amplas praças e parques iluminados pelo sol. Olhar para aquilo deixou a menina tonta, como se não estivesse olhando para cima e sim para baixo, através de um abismo tão largo que nada poderia atravessá-lo — aquela cidade ficava a um universo inteiro de distância.

Mas alguma coisa se movia através do abismo, e, ao tentar focalizar a visão no movimento, ela ficou tonta, porque a coisinha que se movia não fazia parte da Aurora Boreal ou do outro mundo atrás da Aurora; era no céu, acima dos telhados da cidade. Quando conseguiu distinguir claramente, ela havia saído inteiramente do transe e a cidade celeste tinha desaparecido.

A coisa voadora se aproximou e circulou o navio com as asas estendidas. Depois desceu com rápidos movimentos das asas poderosas, pousando no convés a poucos metros de Lyra.

À luz da Aurora, ela viu um pássaro enorme, um lindo ganso cinzento com a cabeça coroadada por um clarão de puro branco. Mas não era um pássaro: era um daemon, embora não houvesse pessoa alguma à vista. Isso deixou Lyra morrendo de medo. O pássaro perguntou:

— Onde está Farder Coram?

E de repente Lyra compreendeu quem devia ser: o daemon de Serafina

Pekkala, a rainha do clã, a feiticeira amiga de Farder Coram.

— Eu... Ele está... Vou chamá-lo — gaguejou a menina em resposta.

Lyra desceu a escada aos tropeços; abriu a porta da cabine que Farder Coram ocupava e falou para a escuridão:

— Farder Coram! O daemon da feiticeira apareceu! Está esperando no convés. Voou até aqui sozinho, eu vi quando ele vinha pelo céu...

— Peça para ele esperar no convés de ré, minha filha — pediu o ancião.

O ganso avançou majestosamente para a popa do navio, onde olhou em volta, ao mesmo tempo elegante e selvagem. Isso causou uma mistura de terror e fascinação em Lyra, que tinha a sensação de estar falando com um fantasma.

Então Farder Coram apareceu, enrolado em suas roupas de frio, seguido de perto por John Faa. Os dois homens fizeram uma reverência respeitosa, e seus daemons também cumprimentaram o visitante.

— Saudações — disse Farder Coram. — Estou feliz e orgulhoso por vê-lo de novo, Kaisa. Agora, gostaria de entrar, ou prefere ficar ao ar livre?

— Eu prefiro ficar ao ar livre, obrigado, Farder Coram. Vai conseguir ficar aquecido aqui por algum tempo?

As feiticeiras e seus daemons não sentiam frio, mas sabiam que os outros humanos sentiam.

Farder Coram assegurou que estavam todos bem agasalhados e perguntou:

— Como vai Serafina Pekkala?

— Ela manda lembranças, Farder Coram, está muito bem e forte. Quem são estas duas pessoas?

Farder Coram apresentou os dois. O ganso olhou atentamente para Lyra.

— Já ouvi falar desta criança — declarou. — As feiticeiras conversam sobre ela. Então vieram guerrear?

— Guerrear, não, Kaisa. Viemos libertar as crianças que foram roubadas de nós. E espero que as feiticeiras nos ajudem.

— Nem todas irão ajudar. Alguns clãs estão trabalhando com os caçadores do Pó.

— É assim que vocês chamam o Conselho de Oblação?

— Não sei o que pode ser esse Conselho. Eles são caçadores do Pó.

Vieram para a nossa região dez anos atrás com instrumentos científicos. Pagaram-nos para permitir que construíssem estações em nossas terras e nos trataram com cortesia.

— O que é o Pó?

— Ele vem do céu. Alguns dizem que sempre existiu; outros, que está caindo agora. O certo é que, quando as pessoas tomam consciência dele, ficam apavoradas, e não descansam até descobrirem o que é. Mas nada disso interessa às feiticeiras.

— E onde estão agora esses caçadores do Pó?

— Quatro dias a nordeste daqui, em um lugar chamado Bolvangar. Nosso clã nunca fez acordo com eles, e por causa da nossa dívida com você, Farder Coram, vim aqui lhes mostrar como encontrar esses caçadores do Pó.

Farder Coram sorriu, e John Faa bateu palmas com satisfação.

— MUITÍSSIMO obrigado, senhor — disse ele ao ganso. — Mas nos conte uma coisa: sabe algo mais sobre esses caçadores do Pó? O que eles fazem nessa tal de Bolvangar?

— Construíram edifícios de metal e concreto, e algumas câmaras subterrâneas. Queimam álcool, que trazem com muita despesa. Não sabemos o que fazem, mas nesse lugar, e por muitos quilômetros ao redor, o ar está cheio de ódio e medo; as feiticeiras conseguem ver essas coisas. Os animais também ficam longe. Nenhum pássaro voa por lá; os lemingues e as raposas fugiram. Daí o nome Bolvangar: as campinas do mal. Eles não chamam assim, chamam de Estação. Mas para todo mundo é Bolvangar.

— E como é a segurança?

— Eles têm um grupo de tártaros do norte armados com rifles. São bons soldados, mas não têm prática, porque ninguém jamais atacou o posto. Além disso, há uma cerca de arame com energia ambárica cercando o terreno. Pode haver outras defesas que desconhecemos, pois, como eu expliquei, isso não nos interessa.

Lyra estava louca para fazer uma pergunta; o ganso sentiu isso e olhou para ela como se lhe desse permissão para perguntar.

— Por que as feiticeiras falam de mim?

— Por causa do seu pai e do conhecimento que ele tem dos outros mundos

— respondeu o daemon.

Aquilo surpreendeu os três. Lyra olhou para Farder Coram, que lhe retribuiu o olhar com um leve espanto, e para John Faa, cuja expressão era de preocupação.

— Outros mundos? — repetiu. — Perdão, senhor, mas que mundos seriam esses? Está falando das estrelas?

— Claro que não.

— Talvez o mundo dos espíritos? — arriscou Farder Coram.

— Também não.

— É a cidade nas luzes, não é? — disse Lyra.

O ganso virou para ela a cabeça majestosa. Tinha olhos negros rodeados por uma linha fina de puro azul-celeste, e seu olhar era intenso.

— Sim — respondeu. — Há milhares de anos as feiticeiras sabem dos outros mundos. Eles às vezes podem ser vistos nas Luzes do Norte. Não fazem parte deste universo; até mesmo as estrelas mais distantes fazem parte deste universo, mas as luzes nos mostram outro universo, um inteiramente diferente. Não é distante, e sim sobreposto a este. Aqui, neste convés, existem milhões de outros universos que não têm conhecimento uns dos outros...

Ele ergueu as asas e estendeu-as, antes de tornar a dobrá-las.

— Pronto. Acabei de esbarrar em outros dez milhões de mundos, e eles nem fazem ideia. Estão tão próximos de nós quanto nós mesmos, mas não podemos tocar, ver ou ouvir os outros mundos, a não ser nas Luzes do Norte.

— E por que lá? — quis saber Farder Coram.

— Porque as partículas carregadas na Aurora Boreal têm a propriedade de afinar a matéria deste mundo, de modo que por um instante conseguimos ver através dele. As feiticeiras sempre souberam disso, mas raramente falamos sobre o assunto.

— Meu pai acredita nisso — afirmou Lyra. — Eu sei, porque ouvi ele falando sobre a Aurora Boreal e mostrando fotos.

— Isso tem alguma coisa a ver com o Pó? — perguntou John Faa.

— Quem sabe? — disse o daemon-ganso. — Só posso lhes dizer que os caçadores do Pó têm medo dele como se fosse um veneno mortal. Foi por isso que aprisionaram lorde Asriel.

— Mas por quê? — perguntou Lyra.

— Eles acham que ele pretende usar o Pó para fazer uma ponte entre este mundo e o mundo do outro lado da Aurora.

Lyra sentia a cabeça muito leve. Ouviu Farder Coram perguntar:

— E ele pretende mesmo?

— Sim — respondeu o daemon-ganso. — Mas ninguém acredita que ele vai conseguir, acham que é louco por acreditar em outros mundos. Mas é verdade, esta é a intenção dele. E lorde Asriel é uma figura tão forte que eles ficaram com medo de que ele fosse atrapalhar seus planos, então fizeram um pacto com os ursos de armadura para capturá-lo e mantê-lo aprisionado na fortaleza de Svalbard. Alguns dizem que como parte do trato eles ajudaram o novo urso-rei a chegar ao trono.

Lyra perguntou:

— As feiticeiras desejam que ele faça essa ponte? Estão a favor dele, ou contra?

— Essa é uma pergunta com uma resposta muito complicada. Em primeiro lugar, as feiticeiras não são unidas; há diferenças de opinião entre nós. Em segundo lugar, a ponte de lorde Asriel terá influência em uma guerra que existe no momento entre algumas feiticeiras e várias outras forças, algumas no mundo dos espíritos. A posse dessa ponte, se ela algum dia existisse, daria uma vantagem enorme a quem a possuísse. Em terceiro lugar, o clã de Serafina Pekkala, o meu clã, ainda não faz parte de uma aliança, embora esteja sofrendo grande pressão para escolher um lado. Sabem, são questões de alta política, difíceis de responder.

— E os ursos, de que lado estão? — perguntou Lyra.

— Do lado de quem está pagando. Não têm o menor interesse nesses assuntos; não têm daemons; não se preocupam com os problemas dos humanos. Pelo menos é como costumavam ser, mas ouvimos dizer que o novo rei está disposto a mudar os velhos hábitos... De qualquer maneira, os caçadores do Pó pagaram a eles para aprisionar lorde Asriel, e eles vão fazer isso até a última gota de sangue do corpo do último urso vivo.

— Mas nem todos! — protestou Lyra. — Existe um que não está em Svalbard. É um urso renegado, e ele vai com a gente.

O ganso dirigiu a Lyra outro de seus olhares penetrantes. Desta vez ela sentiu a fria surpresa dele.

Farder Coram se remexeu com desconforto e disse:

— Na verdade, Lyra, acho que não vai. Ouvimos dizer que ele está cumprindo pena de trabalhos forçados; não está livre, como pensamos. Até ser liberado, não poderá ir conosco, com ou sem armadura, que, aliás, ele não vai conseguir de volta.

— Mas ele disse que foi enganado! Deixaram-no bêbado e roubaram sua armadura!

— Nós ouvimos uma história diferente — retrucou John Faa. — Ouvimos dizer que ele é um malandro perigoso, isto sim.

Lyra ficou tão indignada que mal conseguiu falar:

— O aletímetro diz apenas a verdade. Eu perguntei, e ele disse que o urso estava sendo sincero, que ele foi mesmo enganado e são eles que estão mentindo, não o urso. Eu acredito nele, lorde Faa! Farder Coram, você também viu o urso e acredita nele, não é?

— Eu pensei que acreditasse, filha. Mas não tenho tanta certeza quanto você.

— Do que eles têm medo? Estão achando que ele vai sair matando as pessoas assim que estiver com a armadura? Ele pode matar um monte delas agora!

— E matou — disse John Faa. — Bom, não um monte, mas algumas. Quando tiraram sua armadura, ele saiu em busca dela; arrombou a delegacia e o banco e nem sei mais o quê, e pelo menos dois homens morreram. Só não foi morto a tiros por causa da sua habilidade fantástica com metais; queriam usá-lo como operário.

— Como escravo! — protestou Lyra com veemência. — Eles não têm esse direito!

— Seja como for, podiam ter matado o urso por causa dos homens que ele assassinou, e não mataram. Ele foi condenado a trabalhos forçados pelo interesse da cidade até pagar os estragos e a indenização pelas mortes.

Farder Coram interveio:

— John, não sei o que você acha, mas acredito que nunca vão devolver a

armadura dele. Quanto mais tempo ficar preso, mais zangado vai estar quando tiver a armadura de volta.

— Mas se *nós* recuperarmos a armadura, ele vai com a gente e nunca mais vai incomodar a cidade — disse Lyra. — Eu prometo, lorde Faa.

— E como é que vamos fazer isso?

— Eu sei onde ela está!

Houve um silêncio, durante o qual todos os três tomaram consciência do daemon da feiticeira olhando fixamente para Lyra. Os três se voltaram para ele, inclusive seus próprios daemons, que até então tinham tido a extrema delicadeza de manter os olhos afastados da tão singular criatura, ali presente sem seu corpo.

— Você não vai ficar surpresa em saber que o aletiômetro é a outra razão de as feiticeiras estarem interessadas em você, Lyra. Nosso cônsul nos contou sobre sua visita hoje de manhã. Acredito que foi o dr. Lanselius quem lhes contou sobre o urso.

— Foi, sim — disse John Faa. — Lyra e Farder Coram foram falar com ele. Acho que o que Lyra diz é verdade, mas, se nós agirmos contra a lei dessa gente, só vamos conseguir um novo conflito, e o que devíamos estar fazendo é ir para essa tal de Bolvangar, com ou sem urso.

— Ah, mas você não viu o urso, John — protestou Farder Coram. — E eu acredito em Lyra. Talvez pudéssemos nos responsabilizar por ele. Ele pode fazer uma grande diferença.

— O que o senhor acha? — perguntou John Faa ao daemon da feiticeira.

— Tivemos pouco contato com os ursos. Os desejos deles são tão estranhos para nós quanto os nossos para eles. Se esse urso é um renegado, pode ser menos confiável do que dizem que os ursos são. Vocês vão ter que decidir sozinhos.

— Está certo — disse John Faa em tom firme. — Mas agora, senhor, pode nos dizer como chegar a Bolvangar?

O daemon-ganso começou a explicar. Falou em vales e montes, na linha de árvores e na tundra, nas estrelas. Lyra escutou durante algum tempo e depois se recostou na cadeira, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, e pensou na grandiosa visão que o daemon da feiticeira trouxera consigo. Uma ponte

entre dois mundos... Aquilo era muito mais esplêndido do que ela poderia imaginar! E somente seu maravilhoso pai poderia ter concebido algo assim. Depois que tivessem resgatado as crianças, ela iria a Svalbard com o urso para levar o aletômetro a lorde Asriel, usaria o instrumento para ajudar a libertá-lo; e os dois juntos construiriam a ponte e seriam os primeiros a atravessá-la...

Em algum momento durante a noite, John Faa deve ter carregado Lyra para a sua cama, porque era onde ela estava ao acordar. O sol fraco estava em sua posição mais alta, apenas um palmo acima do horizonte, de modo que devia ser quase meio-dia; em breve, quando se aproximassem mais do norte, não haveria sol algum.

Ela se vestiu depressa e correu para o convés, onde nada de especial estava acontecendo. Todos os suprimentos tinham sido descarregados, trenós e juntas de cães haviam sido alugados e aguardavam a partida; tudo estava pronto, e nada se movia. A maioria dos gípcios estava sentada a compridas mesas de madeira em uma taverna cheia de fumaça defronte ao mar, comendo rosquinhas e bebendo café forte e doce sob os estalidos de algumas antiquadas lâmpadas ambáricas.

— Onde está lorde Faa? — perguntou ela, sentando-se com Tony Costa e os amigos dele. — E Farder Coram? Eles foram pegar a armadura do urso?

— Eles estão conversando com o alcaide. É assim que eles chamam o governador. Você viu esse tal urso, Lyra?

— Vi, sim!

Ela começou a explicar tudo sobre o urso. Enquanto falava, mais alguém puxou uma cadeira e se juntou ao grupo.

— Quer dizer que você falou com o velho Iorek? — perguntou.

Lyra olhou com surpresa para o recém-chegado. Era um homem alto e magro, com um bigode preto fino, olhos azuis estreitos, e uma eterna expressão de distanciamento, de cinismo e de estar achando graça de tudo. Ela ficou instantaneamente impressionada, mas sem saber se simpatizava com ele ou não. O daemon dele era uma coelha humilde, magra e com a

mesma aparência valente que ele tinha.

O homem estendeu a mão, que ela apertou com cautela.

— Lee Scoresby — ele se apresentou.

— O aeróstata! — exclamou Lyra. — Onde está o seu balão? Posso subir nele?

— No momento, ele está embalado, senhorita. Você deve ser a famosa Lyra. O que achou de Iorek Byrnison?

— Você o conhece?

— Lutei ao lado dele na campanha da Tunguska. Droga, conheço Iorek há anos. Os ursos são criaturas difíceis, mas aquele é um problema, sem dúvida. Será que algum dos cavalheiros está disposto a um jogo de azar?

Um baralho surgiu do nada na mão dele. Ele o manejou com destreza.

— Já ouvi falar da habilidade que seu povo tem com as cartas — declarou Lee Scoresby enquanto cortava e embaralhava as cartas com uma das mãos e com a outra pescava um charuto no bolso da camisa. — Então achei que não iam negar a um pobre viajante texano a chance de jogar contra a sua habilidade e ousadia no campo de batalha de papelão. O que dizem, cavalheiros?

Os gípcios tinham orgulho de sua habilidade com as cartas, e vários homens se interessaram e aproximaram as cadeiras. Enquanto resolviam com Lee Scoresby que tipo de jogo seria e quanto apostariam, o daemon dele mexia as orelhas para Pantalaimon, que compreendeu e saltou para o lado dele na forma de esquilo.

A coelha estava falando também para Lyra, naturalmente, e ela a escutou dizer baixinho:

— Vá até o urso e fale diretamente com ele. Assim que souberem o que está acontecendo vão levar a armadura dele para outro lugar.

Lyra se levantou, levando sua rosquinha, e ninguém percebeu; Lee Scoresby já estava distribuindo as cartas e todos olhavam com desconfiança para as mãos dele.

Na luz fraca daquela tarde interminável, ela chegou ao entreposto de trenós. Era uma coisa que ela sabia que tinha que fazer, mas estava inquieta, e com medo também.

Do lado de fora do maior dos barracões de concreto, o grande urso estava trabalhando, e Lyra ficou olhando junto ao portão aberto. Iorek Byrnison estava desmontando um trator movido a gás que tinha capotado; a cobertura de metal do motor estava retorcida e rasgada, e um eixo se curvava para cima. O urso ergueu o metal como se fosse papelão, virando-o nas mãos enormes, como se estivesse testando o peso, antes de colocar a pata traseira em um canto e depois esticar toda a folha de metal de tal modo que os amassados desapareceram e a forma original foi restaurada. Encostando a placa desamassada à parede, ele levantou o trator com uma das patas e o virou de lado, antes de se inclinar para examinar o eixo empenado.

Foi quando avistou Lyra. Ela sentiu uma onda gelada de medo, por ele ser tão poderoso e diferente. Ela o contemplava através da cerca de tela a uns trinta metros de distância, e sabia com certeza que ele conseguiria cobrir essa distância em um ou dois saltos e arrebentar a cerca como se fosse uma teia de aranha. Ela teve vontade de fugir. Mas Pantalaimon disse:

— Espere! Deixe que eu vou falar com ele.

Ele tomou a forma de uma gaivota e sem esperar resposta voou por cima da cerca para o solo gelado do outro lado. Havia um portãozinho aberto, e Lyra poderia ter ido atrás dele, mas ficou para trás. Pantalaimon olhou para ela e virou um texugo.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Os daemons não podiam se afastar mais do que alguns poucos metros de seus humanos, e se ela ficasse junto à cerca e ele continuasse um pássaro, ele não conseguiria chegar perto do urso; portanto, ia ter que fazer força.

Ela se sentiu infeliz e irritada. As patas do texugo se enfiaram na terra, e ele avançou. Era um sentimento muito estranho e doloroso quando o daemon de uma pessoa forçava a ligação entre os dois; em parte, uma dor física no fundo do peito; em parte, tristeza e amor intensos. E ela sabia que Pan sentia o mesmo. Todos testavam isso quando eram crianças: ir ficando cada vez mais longe para ver quanto aguentavam e depois voltando a se aproximar com intenso alívio.

Ele forçou um pouco mais.

— Pare, Pan!

Mas ele não parou. O urso observava, imóvel. A dor no coração de Lyra ficava cada vez mais insuportável, e um soluço lhe subiu à garganta.

— Pan...

Ela então atravessou o portão e correu para ele pela lama gelada; ele se transformou em gato-do-mato e saltou para o colo dela; os dois ficaram fortemente abraçados, ambos soltando trêmulos suspiros de infelicidade.

— Pensei que você *ia* mesmo me deixar...

— Não...

— *Incrível* como doeu...

Então ela enxugou as lágrimas com raiva e fungou com força; ele se aninhou nos braços dela, e ela tomou consciência de que preferia morrer a deixar que os dois se separassem e enfrentar aquela tristeza outra vez; ela enlouqueceria de sofrimento e terror. Mesmo quando morresse, eles continuariam juntos, como os catedráticos na cripta da Jordan.

Então a menina e seu daemon olharam para o urso solitário. Ele não tinha um daemon; estava sozinho, sempre estaria sozinho. Ela sentiu uma onda de piedade que quase a fez estender a mão para tocar no pelo dele, e apenas o senso de cortesia para com aqueles olhos frios e ferozes a impediu.

— Iorek Byrnison — chamou ela.

— Sim?

— Lorde Faa e Farder Coram foram tentar recuperar sua armadura.

Ele não se moveu nem falou. Estava claro o que pensava das chances dos dois homens.

— Mas eu sei onde ela está — continuou a menina. — Se eu lhe contar, talvez você mesmo possa ir pegar, não sei.

— Como é que você sabe onde ela está?

— Eu tenho um leitor de símbolos. Acho que eu devia lhe contar, Iorek Byrnison, já que você foi enganado. Não acho isso certo. Eles não deviam ter agido assim. Lorde Faa vai discutir com o alcaide, mas provavelmente não vão querer devolver sua armadura; assim, se eu lhe contar, você vem com a gente e ajuda a libertar as crianças de Bolvangar?

— Vou.

— Eu... — Ela não queria ser intrometida, mas não conseguia controlar

sua curiosidade. — Por que você simplesmente não faz uma armadura com todo este metal, Iorek Byrnison?

— Porque não adianta. Veja. — Ele levantou a proteção do motor com uma das mãos e com as garras da outra mão rasgou o metal como se fosse papel. — Minha armadura é feita de ferro-celeste e sob medida. A armadura de um urso é a sua alma, assim como o seu daemon é a sua alma. Você poderia se livrar do seu daemon e substituí-lo por um boneco cheio de serragem? É a mesma coisa. Agora, onde está minha armadura?

— Escute, você vai ter que prometer não se vingar. Eles erraram quando tiraram sua armadura, mas você vai ter que lidar com isso.

— Está bem. Sem vingança. Mas se eles tentarem me impedir de pegar minha armadura, vão morrer.

— Está escondida no porão da casa do padre. Ele acha que tem um espírito dentro dela e está tentando expulsar esse espírito. Mas ela ainda está lá.

Ele se ergueu nas patas traseiras e se virou para o oeste, de modo que os últimos raios do sol tingiram seu focinho de um amarelo esbranquiçado e brilhante no meio da penumbra. Ela sentia a força emanar da enorme criatura como ondas de calor.

— Tenho que trabalhar até o pôr do sol — declarou ele. — Hoje de manhã, dei a minha palavra ao dono daqui. Ainda estou devendo alguns minutos de trabalho.

— Aqui onde eu estou o sol já se pôs — afirmou Lyra, pois o sol tinha desaparecido atrás do promontório a sudoeste.

Ele ficou de quatro.

— É verdade — disse, com o rosto agora na sombra, como o dela. — Qual é o seu nome, menina?

— Lyra Belacqua.

— Então tenho uma dívida com você, Lyra Belacqua.

Começou a caminhar, atravessando o solo congelado com tanta rapidez que Lyra mal conseguiu acompanhá-lo, mesmo correndo. Mas ela correu, e Pantalaimon voou como uma gaivota para ver aonde o urso ia e gritar instruções para ela.

Iorek Byrnison saiu correndo do entreposto e desceu a ruela estreita,

virando na rua principal da cidade; passou em frente ao jardim da residência do alcaide — onde uma bandeira pendia, imóvel, e uma sentinela marchava rigidamente de um lado para outro — e desceu a colina, passando pelo final da rua onde o cônsul das feiticeiras morava. A essa altura a sentinela percebera o que estava acontecendo e tentava decidir o que fazer, mas Iorek Byrnison já havia virado uma esquina perto do porto.

As pessoas paravam para olhar ou saíam do caminho dele. A sentinela deu dois tiros para o alto e saiu correndo morro abaixo atrás do urso, estragando a cena ao escorregar na ladeira cheia de gelo, só recuperando o equilíbrio depois de se agarrar a uma grade. Lyra não vinha muito atrás; quando passou pela casa do alcaide, ela viu várias figuras saindo para o pátio para ver o que estava acontecendo, e imaginou ter visto Farder Coram entre elas; mas passou depressa, seguindo na direção da esquina por onde a sentinela desaparecia, seguindo o urso.

A casa do padre era mais velha do que a maioria, feita de tijolos, um material nobre. Três degraus levavam à porta de entrada, que agora pendia de lado, e de dentro da casa vinham gritos e o barulho de madeira despedaçada. A sentinela hesitou do lado de fora, o rifle de prontidão; mas, ao ver que as pessoas começavam a se juntar na calçada e a observar das janelas, o homem decidiu que tinha que agir e deu outro tiro para o alto antes de entrar correndo.

No momento seguinte, a casa inteira pareceu estremecer. Em três janelas, as vidraças se estilhaçaram e uma telha deslizou do telhado, e então uma mulher saiu correndo do local, aterrorizada, o galo que era o seu daemon atrás dela, batendo as asas.

Soou outro disparo lá dentro, e todos ouviram um rugido feroz que fez a mulher gritar. Então o próprio padre saiu como se tivesse sido arremessado de um canhão, com seu daemon-pelicano de penas arrepiadas e expressão de orgulho ferido. Lyra escutou ordens gritadas e se virou ao ver um pelotão de policiais armados surgir correndo da esquina, alguns com pistolas e outros com rifles, e logo atrás vinha John Faa e a figura gorducha e nervosa do alcaide.

O som de algo se partindo fez com que todos olhassem para a casa. Uma

janela ao nível do solo, obviamente dando para um porão, foi arrancada ruidosamente. A sentinela que tinha seguido Iorek Byrnison para dentro da casa saiu lá de dentro em disparada e parou de frente para a janela com o rifle a postos; pouco depois a janela foi aberta com violência e por ela surgiu Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Sem ela, ele inspirava respeito; com ela, inspirava terror. A armadura era cor de ferrugem e toscamente montada: grandes folhas e placas de metal descolorido e cheio de marcas, que rangiam e raspavam umas nas outras ao se chocarem. O elmo era pontudo como o focinho do dono, com fendas no lugar dos olhos, e deixava as mandíbulas de fora para que ele pudesse usar os dentes.

A sentinela disparou vários tiros, e os policiais também apontaram as armas, mas Iorek Byrnison se livrou das balas com uma simples sacudidela, como se fossem gotas de chuva; lançou-se para a frente em meio ao rangido do metal e derrubou a sentinela antes que ele pudesse fugir. O daemon do homem, uma cadela husky, tentou atacar a garganta do urso, mas este lhe deu a atenção que daria a uma mosca; puxando a sentinela para si com uma das patas, ele se inclinou e enfiou a cabeça do homem entre os dentes. Lyra sabia exatamente o que ia acontecer: ele ia esmagar a cabeça da sentinela como se fosse um ovo e haveria uma batalha sangrenta, mais mortes, mais atraso; e eles nunca escapariam, com ou sem o urso.

Sem pensar, ela foi em direção ao urso e colocou a mão no único local onde a armadura deixava alcançar a pele — o buraco que aparecia entre o elmo e a grande placa dos ombros, quando ele baixava a cabeça —, onde ela podia ver a pelagem branco-amarelada entre as bordas enferrujadas. A menina enfiou os dedos lá dentro, e Pantalaimon voou atrás dela e virou um gato-do-mato, agachado, pronto para defendê-la; mas Iorek Byrnison ficou imóvel, e os soldados não atiraram.

Em um cochicho veemente, ela disse ao urso:

— Iorek! Escute! Você tem uma dívida comigo, certo? Pois agora pode pagá-la. Faça o que eu peço: não lute com esses homens. Vamos embora. Nós *precisamos* de você, Iorek, você não pode ficar aqui. Venha comigo até o porto e não olhe para trás. Farder Coram e lorde Faa estão ali, deixe que eles

lidem com o alcaide e seus homens, eles vão se sair bem. Largue este homem e venha comigo...

O urso abriu a boca lentamente. A cabeça da sentinela, ensanguentada, molhada e pálida como a morte, bateu no chão quando ele desmaiou, e seu daemon começou a cuidar dele e a acalmá-lo enquanto o urso recuava para o lado de Lyra.

Ninguém mais se movia. Ficaram todos observando o urso dar as costas à sua vítima a pedido de uma menininha com um daemon-gato, e em seguida abriram caminho para dar passagem a Iorek Byrnison, que com passos pesados atravessou a multidão ao lado de Lyra em direção ao porto.

Toda a atenção de Lyra estava concentrada no urso; portanto, ela não viu a confusão atrás deles, o medo e a raiva que cresceram assim que eles partiram. Ela caminhava ao lado do urso, e Pantalaimon ia à frente dos dois, como se abrisse caminho.

Quando chegaram ao porto, Iorek Byrnison baixou a cabeça, arrancou o elmo com uma garra e o deixou cair sonoramente no solo congelado. Os gípcios saíram do café, sentindo que alguma coisa estava acontecendo, e à luz das lâmpadas ambáricas do convés do navio assistiram a Iorek Byrnison despir o resto da armadura e deixá-la amontoadada na beira do cais. Sem uma palavra, ele foi até a beira d'água, mergulhou sem provocar uma única ondulação e desapareceu.

— O que está acontecendo? — perguntou Tony Costa ao ouvir as vozes indignadas dos moradores e da polícia seguindo para o porto.

Lyra contou-lhe, como pôde.

— Mas para onde ele foi? — quis saber o rapaz. — Pois ele não acabou de largar a armadura aí no chão? Eles vão pegá-la de volta assim que chegarem aqui!

Lyra também tinha medo de que isso acontecesse, pois um policial já vinha virando a esquina, depois outro, depois o alcaide e o padre, e uns vinte ou trinta espectadores, com John Faa e Farder Coram tentando alcançá-los.

Mas eles pararam quando viram o grupo no cais, pois havia surgido mais alguém: sentado na armadura do urso, com um tornozelo apoiado no joelho, via-se a figura comprida de Lee Scoresby, tendo na mão a pistola mais

comprida que Lyra já tinha visto, apontando, de maneira casual, para a barriga ampla do alcaide.

— Parece que vocês não cuidaram direito da armadura do meu amigo — disse, em tom de bate-papo. — E não me surpreenderia de encontrar traças nela. Agora fiquem bem paradinhos aí, bem calminhos, e espero que ninguém se mova até o urso voltar com um lubrificante qualquer. Ou melhor, acho que vocês todos podem ir para casa ler jornal. A escolha é de vocês.

— Ali está ele! — exclamou Tony, apontando para uma rampa na ponta do cais.

Ali Iorek Byrnison emergia da água arrastando uma coisa escura atrás de si. Uma vez em cima do cais, ele se sacudiu, lançando água em todas as direções, até seus pelos estarem secos. Então se inclinou para tornar a pegar com os dentes o objeto negro e o arrastou até onde estava a armadura. Era uma foca morta.

— Iorek! — disse o aeróstata, pondo-se de pé preguiçosamente e mantendo a pistola apontada para o alcaide. — Oi!

O urso ergueu os olhos e soltou um rosnado curto, antes de rasgar com a garra a pele da foca. Lyra observou, fascinada, enquanto ele esticava a pele do animal morto e arrancava tiras de gordura, que começou a passar em toda a armadura, colocando mais quantidade nos encaixes das placas.

— Você está com esta gente? — perguntou ele a Lee Scoresby.

— Claro. Acho que nós dois somos empregados deles, Iorek.

— Onde está o seu balão? — perguntou Lyra.

— Embalado em dois trenós — informou o texano. — Aí vem o patrão.

John Faa e Farder Coram, juntamente com o alcaide, desceram o cais com quatro policiais armados.

— Urso! — disse o alcaide com a voz alta e áspera. — Desta vez você tem permissão para partir na companhia dessas pessoas. Mas fique sabendo que se aparecer de novo dentro dos limites da cidade será tratado sem piedade.

Iorek Byrnison não lhe deu a menor atenção e continuou esfregando gordura de foca em toda a armadura; o cuidado e a atenção que ele dedicava a essa tarefa lembraram a Lyra sua própria devoção a Pantalaimon. Exatamente como o urso tinha dito: a armadura era a sua alma. O alcaide e os policiais se

retiraram, e aos poucos os espectadores começaram a ir embora, apesar de alguns terem ficado para assistir.

John Faa levou as mãos à boca e chamou:

— Gípcios!

Estavam todos prontos para partir e ansiosos para seguir caminho desde que tinham desembarcado; os trenós estavam preparados, e os cães, a postos.

John Faa anunciou:

— Está na hora de partirmos, amigos. Estamos todos reunidos e o caminho nos espera. Sr. Scoresby, já arrumou suas coisas?

— Estou pronto para partir, lorde Faa.

— E você, Iorek Byrnison?

— Assim que vestir minha armadura — respondeu o urso.

Ele havia terminado de lubrificá-la. Sem querer desperdiçar a carne da foca, ergueu a carcaça com os dentes e a jogou sobre o trenó maior de Lee Scoresby antes de vestir a armadura. Era impressionante ver a leveza com que o urso a manejava: em certos locais, as folhas de metal tinham quase três centímetros de espessura, mas ele as jogava sobre si mesmo como se fossem feitas de seda. Levou menos de um minuto, e desta vez não se ouviu um único rangido.

Assim, em menos de meia hora, a expedição seguia para o norte. Sob um céu pontilhado de milhões de estrelas e uma lua exuberante, os trenós avançavam aos solavancos, fazendo ruído por sobre os buracos e as pedras até chegarem à neve limpa na periferia da cidade. Então o som mudou, ficando mais regular, e os cães começaram a aumentar a velocidade.

Lyra, no trenó de Farder Coram, tão agasalhada que apenas os olhos estavam de fora, cochichou a Pantalaimon:

— Está vendo Iorek?

— Ele está caminhando ao lado do trenó de Lee Scoresby — respondeu Pan, olhando para trás em sua forma de arminho enquanto se agarrava ao capuz de pelo de carcaju que Lyra usava.

À frente deles, acima das montanhas ao norte, os arcos e volteios pálidos das Luzes do Norte começaram a brilhar e tremeluzir. Lyra as via através dos olhos semicerrados, e teve uma sensação sonolenta de perfeita felicidade, de

estar viajando para o norte sob a Aurora Boreal. Pantalaimon lutava contra a sonolência dela, mas em vão; ele então virou um ratinho e se enroscou dentro do capuz. Podia contar a ela quando despertassem, e provavelmente era um animal, ou um sonho, ou um tipo qualquer de espírito inofensivo, mas alguma coisa estava seguindo os trenós, saltando com leveza de galho em galho pelos pinheiros, e aquilo trazia até ele a preocupante lembrança de um macaco.

12. O MENINO PERDIDO

Viajaram durante várias horas e então pararam para comer. Enquanto os homens acendiam as fogueiras e derretiam neve para beber, com Iorek Byrnison observando Lee Scoresby assar a carne da foca, John Faa conversava com Lyra.

— Lyra, você consegue enxergar o instrumento para poder ler?

A lua já havia se posto muito tempo antes. A luz da Aurora Boreal era mais forte do que o luar, porém inconstante. Mas Lyra tinha boa visão; enfiando a mão dentro do casaco, ela retirou a sacola de veludo negro.

— Consigo, sim. Mas de qualquer maneira já sei onde está a maioria dos símbolos. O que devo perguntar, lorde Faa?

— Quero saber mais sobre como estão defendendo Bolvangar.

Sem nem sequer precisar pensar, ela viu que seus dedos moviam os ponteiros apontando para o elmo, o grifo e o cadinho, e sentiu a mente escolher os significados corretos como um complicado diagrama em três dimensões. No mesmo instante, o ponteiro grande começou a se mover, como uma abelha dançando sua mensagem para a colmeia. Ela observava calmamente, contente em não saber a princípio, mas ciente de que um significado estava a caminho, e então as coisas começaram a ficar claras. Ela deixou que os movimentos se repetissem até ter certeza.

— É exatamente como disse o daemon da feiticeira, lorde Faa. Há um pelotão de tártaros vigiando a Estação, e eles colocaram cercas em volta da área. Não esperam ser atacados, é o que diz o leitor de símbolos. Mas, lorde Faa...

— O que é, minha filha?

— Ele está dizendo mais uma coisa. No próximo vale, há uma vila perto de um lago onde as pessoas estão sendo assombradas por um fantasma.

John Faa balançou a cabeça com impaciência.

— Isso não tem importância agora. Deve haver todo tipo de espíritos nessas florestas. Fale outra vez sobre os tártaros. Quantos são? Como é que estão armados?

Lyra perguntou obedientemente e anunciou a resposta:

— São sessenta homens com rifles, e eles têm algumas armas maiores, uma espécie de canhão. Têm lança-chamas, também. E... todos os daemons deles são lobos, é o que está dizendo.

Isto causou uma reação entre os gípcios mais velhos, aqueles que já haviam participado de combates.

— Os regimentos de Sibirsk têm daemons-lobos — disse um deles.

John Faa acrescentou:

— Nunca vi mais ferozes. Vamos ter que lutar como tigres. E consultar o urso; aquele ali é um guerreiro esperto.

Lyra estava impaciente.

— Mas, lorde Faa, esse fantasma... Acho que é o fantasma de uma das crianças!

— Bem, mesmo que seja, Lyra, não sei o que podemos fazer sobre isso. Lança-chamas, sessenta rifles... Sr. Scoresby, venha aqui um instante, por favor.

Enquanto o aeróstata se aproximava do trenó, Lyra saiu de fininho e foi falar com o urso.

— Iorek, você já viajou por aqui?

— Uma vez.

— Tem uma aldeia aqui perto, não é?

— Do outro lado da serra — disse ele, erguendo os olhos para o topo por entre as poucas árvores.

— É longe?

— Para você ou para mim?

— Para mim.

— Longe demais. Para mim, nem um pouco.

— Quanto tempo você levaria, então?

— Eu poderia ir e voltar três vezes antes do próximo nascer da lua.

— Porque, Iorek, escute, eu tenho um leitor de símbolos que me diz as

coisas, entende, e ele me disse que tenho algo importante para fazer naquela aldeia, e lorde Faa não quer me deixar ir. Ele quer viajar depressa, e sei que isso é importante também. Mas se eu não for até lá e descobrir o que é, podemos nunca ficar sabendo o que os Papões estão fazendo.

O urso ficou em silêncio. Estava sentado como um humano, as enormes patas juntas no colo, os olhos escuros fixos nos dela. Sabia que ela queria alguma coisa.

Pantalaimon falou:

— Pode nos levar até lá e alcançar os trenós depois?

— Sim. Mas dei a minha palavra a lorde Faa que ia obedecer a ele e a ninguém mais.

— E se eu tivesse a permissão dele? — perguntou Lyra.

— Então sim.

Ela voltou correndo pela neve.

— Lorde Faa! Se Iorek Byrnison me levar até a aldeia no outro lado da serra podemos descobrir o que está havendo lá e depois alcançar os trenós. Ele conhece o caminho. Eu não ia pedir, mas é como o que aconteceu antes, Farder Coram, o senhor se lembra daquele camaleão? Na hora eu não entendi, mas era verdade, nós descobrimos logo depois. E tenho a mesma sensação agora. Não consigo entender direito o que o leitor de símbolos está dizendo, mas sei que é importante. E Iorek Byrnison conhece o caminho, ele disse que podia ir e voltar três vezes até a próxima lua, e eu estaria em segurança com ele, não é? Mas ele só vai se tiver permissão de lorde Faa.

Os homens ficaram em silêncio. Farder Coram suspirou. John Faa estava muito preocupado, os lábios cerrados. Antes, porém, que ele dissesse alguma coisa, o aeróstata interveio:

— Lorde Faa, se Iorek Byrnison levar a garotinha, ela vai estar tão segura quanto se estivesse aqui conosco. Todos os ursos são honestos, mas conheço Iorek há anos e nada neste mundo vai fazer com que ele quebre sua palavra. Se ordenar que ele tome conta dela, ele vai fazer isto, não se preocupe. Quanto à velocidade, ele consegue galopar horas seguidas sem se cansar.

— Mas por que não podiam ir alguns homens? — perguntou John Faa.

— Bom, eles teriam que caminhar, porque não dá para atravessar aquela

serra de trenó — respondeu Lyra. — Iorek Byrnison é mais rápido do que qualquer homem neste tipo de terreno, e sou bastante leve, então ele não vai se cansar. E prometo, lorde Faa, prometo não demorar mais do que o necessário, nem dar qualquer informação sobre nós, nem correr qualquer risco.

— Tem certeza de que precisa fazer isso? Esse leitor de símbolos não está fazendo você de boba?

— O aletômetro nunca brinca, lorde Faa, e acho que não ia conseguir me fazer de boba.

John Faa esfregou o queixo.

— Bem, se tudo der certo, teremos mais alguma informação. Iorek Byrnison! — chamou. — Está disposto a fazer o que a menina está pedindo?

— Faço o que o senhor pedir, lorde Faa. Se me disser para levar a garota, eu levo.

— Muito bem. Leve a garota aonde ela deseja ir e faça o que ela pedir. Lyra, agora estou dando as *suas* ordens, está entendendo?

— Sim, lorde Faa.

— Você vai procurar seja o que for e, quando tiver encontrado, volte imediatamente. Iorek Byrnison, estaremos viajando, de modo que vai ter que nos alcançar.

O urso assentiu com a enorme cabeça.

— Algum soldado na aldeia? — perguntou ele a Lyra — Vou precisar da minha armadura? Iremos mais depressa sem ela.

— Nenhum, eu tenho certeza, Iorek. Obrigada, lorde Faa, prometo fazer o que o senhor mandou.

Tony Costa deu à menina um pedaço de carne-seca para mastigar, e, com Pantalaimon como ratinho dentro do seu capuz, Lyra subiu nas costas amplas do urso, agarrando seus pelos com as luvas de lã e prendendo os joelhos na cintura estreita e musculosa dele. A pelagem era maravilhosamente espessa, e a sensação de grande poder que ela experimentou foi avassaladora. Como se ela nada pesasse, o urso saiu a galope na direção da serra e das árvores baixas.

Levou algum tempo para que ela se acostumasse com o movimento, mas

então perdeu o medo e sentiu um grande entusiasmo. Estava cavalgando um urso! A Aurora Boreal ocupava o céu acima deles em arcos e arabescos dourados, e à volta dela, o impiedoso frio do Polo Ártico e o silêncio imenso do norte.

As patas de Iorek Byrnison mal faziam ruído na neve. As árvores eram esqueléticas e pouco crescidas, pois ficavam na borda da tundra, mas havia galhos secos e moitas espinhentas no caminho. O urso passava por elas como se fossem teias de aranha.

Subiram a serra baixa entre erupções de rocha negra, e logo já não podiam ver os trenós. Lyra queria conversar com o urso, e se ele fosse humano ela já seria amiga dele; mas ele era tão estranho, selvagem e frio que ela ficava tímida, talvez pela primeira vez na vida. Assim, enquanto ele seguia a galope, as patas poderosas e incansáveis, Lyra ficou em silêncio. *Talvez ele prefira assim*, ela pensou; ela devia parecer um filhote bagunceiro, mal saído do ninho, aos olhos do urso de armadura.

Raras vezes ela pensara em si mesma, e achava a experiência interessante, porém desconfortável; aliás, bem parecido com cavalgar um urso. Iorek Byrnison galopava depressa, movendo ambas as patas de um lado do corpo ao mesmo tempo e se balançando de um lado para outro em um ritmo forte e regular. Ela descobriu que não bastava apenas ficar agarrada a ele; precisava acompanhar seus movimentos.

Após uma hora de viagem, Lyra sentiu que estava dura e dolorida, mas profundamente feliz, quando Iorek Byrnison diminuiu a velocidade e parou.

— Olhe para cima — disse ele.

Lyra ergueu os olhos e teve que enxugá-los com a mão, pois sentia tanto frio que estavam marejados. Quando conseguiu enxergar, ficou boquiaberta com a visão do céu. A Aurora Boreal desbotara para um brilho pálido e trêmulo, mas as estrelas brilhavam como diamantes, e, através do grande domo pontilhado, centenas e centenas de minúsculas figuras negras voavam do leste e do sul em direção ao norte.

— São pássaros? — perguntou ela.

— Feiticeiras — respondeu o urso.

— Feiticeiras? O que estão fazendo?

— Reunindo-se para a guerra, talvez. Nunca vi tantas juntas.

— Conhece alguma feiticeira, Iorek?

— Já servi algumas delas. E lutei com algumas, também. Isto vai deixar lorde Faa assustado. Se elas estão indo ajudar os seus inimigos, vocês todos deviam ficar com medo.

— Lorde Faa não vai ficar com medo. Você não está com medo, está?

— Ainda não. Quando estiver, vou controlá-lo. Mas é melhor contarmos a lorde Faa sobre as feiticeiras, porque os homens podem não ter visto.

Ele seguiu mais devagar, e ela ficou observando o céu até seus olhos se encherem novamente de lágrimas de frio, mas não viu terminar o fluxo de feiticeiras que voavam para o norte. Por fim, Iorek Byrnison parou e disse:

— Esta é a aldeia.

À frente deles, havia uma ladeira íngreme e acidentada, e lá embaixo um punhado de construções de madeira ao lado de uma vastidão de neve muito plana, que Lyra imaginou ser o lago congelado. Um cais de madeira mostrou que ela estava certa. Os dois estavam a menos de cinco minutos do lugar.

— O que você quer fazer? — perguntou o urso.

Lyra escorregou das costas dele e teve dificuldade para ficar de pé. Seu rosto estava rígido de frio e as pernas tremiam, mas ela se agarrou ao pelo dele e bateu os pés no chão até se sentir mais firme.

— Tem uma criança, ou um fantasma, ou uma coisa qualquer nesta aldeia, ou talvez perto dela, não sei direito. Quero descobrir onde está e levar essa coisa para lorde Faa e para os outros, se eu conseguir. Pensei que era um fantasma, mas o leitor de símbolos podia estar me dizendo algo que não consegui entender.

— Se ele está ao relento, vai ter que encontrar um abrigo — disse o urso.

— Acho que não está morto...

Mas não tinha certeza. O aletômetro havia indicado alguma coisa estranha e antinatural, o que era assustador; mas quem era ela? A filha de lorde Asriel. E quem estava sob seu comando? Um urso poderoso. Como podia demonstrar medo?

— Vamos procurar — ordenou.

Tornou a montar nas costas dele, e o urso desceu encosta abaixo,

caminhando sem pressa. Os cães da aldeia farejaram, ouviram ou sentiram a chegada deles e começaram a uivar de medo; e as renas nos currais pareciam nervosas, os chifres batendo uns nos outros como gravetos secos. No ar imóvel, ouvia-se de longe cada movimento. Quando chegaram à primeira casa, Lyra olhou para a direita e para a esquerda, tentando enxergar na escuridão, pois a Aurora Boreal estava se dissipando, e a lua ainda demoraria a nascer. Aqui e ali uma luz tremulava sob um telhado coberto de neve; Lyra julgou ter visto rostos pálidos atrás da vidraça de algumas janelas, e ficou imaginando a surpresa deles ao verem uma criança montada em um grande urso branco.

No centro da pequena aldeia, havia um espaço aberto junto ao ancoradouro onde os botes tinham sido deixados, parecendo protuberâncias na neve. O barulho dos cachorros era ensurdecedor; no instante em que Lyra achou que aquilo ia acordar alguém, uma porta se abriu e um homem saiu segurando uma espingarda. Seu daemon-carcaju saltou para a pilha de lenha ao lado da porta, espalhando neve.

Lyra desceu imediatamente e ficou de pé entre ele e Iorek Byrnison, lembrando-se de que ela havia dito ao urso que não haveria necessidade de trazer a armadura.

O homem falou em uma língua que ela não conseguiu entender. Iorek Byrnison respondeu na mesma língua, e o homem soltou um gemido de medo.

— Ele acha que somos demônios. O que eu digo? — quis saber o urso.

— Diga que não somos demônios, mas temos amigos que são. E estamos procurando... uma criança. Uma criança estranha. Diga isso a ele.

Assim que o urso repetiu o que Lyra tinha dito, o homem apontou para a direita, indicando um lugar distante, e falou rapidamente.

Iorek Byrnison traduziu:

— Ele quer saber se viemos para levar a criança embora. Estão com medo dela. Tentaram expulsá-la, mas ela sempre volta.

— Diga que vamos levar a criança com a gente, mas que eles foram muito maus em tratá-la assim. Onde está ela, afinal?

O homem explicou, gesticulando animadamente. Lyra teve medo de que

ele disparasse a arma por acidente, mas assim que acabou de falar ele correu de volta para casa e fechou a porta. Lyra via rostos em todas as janelas.

— Onde está a criança? — perguntou.

— Na peixaria — disse o urso, seguindo na direção do ancoradouro.

Lyra foi atrás. Estava muito nervosa. O urso seguia na direção de um barracão estreito de madeira, erguendo a cabeça para farejar, e quando chegou à porta, ele estacou e disse:

— Aí dentro.

O coração de Lyra batia tão depressa que ela mal conseguia respirar. Levantou a mão para bater na porta e então, achando ridículo esse gesto, respirou fundo para anunciar sua presença, mas percebeu que não sabia o que dizer. Ah, estava tão escuro! Devia ter levado uma lamparina...

Não havia escolha, e de qualquer maneira ela não queria que o urso percebesse seu medo. Ele falara em controlar o medo: era isso que ela teria que fazer. Ergueu a tira de couro de rena que segurava a porta e empurrou com força. A porta se abriu com um ruído. Lyra teve que afastar a neve empilhada na frente com os pés antes de conseguir abrir inteiramente a porta, e Pantalaimon não estava ajudando em nada, correndo de um lado para outro em sua forma de arminho, uma sombra branca na neve, emitindo ruídos de medo.

— Pan, pelo amor de Deus! Vire um morcego e vá *olhar* para mim...

Mas ele não quis, e também não quis falar. Ela nunca o vira assim, a não ser na ocasião em que ela e Roger tinham trocado de lugar as moedas dos daemons na cripta da Jordan. Ele estava bem mais amedrontado que ela. Quanto a Iorek Byrnison, o urso estava deitado na neve ali perto, observando em silêncio.

— Saia daí! — ordenou Lyra, o mais alto que ousou. — Saia!

Não houve resposta. Ela abriu um pouco mais a porta, e Pantalaimon saltou para os seus braços em forma de gato, empurrando-a e dizendo:

— Vamos embora! Não entre ali! Ah, Lyra, vá agora! Vamos embora!

Tentando segurar Pantalaimon, ela viu que Iorek Byrnison estava se levantando e, ao olhar na mesma direção que ele, viu uma figura correndo pelo caminho que vinha da aldeia, carregando uma lamparina. Quando a

figura se aproximou, ergueu a lanterna para mostrar o rosto: um ancião de rosto largo e enrugado e os olhos perdidos no meio de muitas rugas. Seu daemon era uma raposa-do-ártico.

Ele falou, e Iorek Byrnison traduziu:

— Ele diz que não é a única criança desse tipo. Já viu outras na floresta. Às vezes elas morrem rápido, às vezes não. Essa aí é durona, ele acha. Mas seria melhor que morresse logo.

— Pergunte se ele pode me emprestar a lanterna — disse Lyra.

O urso falou, e o homem entregou a lanterna de imediato, assentindo vigorosamente. Ela entendeu que ele tinha vindo trazer a lanterna para ela, e agradeceu. Ele assentiu outra vez e recuou para longe dela, do barracão e do urso.

Lyra pensou de repente: *e se for o Roger?* E rezou com todas as forças para que não fosse. Pantalaimon estava agarrado a ela, novamente um arminho, as pequenas garras enfiadas no casaco dela.

Lyra ergueu a lanterna e deu um passo para dentro do barracão, e então viu o que o Conselho de Obleação estava fazendo e qual era a natureza do sacrifício que as crianças tinham que fazer.

O menininho estava encolhido de encontro ao cavalete de madeira para secagem com suas fileiras e mais fileiras de peixes pendurados, duros como tábuas. Ele apertava contra o peito um pedaço de peixe seco como Lyra apertava Pantalaimon: com ambas as mãos, contra o coração. Mas era tudo que ele tinha: um pedaço de peixe seco; porque ele não tinha um daemon. Os Papões o tinham separado do daemon dele.

Isso era a *intercissão*, e aquela era uma criança seccionada!

13. ESGRIMA

O primeiro impulso dela foi de sair correndo ou então vomitar. Um ser humano sem daemon era como uma pessoa sem rosto, ou com as costelas à mostra e o coração arrancado: uma coisa antinatural e estranha, que pertencia ao mundo dos pesadelos, não ao mundo desperto e racional.

Então Lyra se agarrou a Pantalaimon; sentia a cabeça girar e vontade de vomitar; apesar do frio intenso da noite, um suor doentio umedeceu sua pele com uma coisa ainda mais fria.

— Rateira! — disse o menino. — Você viu a minha Rateira?

Lyra sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Não — respondeu, a voz tão fraca e assustada quanto ela se sentia. — Qual é o seu nome?

— Tony Makarios — respondeu ele. — Onde está a Rateira?

— Não sei... — começou ela, mas teve que engolir em seco para controlar a náusea. — Os Papões...

Mas não conseguiu continuar. Teve que sair do barracão e ir se sentar na neve sozinha, só que naturalmente não estava sozinha, nunca estaria sozinha, pois Pantalaimon estava sempre ao seu lado. Ah, ser afastada dele como aquele menininho tinha sido afastado da sua Rateira! Era a pior coisa no mundo! Ela soluçava, e Pantalaimon também gania, e em ambos havia uma imensa piedade e tristeza por aquele meio-menino.

Então ela se levantou.

— Venha — chamou, com a voz trêmula. — Tony, saia daí. Vamos levar você para um lugar seguro.

Houve um movimento dentro da peixaria, e ele apareceu à porta, ainda agarrado ao peixe. Estava usando roupas quentes, um casacão com capuz bem acolchoado e botas de pele, mas que aparentavam ser de segunda mão e não cabiam nele muito bem. Do lado de fora, sob a luz que vinha dos rastros

desbotados da Aurora Boreal e do chão coberto de neve, ele parecia ainda mais perdido e digno de pena do que no barracão, quando estava acocorado dentro da peixaria, à luz da lamparina.

O aldeão que trouxera a lamparina tinha recuado alguns metros e gritou alguma coisa. Iorek Byrnison traduziu:

— Ele está dizendo que você tem que pagar pelo peixe.

Lyra teve vontade de mandar o urso acabar com ele, mas disse apenas:

— Vamos levar a criança embora. Eles podem muito bem abrir mão de um peixe.

O urso respondeu. O homem resmungou, mas não discutiu. Lyra colocou a lanterna na neve e pegou a mão do meio-menino para guiá-lo até o urso. Ele a acompanhou, sem mostrar surpresa ou medo diante do grande animal branco, e quando Lyra o ajudou a subir nas costas de Iorek, ele disse apenas:

— Não sei onde está a minha Rateira.

— Nem nós, Tony — respondeu ela. — Mas nós vamos... Vamos castigar os Papões. Vamos fazer isso, eu prometo. Iorek, será que você consegue me carregar também?

— Minha armadura pesa muito mais que duas crianças.

Ela então subiu atrás de Tony e ensinou a ele como se segurar nos pelos longos do urso, e Pantalaimon ficou dentro do capuz dela, aquecido, próximo e cheio de pena. Lyra sabia que a vontade de Pantalaimon era estender a pata e acariciar o pequeno meio-menino, lambê-lo e aquecê-lo como o daemon dele teria feito; mas o tabu impedia isso, naturalmente.

Atravessaram a aldeia em direção à serra, e os rostos dos aldeões mostravam horror e uma espécie de alívio temeroso ao ver aquela criatura horivelmente mutilada ser levada embora por uma menininha e um grande urso branco.

No coração de Lyra, a repugnância lutava com a compaixão, e a compaixão venceu. Ela abraçou o corpinho magro e ossudo, para que ele não caísse. A viagem de volta à caravana foi mais fria, mais difícil e mais escura, porém pareceu mais rápida, apesar de tudo. Iorek Byrnison era incansável, e os movimentos que Lyra tinha que fazer para se equilibrar se tornaram automáticos, de modo que ela não corria perigo de cair. O corpo frio em seus

braços era tão leve que de certo modo era fácil de segurar, mas ele estava inerte, rígido, sem se mover de acordo com os movimentos do urso, portanto, de certo modo, ele era difícil de segurar.

De vez em quando, o meio-menino falava.

— Que foi que você disse? — perguntou Lyra.

— Eu perguntei se ela vai saber onde eu estou...

— É, vai saber, sim, vai encontrar você, e nós vamos encontrá-la. Segure com força, Tony. Não estamos longe...

O urso galopava. Lyra não tinha ideia de como estava cansada até alcançarem os gípcios. Os trenós haviam parado para os cães descansarem, e de repente estavam todos ali, Farder Coram, lorde Faa, Lee Scoresby, todos vindo ajudar, mas recuando em silêncio ao verem a outra figura com Lyra. Ela estava tão rígida que não conseguia nem soltar os braços que rodeavam o corpo do menino, e John Faa teve que ajudá-la.

— Meu Deus, o que é isso? — espantou-se ele. — Lyra, minha filha, o que foi que você encontrou?

— O nome dele é Tony — murmurou ela através dos lábios congelados. — Levaram o daemon dele. É isso que os Papões fazem.

Os homens, temerosos, ficavam a distância; mas o urso, para espanto de Lyra, lhes deu uma bronca.

— Que vergonha! Pensem no que esta criança fez! Vocês podem não ser mais corajosos que ela, mas deviam ter vergonha de mostrar que são menos!

— Tem razão, Iorek Byrnison — disse John Faa, virando-se em seguida para dar ordens. — Aticem a fogueira e esquentem sopa para a criança. Para as duas crianças. Farder Coram, seu abrigo está montado?

— Está, sim, John. Traga Lyra, vamos aquecê-la.

— E o menino também — disse outra voz. — Ele pode comer e se aquecer, mesmo não...

Lyra estava tentando contar a John Faa sobre as feiticeiras, mas estavam todos muito ocupados, e ela estava exausta. Depois de momentos confusos, com vultos andando apressados de um lado para outro, ela sentiu Pantalaimon morder de leve sua orelha, e acordou com o rosto do urso a poucos centímetros do seu.

— As feiticeiras — sussurrou Pantalaimon. — Eu chamei Iorek.

— Ah, é mesmo. Iorek, obrigada por me levar e me trazer. Posso não me lembrar de contar a lorde Faa sobre as feiticeiras, então seria melhor você fazer isso.

Ela ouviu o urso concordar e então adormeceu de vez.

Quando acordou, o dia estava claro — o que, naquela região, significava um céu pálido a sudoeste e o ar cheio de neblina cinzenta através da qual os gípcios se moviam como fantasmas corpulentos, preparando os trenós e atrelando os cães.

Lyra via isso tudo de dentro do abrigo do trenó de Farder Coram, onde ela estava deitada em uma pilha de peles. Pantalaimon acordou antes dela e experimentava a forma de uma raposa-do-ártico antes de voltar à sua forma favorita de arminho.

Iorek Byrnison estava dormindo na neve ali perto, a cabeça descansando nas patas; mas Farder Coram estava de pé e atarefado, e assim que viu Pantalaimon ele veio mancando acordar Lyra.

Ela o viu chegar e sentou-se.

— Farder Coram, agora sei o que o aletíômetro queria dizer! Ele ficava indicando *pássaro* e *não*, e isso não fazia sentido, porque significava “nenhum daemon”, e eu não sabia como isso podia ser... O que foi?

— Lyra, eu sinto muito ter que contar isso a você depois de tudo que você fez, mas o menino morreu uma hora atrás. Ele não conseguia se acomodar, não conseguia ficar no mesmo lugar; não parava de perguntar pelo daemon, onde ele estava, se ele ia demorar; e ficava apertando aquele pedaço de peixe velho como se... Ah, não consigo falar sobre isso, filha; mas ele finalmente fechou os olhos e ficou imóvel, e foi a primeira vez que pareceu em paz, pois ficou igual a qualquer outra pessoa morta, com o daemon seguindo o curso natural. Tentaram abrir uma cova para ele, mas o chão está duro como pedra. Então John Faa ordenou que fizessem uma grande fogueira e vão cremar o corpo dele, para que ele não seja devorado pelos carniceiros. Minha filha, você fez uma coisa boa e corajosa, e estou orgulhoso de você. Agora que

sabemos da maldade terrível de que aquela gente é capaz, vemos nosso dever com mais clareza. O que você deve fazer é comer e descansar, porque adormeceu cedo demais para se alimentar ontem à noite, e nesta temperatura é preciso comer para não enfraquecer...

Ele estava arrumando coisas, ajeitando as peles, apertando as cordas do trenó, desembaralhando as rédeas.

— Farder Coram, onde está o menino? Já foi cremado?

— Não, Lyra, está lá atrás.

— Quero vê-lo.

Ele não poderia recusar, pois ela vira coisa pior do que um cadáver, e talvez isso fosse acalmá-la. Então, com Pantalaimon como uma lebre branca saltitando delicadamente a seu lado, ela seguiu ao longo da fila de trenós até o local onde alguns homens empilhavam lenha.

O corpo do menino estava ao lado da trilha, coberto por um pano xadrez. Ela se ajoelhou e levantou o pano com a mão enluvada. Um dos homens pareceu querer impedi-la, mas os outros balançaram a cabeça.

Pantalaimon se aproximou enquanto Lyra contemplava o pobre rostinho abatido. Ela tirou uma das luvas e tocou nos olhos dele. Estavam frios como mármore, e Farder Coram tinha razão: o coitado do Tony Makarios não era diferente de qualquer outro humano cujo daemon tivesse partido na morte. Ah, se tirassem Pantalaimon dela! Ela o pegou no colo e o abraçou como se quisesse guardá-lo dentro do coração. E tudo que o pequeno Tony tinha era seu pobre pedaço de peixe...

Onde estava o peixe?

Ela puxou a coberta: o peixe não estava lá.

No mesmo instante ela estava de pé, os olhos brilhando de fúria, interpelando os homens:

— Onde está o peixe dele?

Eles pararam de trabalhar, confusos, sem saber o que ela queria; mas alguns dos daemons deles sabiam e se entreolharam. Um dos homens esboçou um sorriso.

— Não ouse achar graça! Vou arrancar os pulmões de quem rir dele! Era tudo que ele tinha, só um pedaço velho de peixe seco, era tudo que ele tinha

no lugar do seu daemon para amar e cuidar! Quem levou o peixe? Onde é que foi parar?

Pantalaimon era uma pantera branca, como o daemon de lorde Asriel, mas ela nem reparou; tudo que via era o certo e o errado.

— Calma, Lyra — disse um homem. — Calma, menina!

— Quem foi que pegou? — ela tornou a perguntar.

O gípcio recuou um passo diante daquela fúria.

— Eu não sabia — disse outro, em tom de arrependimento. — Pensei que era alguma coisa que ele estava comendo. Tirei da mão dele porque achei mais respeitoso. Só isso, Lyra.

— Então onde está?

O homem explicou, constrangido:

— Sem saber que ele precisava do peixe, eu dei para os meus cachorros. Peço perdão.

— Não sou eu quem tem que perdoá-lo, é ele — respondeu Lyra, e voltou a se ajoelhar ao lado da criança morta, acariciando a bochecha fria dele.

Então teve uma ideia e procurou entre as camadas de casaco. O ar frio a atravessou quando ela abriu o casacão, mas em poucos segundos achou o que procurava e tirou uma moeda de ouro da bolsa antes de tornar a se agasalhar.

— Preciso da sua faca — disse ao homem que tinha tirado o peixe; depois se voltou para Pantalaimon: — Como era o nome dela?

Pantalaimon compreendeu, naturalmente, e disse:

— Rateira.

Ela segurou a moeda com força na mão esquerda enluvada, e segurando a faca como um lápis gravou no metal o nome do daemon perdido.

— Espero que isto sirva, se eu fizer como um catedrático da Jordan — cochichou ela para o menino morto.

Forçou os dentes dele a se abrirem o suficiente para ela enfiar a moeda. Foi difícil, mas ela conseguiu, e conseguiu também fechar novamente a boca. Então devolveu a faca ao homem e na penumbra da manhã saiu para ir procurar Farder Coram.

Ele ofereceu a ela uma caneca de sopa saída do fogo, que ela bebericou com prazer.

— O que vamos fazer com as feiticeiras, Farder Coram? — ela quis saber.
— Será que a sua feiticeira estava com elas?

— A *minha* feiticeira? Realmente não tenho ideia, Lyra. Elas podem estar indo a qualquer lugar. A vida das feiticeiras é cheia de vários tipos de preocupações, coisas invisíveis para nós, doenças misteriosas que as atacam e a nós não, motivos de guerra além da nossa compreensão, alegrias e tristezas ligadas à florescência de pequenas plantinhas na tundra... Mas eu gostaria de ter visto esse voo, Lyra. Gostaria de poder ver algo como aquilo. Agora beba a sopa toda. Quer mais? Temos um pão assando, também. Coma bastante, filha, porque logo partiremos.

O alimento fortaleceu Lyra, e o gelo em sua alma começou a derreter. Com os outros, ela foi ver o pequeno meio-menino ser colocado em sua pira fúnebre, e inclinou a cabeça e fechou os olhos durante as orações feitas por John Faa; e então os homens aspergiram álcool e acenderam o fogo, que em um instante se alastrou.

Uma vez certos de que o cadáver tinha sido todo consumido, os viajantes recomeçaram a jornada. Foi uma viagem fantasmagórica: logo começou a nevar, e em um instante o mundo estava reduzido às sombras cinzentas dos cães, aos solavancos e estalidos dos trenós, ao frio cortante e a um mar agitado de grandes flocos pouco mais escuros do que o céu e pouco mais claros do que o solo.

Mesmo assim, os cães continuaram a correr, caudas no ar, soltando vapor pela boca. Avançavam para o norte, enquanto o pálido meio-dia chegava e passava, e o crepúsculo tornava a abraçar o mundo. Fizeram uma parada para comer, beber e descansar em uma fenda entre os montes e para verificar a direção, e enquanto John Faa conversava com Lee Scoresby sobre a melhor maneira de utilizar o balão, Lyra pensou no inseto-espião e foi perguntar a Farder Coram o que havia acontecido com a lata de folhas de tabaco onde ele aprisionara o besouro.

— Está bem guardada — contou ele. — Está no fundo daquela valise, mas não dá para abrir; lá no navio eu soldei a tampa, como falei que ia fazer. Não sei o que vamos fazer com ela, para dizer a verdade; talvez jogar no fundo de uma mina de fogo, talvez isso resolvesse. Mas não precisa se preocupar,

Lyra. Enquanto eu estiver com ela, você estará segura.

Na primeira oportunidade, ela enfiou o braço dentro da lona congelada da valise e tirou a latinha. Antes mesmo de encostar nela, já sentiu o zumbido.

Enquanto Farder Coram conversava com os outros chefes, ela levou a lata a Iorek Byrnison e explicou sua ideia. Aquilo lhe ocorrera quando ela se lembrou da facilidade com que ele rasgara o metal da proteção do motor.

Ele escutou, então pegou a tampa de uma lata de biscoitos e a enrolou formando um cilindro pequeno e chato com facilidade. Lyra ficou impressionada com a habilidade das patas dele: ao contrário da maioria dos ursos, ele e os outros da sua espécie tinham garras-polegares opositivas, com as quais podiam segurar com firmeza as coisas; além disso, ele possuía um sentido inato da força e flexibilidade dos metais, o que significava que bastava erguer um pedaço de metal, flexioná-lo desta ou daquela maneira, e então raspar nele um círculo com a garra para marcar o lugar da dobra. Foi o que fez, dobrando as laterais até formar uma caixinha redonda e uma tampa que lhe servisse. A pedido de Lyra, ele fez duas dessas: uma do mesmo tamanho da lata de folhas de tabaco e outra onde coubesse a lata e uma boa quantidade de pelos e musgo bem comprimidos para abafar o zumbido. Fechada, a caixinha tinha o mesmo tamanho e formato do aletômetro.

Depois de tudo pronto, ela se sentou ao lado de Iorek Byrnison enquanto o urso mastigava um pernil de rena congelado e duro como madeira.

— Iorek, é ruim não ter daemon? Você não se sente solitário? — ela quis saber.

— Solitário? — repetiu ele. — Não sei. Eles me dizem que está frio: não sei o que é frio, porque não sinto frio. Do mesmo modo, não sei o que é solidão. Os ursos foram feitos para ficarem sozinhos.

— E os ursos de Svalbard? Eles são milhares, não são? Foi o que ouvi dizer.

Ele não respondeu e partiu a carne ao meio com um som como um tronco rachando.

— Perdão, Iorek — disse Lyra. — Não quis ofender. É que fico curiosa. Sabe, fico ainda mais curiosa sobre os ursos de Svalbard por causa do meu pai.

— Quem é o seu pai?

— Lorde Asriel. E ele está preso em Svalbard, entende? Acho que os Papões o traíram e pagaram aos ursos para que ele fique preso lá.

— Não sei. Não sou um urso de Svalbard.

— Pensei que era...

— Não. Já fui um urso de Svalbard, mas agora não sou. Fui expulso como castigo porque matei outro urso. Então tiraram o meu cargo, a minha fortuna e a minha armadura, e me mandaram viver na fronteira do mundo humano e lutar quando alguém me contratasse para isso, ou trabalhar em coisas pesadas e afogar as lembranças no álcool.

— Por que matou o outro urso?

— De raiva. Entre os ursos existem maneiras de afastar a raiva de um pelo outro, mas eu estava fora de mim. Então o matei e fui castigado justamente.

— E você era rico e importante — disse Lyra, impressionada. — Exatamente como o meu pai, Iorek! Foi exatamente o que aconteceu com ele depois que eu nasci; ele também matou alguém e então tiraram toda a fortuna dele. Foi muito antes de virar prisioneiro em Svalbard. Não sei nada de Svalbard, a não ser que fica no extremo norte... É tudo coberto de gelo? Pode-se chegar lá atravessando o mar congelado?

— Não partindo deste litoral. O mar às vezes congela ao sul, às vezes não. Você ia precisar de um barco.

— Ou um balão.

— É, um balão, mas então você ia precisar do vento certo.

Ele mordeu o pernil de rena, e uma ideia louca entrou na cabeça de Lyra quando ela se lembrou de todas aquelas feiticeiras no céu noturno, mas não falou nada sobre o assunto. Em vez disso, fez perguntas a Iorek Byrnison sobre Svalbard e escutou atentamente enquanto ele lhe falava das geleiras que deslizavam devagar; das rochas e icebergs onde as morsas de presas brilhantes se reuniam em grupos de cem ou mais; dos mares repletos de focas, dos navais batendo as compridas presas brancas acima da água gelada; da enorme costa escura e cercada de ferro, os penhascos com quase quinhentos metros de altura onde os imundos espectros-dos-penhascos vojavam e se empoleiravam; das minas de carvão e minas de fogo onde os

ursos-ferreiros martelavam grandes folhas de ferro para fabricar armaduras...

— Se eles tomaram a sua armadura, Iorek, onde foi que arranjou essa?

— Eu mesmo fiz em Nova Zembla, com ferro-celeste. Até fazer isso eu me sentia incompleto.

— Quer dizer que os ursos conseguem moldar a própria alma... — disse ela. Havia muita coisa a aprender no mundo. — Quem é o rei de Svalbard? Os ursos têm rei?

— O nome dele é Iofur Raknison.

Aquele nome disparou um alarme na mente de Lyra; ela já havia ouvido aquele nome, mas onde? E não tinha sido pela voz de um urso, nem de um gípcio. A voz que pronunciara esse nome fora a de um catedrático — precisa, pedante e indolentemente arrogante, uma voz bem típica da Faculdade Jordan. Ela tentou lembrar. Ah, conhecia tão bem aquela voz!

E então lembrou: a sala privativa, os catedráticos ouvindo lorde Asriel. Tinha sido o catedrático de palmeriano quem falara alguma coisa sobre Iofur Raknison. Ele tinha usado a palavra panserbjorne, que Lyra não conhecia, e na ocasião ela não sabia que Iofur Raknison era um urso: mas o que havia sido dito? O rei de Svalbard era vaidoso e podia ser adulado. Havia mais alguma coisa; se ao menos ela conseguisse recordar... Mas muita coisa acontecera desde então.

— Se seu pai é prisioneiro dos ursos de Svalbard, ele não vai conseguir escapar — declarou Iorek Byrnison. — Não há madeira para fazer um barco. Por outro lado, se ele é um nobre, será bem tratado. Vão lhe dar uma casa para morar, um criado, comida e combustível.

— Os ursos podem ser derrotados, Iorek?

— Não.

— Ou quem sabe enganados?

Ele parou de mastigar e olhou diretamente para ela antes de responder:

— Você nunca vai derrotar os ursos de armadura. Já viu a minha armadura; agora veja as minhas armas.

Ele largou a carne e estendeu as patas, com as palmas viradas para cima, para que ela visse. Cada uma era coberta de pele calejada com mais de três centímetros de espessura, e cada garra era pelo menos tão comprida quanto a

mão de Lyra, e afiada como uma navalha. Ele deixou que ela as apalpassem.

— Um golpe pode esmagar o crânio de uma foca — disse ele. — Ou quebrar a coluna de um homem, ou arrancar um membro. E posso morder. Se você não tivesse me impedido, em Trollesund, eu teria esmagado a cabeça daquele homem como um ovo. Já falei da força, agora vou falar da esperteza; é impossível enganar um urso. Quer uma prova? Pegue um graveto e vamos esgrimir.

Ansiosa para experimentar, ela quebrou o galho de uma moita coberta de neve, tirou todas as folhas e o empunhou como se fosse uma espada. Iorek Byrnison ficou sentado nas patas traseiras, à espera. Quando estava pronta, ela o atacou, mas não quis golpeá-lo porque ele parecia muito pacífico. Então ficou brandindo a arma, avançando pelos lados, sem pretender encostar nele, e ele não se mexeu. Ela fez isso várias vezes, e nem uma vez ele se moveu um centímetro.

Por fim, ela resolveu golpeá-lo diretamente, sem força, mas apenas tocando a ponta do galho no estômago dele; no mesmo instante, ele estendeu a pata e afastou o galho para o lado.

Surpresa, ela tentou novamente, com o mesmo resultado. Ele se movimentava com muito mais rapidez e segurança do que ela. A menina tentou acertá-lo de verdade, movimentando o pedaço de pau como a arma de um espadachim, e nem uma vez tocou no corpo dele. Ele parecia saber antes dela o que Lyra pretendia fazer, e quando ela mirava a cabeça dele, a enorme pata desviava o galho. Quando ela fazia uma finta, ele não se movia.

Ela ficou com raiva e partiu para um ataque furioso, golpe após golpe, e nem uma vez conseguiu enganar aquelas patas; elas estavam em toda parte, no momento exato de aparar, no lugar exato de bloquear.

Finalmente ela ficou com medo e parou. Estava suando dentro dos casacos, sem fôlego, exausta, e o urso continuava sentado tranquilamente. Mesmo se ela tivesse uma espada de verdade com a ponta afiada, ele estaria ileso.

— Aposto que você consegue parar uma bala de espingarda — disse ela, jogando longe o galho. — Como é que *consegue*?

— Não sendo humano. É por isso que você nunca conseguiria enganar um urso. Enxergamos truques e mentiras como enxergamos pernas e braços.

Conseguimos ver de um modo que os humanos esqueceram. Mas você sabe disso; afinal, consegue entender o leitor de símbolos.

— Não é a mesma coisa, é?

Ela estava mais nervosa com o urso agora do que quando ele estava furioso.

— É, sim — confirmou Iorek. — Pelo que sei, os adultos não conseguem fazer isso. Aquilo que eu sou para os lutadores humanos você é para os adultos com o leitor de símbolos.

— É, pode ser — disse ela, confusa e de má vontade. — Isso quer dizer que quando eu crescer vou acabar esquecendo?

— Quem sabe? Nunca tinha visto um leitor de símbolos nem alguém que conseguisse ler um. Talvez você seja diferente dos outros.

Ele ficou de quatro novamente e voltou a mastigar a carne. Lyra tinha desabotoado o agasalho de peles, mas agora o frio era muito, e ela teve que fechá-lo outra vez.

No geral, tinha sido um episódio inquietante. Ela estava com vontade de consultar o aletiômetro ali mesmo, mas o frio era insuportável. Além disso, estava na hora de seguir viagem. Ela pegou as latas que Iorek Byrnison tinha feito, colocou a que estava vazia dentro da valise de Farder Coram e colocou a que continha a mosca-espiã junto com o aletiômetro na sacola que levava na cintura. Ficou contente quando se puseram em marcha.

Os chefes haviam concordado com Lee Scoresby que quando chegassem à parada seguinte iriam inflar o balão e espionar do ar. Naturalmente Lyra estava doida para voar com ele e, obviamente, isso foi proibido; mas ela estava viajando no trenó dele e o encheu de perguntas.

— Sr. Scoresby, como voaria até Svalbard?

— Você ia precisar de um dirigível com um motor a gás, alguma coisa como um zepelim, ou então um bom vento sul. Mas, caramba, eu não teria coragem. Você já viu aquele lugar? O buraco mais feio, triste, ruim e esquecido que pode existir.

— Eu só estava pensando, se Iorek Byrnison quisesse voltar...

— Seria morto. Iorek é um exilado; assim que colocasse os pés lá seria feito em pedaços.

— Como é que o senhor infla o balão, sr. Scoresby?

— Há duas formas. Posso fazer hidrogênio derramando ácido sulfúrico em raspas de ferro. A gente recolhe o gás que ele solta e aos poucos enche o balão. A outra maneira é encontrar um exaustor de gás do solo perto de uma mina de fogo. Há muito gás no subsolo daqui, e também óleo pétreo. Posso extrair gás do óleo pétreo, se precisar, e também do carvão. Não é difícil fazer gás. Porém a maneira mais rápida é usar gás do solo. Um bom exaustor consegue encher o balão em uma hora.

— Quantas pessoas o senhor pode carregar?

— Seis, se for preciso.

— Poderia carregar Iorek Byrnison de armadura?

— Já fiz isso. Uma vez, eu o salvei dos tártaros, quando ele estava cercado e os tártaros queriam que ele morresse de fome. Foi na campanha da Tunguska; voei até lá e tirei Iorek. Parece fácil, mas, caramba, tive que adivinhar o peso do garotão. E então tive que dar um jeito de achar gás do solo debaixo da fortaleza de gelo que ele tinha feito. Mas lá de cima eu conseguia ver o tipo de solo, e calculei que podíamos cavar. Sabe, para descer eu tenho que soltar gás do balão, e só posso subir de novo com mais gás. De qualquer maneira, nós conseguimos, com a armadura e tudo.

— Sr. Scoresby, sabia que os tártaros fazem buracos na cabeça das pessoas?

— Ah, claro. Fazem isso há milhares de anos. Na guerra da Tunguska, capturamos cinco tártaros vivos, e três deles tinham um buraco na cabeça. Um deles tinha dois.

— Fazem isso *uns com os outros*?

— Isso mesmo. Primeiro cortam um semicírculo de pele no couro cabeludo, para que possam levantar a pele e expor o osso. Então cortam e retiram do crânio um pequeno círculo de osso, com muito cuidado para não machucar o cérebro, e então tornam a costurar o couro cabeludo por cima.

— Pensei que fizessem isso apenas com os inimigos!

— Claro que não. É um grande privilégio. Fazem isso para que os deuses

possam falar com eles.

— Já ouviu falar em um explorador chamado Stanislaus Grumman?

— Grumman? Claro. Conheci um homem da equipe dele quando atravessei o rio Yenisei de balão, dois anos atrás. Ele ia morar com as tribos tártaras por lá. Aliás, acho que ele também tinha o tal buraco na cabeça. Fazia parte de uma cerimônia de iniciação, mas o sujeito me disse que não entendia nada daquilo.

— Mas, se ele era uma espécie de tártaro honorário, por que iriam matá-lo?

— Matá-lo? Então ele está morto?

— Está, sim. Eu vi a cabeça dele — disse Lyra com orgulho. — Foi meu pai quem o encontrou. Vi quando ele mostrou a cabeça para os catedráticos na Faculdade Jordan em Oxford. Estava escalpelada e tudo.

— E quem o escalpelou?

— Bom, os tártaros, foi o que os catedráticos pensaram... Mas talvez não tenha sido.

— Pode não ter sido a cabeça de Grumman — sugeriu Lee Scoresby. — Seu pai pode ter enganado os catedráticos.

— É, acho que sim — disse Lyra, pensativa. — Ele *estava* pedindo dinheiro a eles.

— E quando viram a cabeça eles deram o dinheiro?

— Foi.

— Belo truque. As pessoas ficam chocadas quando veem esse tipo de coisa. Não fazem questão de olhar de perto.

— Especialmente catedráticos — acrescentou Lyra.

— Bom, você deve saber melhor que eu. Mas se era mesmo a cabeça do Grumman, aposto que não foram os tártaros que escalpelaram. Eles escalpelam os inimigos, não os seus, e ele era um tártaro por adoção.

Enquanto seguiam viagem, Lyra ficou remoendo essas coisas. Havia fortes correntes cheias de significado fluindo ao seu redor: os Papões e sua crueldade, o medo que tinham do Pó, a cidade na Aurora Boreal, o pai dela em Svalbard, a mãe... onde estaria sua mãe? O aletômetro, as feiticeiras voando para o norte. E o pobre coitado do Tony Makarios; e o inseto-espião

movido a corda; e a esperteza extraordinária de Iorek Byrnison...

Lyra adormeceu. E cada hora os levava mais para perto de Bolvangar.

14. AS LUZES DE BOLVANGAR

O fato de os gípcios não terem notícias da sra. Coulter preocupava Farder Coram e John Faa muito mais do que deixavam Lyra perceber; mas não imaginavam que ela também estivesse preocupada. Lyra tinha medo da sra. Coulter e pensava nela com frequência. E embora lorde Asriel agora fosse seu pai, a sra. Coulter nunca foi sua mãe. O motivo disso era o daemon dela, o macaco dourado, que tinha despertado uma profunda aversão em Pantalaimon e que, como Lyra suspeitava, havia se intrometido nos segredos dela, particularmente no segredo do aletímetro.

Os dois certamente estavam atrás dela; era tolice pensar o contrário. O inseto-espião provava isso.

Mas, quando um inimigo realmente atacou, não foi a sra. Coulter. Os gípcios tinham planejado parar para os cachorros descansarem, consertar dois trenós e preparar todas as armas para o ataque a Bolvangar. John Faa esperava que Lee Scoresby conseguisse encontrar algum gás no solo para encher o balão menor (pois ele possuía dois, aparentemente) e subir para espionar o terreno. Mas o aeróstata entendia das condições meteorológicas como um marinheiro e avisou que ia haver neblina; e, assim que eles pararam, a névoa espessa desceu. Lee Scoresby sabia que nada veria do céu, então se limitou a verificar o equipamento, embora estivesse tudo meticulosamente em ordem. Então, sem qualquer aviso, uma rajada de flechas surgiu da escuridão.

Três gípcios caíram na mesma hora e morreram tão silenciosamente que ninguém ouviu nem um suspiro; só quando eles caíram por cima das rédeas ou ficaram imóveis inesperadamente foi que os homens mais próximos perceberam o que estava acontecendo, e então já era tarde demais, porque mais flechas caíam sobre eles. Alguns homens olharam para cima, atordoados com o ruído irregular e rápido de batidas que vinha da fila de trenós,

produzido pelas flechas acertando madeira ou lona congelada.

O primeiro a reagir foi John Faa, que, no centro da fila, gritava ordens. Mãos frias e pernas rígidas se movimentaram para obedecer enquanto mais flechas despencavam como chuva; uma chuva mortal.

Lyra estava em terreno aberto, e as flechas passavam por cima da sua cabeça. Pantalaimon percebeu antes dela, então virou uma pantera e a derrubou, tornando-a um alvo menor. Limpando a neve dos olhos, ela rolou para tentar ver o que estava acontecendo, pois a escuridão parecia transbordar de barulho e confusão. Ela escutou um rugido poderoso e os ruídos da armadura de Iorek Byrnison quando ele saltou por cima dos trenós e mergulhou na neblina, e isto foi seguido por berros, rosnados, ruídos de coisas sendo rasgadas e esmagadas, gritos de horror e rugidos de fúria, enquanto o urso os dizimava.

Mas quem eram *eles*? Lyra ainda não tinha avistado o inimigo. Os gípcios corriam para defender os trenós, mas isso (como até Lyra podia ver) fazia deles alvos fáceis; e era difícil disparar espingardas usando luvas grossas; ela ouvira apenas quatro ou cinco tiros contra uma tempestade incessante de flechas. E a cada minuto tombavam mais homens.

Ela pensou, angustiada: *ah, John Faa, você não previu isso, e eu não te ajudei!*

Mas Lyra não teve mais que um segundo para pensar isso, pois Pantalaimon soltou um rosnado poderoso e alguma coisa — outro daemon — o derrubou, tirando o fôlego de Lyra; mãos a agarraram, a levantaram, abafaram seus gritos com luvas fedorentas e a jogaram pelo ar de um lado para outro antes de deixarem-na cair com força na neve, de modo que ela estava ao mesmo tempo tonta, sem fôlego e machucada. Seus braços foram puxados para trás até seus ombros estalarem e alguém amarrou seus pulsos, depois colocaram um capuz cobrindo toda a sua cabeça para abafar os gritos, pois ela gritou muito, e com força:

— Iorek! Iorek Byrnison! Socorro!

Mas será que ele podia ouvir? Ela não sabia; foi jogada de um lado para outro e finalmente caiu em uma superfície dura que então começou a se sacudir como um trenó. Os sons que chegavam até ela eram ferozes e

confusos. Lyra julgou ter ouvido o rugido de Iorek Byrnison, mas muito distante; ela estava sendo levada aos solavancos por um terreno acidentado, os braços presos, a boca tapada, chorando de raiva e de medo. E vozes estranhas falavam ao seu redor.

— Pan! — sussurrou ela.

— Estou aqui, shh, vou ajudar você a respirar. Fique parada...

As patinhas de rato de Pantalaimon puxaram o capuz até que ela ficou com a boca livre e pôde respirar o ar gelado.

— Quem são eles?

— Parecem tártaros. Acho que feriram John Faa.

— Não...

— Vi quando ele caiu. Mas ele devia estar preparado para este tipo de ataque. Nós sabemos disso.

— Mas devíamos ter ajudado! Devíamos ter consultado o aletíômetro!

— Shh. Finja que está desmaiada.

Ouviram o estalar de um chicote e o uivo dos cães. Pelo modo como ela estava sendo jogada de um lado para outro, Lyra sabia que estavam indo muito depressa; e mesmo se esforçando para ouvir os sons do combate, tudo que conseguiu distinguir foram alguns disparos abafados pela distância.

— Vão nos levar para os Papões — cochichou ela.

Ambos pensaram na palavra *intercissão*. Um medo terrível tomou conta de Lyra, e Pantalaimon se aconchegou perto dela.

— Eu vou lutar — disse ele.

— Eu também. Vou *matar* todos eles.

— Iorek também vai matar todos eles quando descobrir. Vai esmagar um por um.

— Será que estamos muito longe de Bolvangar?

Ele não sabia, mas ambos calculavam que fosse menos de um dia de viagem.

Depois de viajarem durante tanto tempo que Lyra chegou a ficar cheia de câibras no corpo, a velocidade diminuiu um pouco, e alguém puxou o capuz com brutalidade.

Ela se deparou com um rosto asiático largo sob um capuz de carcaju

iluminado por uma lamparina trêmula. Ele tinha olhos negros que mostraram uma centelha de satisfação, especialmente quando Pantalaimon deslizou para fora do casaco de Lyra e mostrou os dentes brancos de arminho com um rosnado. O daemon do homem, um carcaju grande e pesado, rosnou de volta, mas Pantalaimon não se intimidou.

O homem colocou Lyra sentada, apoiando-a na lateral do trenó. Ela caiu de costas, pois tinha as mãos ainda amarradas às costas, então ele amarrou os pés dela e soltou as mãos.

Em meio à neve que caía e à neblina espessa, ela percebeu que o homem era muito forte, assim como o que guiava o trenó; ambos se sentiam muito à vontade naquela terra, ao contrário dos gípcios.

O homem falou, mas naturalmente ela não entendeu. Ele tentou outra língua, com o mesmo resultado. Então tentou falar em inglês.

— Seu nome?

Pantalaimon se arrepiou todo, e ela entendeu de imediato o que ele queria dizer. Então aquela gente não sabia quem ela era! Lyra não tinha sido sequestrada por causa da sua ligação com a sra. Coulter; então talvez não estivessem trabalhando para os Papões.

— Lizzie Brooks — respondeu.

— Lissie Broogs — repetiu ele. — Nós levamos você para lugar bom. Gentes boas.

— Quem são vocês?

— Samoiedos. Caçadores.

— Para onde vai me levar?

— Lugar bom. Gentes boas. Você tem panserbjorne?

— Para me proteger.

— Não adianta! Ha, ha, urso não adianta! Pegamos você assim mesmo!

Ele riu com vontade; Lyra se controlou e nada respondeu.

— Quem é aquela gente? — perguntou o homem em seguida, apontando para trás.

— Mercadores.

— Mercadores... De quê?

— Peles, bebida, folhas de tabaco.

— Vendem folhas de fumar, compram peles?

— É.

Ele disse alguma coisa ao companheiro, que lhe deu uma resposta curta. Durante todo o tempo, o trenó seguia em alta velocidade, e Lyra se ajeitou para tentar ver para onde iam; mas estava nevando forte, o céu estava escuro, e finalmente ela sentiu frio demais e se deitou. Ela e Pantalaimon sentiam os pensamentos um do outro, e tentaram ficar calmos, mas a ideia de John Faa morto... E o que teria acontecido a Farder Coram? Iorek conseguiria matar os outros samoiedos? E alguém conseguiria descobrir o paradeiro dela?

Pela primeira vez, ela começou a sentir pena de si mesma.

Depois de muito tempo, o homem a sacudiu pelo ombro e entregou a ela um pedaço de carne-seca de rena para mastigar. Era fedorenta e dura, mas ela estava com fome e aquilo era comida. Depois de comer tudo, ela se sentiu um pouco melhor. Enfiou a mão lentamente dentro do casaco até ter certeza de que o aletômetro ainda estava ali, e então retirou cuidadosamente a lata com o inseto-espião e a enfiou dentro da bota. Pantalaimon entrou na bota na forma de um rato e empurrou a lata bem para o fundo, prendendo-a sob a calça de couro de rena.

Depois disso, ela fechou os olhos. Estava exausta de medo, e logo caiu em um sono inquieto.

Acordou quando o movimento do trenó mudou, ficando mais suave de repente. Quando abriu os olhos, viu luzes passando acima, tão brilhantes que ela teve que puxar mais o capuz sobre a cabeça antes de olhar outra vez. Estava se sentindo muito mal, com frio e câibras, mas conseguiu se ajeitar o suficiente para ver que o trenó passava entre duas filas de postes altos, cada um com uma brilhante lâmpada ambárica. Enquanto ela observava as redondezas, o trenó passou por um portão de metal no final da estrada de luzes, entrando em um grande espaço aberto que parecia um pátio deserto ou uma arena para algum tipo de esporte. Era perfeitamente lisa, regular e branca, com cerca de cem metros de extensão, rodeada por uma cerca alta de metal.

O trenó parou no extremo oposto dessa arena. Estavam diante de uma construção baixa ou de uma série de construções baixas sob uma grossa

camada de neve. Era difícil dizer, pois ela teve a impressão de que havia túneis ligando as diversas partes da construção; túneis cobertos de neve. De um lado, tinha um grosso mastro de metal com aparência familiar, embora ela não conseguisse lembrar por quê.

Antes que ela pudesse ver mais alguma coisa, o homem no trenó cortou a corda que a prendia e a jogou na neve com brutalidade enquanto o que guiava gritava com os cães para que ficassem quietos. Uma porta se abriu no prédio a poucos metros de distância e uma luz ambárica apareceu, movendo-se para procurá-los, como um holofote.

O sequestrador de Lyra a empurrou para a frente sem soltá-la, como se estivesse exibindo um troféu, e disse alguma coisa. A figura, que usava um casaco acolchoado feito de seda carbonífera, respondeu na mesma língua, e Lyra viu seu rosto. Não era um dos samoiedos, nem um tártaro: parecia um catedrático da Jordan. Ele olhou para ela e particularmente para Pantalaimon.

O sequestrador tornou a falar, e o homem de Bolvangar se dirigiu a Lyra:

— Você fala inglês?

— Sim — respondeu ela.

— O seu daemon tem sempre esta forma?

Que pergunta mais inusitada! Lyra não soube o que responder. Mas Pantalaimon respondeu por si mesmo, virando um falcão e atacando o daemon do homem, uma grande marmota que tentou atingir Pantalaimon com um movimento rápido e cuspiu enquanto ele voava ao redor dela.

— Entendo — disse o homem em tom satisfeito, enquanto Pantalaimon voltava para o ombro de Lyra.

Os samoiedos pareciam esperar alguma coisa; o homem de Bolvangar assentiu e tirou uma luva para enfiar a mão no bolso, de onde tirou um saco fechado por um cordão. Colocou uma dúzia de pesadas moedas na mão do caçador.

Os dois homens contaram o dinheiro antes de guardá-lo com cuidado, cada um ficando com metade. Sem olhar para trás, eles entraram no trenó, e o que guiava estalou o chicote e gritou com os cães; o trenó atravessou o pátio amplo e entrou na estrada de luzes, aumentando a velocidade até desaparecer na escuridão.

O homem tornou a abrir a porta.

— Entre depressa — disse. — Lá dentro está quentinho e confortável. Não fique aí fora no frio. Como é o seu nome?

Lyra não conseguia identificar qualquer sotaque nele. Parecia o tipo de pessoa que ela havia conhecido na casa da sra. Coulter: culto, educado e importante.

— Lizzie Brooks.

— Entre, Lizzie. Vamos cuidar de você, não se preocupe.

Ele sentia mais frio que ela, mesmo estando ao ar livre por menos tempo, e estava impaciente para entrar. Ela resolveu bancar a boba, relutando, arrastando os pés ao entrar no prédio.

Havia duas portas e um grande espaço entre elas, de modo que o ar quente não escapasse. Depois que eles passaram pela segunda porta Lyra sentiu um calor insuportável e teve que abrir o casaco e jogar o capuz para trás.

Estavam em um espaço de uns três metros quadrados com corredores à direita e à esquerda; na frente dela, havia um balcão, como a recepção de um hospital. Tudo estava bastante iluminado, com superfícies brancas e de aço inoxidável. Havia no ar o cheiro de comida — bacon e café — e sob ele um leve cheiro de hospital; das paredes vinha um zumbido baixo, quase baixo demais para ser ouvido — o tipo de ruído com que a pessoa tinha que se acostumar para não enlouquecer.

Pantalaimon, agora um pintassilgo, cochichou no ouvido dela:

— Seja lerda e burra. Muito burra.

Alguns adultos a observavam: o homem que a trouxera, outro homem usando um jaleco branco, uma mulher com uniforme de enfermeira.

— Inglesa — dizia o primeiro homem. — Mercadores, aparentemente.

— Os caçadores de sempre? A história de sempre?

— A mesma tribo, pelo que eu pude perceber. Enfermeira Clara, pode levar a pequena... hum... e cuidar dela?

— Claro, doutor. Venha comigo, querida — disse a enfermeira.

Lyra a acompanhou obedientemente.

Seguiram por um corredor curto com portas à direita e uma cantina à esquerda, de onde vinham o ruído de talheres e vozes e cheiro de comida.

Lyra calculou que a enfermeira tinha mais ou menos a idade da sra. Coulter e um ar de neutralidade, eficiência e sensatez; ela teria capacidade de dar pontos em um ferimento ou trocar um curativo, mas nunca de contar uma história. Lyra sentiu um arrepio quando percebeu que o daemon da enfermeira era um cachorrinho branco, mas não conseguiu entender por que ficou angustiada com isso.

— Qual é o seu nome, querida? — perguntou a enfermeira, abrindo uma porta pesada.

— Lizzie.

— Só Lizzie?

— Lizzie Brooks.

— E quantos anos você tem?

— Onze.

Lyra tinha ouvido dizer que ela era pequena para a sua idade; isso não tinha afetado a ideia que tinha da própria importância, mas ela percebeu que agora podia usar isso para fazer de Lizzie uma pessoa tímida, nervosa e insignificante.

Estava esperando que lhe perguntassem de onde tinha vindo e como tinha chegado ali, e preparava suas respostas; mas não era só imaginação que faltava à enfermeira, faltava também curiosidade; pelo interesse que a enfermeira Clara parecia demonstrar, Bolvangar podia estar situada nos subúrbios de Londres, com crianças aparecendo o tempo todo. O daemon da enfermeira trotava junto a seus pés com o mesmo jeito eficiente e neutro.

No quarto onde entraram, havia um sofá, uma mesa, duas cadeiras e um arquivo, um armário de vidro com remédios e curativos e uma pia. Assim que passou pela porta a enfermeira tirou o casacão de Lyra e o deixou cair no chão.

— Tire o resto da roupa, querida — pediu a mulher. — Vamos dar uma olhada para ver se você está bem, sem resfriado ou queimaduras de frio, e depois vamos arranjar roupas limpas. Vamos lhe dar um banho de chuveiro, também — acrescentou, pois Lyra não tomava banho nem mudava de roupa havia alguns dias, e no ambiente aquecido este fato ficava cada vez mais evidente.

Pantalaimon bateu as asas em protesto, mas Lyra fez um gesto para que ele ficasse quieto. Ele se acomodou no sofá enquanto Lyra tirava as roupas, peça por peça, sentindo raiva e vergonha, mas ainda com suficiente presença de espírito para se fingir de boba e obediente.

— E a sua bolsa também, Lizzie — pediu a enfermeira.

Ela própria desamarrou com seus dedos fortes o cinto com a sacola e foi colocá-lo na pilha de roupas de Lyra, mas parou de repente ao apalpar o aletímetro.

— O que é isso? — perguntou, desabotoando a bolsa de lona.

— É um brinquedo — respondeu Lyra. — É meu.

— Nós não vamos tirar o seu brinquedinho, querida — disse a enfermeira Clara, abrindo o embrulho de veludo negro. — Que bonito, parece uma bússola! Agora, para o chuveiro — continuou, largando o aletímetro e abrindo uma cortina de seda carbonífera em um canto do aposento.

Com relutância, Lyra entrou debaixo da água morna e se ensaboou, enquanto Pantalaimon se empoleirava na vara da cortina. Ambos sabiam que ele não podia se mostrar muito esperto, pois os daemons das pessoas lerdas eram lerdos também. Depois que ela se enxugou, a enfermeira verificou sua temperatura e examinou seus olhos, ouvidos e garganta, depois mediu sua altura e a pesou em uma balança, antes de fazer anotações. Depois deu a Lyra um pijama e um roupão. Eram roupas limpas e de boa qualidade, como o casaco de Tony Makarios, mas também havia nelas um ar de roupas usadas. Lyra ficou nervosa.

— Isso não é meu — disse.

— Não, querida. As suas roupas precisam de uma boa lavagem.

— Vou ter as minhas roupas de volta?

— Imagino que sim. Claro que sim.

— Que lugar é este?

— O nome é Estação Experimental.

Aquilo não era uma resposta. Como Lyra, ela teria dito isso e pedido mais informações, mas sabia que Lizzie Brooks não agiria assim. Então, assentiu e ficou quieta.

Depois de vestida, falou, em tom de queixa:

— Eu quero o meu brinquedo.

— Pode pegar, querida — disse a enfermeira. — Mas será que não prefere um belo ursinho de pelúcia? Ou uma linda boneca?

Ela abriu uma gaveta cheia de brinquedos que pareciam coisas mortas. Lyra se obrigou a levantar e fingir estar pensando antes de escolher uma boneca de pano de olhos grandes e rosto inexpressivo. Nunca tinha tido uma boneca, mas sabia o que fazer: abraçou distraidamente o brinquedo.

— E a minha bolsa? Gosto de guardar meu brinquedo lá dentro.

— Pode pegar — disse a enfermeira Clara, que estava preenchendo um formulário cor-de-rosa.

Lyra levantou a camisa do pijama e prendeu o cinto com a sacola em volta da cintura.

— E o meu casaco e as minhas botas? — insistiu ela. — E as minhas luvas e as outras coisas?

— Vamos mandar limpar para você — respondeu a enfermeira automaticamente.

Então um telefone tocou, e, enquanto a enfermeira atendia, Lyra se abaixou depressa para pegar a lata onde estava o inseto-espião e a guardou na sacola com o aletômetro.

— Vamos, Lizzie — chamou a enfermeira, desligando o telefone. — Vamos arranjar alguma coisa para você comer. Imagino que esteja com fome.

Ela seguiu a enfermeira Clara até a cantina, onde havia uma dúzia de mesas brancas cobertas de migalhas e de círculos molhados e pegajosos feitos por copos sujos. Pratos e talheres sujos estavam empilhados em um carrinho de aço. Não havia janelas, e para dar a ilusão de luz e espaço uma das paredes era coberta por um gigantesco fotograma mostrando uma praia tropical, com um céu azul e brilhante, areias brancas e coqueiros.

O homem que levava Lyra para dentro do prédio estava pegando uma bandeja.

— Pode comer à vontade.

Não havia utilidade em passar fome, e Lyra então comeu com satisfação o picadinho com purê de batata. Havia pêssegos em calda e, além disso, sorvete. Enquanto ela comia, o homem e a enfermeira conversavam em voz

baixa em outra mesa; quando ela terminou, a enfermeira lhe ofereceu um copo de leite quente e levou a bandeja.

O homem se sentou de frente para ela. O daemon dele, a marmota, não era sério e desinteressado como o daemon da enfermeira. Ele se acomodou polidamente no ombro do homem e ficou prestando atenção.

— Bem, Lizzie, você comeu o bastante?

— Comi, sim, obrigada.

— Quero que me diga de onde veio. Sabe me responder?

— De Londres.

— O que está fazendo tão longe de casa?

— Meu pai me trouxe — resmungou ela. Mantinha os olhos baixos, evitando o olhar da marmota e tentando parecer à beira das lágrimas.

— Seu pai? Entendo. E o que seu pai veio fazer nesta parte do mundo?

— Comércio. Viemos com uma carga de folhas de tabaco da Nova Dinamarca e estávamos comprando peles.

— E o seu pai estava sozinho?

— Não. Com meus tios, e uns outros homens — disse Lyra, sem saber o que o caçador samoiedo tinha revelado.

— Por que ele trouxe você em uma viagem dessas, Lizzie?

— Porque há dois anos ele trouxe o meu irmão e disse que depois ia me trazer, mas nunca trazia, então fiquei insistindo muito e ele trouxe.

— E quantos anos você tem?

— Onze.

— Ótimo. Lizzie, você é uma garota de sorte. Aqueles caçadores que encontraram você a trouxeram para o melhor lugar possível.

— Eles não me encontraram. Fomos atacados. Eram muitos, e eles tinham flechas...

— Acho que não foi assim. Acho que você deve ter se afastado do seu pai e se perdeu. Aqueles caçadores encontraram você e trouxeram para cá. Foi isso que aconteceu, Lizzie.

— Eu vi o ataque — insistiu ela. — Estavam jogando flechas... Eu quero o meu pai — disse, levantando a voz e sentindo que começava a chorar.

— Bem, você está em segurança aqui até ele chegar.

— Mas eu vi as flechas!

— Ah, você pensa que viu. Isso acontece muitas vezes no frio intenso, Lizzie. Você adormece, tem pesadelos e não consegue saber o que é realidade e o que não é. Não se preocupe, não houve ataque. O seu pai está seguro e deve estar procurando você, e logo chegará aqui, pois é o único lugar em muitas centenas de quilômetros. Que surpresa boa ele vai ter quando encontrar você em segurança! Agora a enfermeira Clara vai levar você para o dormitório, onde vai encontrar outras crianças, meninas e meninos que se perderam na neve como você. Pode ir. Amanhã cedo vamos ter outra conversa.

Lyra se levantou, agarrada à boneca, e Pantalaimon saltou para o ombro dela enquanto a enfermeira abria a porta.

Mais corredores. A essa altura, Lyra *estava* muito cansada, com tanto sono que não parava de bocejar e mal conseguia levantar os pés nos chinelos de lã que lhe deram. Pantalaimon estava exausto e teve que se transformar em um rato e ficar dentro do bolso do roupão dela. Lyra teve um vislumbre de uma fileira de camas, rostos de crianças, um travesseiro — então adormeceu.

Alguém a sacudia. A primeira coisa que Lyra fez foi tatear a cintura para ter certeza de que as duas latas ainda estavam em segurança; então tentou abrir os olhos, mas isso era extremamente difícil, pois ela sentia um sono como nunca havia sentido.

— Acorde! Acorde!

Eram cochichos de mais de uma voz. Com um grande esforço, como se estivesse empurrando uma rocha enorme ladeira acima, Lyra se forçou a acordar.

Na luz fraca de uma lâmpada ambárica de baixa potência que havia acima da porta, ela viu três meninas ao seu redor. Não era fácil enxergar, pois seus olhos custavam a entrar em foco, mas elas pareciam ter a sua idade e estavam falando inglês.

— Ela acordou.

— Devem ter dado remédio para dormir para ela...

— Como é o seu nome?

— Lizzie — balbuciou Lyra.

— Vai chegar um novo carregamento de crianças? — uma das meninas quis saber.

— Não sei. Sou só eu.

— Então onde pegaram você?

Lyra tentou se sentar. Não se lembrava de ter tomado remédio para dormir, mas podia muito bem ter sido no leite quente. Sentia a cabeça pesada e uma dorzinha latejante atrás dos olhos.

— Que lugar é este?

— É no meio de nada. Eles não contam.

— Geralmente trazem mais de um de cada vez...

— O que eles fazem? — Lyra conseguiu perguntar, organizando os pensamentos enquanto Pantalaimon despertava ao seu lado.

— Não sabemos — disse a menina mais tagarela. Era alta e ruiva, com movimentos rápidos e nervosos, e um forte sotaque londrino. — Eles medem a gente, fazem testes e...

— Eles medem o Pó — afirmou outra garota, simpática, gorducha e morena.

— *Você não sabe* — retrucou a primeira.

— É isso, sim — disse a terceira, uma menina de ar tímido que ninava seu daemon-coelho. — Eu ouvi quando eles estavam falando.

— Eles levam uma por uma, é só o que a gente sabe. E ninguém volta — disse a ruiva.

— Aquele garoto, ele acha...

— Não conte isso a ela! — interrompeu a ruiva. — Ainda não.

— Tem garotos aqui também? — perguntou Lyra.

— Tem, sim. Muitos. Uns trinta, eu acho.

— Tem mais. Uns quarenta — corrigiu a gordinha.

— Mas eles não param de levar a gente — disse a ruiva. — Geralmente começam trazendo um grupo, aí ficam sendo muitos, e um por um vão desaparecendo.

— São os Papões — disse a gorducha. — Você conhece os Papões. Todos

nós tínhamos medo deles até nos pegarem...

Lyra ia despertando aos poucos. Os daemons das outras meninas, com exceção do coelho, estavam por perto, escutando junto à porta, e ninguém falava mais alto que um cochicho. Lyra perguntou o nome delas; a ruiva era Annie, a morena gorducha era Bella, a magra era Martha. Não sabiam o nome dos meninos, pois os dois sexos eram mantidos separados na maior parte do tempo. Não eram maltratadas.

— Aqui é legal — disse Bella. — Não tem muita coisa para fazer, a não ser quando eles fazem testes e nos mandam fazer exercícios e então medem a nossa altura e a nossa temperatura. Isso é muito chato.

— A não ser quando a sra. Coulter vem — disse Annie.

Lyra teve que se controlar para não soltar um grito, e Pantalaimon bateu as asas com tanta força que as outras garotas perceberam.

— Ele está nervoso — explicou Lyra, acalmando-o. — Devem ter mesmo dado remédio para a gente dormir, porque estamos um pouco tontos. Quem é a sra. Coulter?

— É a mulher que trouxe todos nós, ou quase todos — disse Martha. — As outras crianças falam dela. Quando ela vem, a gente sabe que alguém vai desaparecer. Ela gosta de assistir quando levam as crianças, gosta de ver o que eles fazem com a gente. Esse garoto, o Simon, acha que eles matam a gente e a sra. Coulter fica olhando.

— Eles nos *matam*? — repetiu Lyra, estremecendo.

— Deve ser. Porque ninguém volta.

— Estão sempre mexendo com os daemons também — disse Bella. — Pesando, medindo e tudo...

— Eles *tocam* nos daemons de vocês?

— Não! Que horror! Eles botam uma balança, e nossos daemons têm que subir nela e mudar de forma, e eles tomam notas e tiram retratos. Depois colocam a gente em um armário e medem o Pó, o tempo todo, nunca param de medir o Pó.

— Que pó? — perguntou Lyra.

— A gente não sabe — respondeu Annie. — É um negócio qualquer que vem do espaço. Não é pó de verdade. Se a gente não tem Pó nenhum, está

tudo bem. Mas todo mundo tem Pó no final.

— Sabe o que eu ouvi o Simon dizer? — falou Bella. — Ele disse que os tártaros fazem um buraco no crânio para o Pó entrar.

— É, *ele* com certeza sabe de tudo — disse Annie em tom de deboche. — Acho que vou perguntar à sra. Coulter quando ela vier.

— Duvido! — disse Martha com admiração.

— Vou, sim.

— Quando é que ela vem? — perguntou Lyra.

— Depois de amanhã — respondeu Annie.

Uma onda gelada de terror dominou Lyra, e Pantalaimon se aproximou mais dela. Tinha um único dia para encontrar Roger e descobrir tudo que pudesse sobre aquele lugar, e então fugir ou ser resgatada; e se todos os gípcios tivessem sido mortos, quem ia ajudar as crianças a sobreviver naquela imensidão gelada?

As outras meninas continuaram conversando, mas Lyra e Pantalaimon se cobriram e tentaram se aquecer, sabendo que, por muitos quilômetros a partir da sua cama, não havia nada além do medo.

15. OS DAEMONS NAS CAIXAS DE VIDRO

Não era do temperamento de Lyra ficar parada remoendo os problemas; ela era uma criança impulsiva e prática, e, além disso, não tinha muita imaginação. Ninguém que tivesse imaginação pensaria seriamente que era possível percorrer toda aquela distância e salvar seu amigo Roger; ou, se pensasse, uma criança com imaginação pensaria logo em várias razões por que aquilo seria impossível. Para ser uma mentirosa experiente não era preciso ter grande imaginação. Muitos mentirosos não tinham imaginação; era isso que fazia com que suas mentiras fossem convincentes.

Assim, agora que estava nas mãos do Conselho de Oblação, Lyra não se permitiu ficar doente de preocupação pelo que teria acontecido aos gípcios. Eram todos bons lutadores, e mesmo Pantalaimon tendo dito que viu John Faa ser atingido, ele podia ter se enganado; se não estivesse enganado, John Faa podia não estar seriamente ferido. Ela ter caído nas mãos dos samoiedos tinha sido uma falta de sorte, mas os gípcios logo viriam libertá-la; se eles não conseguissem, nada impediria Iorek Byrnison de tirá-la de lá; e então eles voariam para Svalbard no balão de Lee Scoresby e libertariam lorde Asriel.

Para Lyra era tudo simples.

Assim, na manhã seguinte, quando acordou no dormitório, ela estava curiosa e pronta para enfrentar o que o dia lhe trouxesse. E ansiosa para ver Roger — principalmente ansiosa para vê-lo antes que ele a visse.

Não precisou esperar muito. As crianças de todos os dormitórios eram acordadas às 7h30 pelas enfermeiras que tomavam conta delas; se vestiam e iam se juntar às outras no refeitório, para o café da manhã.

E lá estava Roger.

Ele estava sentado com outros cinco garotos em uma mesa perto da porta. A fila para pegar a comida passava bem perto dele. Lyra, então, deu um jeito de deixar cair um guardanapo e se abaixou para apanhá-lo, de modo que

Pantalaimon pudesse falar com Salcília, o daemon de Roger.

Ela estava na forma de um pintassilgo e bateu as asas com tanta agitação que Pantalaimon teve que virar um gato e saltar sobre ela, prendendo-a no chão para poder cochichar ao seu ouvido. Por sorte essas pequenas confusões entre os daemons das crianças eram comuns, e ninguém prestou atenção, mas Roger empalideceu; Lyra nunca tinha visto uma pessoa ficar tão branca. Ele ergueu os olhos para ela, que lhe deu um olhar neutro e indiferente; a cor voltou ao rosto dele, e o menino se encheu de esperança, animação e alegria; foi Pantalaimon quem, sacudindo Salcília com firmeza, conseguiu impedir que Roger desse um grito e um pulo para abraçar sua melhor amiga, sua companheira de aventuras da Jordan.

Lyra desviou os olhos, agindo com o maior desprezo que pôde fingir, fazendo cara de impaciência para as suas novas amigas verem. As quatro garotas pegaram suas bandejas com cereal e torradas e se sentaram juntas, em uma confraria instantânea, excluindo todas as outras pessoas para poderem focar sobre elas.

Não se conseguia manter em um só lugar um grupo grande de crianças se elas não tivessem alguma coisa para fazer, e de certo modo Bolvangar era como uma escola, com atividades programadas, tais como ginástica e “arte”. Meninos e meninas não se misturavam, a não ser no recreio e na hora das refeições, então foi só no meio da manhã, depois de uma hora e meia de costura sob a supervisão de uma das enfermeiras, que Lyra teve a chance de conversar com Roger. Mas tinha que parecer natural, essa era a dificuldade. Todas as crianças tinham mais ou menos a mesma idade, e era a idade em que meninos conversavam com meninos e meninas com meninas, todos eles fazendo a maior questão de ignorar o sexo oposto.

Ela teve outra chance no refeitório, quando as crianças foram lanchar. Lyra enviou Pantalaimon como mosca para conversar com Salcília na parede ao lado da sua mesa enquanto ela e Roger ficavam em grupos separados. Era difícil conversar enquanto a atenção de seu daemon estava em outro lugar, então Lyra fingia estar revoltada e melancólica enquanto bebericava o leite com as outras meninas. Metade da sua atenção estava na conversa de zumbidos entre os dois daemons, e ela não ligava muito para suas

companheiras de mesa, mas, em dado momento, ouviu uma menina de cabelos louros e brilhantes dizer um nome que lhe chamou a atenção.

Estavam falando sobre Tony Makarios. Quando sua atenção se voltou para isso, Pantalaimon teve que diminuir a conversa com o daemon de Roger, e os dois ficaram escutando o que a menina estava dizendo.

— Não, eu sei por que levaram ele — dizia a garota, enquanto as outras chegavam mais perto para ouvir. — Foi porque o daemon dele não mudava de forma. Eles achavam que Tony era mais velho do que parecia, ou coisa assim, e ele não era mesmo um garoto tão novo. Mas, na verdade, o daemon quase nunca mudava porque o Tony não pensava muito. Eu vi ele mudar. O nome dele era Rateira...

— Por que eles estão tão interessados em daemons? — perguntou Lyra.

— Ninguém sabe — respondeu a loura.

— Eu sei — disse um rapaz que estava escutando. — O que eles fazem é matar o seu daemon para ver se você morre também.

— Bom, então por que eles fazem isso com várias crianças? — contestou alguém. — Só precisavam fazer uma vez, não é?

— Eu *sei* o que eles fazem — disse a primeira menina.

Ela agora era o centro das atenções. Porém, como as crianças não queriam que algum adulto soubesse do que estavam falando, elas tinham que fingir indiferença e distração enquanto ouviam com curiosidade apaixonada.

— Como é que sabe? — perguntou alguém.

— Porque eu estava com ele quando vieram buscá-lo. A gente estava na rouparia. — Ela estava vermelha como um pimentão. Se estava esperando que fizessem gracinhas e ficassem implicando, ficou aliviada, pois todas as crianças estavam preocupadas e nenhuma sorriu. Então continuou: — A gente estava bem quieto, e então a enfermeira entrou, aquela com a voz açucarada, e disse: “Vem, Tony, sei que você está aí, não vamos machucar você...”. E então ele perguntou: “O que vão fazer comigo?”. E ela respondeu: “A gente vai botar você para dormir e fazer uma pequena operação, e então você vai acordar muito bem”. Mas Tony não acreditou. Ele falou...

— Os buracos! — exclamou alguém, interrompendo. — Fazem um buraco na cabeça da gente, como os tártaros! *Aposto!*

— Cala a boca! Que mais que a enfermeira disse? — perguntou outra criança.

A essa altura, havia mais de uma dúzia de crianças em volta da mesa de Lyra, seus daemons igualmente curiosos, todos tensos, de olhos arregalados. A loura continuou:

— Tony queria saber o que iam fazer com a Rateira, entendem? E a enfermeira disse: “Bom, ela vai dormir também, na hora em que você dormir”. E Tony perguntou: “Vocês vão matar ela, não é? Sei que vão. Todo mundo sabe que é isso que acontece”. E a enfermeira falou: “Claro que não. É só uma operação. Um cortezinho. Não vai nem doer, mas a gente vai fazer você dormir só por segurança”.

O refeitório inteiro estava em silêncio. A enfermeira de plantão tinha saído por um instante, e a portinhola para a cozinha estava fechada, de modo que ninguém podia ouvir de lá.

— Que tipo de corte? — perguntou um menino com a voz assustada. — Ela disse que tipo de corte era?

— Ela disse que era uma coisa para deixá-lo mais adulto. Disse que todo mundo tinha que passar por aquilo, e que esse era o motivo de os daemons dos adultos não mudarem de forma como os nossos fazem. Então eles levam um corte que faz eles terem a mesma forma para sempre, e é assim que as pessoas ficam adultas.

— Mas...

— Quer dizer...

— Então todos os adultos levam esse corte?

— E os...

De repente, todas as vozes se calaram como se elas próprias tivessem sido cortadas, e todos os olhos se viraram na direção da porta. A enfermeira Clara estava ali, com ar tranquilo e normal, e ao lado dela havia um homem de jaleco branco que Lyra ainda não tinha visto.

— Bridget McGinn — chamou ele.

A lourinha se levantou, tremendo. Seu daemon-esquilo estava agarrado ao seu peito.

— Sim? — falou ela, com uma voz que mal se ouvia.

— Termine o seu leite e venha com a enfermeira Clara — instruiu o homem. — O resto de vocês pode ir para as aulas.

Obedientemente, as crianças colocavam sua louça no carrinho de aço inoxidável e saíam em silêncio. Ninguém olhou para Bridget McGinn a não ser Lyra, que viu o rosto da outra ficar branco de medo.

O resto da manhã foi ocupado com exercícios de ginástica. Na Estação, havia uma sala de ginástica, pois era impossível ficar fazendo ginástica ao ar livre durante a longa noite polar, e os grupos de crianças se revezavam sob a supervisão de uma enfermeira. As crianças tinham que formar times e jogar bola; Lyra, que nunca em sua vida havia brincado assim, a princípio não sabia o que fazer. Mas era rápida e atlética, e uma líder natural, e logo estava se divertindo. Os gritos das crianças, a torcida dos daemons, tudo isso enchia o pequeno ginásio e logo afastava os pensamentos de temor — o que, naturalmente, era o exato propósito dos exercícios.

Na hora do almoço, quando as crianças estavam novamente na cantina, Lyra sentiu Pantalaimon dar um pio de reconhecimento e, quando se virou, viu Billy Costa parado bem atrás dela.

— Roger me disse que você estava aqui — cochichou ele.

— Seu irmão está vindo aí, mais John Faa e um bando de gípcios. Vieram buscar você.

Ele quase soltou um riso de alegria, mas disfarçou provocando um acesso de tosse.

— E você tem que me chamar de Lizzie, *nunca* de Lyra — continuou ela. — E tem que me contar tudo que sabe, certo?

Os dois se sentaram juntos, com Roger por perto. Era mais fácil fazer isso na hora do almoço, com o refeitório cheio; as crianças passavam mais tempo indo e vindo por entre as mesas e havia sempre um grupo junto à portinhola. Sob o barulho de talheres, Billy e Roger contaram a ela tudo que sabiam. Billy tinha ouvido uma enfermeira dizer que as crianças que faziam a operação costumavam ser levadas para cidades mais ao sul, o que podia explicar como Tony Makarios acabou perdido. Mas Roger tinha uma coisa

ainda mais interessante para contar.

—Achei um esconderijo.

— Onde?

— Está vendo aquele retrato? — Ele mostrou o grande painel da praia tropical. — Olhe para o canto de cima, à direita. Está vendo a placa no teto?

O teto era feito de grandes placas retangulares presas em uma armação de tiras de metal, e o canto da placa acima do painel fotográfico estava levemente erguido.

— Eu vi aquilo e achei que as outras placas podiam ser soltas também; experimentei, e são mesmo. É só levantar. Eu e um garoto experimentamos uma noite no dormitório, antes de levarem ele. Tem um espaço lá em cima, e a gente pode rastejar lá pra dentro...

—Até onde dá para rastejar?

— Sei lá. Só avançamos um pouco. Imaginamos que quando chegasse a hora poderíamos nos esconder lá em cima, mas com certeza iriam nos encontrar.

Lyra não encarava aquilo como um esconderijo, mas como uma passagem. Era a melhor coisa que ela havia ouvido desde que chegara! Mas antes que pudessem conversar mais, um médico bateu com uma colher na mesa para pedir silêncio, depois começou a falar:

— Escutem, crianças! Prestem bastante atenção. De vez em quando, nós fazemos um treinamento contra incêndio. É muito importante que todos consigam se vestir e sair do prédio de forma ordenada. Esta tarde vamos fazer um treinamento. Quando o sino tocar, vocês têm que parar o que estiverem fazendo e obedecer ao que o adulto mais próximo mandar. Guardem bem o caminho para o local para onde serão levados. É o lugar aonde deverão ir se houver um incêndio de verdade.

Bem, é uma ideia, pensou Lyra.

Durante o início da tarde, Lyra e outras quatro garotas foram testadas em busca de Pó. Os médicos não disseram que era isso que estavam fazendo, mas era fácil adivinhar. Elas foram levadas uma a uma para um laboratório, e naturalmente isso as deixou com muito medo. Lyra pensou: *Que crueldade morrer sem poder nos defender!* Mas ao que parecia eles não iam fazer a tal

operação por enquanto.

— Queremos fazer umas medições — explicou o médico.

Era difícil diferenciar aquelas pessoas: todos os homens se pareciam, com seus jalecos brancos, suas pranchetas e seus lápis, e as mulheres também se pareciam, pois os uniformes e aquele estranho ar de indiferença e apatia faziam com que todas parecessem irmãs.

— Já fui medida ontem — disse Lyra.

— Ah, mas hoje são outras medidas. Fique sobre aquela placa de metal. Ah, tire os sapatos primeiro. Pode segurar o seu daemon, se quiser. Olhe para a frente, isso mesmo, para aquela luzinha verde. Boa menina...

Uma luz piscou. O médico virou o rosto dela para um lado e para outro, e a cada vez alguma coisa estalava e uma luz piscava.

— Ótimo. Agora venha até esta máquina e coloque a mão dentro do tubo. Prometo que não vai doer. Estique os dedos. Isso.

— O que o senhor está medindo? — perguntou ela. — É Pó?

— Quem foi que lhe falou sobre o Pó?

— Uma das meninas, não sei o nome dela. Ela disse que a gente estava cheia de Pó. Eu não estou, pelo menos eu acho que não. Tomei banho ontem.

— Ah, é outro tipo de pó. Não dá para ver a olho nu. É uma poeira especial. Agora feche a mão. Isso mesmo. Ótimo. Agora vá tateando dentro do tubo até encontrar uma espécie de argola. Achou? Segure a argola. Agora pode botar sua outra mão aqui, em cima deste globo de cobre. Ótimo. Vai sentir uma cosquinha leve, nada com que se preocupar, é só uma leve corrente ambárica...

Pantalaimon, na forma de um gato-do-mato, muito tenso e cauteloso, se movia em volta dos aparelhos com olhares cheios de suspeita, voltando sempre para se esfregar em Lyra.

A essa altura, ela estava segura de que não iriam fazer a operação nela imediatamente, e também de que seu disfarce como Lizzie Brooks estava a salvo, então arriscou uma pergunta.

— Por que vocês tiram os daemons das pessoas?

— Como assim? Quem lhe falou sobre isso?

— Uma garota, não sei o nome dela. Ela disse que vocês tiram os daemons

das pessoas.

— Bobagem...

Mas ele estava nervoso.

Ela continuou:

— É porque vocês levam as crianças uma por uma, e elas nunca voltam. Algumas acham que vocês simplesmente estão matando elas, e outras acham outras coisas, e essa garota me disse que vocês tiram os...

— Não é verdade. Quando levamos as crianças, é porque chegou a hora de irem para outro lugar. Elas estão crescendo. Acho que sua amiga está com medo sem necessidade. Nada disso! Nem pense nisso. Quem é a sua amiga?

— Eu cheguei ontem, não sei o nome de ninguém.

— Como é que ela é?

— Não lembro. Acho que tinha cabelos castanhos... claros, eu acho... Não sei.

O médico foi falar em voz baixa com a enfermeira. Enquanto os dois conversavam, Lyra observava os daemons deles. O da enfermeira era um lindo pássaro, calmo e desinteressado como o cão da enfermeira Clara, e o do médico era uma mariposa grande e pesada. Nenhum dos dois se movia. Estavam acordados, pois os olhos do pássaro estavam abertos e as antenas da mariposa se moviam de vez em quando, mas não estavam vivazes como seria de se esperar. Talvez não estivessem mesmo ansiosos ou curiosos.

Por fim, o médico voltou e prosseguiu com o exame, pesando Lyra e Pantalaimon separadamente, examinando-a atrás de uma tela especial, contando os batimentos do coração, colocando-a sob um pequeno bocal que sibilava e soltava um cheiro de ar fresco.

No meio de um dos testes, um sino começou a tocar sem parar.

— O alarme de incêndio — disse o médico, suspirando. — Muito bem, Lizzie, acompanhe a enfermeira Betty.

— Mas os agasalhos dela estão no prédio do dormitório, doutor. Ela não pode sair assim. Acha que devíamos ir lá primeiro?

Contrariado pela interrupção, o homem respondeu com irritação:

— Acho que o treinamento é para resolver exatamente esse tipo de detalhe. Que saco!

Lyra mais que depressa interveio:

— Ontem quando eu cheguei a enfermeira Clara botou as minhas roupas em um armário no primeiro quarto em que ela me examinou. É aqui do lado. Eu podia usar as minhas roupas.

— Boa ideia! Vamos, então — aprovou a enfermeira.

Com secreta animação, Lyra se apressou a seguir a enfermeira e recuperou seus agasalhos de pele, as perneiras e as botas, e se vestiu depressa, enquanto a enfermeira colocava sua roupa de seda carbonífera.

Então saíram apressadas. No grande pátio em frente ao principal grupo de construções havia umas cem pessoas, entre adultos e crianças: algumas ansiosas, outras irritadas, muitas apenas confusas.

— Está vendo? Vale a pena fazer isso para ver o caos que seria se o incêndio fosse de verdade — dizia um adulto.

Alguém estava soprando um apito e balançando os braços, mas ninguém prestava atenção. Lyra avistou Roger e fez um gesto para que ele se aproximasse; Roger puxou Billy Costa pelo braço e logo os três estavam juntos naquela confusão de crianças correndo.

— Ninguém vai notar se a gente der uma olhada por aí — sugeriu Lyra. — Vão levar séculos para contar todo mundo, e podemos dizer que seguimos alguém e nos perdemos.

Esperaram até que a maioria dos adultos estivesse olhando para outro lado, e então Lyra pegou um pouco de neve, fez uma bola e a jogou no meio da multidão; em um instante todas as crianças estavam fazendo isso, e o ar estava cheio de bolas de neve voando. Gritos e risadas abafaram completamente os gritos dos adultos que tentavam restabelecer a ordem, e em um instante as três crianças dobraram a esquina de uma das construções, ficando fora da vista dos outros. Havia tanta neve que eles não conseguiam se mover depressa, mas isso parecia não ter importância, pois ninguém os seguiu. Lyra e os dois meninos escalaram o telhado curvo de um dos túneis e se encontraram em uma estranha paisagem lunar de protuberâncias e reentrâncias, tudo coberto de branco sob o céu negro e iluminado pelos reflexos das luzes em volta do pátio.

— O que estamos procurando? — Billy quis saber.

— Sei lá. Estamos só olhando — respondeu Lyra, guiando-os até um prédio baixo e quadrado, um pouco separado dos outros, com uma fraca luz ambárica no canto.

Eles ainda podiam ouvir a confusão do treinamento, mas os sons pareciam distantes. Era evidente que as crianças estavam aproveitando ao máximo sua liberdade, e Lyra esperava que elas continuassem assim por algum tempo. Ela rodeou a construção quadrada, procurando uma janela. O telhado estava apenas a pouco mais de dois metros do chão e, ao contrário dos outros, não era ligado ao resto da Estação por um túnel.

Não havia janela, e sim uma porta. Um cartaz acima dela dizia, em letras vermelhas: EXPRESSAMENTE PROIBIDA A ENTRADA.

Lyra estendeu a mão para tentar abrir a porta, mas antes que pudesse girar a maçaneta Roger exclamou:

— Veja! Um pássaro! Ou...

A exclamação terminou em tom de dúvida, porque a criatura que descia do céu negro não era um pássaro; era alguém que Lyra já conhecia.

— O daemon da feiticeira!

O ganso bateu as enormes asas, erguendo uma chuva de neve quando pousou.

— Saudações, Lyra — disse ele. — Segui você até aqui, embora não tenha me visto. Fiquei esperando que você aparecesse aqui fora. O que está acontecendo?

Ela lhe contou e perguntou:

— Onde estão os gípcios? John Faa está bem? Eles conseguiram afastar os samoiedos?

— A maioria deles está a salvo. John Faa está ferido, mas não é grave. Os homens que a levaram eram caçadores que costumam atacar caravanas, e aos pares eles conseguem viajar mais depressa do que com um grupo grande. Os gípcios ainda estão a um dia de viagem daqui.

Os dois meninos observavam temerosos o daemon-ganso e a naturalidade com que Lyra se dirigia a ele, pois claro que nunca tinham visto um daemon sem seu humano, e pouco sabiam sobre as feiticeiras.

Lyra lhes disse:

— Escutem, é melhor vocês irem vigiar, certo? Billy, você vai por aquele lado, e Roger, vigie por onde viemos. Não temos muito tempo.

Eles correram para fazer o que ela pediu, e então Lyra se virou outra vez para a porta.

— Por que está tentando entrar aí? — perguntou o daemon-ganso.

— Por causa do que eles fazem aí dentro. Eles cortam... — ela baixou a voz — ... cortam fora os daemons das pessoas. Das crianças. E acho que talvez isso seja feito aí dentro. Pelo menos deve ter *alguma pista* aí dentro, e eu ia olhar. Mas está trancado...

— Eu posso abrir — revelou o ganso.

Ele bateu as asas uma ou duas vezes, jogando neve na porta; e Lyra escutou alguma coisa girar na fechadura.

— Entre com cuidado.

Lyra abriu a porta com esforço por causa da neve e se esgueirou para dentro. O daemon da feiticeira entrou com ela. Pantalaimon estava agitado e temeroso, mas não queria que o daemon-ganso percebesse seu medo, então voou para o peito de Lyra e se escondeu dentro do casaco dela.

Assim que os olhos de Lyra se acostumaram à escuridão, ela viu o motivo daquela agitação.

Em uma série de caixas de vidro em prateleiras nas paredes, estavam todos os daemons das crianças seccionadas: formas fantasmagóricas de gatos, pássaros, ratos e outras criaturas, todos perplexos, assustados e pálidos como fumaça.

O daemon da feiticeira soltou uma exclamação de raiva, e Lyra apertou Pantalaimon contra si, dizendo:

— Não olhe! Não olhe!

— Onde estão as crianças desses daemons? — perguntou o ganso, tremendo de raiva.

Lyra contou seu encontro com o pequeno Tony Makarios e olhou por cima do ombro para os pobres daemons encarcerados, que apertavam os focinhos pálidos contra o vidro. Lyra escutava gritos abafados de dor e sofrimento. Na luz fraca de uma lâmpada ambárica ela viu em frente a cada caixa um nome escrito em um cartão, e havia uma caixa vazia com o nome de *Tony*

Makarios. Havia outras quatro ou cinco caixas vazias com nomes.

— Quero soltar os pobrezinhos! — disse Lyra com fúria. — Vou quebrar o vidro e soltar todos eles...

E olhou em volta procurando alguma coisa para quebrar o vidro, mas não encontrou.

— Espere — disse o daemon-ganso.

Ele era o daemon de uma feiticeira e muito mais velho que ela, e mais forte. Ela foi obrigada a obedecer.

— Temos que fazer isso de um jeito que eles pensem que alguém se esqueceu de trancar o lugar e fechar as caixas — explicou ele. — Acha que seu disfarce vai durar muito tempo se encontrarem vidro quebrado e pegadas na neve? Você tem que ficar em segurança até a chegada dos gípcios. Agora faça exatamente o que eu digo: pegue um punhado de neve e, quando eu mandar, sopre um pouquinho em cima de cada caixa.

Ela correu para fora. Roger e Billy ainda estavam montando guarda, e dava para ouvir o barulho de gritos e risadas no pátio, pois tinha se passado apenas pouco mais de um minuto.

Lyra encheu as duas mãos de neve e voltou para dentro para fazer o que o daemon-ganso havia mandado. Enquanto soprava um pouco de neve sobre cada caixa, o ganso dava um estalinho com a garganta e a tranca de cada caixa se abria.

Depois de destrancar todas, ela abriu a frente da primeira e a figura pálida de uma andorinha se lançou para fora, mas caiu no chão, sem forças para voar. O ganso se inclinou e a colocou de pé carinhosamente, com o bico, e a andorinha virou uma ratazana cambaleante e confusa. Pantalaimon saltou para o chão para consolá-la.

Lyra trabalhou depressa, e em poucos minutos todos os daemons estavam livres. Alguns tentavam falar, e rodeavam os pés dela e até tentavam bicar suas calças, embora o tabu os impedisse. Ela sabia a razão: os pobrezinhos sentiam falta do calor sólido e acolhedor do corpo dos seus humanos; como Pantalaimon teria feito, eles ansiavam por se achegarem a um coração pulsando.

— Depressa, Lyra, você tem que voltar correndo e se misturar às outras

crianças — disse o ganso. — Seja corajosa, filha. Os gípcios estão vindo o mais depressa possível. Tenho que ajudar esses coitados a encontrarem seus humanos... — Ele se aproximou dela e disse baixinho: — Mas eles nunca voltarão a se unir. Estão separados para sempre. É a coisa mais cruel que já vi... Pode deixar suas pegadas, eu vou cobri-las. Agora, corra...

— Ah, um segundo, antes de você ir... As feiticeiras... Elas voam, não é? Eu não estava sonhando quando vi feiticeiras voando?

— Elas voam, querida. Por quê?

— Elas poderiam puxar um balão?

— Claro que sim, por quê?

— Serafina Pekkala está vindo?

— Não tenho tempo para explicar a política das nações das feiticeiras. Existem grandes poderes envolvidos, e Serafina Pekkala deve cuidar dos interesses do seu clã. Mas pode ser que isso que está acontecendo aqui seja parte de tudo o que está acontecendo em toda parte. Lyra, você precisa voltar para lá. Rápido, corra!

Ela correu, e Roger, que observava de olhos arregalados os daemons pálidos que saíam da construção, a seguiu pela neve.

— Eles são... É como a cripta da Jordan... São daemons!

— Sim, fale baixo. Não conte a Billy. Não conte a ninguém. Vamos voltar.

Atrás deles, o ganso batia as asas com força, jogando neve sobre as pegadas das crianças; os daemons perto dele se amontoavam com gemidos de sofrimento e saudade. Depois de cobrir as pegadas, o ganso reuniu o grupo de daemons pálidos. Ele falou alguma coisa, e um por um eles mudaram de forma, embora isso lhes custasse um grande esforço, até serem todos pássaros. Como filhotinhos, eles seguiram o daemon da feiticeira, voejando, caindo e correndo pela neve atrás dele, até que, finalmente e com grande dificuldade, levantaram voo. Subiram em uma fila irregular, pálida e fantasmagórica contra o céu escuro, aos poucos ganhando altura, embora alguns voassem sem direção, enquanto outros perdiam altura; mas o grande ganso cinzento tomou conta de todos e os colocou no rumo certo, e todos sumiram na escuridão.

Roger puxava o braço de Lyra.

— Depressa, eles estão quase entrando.

Saíram correndo aos tropeços pela neve ao encontro de Billy, que acenava da esquina do prédio principal. As crianças tinham se cansado, ou então os adultos haviam conseguido colocar ordem na bagunça, porque havia uma fila começando na porta principal, com muitos empurrões e discussões. Lyra e os outros dois se misturaram às outras crianças, mas não antes de Lyra dizer:

— Falem para todas as crianças que é para elas se prepararem para fugir. Precisam saber onde estão as roupas de frio, ficar prontas para se vestirem depressa e correr assim que dermos o sinal. E isso tem que ser um segredo mortal, entenderam?

Billy assentiu, e Roger perguntou:

— Qual será o sinal?

— O alarme de incêndio — disse Lyra. — Quando chegar a hora, eu vou disparar o alarme.

Esperaram a contagem. Se alguém do Conselho de Oblação tivesse alguma coisa a ver com uma escola, teria preparado melhor o treinamento: como não estavam divididas em grupos, eles tinham que procurar o nome de cada criança na lista completa, que evidentemente não estava em ordem alfabética; e nenhum dos adultos estava acostumado a controlar crianças. Então houve muita confusão, embora todas permanecessem em fila.

Lyra observava tudo. Aquelas pessoas não sabiam o que estavam fazendo; eram descuidadas em certas coisas; ficavam reclamando do treinamento, não sabiam onde deviam ficar as roupas de frio, não conseguiam fazer as crianças formarem uma fila decente; e essa falta de experiência poderia ser vantajosa para ela.

Estava tudo quase terminado quando houve outra interrupção, que do ponto de vista de Lyra foi a pior possível.

Ela ouviu o som ao mesmo tempo que os outros. Todos começaram a olhar para o céu escuro em busca do zepelim, cujo motor a gás pulsava no ar imóvel.

A única sorte foi que ele vinha da direção oposta ao caminho do ganso. Mas era o único consolo; logo a nave estava visível, e um murmúrio de nervosismo percorreu a multidão. O corpo roliço, leve e prateado deslizou

acima da estrada de luzes, e suas próprias luzes iluminaram o solo.

O piloto diminuiu a velocidade e iniciou o complicado processo de ajustar a altura. Lyra percebeu a função do mastro: prender a aeronave. Enquanto os adultos levavam as crianças para dentro, com todas olhando para cima e apontando, a equipe de terra subia a escada do mastro, se preparando para receber os cabos de atracação. Os motores roncavam e a neve subia do solo, e os rostos dos passageiros apareciam nas janelas da cabine.

Lyra olhou e o que viu não lhe deixou dúvidas. Pantalaimon se agarrou a ela, virou um gato-do-mato e sibilou de ódio, porque, olhando pela janela com curiosidade, estava o lindo rosto da sra. Coulter, com o seu daemon dourado no colo.

16. A GUILHOTINA PRATEADA

Lyra imediatamente enfiou a cabeça dentro do abrigo de seu capuz de pele de carcaju e passou pelas portas duplas com as outras crianças. Teria tempo suficiente para se preocupar com o que ia dizer quando as duas se encontrassem cara a cara; tinha outro problema a resolver primeiro: onde esconder as roupas de modo que pudesse pegá-las sem precisar pedir permissão.

Por sorte o prédio estava em total desordem: os adultos tentavam apressar a entrada das crianças para darem lugar aos passageiros do zepelim, então ninguém estava vigiando muito bem. Lyra tirou o casaco, as calças e as botas e fez deles a menor trouxa que conseguiu, antes de atravessar os corredores cheios de gente e ir para o seu dormitório.

Rapidamente puxou a mesa de cabeceira para um canto, subiu em cima dela e empurrou uma placa do teto. A placa estava solta, como Roger tinha dito, e lá em cima ela enfiou as botas e as calças. Em seguida tirou o aletômetro da sacola e o enfiou no bolso mais escondido do casaco, antes de também guardá-lo no esconderijo do teto.

Depois saltou para o chão, empurrou a mesinha para o lugar e cochichou com Pantalaimon:

— Temos que fingir que somos idiotas até ela nos ver, e então dizemos que fomos raptados. E nada sobre os gípcios, e especialmente sobre Iorek Byrnison.

Pois Lyra agora percebia algo que não tinha percebido antes: que todo o medo em sua natureza era atraído para a sra. Coulter como o ponteiro de uma bússola era atraído pelo Norte. Podia suportar todas as outras coisas que tinha visto, até mesmo a terrível crueldade da intercisão; era suficientemente forte para isto. Mas a ideia daquele rosto delicado e da voz gentil, a imagem do macaco dourado e brincalhão, eram suficientes para fazer seu estômago

embrulhar e deixá-la pálida e nauseada.

Mas os gípcios estavam chegando — precisava pensar nisso, pensar em Iorek Byrnison; e não se denunciar.

Voltou para o refeitório, de onde vinha muito barulho.

As crianças faziam fila para ganhar leite quente, algumas ainda usando os casacos de seda carbonífera.

As conversas eram sobre o zepelim e sua passageira.

— Era *ela*. Com aquele macaco.

— Foi ela quem pegou você também?

— Ela disse que ia escrever para os meus pais e aposto que não escreveu...

— Ela nunca nos contou que as crianças morriam. Nunca falou sobre isso.

— Aquele macaco, ele é o *pior*. Pegou a minha Karossa e quase a matou. Eu fiquei fraco...

Todos tinham tanto medo quanto Lyra. Ela encontrou Annie e as outras e ficou perto delas.

— Escutem, vocês conseguem guardar um segredo?

— Sim!

As três olharam para ela com grande expectativa.

— Existe um plano de fuga. Algumas pessoas vêm nos libertar, vão chegar amanhã à noite. Talvez antes. Nós temos que ficar prontos e, assim que ouvirmos o sinal, pegarmos nossas roupas de frio e correremos para fora. Nada de esperar. Vamos ter que correr. Mas se não pegarem os agasalhos e as botas, vocês vão morrer de frio.

— Qual vai ser o sinal? — Annie quis saber.

— O alarme de incêndio vai tocar, como tocou hoje. Está tudo planejado. Todas as crianças vão ficar sabendo, mas nenhum dos adultos pode saber. Especialmente *ela*.

Todos tinham os olhos brilhantes de esperança e entusiasmo. E a mensagem estava se espalhando por todo o refeitório: Lyra sentia que a atmosfera havia mudado. Ao ar livre, as crianças estavam alegres, cheias de energia e ansiosas para brincar; então, depois que viram a sra. Coulter, elas se encheram de um grande medo, quase além do que podiam controlar; mas agora havia uma coragem e um propósito. Lyra se maravilhou com o poder

da esperança.

Ficou vigiando a porta aberta, mas com cautela, pronta para baixar a cabeça; ouviram vozes de adultos se aproximando, e então a própria sra. Coulter apareceu por um instante, olhou para dentro do refeitório e sorriu para as crianças, felizes com seus copos de leite quente e seus biscoitos, tão quentinhas e bem nutridas. Quase instantaneamente um arrepio percorreu todos os presentes na sala, e as crianças ficaram caladas e imóveis, olhando para ela.

A sra. Coulter sorriu e seguiu em frente sem dizer uma palavra. Aos poucos, a conversa recomeçou na cantina.

— Onde é que eles ficam? — perguntou Lyra.

— Provavelmente na sala de reuniões — respondeu Annie. — Uma vez nos levaram lá — acrescentou, referindo-se a ela e seu daemon. — Eram uns vinte adultos, e um deles estava dando uma palestra. Eu tive que ficar parada lá e fazer o que ele mandava, como ver a distância que o Kyrillion podia ficar de mim, e então ele me hipnotizou e fez outras coisas... É uma sala enorme, com muitas cadeiras e mesas e uma pequena plataforma. Fica atrás da recepção. Ei, aposto que eles vão fingir que o treinamento de incêndio deu certo. Aposto que *eles* têm medo dela, igual a nós...

Pelo resto do dia Lyra ficou perto das outras meninas, observando, falando pouco, agindo discretamente. Houve aula de ginástica, depois de costura, depois o jantar, o recreio no salão — um aposento grande e tristonho, com tabuleiros de jogos, alguns livros velhos e uma mesa de pingue-pongue. Em certo momento, Lyra e os outros perceberam que estava acontecendo alguma emergência, porque os adultos andavam apressados de um lugar para outro ou ficavam parados em grupinhos, discutindo com ansiedade. Lyra imaginou que eles tinham descoberto a fuga dos daemons e tentavam entender como aquilo havia acontecido.

Mas não viu a sra. Coulter, o que foi um alívio. Quando chegou a hora de dormir, ela já sabia que teria que contar tudo às outras.

— Escute, eles costumam checar para ver se estamos mesmo dormindo?

— Uma vez só — disse Bella. — Mas só passam o facho da lanterna, não verificam todas as camas.

— Ótimo. Porque vou dar uma olhada por aí. Há um caminho pelo teto que um garoto me ensinou...

Ela explicou e antes mesmo de terminar foi interrompida por Annie:

— Vou com você!

— Melhor não. É melhor que só uma menina suma. As outras podem dizer que estavam dormindo e não me viram sair.

— Mas se eu fosse com você...

— Seria mais fácil sermos apanhadas — completou Lyra.

Os daemons das duas se entreolhavam: Pantalaimon como gato-do-mato e Kyrillion como raposa. Ambos tremiam de leve. Pantalaimon sibilou quase inaudivelmente e mostrou os dentes, e Kyrillion se virou para o outro lado e começou a lambe os próprios pelos despreocupadamente.

— Certo — se conformou Annie.

Era comum que discussões entre as crianças fossem resolvidas assim, por seus daemons, um deles se curvando à vontade do outro. Os humanos aceitavam o desfecho sem ressentimento, de modo que Lyra sabia que Annie ia fazer o que ela pedisse.

Todas emprestaram peças de roupa para fazer volume sob as cobertas de Lyra, como se ela estivesse deitada, e prometeram dizer que nada sabiam sobre aquilo. Então Lyra prestou atenção para ter certeza de que ninguém se aproximava pelo corredor, subiu na mesa de cabeceira, levantou a placa e se impulsionou para cima.

— Não digam nada! — sussurrou para os três rostos que a observavam.

Então recolocou com cuidado a placa no lugar e olhou em volta.

Estava agachada em uma estreita canaleta de metal presa em uma grade também de metal. As placas do teto eram ligeiramente translúcidas, de modo que passava alguma luz de baixo, e Lyra viu que o espaço onde estava — com cerca de meio metro de altura — se estendia para todos os lados. Havia canos e tubos de metal por todo lado, e seria fácil perder a direção, mas se ela permanecesse em cima das canaletas e evitasse colocar peso nas placas, e contanto que não fizesse barulho, conseguiria atravessar a Estação de uma ponta à outra.

— Igualzinho lá na Jordan, Pantalaimon — sussurrou ela. — A gente

espionando a sala privativa.

— Se você não tivesse feito aquilo, nada disso teria acontecido — cochichou ele de volta.

— Então tenho que consertar o que fiz, não é?

Ela olhou em volta, calculando aproximadamente onde ficaria a sala de reuniões, e então partiu. Era uma viagem muito difícil; ela precisava engatinhar, pois não caberia ali de outra maneira, e de vez em quando tinha que se espremer sob um tubo de metal grande e quadrado, ou então passar por cima de canos de aquecimento. As canaletas de metal pelas quais ela engatinhava seguiam o topo das paredes internas, pelo que ela podia perceber, e, enquanto permanecia nelas, sentia uma reconfortante solidez; mas elas eram estreitas e tinham bordas pontudas, tanto que ela cortou os nós dos dedos das mãos e um joelho, e em pouco tempo estava toda doída, com cãibra e muito suja.

Mas sabia mais ou menos onde estava e conseguia ver o volume escuro das suas roupas sobre o teto do dormitório, como um marco para guiá-la de volta. Passou por alguns aposentos vazios, onde as placas não estavam iluminadas; de vez em quando, ouvia vozes e parava para escutar, mas eram apenas as cozinheiras na cozinha ou as enfermeiras reunidas naquilo que Lyra concluiu ser a sala de descanso. Elas nada diziam de interessante, então Lyra seguiu em frente.

Por fim, chegou à área onde deveria estar a sala de reuniões, segundo seus cálculos; de fato, havia uma área sem canalização, onde tubos do ar-condicionado e da calefação desciam por um canto e onde todas as placas em um espaço amplo e retangular estavam iluminadas. Ela colou o ouvido em uma placa e ouviu um murmúrio de vozes adultas masculinas; percebeu que tinha encontrado o lugar certo.

Com muito cuidado, Lyra avançou centímetro a centímetro até ficar o mais perto possível das pessoas. Então se deitou sobre a canaleta de metal e inclinou a cabeça de lado para escutar melhor.

Ouviu sons ocasionais de talheres e de louça: eles estavam jantando enquanto conversavam. Parecia haver quatro vozes, inclusive a da sra. Coulter. As outras eram masculinas. Pareciam estar discutindo sobre a fuga

dos daemons.

— Quem está encarregado de supervisionar aquela seção? — perguntou a voz suave e musical da sra. Coulter.

— Um estudante de pesquisa chamado McKay — disse um dos homens.
— Mas existem mecanismos automáticos para impedir esse tipo de coisa...

— Que não funcionam — interrompeu ela.

— Com todo respeito, eles funcionam, sim, sra. Coulter. McKay afirma que trancou todas as caixas quando saiu de lá às onze horas de hoje. A porta externa nem sequer tinha sido aberta, pois ele entrou e saiu pela porta interna, como faz normalmente. É preciso digitar um código no aparelho que controla as fechaduras, e isso fica registrado na memória do aparelho. Se isso não for feito, o alarme dispara.

— Mas o alarme não tocou...

— Tocou, sim. Infelizmente todos estavam do lado de fora tomando parte no treinamento de incêndio.

— Mas quando vocês tornaram a entrar...

— Os dois alarmes estão no mesmo circuito; é uma falha de infraestrutura que terá que ser corrigida. Quando o alarme de incêndio foi desligado depois do treinamento, o alarme do laboratório também foi. Mesmo assim o fato teria sido percebido, por causa das verificações previstas após qualquer quebra da rotina; mas a essa altura, sra. Coulter, a senhora chegou de forma inesperada, e, como deve lembrar, pediu especificamente para ver a equipe do laboratório na sua sala naquele instante. Consequentemente, passou-se algum tempo até alguém voltar ao laboratório.

— Entendo — disse a sra. Coulter em tom seco. — Nesse caso, os daemons devem ter sido libertados durante o treinamento. E isso amplia a lista de suspeitos para todos os adultos da Estação. Já pensou nisso?

— A senhora já pensou que isso pode ter sido feito por uma criança? — falou outra voz.

Ela ficou em silêncio, e o homem continuou:

— Cada adulto tinha uma tarefa a cumprir. Cada uma precisava de atenção total, e todas elas foram cumpridas. Não há possibilidade de que alguém da equipe pudesse ter aberto a porta. Nenhuma possibilidade. Então, ou isso foi

obra de alguém de fora, ou uma das crianças conseguiu entrar, abrir a porta e as caixas e voltar para a frente do prédio principal.

— E o que os senhores estão fazendo para descobrir? — perguntou ela. — Aliás, não quero saber. Por favor, compreenda, dr. Cooper, não estou criticando por maldade. Temos que ser extraordinariamente cautelosos. Foi uma falha muito grave colocar os dois alarmes no mesmo circuito. Isso tem que ser corrigido imediatamente. Com certeza, o oficial tártaro encarregado da guarda poderia ajudar na investigação. Menciono isso como mera possibilidade. Aliás, onde estavam os tártaros durante o treinamento? Imagino que já tenha pensado nisso.

— Já, sim — disse o homem em tom cansado. — O corpo de guarda estava inteiramente ocupado patrulhando. Todos os homens. Eles mantêm registro de tudo, meticulosamente.

— Tenho certeza de que vocês estão fazendo o possível — disse ela. — Bem, é isso. Uma pena. Mas vamos mudar de assunto. Quero saber sobre o novo seccionador.

Lyra sentiu um arrepio. Aquilo só podia significar uma coisa.

— Ah, houve um grande progresso — disse o médico, aliviado ao ver que a conversa tomava outro rumo. — Com o primeiro modelo, nós não conseguíamos anular inteiramente o risco da morte do paciente por choque, mas isso foi aperfeiçoado.

— Os esraelingues faziam isso muito melhor à mão — disse o homem que ainda não tinha falado.

— Séculos de prática — retrucou o outro homem.

— Mas, durante algum tempo, *usar a força* era simplesmente a única opção — disse o primeiro homem. — Por mais que isso perturbasse os cirurgiões. Todos lembram que tivemos que dispensar um bom número deles por problemas de ansiedade. Mas o primeiro grande progresso foi o uso da anestesia combinado com o bisturi ambárico de Maystadt. Conseguimos reduzir a menos de cinco por cento o risco de morte por choque operatório.

— E o novo instrumento? — quis saber a sra. Coulter.

Lyra estava tremendo. O sangue pulsava em seus ouvidos, e Pantalaimon apertava seu corpo de arminho de encontro ao dela.

— Lyra, eles não vão fazer isso, nós não vamos deixar...

— Sim, foi uma curiosa descoberta do próprio lorde Asriel que nos deu a pista para esse novo método — continuou o homem. — Ele descobriu que uma liga de manganês e titânio tinha a propriedade de isolar o corpo e o daemon. Aliás, o que anda acontecendo com lorde Asriel?

— Talvez você não tenha ficado sabendo, mas lorde Asriel tem uma sentença de morte pendente. Uma das condições do exílio dele em Svalbard era desistir totalmente da sua pesquisa científica. Infelizmente, ele conseguiu obter livros e material, e levou suas pesquisas heréticas até o ponto em que é potencialmente perigoso deixá-lo vivo. De qualquer maneira, parece que o Tribunal Consistorial de Disciplina começou a debater a questão da sentença de morte, e a probabilidade é de que ele seja executado. Mas quanto ao seu instrumento novo, doutor, como é que ele funciona?

— Ah... Sentença de morte? Meu Deus! Sim, desculpe, o novo instrumento. Estamos pesquisando o que acontece quando a intercisão é feita com o paciente consciente, e é claro que isso não podia ser feito pelo processo de Maystadt. Então desenvolvemos uma espécie de guilhotina, pode-se dizer. A lâmina é feita com uma liga de manganês e titânio, e a criança é colocada em um compartimento, como uma cabine, de tela feita da mesma liga, com o daemon em um compartimento igual, ligado ao primeiro. A lâmina cai entre eles, cortando o elo entre os dois. Então se tornam entidades separadas.

— Eu gostaria de assistir — declarou a sra. Coulter. — E espero que seja logo. Mas agora estou cansada, acho que vou para a cama. Quero ver todas as crianças amanhã. Vamos descobrir quem foi que abriu aquela porta.

Houve o som de cadeiras empurradas, cumprimentos sendo trocados e uma porta batendo. Então Lyra ouviu os outros tornarem a se sentar e continuarem a conversa, mas em tom mais baixo.

— O que lorde Asriel está planejando?

— Acho que ele tem uma ideia inteiramente nova da natureza do Pó. O caso é esse. É profundamente herética, entendem, e o Tribunal Consistorial de Disciplina não pode permitir outra interpretação além da autorizada. Além disso, ele quer fazer experiências...

— Experiências? Com o Pó?

— Shh, fale mais baixo...

— Acha que ela vai fazer um relatório negativo?

— Não, não. Acho que você lidou muito bem com ela.

— A *atitude* dela me preocupa...

— O fato de não ser uma atitude científica?

— Exatamente. É interesse *pessoal*. Não gosto de usar essa palavra, mas é quase sinistro.

— Você está exagerando.

— Mas você se lembra das primeiras experiências, quando ela estava tão ansiosa para ver as separações...

Lyra não conseguiu se controlar: um gemido escapou de seus lábios e ao mesmo tempo ela estremeceu, e seu pé esbarrou em uma grade.

— O que foi isso?

— Veio do teto!

— Depressa!

O som de cadeiras afastadas, pés correndo, uma mesa empurrada pelo chão. Lyra tentou se arrastar para longe dali, mas havia pouco espaço, e ela não conseguiu se mover mais que alguns metros quando a placa ao seu lado foi erguida de repente, e ela se deparou com o rosto assustado de um homem. Estava tão perto que ela via todos os pelos do bigode dele. Ele ficou tão espantado quanto ela, porém tinha mais liberdade de movimentos e conseguiu enfiar a mão pelo buraco e agarrar o braço de Lyra.

— Uma criança!

— Não deixe que fuja...

Lyra enfiou os dentes na mão grande e sardenta do homem. Ele gritou, mas não soltou o braço dela, mesmo quando os dentes cortaram a pele. Pantalaimon rosnava e cuspiu, mas isso não adiantava, o homem era muito mais forte que ela; puxou-a até que ela teve que soltar a trave à qual se agarrava com o outro braço, e metade do seu corpo caiu pelo buraco.

Ela ainda não tinha emitido um único som. Enroscou as pernas na borda aguçada de metal e lutou de cabeça para baixo, arranhando, mordendo, socando e cuspiendo com enorme fúria. Os homens ofegavam e resmungavam

de dor ou cansaço, mas não paravam de puxá-la para baixo.

De repente ela perdeu as forças.

Era como se uma mão tivesse penetrado onde nenhuma mão tinha o direito de ir e arrancado dela algo profundo e precioso. Ela se sentiu fraca, tonta, enjoada e frouxa com o choque.

Um dos homens estava *segurando* Pantalaimon.

Ele tinha agarrado o daemon de Lyra com suas mãos humanas, e o pobre Pan tremia, quase louco de horror e agonia. Em forma de gato-do-mato, seu pelo ora ficava opaco de fraqueza, ora brilhava ambaricamente de terror... Ele se curvava na direção de Lyra, que estendia ambas as mãos em sua direção.

Os dois ficaram imóveis. Estavam presos.

Ela *sentia* aquelas mãos... Aquilo não era *certo*... Era proibido tocar... Era *errado*...

— Ela está sozinha?

Um homem estudava o espaço acima do teto.

— Parece que sim...

— Quem é ela?

— A garota nova.

— Aquela que os caçadores samoiedos...

— É.

— Será que foi *ela*... os daemons...

— Pode muito bem ter sido. Mas não sozinha.

— Será que devíamos contar...

— Acho que isso ia pegar mal para a gente, não é?

— Concordo. É melhor ela não ficar sabendo.

— Mas o que vamos fazer?

— Ela não pode voltar para junto das outras crianças.

— Impossível!

— Só temos uma coisa a fazer, eu acho.

— Agora?

— Tem que ser. Não podemos deixar para amanhã. Amanhã ela vai querer assistir.

— Podíamos fazer nós mesmos. Não há necessidade de envolver outras pessoas.

O homem que parecia ser o chefe, aquele que não estava segurando Lyra nem Pantalaimon, batia nos dentes com a unha. Seus olhos nunca ficavam parados; iam de um lado para outro rapidamente. Por fim, ele assentiu.

— Agora. Façam agora. Senão ela vai falar. O choque vai impedir pelo menos isso. Ela não vai lembrar quem é, o que viu, o que ouviu... Vamos.

Lyra não conseguia falar; mal conseguia respirar. Teve que permitir que a carregassem através da Estação pelos corredores brancos e desertos, passando por aposentos onde lâmpadas ambáricas zumbiam, pelos dormitórios onde as crianças dormiam com seus daemons, compartilhando seus sonhos; a cada segundo do caminho, ela só enxergava Pantalaimon e ele se debruçava para ela, olhos nos olhos.

Então uma porta se abriu com um sibilo de ar, e eles entraram em uma câmara bastante iluminada, com azulejos brancos cegantes e aço inoxidável. O medo que ela sentia era quase físico — aliás, se *tornou* mesmo uma dor física quando empurraram Lyra e Pantalaimon na direção de uma grande gaiola de tela prateada, acima da qual uma grande lâmina prateada estava prestes a separá-los para todo o sempre.

Ela finalmente conseguiu gritar. O som repercutiu ruidosamente nas superfícies azulejadas, mas a porta pesada tinha se fechado com um sibilo; ela podia gritar para sempre, mas nenhum som escaparia dali.

Mas Pantalaimon, em resposta, havia se desvencilhado daquelas mãos odiosas — se transformou em leão, em águia: atacou os homens selvagememente com as garras, batendo as grandes asas, depois virou lobo, urso, gato-do-mato, rosnando, arranhando, uma sucessão de transformações rápidas demais para o olho, e o tempo todo saltando, esvoaçando, evitando as mãos desajeitadas que agarravam o vazio.

Mas eles também tinham seus daemons. Não eram dois contra três, eram dois contra seis. Um texugo, uma coruja e um babuíno se juntaram aos esforços para dominar Pantalaimon, enquanto Lyra gritava:

— Por quê? Por que logo vocês estão fazendo isso? Vocês têm que nos ajudar. Não deviam estar ajudando a eles!

Ela chutava e mordia com mais raiva, até que o homem que a segurava deu um grito e a soltou por um momento — e ela se viu livre, e Pantalaimon pulou para ela como um raio. Ela o apertou contra o peito, e ele enfiou as garras de gato-do-mato na pele dela, e a dor era agradável.

— Nunca! Nunca! Nunca! — gritou ela, e se encostou à parede para defendê-lo até a morte.

Mas eles caíram sobre ela novamente, três homens grandes e brutais, e ela era apenas uma criança apavorada; eles arrancaram Pantalaimon de Lyra, a jogaram em um lado da gaiola de tela e levaram o daemon, ainda lutando, para o outro. Havia uma barreira entre eles, mas ele ainda fazia parte dela, ainda estavam unidos. Por mais um segundo, ele ainda era a sua alma.

Então, acima dos grunhidos dos homens e do próprio choro, Lyra ouviu um zumbido e viu um dos homens (com o nariz sangrando) mexendo nos botões de um painel. Os outros dois ergueram os olhos, e ela seguiu o olhar deles. A grande lâmina prateada ia suspendendo lentamente, refletindo o brilho da luz. O último instante de vida completa ia ser o pior de todos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou uma voz leve e musical.

A voz dela. Tudo ficou imóvel.

— O que estão fazendo? E quem é essa criança...

Ela não completou a pergunta, pois naquele instante reconheceu Lyra. Através das lágrimas, Lyra a viu se desequilibrar e se apoiar em uma cadeira; o tão lindo e impassível rosto ficou, por um instante, contorcido e aterrorizado.

— Lyra... — sussurrou ela.

No mesmo instante, o macaco dourado deu um salto e arrancou Pantalaimon de dentro da gaiola de tela, ao mesmo tempo que Lyra caía para fora da outra gaiola. Pantalaimon se soltou das patas solícitas do macaco e foi se aninhar nos braços de Lyra.

— Nunca, nunca — sussurrou a menina contra o pelo de Pan, que aproximou seu coração do dela. E os dois assim ficaram, como náufragos estremecendo em uma costa desolada. Ela mal ouviu a sra. Coulter falando com os homens nem conseguiu interpretar o tom da voz da mulher. Então todos saíram daquele lugar pavoroso, a sra. Coulter amparando Lyra pelo

corredor, e entraram por outra porta, um quarto com luz suave e perfume no ar.

A sra. Coulter a colocou delicadamente na cama. O braço de Lyra apertava tanto Pantalaimon que ela tremia com o esforço. Uma mão carinhosa lhe acariciou a testa.

— Minha querida criança — disse a voz doce. — Como foi que você veio parar aqui?

17. AS FEITICEIRAS

Lyra gemia e tremia incontrolavelmente, como se tivesse sido retirada de uma água tão fria que quase congelara seu coração. Pantalaimon simplesmente encontrara um lugarzinho junto à pele nua dentro das roupas de Lyra, acalmando a menina com o seu amor, mas durante todo o tempo ele estava consciente da sra. Coulter, ocupada em preparar uma bebida ou algo assim, e principalmente do macaco dourado, cujos dedinhos tinham percorrido o corpo de Lyra quando só Pantalaimon estava prestando atenção e tinham sentido a sacola de lona pendurada na cintura dela.

— Sente-se um pouco, querida, e beba isto — disse a sra. Coulter.

Seu braço carinhoso rodeou os ombros de Lyra e a levantou.

Lyra ia resistir, mas relaxou imediatamente, quando Pantalaimon lhe transmitiu um pensamento: *Só ficaremos em segurança se soubermos fingir*. Ela abriu os olhos e percebeu que eles estavam cheios de lágrimas, e para sua própria surpresa e vergonha começou a chorar incontrolavelmente.

A sra. Coulter, com frases de consolo, colocou a bebida nas mãos do macaco enquanto enxugava os olhos de Lyra com um lençinho perfumado.

— Chore à vontade, querida — disse, com sua voz suave.

Lyra então resolveu parar assim que conseguisse. Ela fez o que pôde para conter as lágrimas, apertou os lábios e engoliu os soluços que ainda lhe sacudiam o peito.

Pantalaimon fazia o mesmo: *enganá-los, enganá-los*. Ele se tornou um rato e foi de mansinho farejar timidamente a bebida na mão do macaco. Não havia nada de estranho: um chá de camomila, só isso. Ele voltou para o ombro de Lyra e sussurrou:

— Beba.

Ela se sentou e pegou a xícara quente com as duas mãos, bebericando e soprando para esfriar o chá. Mantinha os olhos baixos. Tinha que representar

melhor do que jamais fizera na vida.

— Lyra, querida — murmurou a sra. Coulter lhe acariciando os cabelos.
— Pensei que tínhamos perdido você para sempre! Que foi que aconteceu? Você se perdeu? Alguém tirou você do apartamento?

— Foi — sussurrou Lyra.

— Quem fez isso, querida?

— Um homem e uma mulher.

— Convidados da festa?

— Acho que sim. Disseram que a senhora precisava de uma coisa que estava no andar térreo, e eu fui buscar. Eles me agarraram e me levaram em um carro. Mas quando pararam, eu fugi depressa e me escondi, e eles não me acharam. Mas eu não sabia onde estava...

Outro soluço a interrompeu, agora mais fraco, e ela podia fingir que ele tinha sido provocado pela história que estava contando.

— E fiquei perdida, tentando encontrar o caminho de volta, mas então os Papões me pegaram... E me puseram em uma caminhonete com outras crianças e me levaram para um lugar, uma casa muito grande, não sei onde era.

A cada segundo que se passava, a cada frase inventada, ela se sentia um pouco mais forte. E agora que estava fazendo algo difícil e habitual e nunca muito previsível, que era mentir, ela tornou a sentir uma espécie de segurança, o mesmo senso de complexidade e controle que o aletômetro lhe dava. Tinha que tomar cuidado para não dizer alguma coisa obviamente impossível; devia ser vaga em certas partes e inventar detalhes aceitáveis em outras; em suma, tinha que ser uma artista.

— Quanto tempo você ficou na casa? — quis saber a sra. Coulter.

A viagem de Lyra pelos canais e o tempo que ela passara com os gípcios tinham levado semanas; ela precisava justificar esse tempo. Então inventou uma viagem com os Papões para Trollesund, e depois uma fuga, cuja invenção lhe deu a oportunidade de mencionar muitos detalhes de suas observações da cidade; e algum tempo trabalhando como criada no Bar de Einarsson, e então algum tempo trabalhando para uma família de fazendeiros no interior, depois presa pelos samoiedos e levada para Bolvangar.

— E eles iam... iam cortar...

— Shh, querida. Vou descobrir o que está acontecendo.

— Mas por que iam fazer isso? Nunca fiz nada errado! Todas as crianças têm medo do que acontece lá, e ninguém sabe o que é. Mas é horrível. É a pior coisa... Por que estão fazendo isso, sra. Coulter? Por que são tão cruéis?

— Pronto, pronto... Você está em segurança, minha querida. Nunca farão isso com você. Agora que a encontrei, nunca mais estará em perigo. Ninguém vai lhe fazer mal, querida Lyra; ninguém jamais vai machucá-la...

— Mas fazem isso com outras crianças! Por quê?

— Ah, meu amor...

— É o Pó, não é?

— Eles lhe disseram isso? Os médicos disseram isso?

— As crianças sabem. Todas falam sobre isso, mas ninguém sabe direito! E quase fizeram aquilo comigo... A senhora tem que me dizer! A senhora agora não pode mais esconder!

— Lyra... Lyra, querida, são coisas complicadas, o Pó e o resto. Não é assunto para uma criança se preocupar. Mas os médicos fazem isso pelo bem da própria criança, meu amor. O Pó é uma coisa ruim, uma coisa errada, uma coisa má e perversa. Os adultos e seus daemons estão infectados de Pó tão profundamente que para eles é tarde demais. Mas uma simples operação em uma criança faz com que fiquem a salvo. O Pó não vai mais se prender a elas. Elas ficam seguras e felizes e...

Lyra pensou no pequeno Tony Makarios; inclinou-se para a frente e parecia que ia vomitar. A sra. Coulter a soltou.

— Você está bem, minha querida? Vá ao banheiro...

Lyra engoliu em seco e esfregou os olhos.

— Não precisam fazer isso com a gente — disse. — Podiam nos deixar em paz. Aposto que Lorde Asriel não deixaria eles fazerem isso, se soubesse o que está acontecendo. Se ele tem o Pó e a senhora também, e o Reitor da Jordan e todos os adultos também, deve estar certo. Quando eu sair, vou contar isso a todas as crianças do mundo. De qualquer maneira, se é uma coisa tão boa, por que a senhora impediu que fizessem comigo? Se fosse uma coisa boa, a senhora devia ter deixado. Devia ficar feliz.

A sra. Coulter sacudiu a cabeça e sorriu um sorriso triste e sábio.

— Querida, certas coisas boas doem um pouco, e naturalmente se *você fica* mal, isso deixa outras pessoas mal... Mas não significa que levem seu daemon para longe de você. Meu Deus, muitos adultos aqui fizeram essa operação. As enfermeiras parecem bastante felizes, não parecem?

Lyra pestanejou; de repente entendia a estranha apatia e falta de curiosidade das enfermeiras, o modo como seus pequenos daemons pareciam sonâmbulos.

Ela pensou: *não diga nada*. E ficou de boca fechada.

— Minha querida, ninguém sonharia em fazer uma cirurgia em uma criança sem realizar testes antes. E ninguém, nem em mil anos, conseguiria afastar uma criança de seu daemon! Tudo que acontece é um pequeno corte, e então fica tudo bem. Para sempre! Entende, quando a pessoa é criança, o daemon dela é um amigo e companheiro maravilhoso, mas na idade que chamamos de puberdade, a idade que você logo terá, querida, os daemons trazem todo tipo de pensamentos e sentimentos perturbadores, e é isso que deixa o Pó entrar. Uma pequena operação antes disso faz com que a criança nunca se perturbe. E o daemon continua com ela, só que... desligado. Como um... como um maravilhoso bichinho de estimação, por exemplo. O melhor bichinho de estimação do mundo! Você não gostaria disso?

Ah, que hipócrita perversa, quantas mentiras deslavadas ela dizia! E mesmo se Lyra não soubesse que eram mentiras (Tony Makarios, os daemons nas caixas de vidro...), ela teria odiado aquela ideia: sua alma querida, o caro companheiro do seu coração, cortado dela e reduzido a um bichinho de estimação? Lyra quase fervia de ódio, e em seus braços Pantalaimon se transformou em um gato-do-mato, a mais feia e perversa de todas as suas formas, e rosnou.

Mas nada disseram. Lyra segurou Pantalaimon com força e deixou a sra. Coulter acariciar seus cabelos.

— Beba seu chá — disse a sra. Coulter em tom carinhoso.— Vou mandar preparar uma cama para você aqui. Não é preciso voltar para o dormitório com as outras garotas, agora que tenho de volta minha pequena secretária. A minha favorita! A melhor secretária do mundo. Reviramos Londres inteira

atrás de você, sabia, minha querida? E a polícia procurou em todas as cidades. Ah, senti tanta saudade! Nem sei dizer como estou feliz por ter encontrado você!

Durante todo esse tempo, o macaco dourado não parara quieto, em um minuto empoleirado na mesa balançando o rabo, no outro minuto agarrado à sra. Coulter, falando baixinho em seu ouvido, no minuto seguinte andando de um lado para outro com a cauda ereta. Ele estava mostrando a impaciência que a sra. Coulter sentia e que finalmente ela não conseguiu mais controlar.

— Lyra, minha querida. Acho que o reitor da Jordan lhe deu uma coisa antes de você ir embora. Estou certa? Ele lhe deu um aletiômetro. O problema é que o instrumento não era dele, ele apenas tomava conta. É uma coisa valiosa demais para ficar por aí. Só existem dois ou três no mundo inteiro, sabia? Acho que o reitor lhe deu o aletiômetro na esperança de que ele caísse nas mãos de lorde Asriel. Ele lhe disse para não me contar, não foi?

Lyra torceu a boca.

— É, estou vendo que sim. Bom, não tem importância, querida, porque você *não me contou*, certo? Então não quebrou sua promessa. Mas escute, querida, é uma coisa que devia ser guardada com cuidado. É tão rara e delicada que infelizmente não podemos deixar que corra riscos.

— Por que lorde Asriel não pode ter essa coisa? — perguntou Lyra.

— Por causa do que ele está fazendo. Você sabe que ele foi exilado porque pretende fazer uma coisa errada e perigosa. Ele precisa do aletiômetro para terminar seu plano, mas pode acreditar, minha querida, a última coisa que alguém devia fazer é dar o aletiômetro a ele. Infelizmente o reitor da Jordan estava enganado. Mas agora que você sabe, não seria melhor me dar para guardar? Você ficaria livre de ter que carregar isso por aí e da preocupação de tomar conta dele. E você deve ter ficado mesmo curiosa, querendo saber para que servia uma coisa boba e velha como essa...

Lyra se perguntou como foi que tinha um dia achado aquela mulher fascinante e inteligente.

— Então, se você está com ele agora, querida, é melhor me dar para eu tomar conta. Está pendurado na sua cintura, não está? É, foi inteligente guardar assim...

Ela levantou a saia de Lyra e começou a desamarrar o cinto de lona. Lyra ficou tensa. O macaco dourado estava agachado no pé da cama, tremendo de ansiedade, as mãozinhas pretas junto à boca. A sra. Coulter puxou o cinto da cintura de Lyra e desabotoou a sacola. Tinha a respiração ofegante. Ela tirou o embrulho de veludo negro e desdobrou o pano, encontrando a lata que Iorek Byrnison tinha feito.

Pantalaimon era novamente um gato pronto para saltar. Lyra puxou as pernas, afastando-as da sra. Coulter, e apoiou os pés no chão, para que ela também pudesse correr quando chegasse a hora.

— Que é isso? — perguntou a mulher, como se achasse graça. — Que lata engraçada! Você colocou ele aí dentro para ficar seguro, minha querida? Todo esse musgo... Você foi cuidadosa, não foi? Outra lata, dentro da primeira! E soldada! Quem fez isso, minha querida?

Ela estava preocupada demais em abrir a lata para esperar a resposta. Tirou da bolsa um canivete com várias ferramentas, abriu uma lâmina e enfiou sob a tampa.

No mesmo instante, um zumbido furioso encheu o quarto.

Lyra e Pantalaimon ficaram imóveis. A sra. Coulter, admirada e curiosa, puxou a tampa, e o macaco dourado se debruçou para ver de perto.

Então, como uma centelha, a forma negra da mosca-espiã saiu da lata e colidiu com força com o focinho do macaco.

O animal gritou e se jogou para trás; naturalmente, a sra. Coulter também estava sentindo a dor e o medo do macaco e gritou junto com ele, e então o pequeno demônio mecânico se voltou para ela e partiu em direção ao seu rosto.

Lyra não hesitou; quando Pantalaimon saltou para a porta, ela foi atrás, abriu-a e correu como nunca tinha corrido na vida.

— O alarme de incêndio! — grunhiu Pantalaimon, correndo na frente dela.

Ela viu um alarme na parede e quebrou o vidro com um soco desesperado. E tornou a sair correndo na direção dos dormitórios, acionando todos os alarmes que encontrava, e então os corredores começaram a se encher de pessoas olhando em volta à procura do incêndio.

A essa altura, ela estava perto da cozinha; Pantalaimon lhe mandou um

pensamento e ela entrou correndo. Momentos depois, tinha aberto todos os bicos de gás e jogado um fósforo aceso no bico mais próximo. Depois pegou um saco de farinha e o jogou com força de encontro à beirada da mesa, explodindo o saco e enchendo o ar de branco, pois ouvira dizer que a farinha no ar explodia perto do fogo.

Depois, saiu correndo para o próprio dormitório. Os corredores agora estavam cheios, com crianças correndo para todos os lados, muito excitadas, pois a história do plano de fuga havia se espalhado. As mais velhas estavam indo para os depósitos onde as roupas ficavam guardadas, levando com elas as mais novas. Os adultos tentavam controlar tudo, e nenhum deles sabia o que estava acontecendo. Por toda parte havia pessoas gritando, empurrando, chorando.

Lyra e Pantalaimon atravessaram tudo aquilo, seguindo sempre na direção do dormitório; assim que chegaram lá ouviram uma explosão surda que sacudiu o prédio.

As outras meninas tinham fugido, o lugar estava deserto. Lyra arrastou a mesa de cabeceira para o canto, subiu nela, puxou suas roupas do teto e procurou o aletímetro, que estava bem seguro. Vestiu-se depressa, puxando o capuz para encobrir o rosto, e então Pantalaimon, uma andorinha junto à porta, avisou:

— Agora!

Ela correu para fora. Por sorte algumas crianças que já haviam encontrado agasalhos estavam disparando pelo corredor na direção da entrada principal, e ela se juntou ao grupo, suando, o coração disparado, sabendo que tinha que fugir ou então morreria.

Porém, o caminho estava bloqueado; o incêndio na cozinha se espalhara, e a explosão — por causa do gás ou da farinha — tinha derrubado parte do telhado. As pessoas subiam por cima das vigas retorcidas para chegar ao frio cortante do ar livre. O cheiro de gás era forte. Então houve outra explosão, mais forte que a primeira. O impacto derrubou muita gente, e gritos de medo e dor encheram o ar.

Lyra lutou para se levantar, com Pantalaimon gritando “Por aqui! Por aqui!”, e com esforço subiu pelos destroços. O ar estava gelado, e ela

esperava que as crianças tivessem conseguido encontrar suas roupas; seria o cúmulo conseguir fugir da Estação para morrer de frio!

Agora as chamas estavam altas. Quando ela chegou ao telhado sob o céu noturno, viu as labaredas lambendo as bordas de um grande buraco na lateral do prédio. Havia uma multidão de crianças e adultos junto à entrada principal, mas dessa vez os adultos estavam mais agitados, e as crianças estavam mais assustadas — muito mais assustadas.

— Roger! Roger! — gritou Lyra, e Pantalaimon, com a visão aguçada de uma coruja, avisou que já o tinha visto.

No momento seguinte, eles se encontraram.

— Diga a todos que venham comigo! — gritou Lyra no ouvido dele.

— Eles não vão... Estão apavorados...

— Conte o que eles fazem com as crianças que desaparecem! Cortam os daemons delas com uma faca enorme. Conte o que você viu esta tarde, os daemons que nós soltamos! Diga que isso vai acontecer com elas também se não fugirem!

Roger estava horrorizado, mas conseguiu se controlar e correu para o grupo de crianças mais próximo. Lyra fez o mesmo, e logo as crianças se agarravam aos seus daemons.

— Venham comigo! — gritou Lyra. — Está vindo ajuda! Temos que sair daqui! Vamos, corram!

As crianças ouviram e obedeceram, correndo pelo pátio na direção da avenida de luzes.

Atrás delas, os adultos gritavam, e houve um estrondo quando outra parte do prédio desabou. As centelhas subiram no ar, e as chamas incharam com um som como o de roupa rasgada. Porém, acima de todo esse ruído, se ouviu outro som, terrivelmente próximo e violento. Lyra nunca o tinha ouvido antes, mas soube imediatamente do que se tratava: era o uivo dos daemons-lobos dos guardas tártaros. Ela sentiu uma onda de fraqueza da cabeça aos pés, e muitas crianças ficaram como que pregadas no chão, apavoradas, pois correndo surgiu o primeiro dos guardas tártaros, rifle empunhado e a sombra enorme e cinzenta do seu daemon logo atrás.

Então surgiu outro, e mais outro. Estavam todos de armadura, os olhos

invisíveis por trás das fendas dos elmos. Os únicos olhos à vista eram os orifícios redondos e negros da ponta do cano dos rifles e os olhos amarelos e brilhantes dos daemons acima das bocarras cheias de saliva.

Lyra hesitou. Não tinha imaginado como aquelas lobas eram apavorantes. E agora que conhecia a tranquilidade com que as pessoas de Bolvangar desobedeciam ao grande tabu, ela se apavorou com a ideia daqueles dentes...

Os tártaros fizeram uma barreira na frente da entrada da avenida de luzes, com seus daemons ao lado, disciplinados e treinados como eles. Logo haveria uma segunda barreira, pois vinham mais guardas, e mais ainda atrás desses. Lyra pensou, desesperada: *crianças não podem lutar contra soldados*. Não era como as batalhas nos Barreiros de Oxford, quando ela arremessava bolas de lama nos filhos dos oleiros.

Ou talvez fosse! Ela se lembrava de ter jogado um punhado de lama no rosto largo de um menino da olaria que a atacava; ele havia parado para tirar a lama dos olhos e então os aliados dela o atacaram.

Na ocasião, ela estava no meio do barro; agora estava no meio da neve.

Exatamente como tinha feito naquela tarde, mas agora com grande ansiedade, ela fez uma bola de neve e jogou a primeira no soldado mais próximo.

— Juguem nos olhos! — gritou ela, e jogou outra bola de neve. Outras crianças a imitaram, e então o daemon de alguém teve a ideia de voar ao lado das bolas e garantir que elas fossem diretamente para dentro das fendas dos elmos. Logo todos faziam isso, e em poucos momentos os tártaros estavam cambaleantes, praguejando e tentando tirar a neve pela fenda estreita em frente aos olhos.

— Vamos! — gritou Lyra, e saiu em disparada pelo portão para a avenida de luzes.

Todas as crianças foram atrás dela, evitando as lobas e correndo o quanto podiam pela avenida em direção à escuridão que as esperava.

Um oficial gritou uma ordem, e todos os rifles foram destravados ao mesmo tempo; houve outro grito e um silêncio tenso, tudo que se ouvia eram os passos e a respiração ofegante das crianças em fuga.

Os soldados estavam fazendo pontaria. Não iam errar.

Mas antes que o primeiro tiro fosse disparado, um grito de um dos tártaros quebrou o silêncio e exclamações de surpresa começaram a ser ouvidas aqui e ali.

Lyra parou e, quando se virou, viu um homem caído na neve, com uma flecha de ponta de penas cinzentas enfiada nas costas. Ele se contorcia e tossia, cuspidando sangue, e os outros soldados olhavam em volta procurando quem havia atirado, mas o arqueiro não estava à vista.

Então uma flecha veio voando do céu e atingiu outro homem na nuca. Ele caiu. O oficial gritou, e todos olharam para o céu escuro.

— Feiticeiras! — disse Pantalaimon.

E eram mesmo: figuras elegantes voando lá em cima, o ar zunindo por entre as folhas dos galhos de pinheiro-nubígeno em que elas voavam. Enquanto Lyra observava, uma das figuras deu um rasante e soltou uma flecha; outro homem caiu.

Então todos os tártaros levantaram os rifles e atiraram para o alto, para nada — sombras, nuvens —, enquanto mais flechas choviam sobre eles.

Mas o oficial comandante, vendo que as crianças fugiam, mandou um destacamento atrás delas. Algumas crianças gritaram, depois outras, e finalmente todas pararam, apavoradas pela figura monstruosa que saía da escuridão e vinha sobre elas.

— Iorek Byrnison! — gritou Lyra, o peito quase explodindo de alegria.

O urso de armadura parecia não ter consciência de outra coisa além do seu alvo de ataque; passou por Lyra como um raio e caiu sobre os tártaros, espalhando soldados, daemons e rifles para todos os lados. Então parou e girou, com força e flexibilidade, e desfechou dois socos, um para cada lado, nos guardas mais próximos.

Um daemon-loba pulou sobre ele; Iorek rasgou sua carne em pleno ar, e o daemon caiu sobre a neve com o sangue espirrando como se fosse fogo e ficou se contorcendo e uivando até desaparecer. Seu humano morreu imediatamente.

O oficial tártaro, ao enfrentar esse ataque duplo, não hesitou, gritou uma longa ordem, e o corpo de guarda se dividiu em dois: um para o contra-ataque às feiticeiras e o grupo maior para dominar o urso. Os soldados foram

incrivelmente corajosos; se ajoelharam em grupos de quatro e dispararam seus rifles como se estivessem fazendo um treinamento, e não se moveram nem mesmo quando viram Iorek vindo em sua direção. No momento seguinte, estavam mortos.

Iorek atacou outra vez, enquanto as balas voavam à sua volta como moscas, sem lhe fazer mal. Lyra levava as crianças para a escuridão que havia depois da avenida de luzes. Elas deviam se afastar, pois, por mais perigosos que fossem os tártaros, muito mais perigosos eram os adultos de Bolvangar.

Então ela gritou, gesticulou e empurrou para que as crianças avançassem. Enquanto as luzes ficavam para trás, lançando sombras compridas na neve, Lyra sentia o coração se alegrar no frio e na pureza da escura noite do Ártico, assim como Pantalaimon, que agora era uma lebre feliz em poder correr pela neve.

— Aonde é que nós vamos? — perguntou alguém.

— Lá na frente só tem neve! — disse outro.

— Está vindo um grupo de resgate — contou Lyra. — São uns cinquenta gípcios. Aposto que alguns são parentes de vocês. Todas as famílias gípcias que perderam uma criança mandaram alguém.

— Eu não sou gípcio — disse um menino.

— Não faz diferença. Vão levar você também.

— Para onde? — perguntou alguém em tom agressivo.

— Para casa — respondeu Lyra. — Foi para isso que eu vim, para salvar vocês, e trouxe os gípcios até aqui para levarem vocês para casa. Só temos que andar mais um pouquinho. O urso estava com eles, então não devem estar longe.

— Viram aquele urso? — falou um menino. — Quando ele rasgou aquele daemon, o homem morreu como se tivessem arrancado o coração dele.

— Eu nunca soube que os daemons podiam ser mortos — disse outra criança.

Agora todos estavam falando; a agitação e o alívio destravaram a língua de todos. Não tinha importância que conversassem, contanto que continuassem andando.

— É verdade que eles fazem aquilo lá dentro? — perguntou uma menina.

— É, sim — confirmou Lyra. — Nunca pensei que um dia ia ver uma pessoa sem um daemon. Mas no caminho daqui encontramos um menino sozinho, sem daemon. Ele não parava de perguntar por ela, onde ela estava, se ia conseguir achar ela. O nome dele era Tony Makarios.

— Eu conheço! — disse alguém.

— É, levaram ele há uma semana...

— Bom, cortaram e tiraram o daemon dele — revelou Lyra, sabendo que isso os afetaria. — E ele morreu logo depois. E todos os daemons que eles cortam eles guardam em caixas de vidro em uma casinha lá atrás.

— É verdade, e Lyra soltou eles durante o treinamento de incêndio — disse Roger.

— É, eu vi! — disse Billy Costa. — Primeiro eu não sabia o que eram, mas vi quando foram embora voando com aquele ganso.

— Mas por que fazem isso? — quis saber um menino. — Por que tiram os daemons das pessoas? Isso é tortura! Por que fazem isso?

— Por causa do Pó? — sugeriu alguém.

Mas o garoto riu com zombaria.

— O Pó! — ecoou. — Isso não existe! Eles inventaram! Eu não acredito nesse Pó.

— Ei, vejam o que está acontecendo com o zepelim! — avisou alguém.

Todos olharam para trás. Além das luzes, onde o combate ainda prosseguia, o enorme corpo da aeronave não estava mais flutuando serenamente, preso ao mastro; a extremidade oposta estava afundando e atrás dela se erguia um globo que parecia ser...

— O balão de Lee Scoresby! — exclamou Lyra, batendo palmas. As outras crianças estavam muito admiradas. Lyra as levou adiante, pensando como o aeróstata tinha conseguido trazer seu balão tão longe. Era óbvio o que ele estava fazendo, e era uma ótima ideia: encher seu balão com o gás do balão deles, para poder fugir ao mesmo tempo que impedia a perseguição!

Algumas das crianças estavam tremendo e gemendo de frio, e seus daemons também choravam.

— Vamos, não parem de andar, senão vão congelar — disse Lyra.

Pantalaimon, irritado com o queixume dos daemons, se transformou em um lobinho e rosnou para o daemon-esquilo que estava deitado no ombro de sua humana gemendo baixinho.

— Entre dentro do casaco dela! Fique maior e aqueça ela! — ordenou.

O daemon da menina, assustado, obedeceu imediatamente. O problema era que seda carbonífera não era quente como pelos de verdade, por mais que fosse acolchoada. Algumas crianças pareciamovelos ambulantes, de tão cheias de roupas, mas eram roupas feitas em fábricas e laboratórios cuja preocupação não era o frio intenso, e elas não esquentavam o suficiente. Os agasalhos de peles que Lyra usava tinham aparência suja e cheiravam mal, mas conservavam o calor.

— Se não encontrarmos logo os gípcios, eles não vão durar muito — cochichou ela a Pantalaimon.

— Então não deixe ninguém parar. Se alguém se deitar, está perdido. Sabe o que Farder Coram disse...

Farder Coram tinha contado muitas histórias de suas viagens ao Norte. A sra. Coulter também — supondo que as histórias dela fossem verdadeiras. Mas ambos foram muito claros em um ponto: era preciso continuar em movimento.

— Falta muito? — perguntou um menininho.

— Ela só está fazendo a gente andar até aqui para nos matar — disse uma menina.

— Prefiro aqui do que lá — disse outra criança.

— Eu não! Na Estação é quentinho, tem comida, bebida e tudo.

— Mas está pegando fogo!

— O que vamos fazer aqui fora? Aposto que vamos morrer de fome...

A cabeça de Lyra estava cheia de perguntas sinistras esvoaçando como as feiticeiras, ligeiras e inatingíveis, e em algum lugar, logo além de onde ela conseguia alcançar, havia uma euforia e uma emoção que não compreendia, mas que lhe deu uma onda de energia, e ela puxou uma menina de dentro de um trecho de neve solta e empurrou um menino que havia parado, gritando para todos:

— Não parem! Sigam as pegadas do urso! Ele veio com os gípcios, então o

rastro dele vai nos levar até onde eles estão! Continuem andando!

A neve começava a cair em grandes flocos; logo iria encobrir inteiramente as pegadas de Iorek Byrnison. Agora que as luzes de Bolvangar estavam fora de vista e o incêndio produzia apenas um leve brilho no céu, a única luz vinha do reflexo fraco do chão coberto de neve. Nuvens espessas escondiam o céu, então não havia lua nem Aurora Boreal; mas com atenção as crianças conseguiam distinguir as pegadas fundas de Iorek Byrnison na neve. Lyra encorajava, intimidava, batia, carregava, xingava, levantava e arrastava crianças conforme fosse necessário, e Pantalaimon, pelo estado do daemon de cada criança, ensinava o que era preciso fazer em cada caso.

Ela repetia consigo mesma, sem parar: *vou conseguir salvar as crianças; vim até aqui para isso e vou conseguir, droga!*

Roger seguia o exemplo dela, e Billy Costa, que enxergava melhor que a maioria, guiava o grupo. Logo a nevasca era tão forte que eles tinham que se agarrar uns aos outros para não se perderem, e Lyra pensou: *Talvez, se todos nos deitarmos bem juntos... se fizermos buracos na neve...*

Ela começava a ouvir coisas: o ronco de um motor, não o ruído pesado de um zepelim, mas um som mais alto, como o zumbido de um marimbondo. O ruído ia e vinha.

E uivos, uivos de... seriam cães? Cães de trenó? Este som também vinha de muito longe, abafado por milhões de flocos de neve e levado por pequenas rajadas de vento. Podiam ser os cães dos trenós dos gípcios ou os espíritos selvagens que viviam na tundra, ou até mesmo os daemons libertados chorando por suas crianças perdidas. Ela estava vendo coisas... não existiam luzes na neve? Deviam ser fantasmas também... a não ser que tivessem andado em círculo e estivessem de volta a Bolvangar.

Mas eram facho amarelados de pequenas lamparinas, e não o brilho branco de luzes ambáricas. E estavam se movimentando, e os uivos estavam mais próximos; sem saber se estava acordada ou dormindo, Lyra viu que estava rodeada de figuras conhecidas, e homens usando agasalhos de peles estavam amparando-a: os braços poderosos de John Faa a tiraram do chão, e Farder Coram estava rindo de felicidade; e através da neve que caía ela via gípcios colocando as crianças nos trenós, cobrindo-as com mantas de peles,

dando a elas carne de foca para mascar. E Tony Costa estava ali, abraçando Billy várias vezes. E Roger...

— Roger vem com a gente — disse ela a Farder Coram. — Era ele que eu sempre quis salvar. Vamos voltar para a Jordan no final. Mas que barulho...

Era outra vez o tal ruído de motor, como uma mosca-espiã enlouquecida e dez mil vezes maior.

De repente, houve um golpe que a jogou longe, e Pantalaimon não pôde defendê-la, porque o macaco dourado...

A sra. Coulter...

O macaco dourado lutava com Pantalaimon, mordida e arranhava, e Pantalaimon mudava de forma tão depressa que era difícil acompanhar, e não parava de atacar: ferroava, arranhava, mordida. Enquanto isto, a sra. Coulter, cujo rosto emoldurado pelas peles era uma máscara de sentimentos intensos, arrastava Lyra para um trenó motorizado, e Lyra lutava tanto quanto o seu daemon. A neve que caía era tão intensa que elas pareciam estar isoladas, e os faróis ambáricos do trenó mostravam apenas os flocos caindo pesadamente.

— Socorro! — gritou Lyra para os gípcios, que nada conseguiam enxergar. — Me ajudem! Farder Coram! Lorde Faa! Ah, Deus, socorro!

A sra. Coulter bradou uma ordem na língua dos tártaros. E eles surgiram, um pelotão armado de rifles, os daemons rosnando ao lado deles. O chefe viu a sra. Coulter lutando e levantou Lyra com uma das mãos como se ela fosse uma boneca, jogando-a dentro do trenó onde ela caiu, fraca e tonta.

Um rifle disparou, depois outro: os gípcios tinham percebido o que estava acontecendo. Mas era perigoso atirar em um alvo que não se podia ver; os tártaros, agora formando um grupo em volta do trenó, podiam atirar à vontade, mas os gípcios não ousavam, por medo de atingir Lyra.

Ah, que amargura ela sentia! E que cansaço!

Ainda tonta, com a cabeça zunindo, ela se ergueu e viu Pantalaimon ainda lutando desesperadamente com o macaco, seus dentes de carcaju fincados nos braços dourados, sem mudar de forma, apenas resistindo. E quem era aquele?

Não era Roger?

Sim, Roger, atacando a sra. Coulter com punhos e pés, batendo a cabeça contra a dela, até ser derrubado por um tártaro como se fosse uma mosca. Era

tudo fantasmagórico: branco, preto, um clarão verde, sombras, luzes disparadas...

De repente, um vulto negro tapou os flocos que caíam: Iorek Byrnison, com o ruído de ferro roçando em ferro. No momento seguinte, as grandes mandíbulas e as garras afiadas se puseram em ação...

Então alguma coisa poderosa *a levantou*, e ela puxou Roger com ela, arrancando-o das mãos da sra. Coulter, os daemons das duas crianças em forma de pássaros voejaram assustados enquanto um pássaro maior voava em torno deles, e então Lyra viu, no ar a seu lado, uma feiticeira, uma daquelas figuras negras e elegantes que ela vira no céu, mas agora bem perto; e havia um arco nas mãos nuas da feiticeira, que estendeu os braços pálidos e despidos (naquele frio!) para retesar o arco e enviar uma flecha para dentro da fenda dos olhos do elmo de um tártaro a um metro de distância...

A flecha entrou pela fenda e saiu do outro lado, e o daemon-lobo do soldado desapareceu em pleno salto, antes de seu humano atingir o chão.

Lyra e Roger foram então erguidos no ar, se agarrando, com dedos cada vez mais fracos, a um galho de pinheiro-nubígeno, onde a jovem feiticeira estava sentada, tensa e graciosamente equilibrada; ela então se inclinou para a esquerda, de onde alguma coisa enorme surgia, e então o solo.

Eles caíram na neve junto à cesta do balão de Lee Scoresby.

— Pule para dentro e traga o seu amigo — falou o texano. — Viu aquele urso?

Lyra viu três feiticeiras segurando uma corda passada em volta de uma pedra, prendendo o balão à terra.

— Entra aí! — gritou ela para Roger, apressando-se a subir pela borda da cesta e cair do lado de dentro.

Logo em seguida Roger caiu por cima dela, e então um poderoso som entre um rugido e um rosnado sacudiu o próprio chão.

— Vamos, Iorek! Embarque, velho amigo! — gritou Lee Scoresby.

O urso entrou na cesta, produzindo um terrível ruído de madeira forçada.

Neste momento, o aeróstata baixou o braço como sinal, e as feiticeiras soltaram a corda.

O balão se ergueu imediatamente, subindo no ar cheio de neve em uma

velocidade que Lyra mal podia acreditar. Depois de um instante, o solo desapareceu na neblina, e eles subiram cada vez mais rápido; ela achava que foguete nenhum teria conseguido subir tão depressa. Estava deitada, agarrada a Roger, no chão da cesta, empurrada pela aceleração.

Lee Scoresby gracejava, ria e soltava berros selvagens de alegria; Iorek Byrnison retirava calmamente sua armadura, enfiando uma garra nas emendas para abri-las e arrumando as peças em uma pilha. O ruído do ar que passava através de folhas de pinheiro-nubígeno denunciava que as feiticeiras lhes faziam companhia. Aos poucos, Lyra recuperou o fôlego, o equilíbrio e o ritmo do coração. Ela se sentou e olhou em volta.

A cesta era muito maior do que imaginara. Ao longo da borda, havia fileiras de instrumentos científicos e pilhas de mantas de peles, garrafas de ar e uma variedade de outras coisas pequenas demais ou complicadas demais para se distinguirem no meio da névoa espessa que eles estavam atravessando na subida.

— Isto é nuvem? — ela quis saber.

— É. Enrole o seu amigo numas mantas antes que ele vire um boneco de gelo. Está frio aqui, e vai ficar ainda mais frio.

— Como foi que nos achou?

— As feiticeiras. Há uma feiticeira que quer conversar com você. Quando passarmos das nuvens, vamos ver nossa direção e então podemos sentar para bater um papo.

— Iorek, obrigada por ter vindo! — disse Lyra ao urso.

O urso grunhiu e se acomodou para lambe o sangue dos pelos. Seu peso fazia a cestinha ficar inclinada para um lado, mas isso não tinha a menor importância. Roger estava arisco, mas Iorek Byrnison não lhe deu mais atenção do que daria a um floco de neve. Lyra se contentou em ficar de pé agarrada à borda da cesta (que lhe batia embaixo do queixo), observando as nuvens com olhos arregalados.

Poucos segundos depois, o balão ultrapassou as nuvens e, ainda subindo rapidamente, ganhou os céus.

Que visão!

Diretamente acima deles, o balão enorme; acima e à frente flamejava a

Aurora Boreal, com mais brilho e grandiosidade do que ela jamais tinha visto. A Aurora estava em toda a volta, ou quase, e eles praticamente faziam parte dela. Grandes riscos incandescentes estremeciam e se repartiam como asas de anjos; cascatas de gloriosa luminosidade desciam de penhascos invisíveis para formar lagos turbilhonantes ou tombar como enormes cascatas.

Lyra ficou maravilhada; então olhou para baixo, e o que viu era ainda mais maravilhoso.

Até onde a vista alcançava, até o próprio horizonte em todas as direções, tudo era um mar ondulado de brancura. Picos suaves e abismos vaporosos se erguiam ou se abriam aqui e ali, mas no todo aquilo parecia uma massa sólida de gelo.

E dessa imensa brancura ela viu surgirem, sozinhas, aos pares ou em grupos maiores, pequenas sombras negras, aquelas figuras de tamanha elegância — as feiticeiras em seus galhos de pinheiro-nubígeno.

Voavam velozes, sem esforço, para cima e na direção do balão, se inclinando para os lados para direcionar o voo. E uma delas, a arqueira que tinha salvado Lyra da sra. Coulter, veio voar perto da cesta, e Lyra pôde vê-la com clareza pela primeira vez.

Era jovem — mais jovem que a sra. Coulter — e clara, de olhos verdes e brilhantes; usava, como todas as feiticeiras, faixas de seda negra, mas sem casaco, capuz ou luvas. Parecia não sentir frio. Levava na testa uma coroa simples de pequenas flores vermelhas. Ela cavalgava seu galho de pinheiro-nubígeno como se fosse um garanhão e parecia estar contendo-o a um metro de Lyra.

— Lyra?

— Sim! E você é Serafina Pekkala?

— Sou.

Lyra entendeu por que Farder Coram a amava e por que aquilo estava lhe despedaçando o coração, embora até um momento antes ela não soubesse essas coisas. Ele estava envelhecendo; era um velho enfraquecido, e ela ficaria jovem durante muitas gerações.

— Está com o leitor de símbolos? — perguntou a feiticeira em voz tão

parecida com o canto selvagem da própria Aurora Boreal que Lyra mal conseguia entender o sentido por causa da doçura do som.

— Estou, sim. Está no meu bolso, bem seguro.

Um forte rufar de asas anunciou a chegada do daemon-ganso cinzento, que logo estava deslizando ao lado dela. Ele disse alguma coisa e então se afastou para planar em um círculo largo em volta do balão — que ainda não tinha parado de subir.

— Os gípcios destruíram Bolvangar — contou Serafina Pekkala. — Mataram vinte e dois guardas e nove membros da equipe, e incendiaram tudo que ainda sobrava de pé. Vão arrasar completamente o lugar.

— E a sra. Coulter?

— Nenhum sinal dela.

— E as crianças? Recuperaram todas as crianças em segurança?

— Todas. Todas estão a salvo.

Ela soltou um grito estridente, e outras feiticeiras voaram na direção do balão.

— Sr. Scoresby, a corda, por favor — pediu ela.

— Madame, fico muito agradecido. Ainda estamos subindo. Acho que ainda vamos subir por algum tempo. Quantas vão precisar puxar para nos levar para o norte?

— Somos fortes — foi a única resposta dela.

Lee Scoresby estava prendendo uma corda forte ao anel de ferro coberto de couro que segurava as cordas que prendiam o balão, e de onde a própria cestinha estava suspensa. Depois de prendê-la com segurança, ele jogou a outra ponta para fora e imediatamente seis feiticeiras voaram até ela, agarraram a corda e começaram a puxar, dirigindo seus galhos de pinheiro-nubígeno no rumo da Estrela Polar.

Quando o balão começou a se mover naquela direção, Pantalaimon veio se empoleirar na borda da cesta como uma andorinha. O daemon de Roger chegou perto para olhar, mas logo voltou para baixo, pois Roger estava dormindo profundamente, assim como Iorek Byrnison. Só Lee Scoresby estava acordado, mascando calmamente um charuto fino e observando seus instrumentos.

— Então, Lyra, sabe por que está indo em busca de lorde Asriel? — perguntou Serafina Pekkala.

Lyra ficou atônita.

— Para levar o aletiómetro para ele, é claro! — respondeu. Nunca tinha pensado naquilo, era óbvio. Então recordou seu primeiro motivo, tão antigo que ela quase se esquecera dele.

— Ou... para ajudá-lo a fugir. É isso. Vamos ajudá-lo a sair de lá.

Mas, enquanto falava, achava isso absurdo. Fugir de Svalbard! Impossível!

— Pelo menos tentar — disse, corajosamente. — Por quê?

— Acho que preciso lhe contar umas coisas — disse Serafina Pekkala.

— Sobre o Pó? — foi a primeira coisa que Lyra quis saber.

— Sim, entre outras coisas. Mas agora você está cansada e vai ser uma viagem longa. Conversamos quando você acordar.

Lyra bocejou. Foi um bocejo de cair o queixo e explodir os pulmões, durando quase um minuto, ou pelo menos pareceu, e, por mais que tentasse, não conseguiu resistir ao ataque do sono. Serafina Pekkala estendeu a mão por cima da borda da cesta e tocou nos olhos dela; Lyra caiu no fundo da cesta enquanto Pantalaimon voou em direção a ela e, na forma de arminho, se acomodou em seu lugar de dormir: junto ao pescoço dela.

A feiticeira cavalgava seu galho em uma velocidade regular ao lado da cestinha, e assim viajaram para o norte, em direção a Svalbard.

TERCEIRA PARTE

SVALBARD

18. GELO E NEBLINA

Lee Scoresby colocou algumas mantas sobre Lyra. Ela ficou encolhida junto a Roger, e os dois dormiram enquanto o balão viajava rumo ao Polo Norte. De vez em quando, o aeróstata conferia seus instrumentos, mascava o charuto que não podia acender com o hidrogênio tão perto e se encolhia mais dentro de suas peles.

— Esta garotinha é bem importante, não é? — perguntou, depois de vários minutos.

— Mais do que ela saberá — respondeu Serafina Pekkala.

— Quer dizer que vamos ter muita perseguição armada? Entenda, estou falando como um homem prático, que tem que ganhar a vida. Não posso me dar ao luxo de ser preso ou morto sem alguma espécie de compensação combinada de antemão. Não estou tentando macular esta expedição, pode acreditar, madame. Mas John Faa e os gípcios me pagaram uma quantia suficiente para cobrir meu tempo, minhas habilidades e o desgaste do balão, e é só. Não incluía seguro contra atos de guerra. E pode ficar sabendo, madame, que quando desembarcarmos Iorek Byrnison em Svalbard, isso vai ser uma declaração de guerra. — Ele cuspiu um pedacinho do charuto para fora da cestinha. — Então eu gostaria de saber o que esperar em matéria de tumultos e confusões.

— Pode haver luta — admitiu Serafina Pekkala. — Mas o senhor já lutou antes.

— Claro, quando me pagaram. Mas o caso é que pensei que isso era um contrato normal de transporte, e foi assim que cobreí. Agora, depois de toda aquela confusão lá embaixo, estou pensando até onde vai a minha obrigação de fornecer transporte. Se sou obrigado a arriscar minha vida e meu equipamento em uma guerra com os ursos, por exemplo. Ou se essa garotinha tem em Svalbard inimigos tão mal-humorados quanto os de Bolvangar.

Menciono isso apenas como um assunto trivial em uma conversa.

A feiticeira respondeu:

— Sr. Scoresby, gostaria de poder responder à sua pergunta. Só posso dizer que todos nós, humanos, feiticeiras e ursos, já estamos em uma guerra, embora nem todos saibamos disso. Encontrando perigo em Svalbard ou saindo de lá sem um arranhão, o senhor está recrutado, é um soldado.

— Bom, isso é meio precipitado. Acho que a pessoa devia ter direito de escolher se quer lutar ou não.

— Nisso não temos mais escolha do que em nascer ou não nascer.

— Ah, mas gosto de escolher — insistiu ele. — Gosto de escolher os trabalhos que faço, os lugares a que vou, a comida que como e as pessoas com quem me sento para conversar. Não gostaria de poder escolher de vez em quando?

Serafina Pekkala pensou um pouco antes de responder.

— Talvez a palavra “escolher” tenha significados diferentes para nós dois, sr. Scoresby. As feiticeiras nada possuem, então não estamos interessadas em preservar valores ou ter lucro, e quanto a escolher entre uma coisa e outra, quando se vive por muitas centenas de anos, se aprende que toda oportunidade um dia vai voltar. Nós temos necessidades diferentes. O senhor precisa consertar seu balão e mantê-lo em boas condições, e isso toma tempo e trabalho, eu entendo; mas se nós queremos voar, tudo que precisamos fazer é cortar um galho de pinheiro-nubígeno; qualquer um serve, e ainda restam muitos. Não sentimos frio, então não precisamos de roupas quentes. Não temos moeda de troca a não ser a ajuda mútua; se uma feiticeira precisa de alguma coisa, outra feiticeira lhe dará. Se há uma guerra, não pensamos no custo como um dos fatores para decidir se é correto lutar nela, nem temos qualquer conceito de honra, como os ursos, por exemplo. Para um urso um insulto é uma ofensa mortal; para nós é só... inconcebível. Como é que se pode insultar uma feiticeira? E que importância teria se fizesse isso?

— Bom, até aí eu entendo. Se alguém me ataca fisicamente, eu revido, mas se alguém me xinga, não dou a mínima. Mas, madame, espero que entenda o meu dilema. Sou um simples aeróstata e gostaria de viver minha velhice com conforto. Comprar uma fazendinha, algumas cabeças de gado, uns cavalos...

Nada muito grandioso, como a senhora pode ver. Nada de palácio, escravos ou montes de ouro. Só o vento da noite nas árvores, um charuto e um copo de uísque. O problema é que isso custa dinheiro. Então faço meus voos em troca de dinheiro, e depois de cada trabalho eu mando algum ouro para o Banco Wells Fargo, e, quando tiver o suficiente, madame, vou vender este balão e comprar uma passagem em um vapor para Port Galveston, e nunca mais saio do chão.

— Há outra diferença entre nós, sr. Scoresby. Uma feiticeira prefere desistir de respirar a desistir de voar. Voar faz parte de nós.

— Entendo, madame, e tenho inveja da senhora, mas não tenho as suas fontes de satisfação. Para mim, voar é só um trabalho, e eu sou só um técnico. Podia muito bem estar regulando válvulas em um motor a gás ou montando circuitos ambáricos. Mas escolhi isso, sabe? Foi uma escolha minha. E é por isso que acho meio chata essa ideia de uma guerra da qual ninguém havia me informado.

— A briga de Iorek Byrnison com o rei também faz parte de tudo isso — disse a feiticeira. — Esta menina está destinada a ter um papel nisso também.

— A senhora fala do destino como se fosse uma coisa definida, e não sei se gosto disso mais do que gosto de uma guerra em que me alistaram sem eu saber. Onde é que está meu livre-arbítrio, quer me dizer? — argumentou ele. — Esta criança parece que tem mais livre-arbítrio do que qualquer pessoa que já conheci. Está querendo me dizer que ela é uma espécie de brinquedo de corda fazendo um papel que ela própria não pode mudar?

— Todos nós somos sujeitos aos fados, mas temos que fingir que não somos, ou morreríamos de desespero — disse a feiticeira. — Existe uma profecia curiosa sobre esta menina: ela está destinada a provocar o fim do destino. Mas tem que fazer isso sem saber o que está fazendo, como se fosse por sua própria natureza, como se não fosse predestinado. Se souber o que tem que fazer, tudo fracassará; a morte vai varrer todos os mundos, e o desespero triunfará para sempre. Os universos vão se tornar apenas máquinas interligadas, cegas e vazias de pensamentos, de sentimentos, de vida...

Os dois olharam para Lyra, cujo rosto adormecido (o pouco que conseguiam enxergar dentro do capuz) mostrava uma expressão obstinada, a

testa franzida.

— Acho que parte dela sabe disso — comentou o aeróstata. — De qualquer maneira, ela parece preparada. E o garoto? Sabe que ela veio até aqui para salvar o garoto daqueles bandidos? Eram amigos em Oxford ou coisa assim. Sabia disso?

— Sabia. Lyra está carregando uma coisa de imenso valor, e parece que os fados a estão usando como mensageira para levar esse objeto ao seu pai. Então ela veio até aqui para encontrar o amigo, sem saber que ele foi trazido para o norte pelo destino para que Lyra pudesse vir até aqui entregar uma coisa para seu pai.

— É assim que a senhora vê as coisas, é?

Pela primeira vez, a feiticeira pareceu insegura.

— É o que parece... mas não podemos ler a escuridão, sr. Scoresby. É mais que possível que eu esteja errada.

— E o que foi que botou a *senhora* nisso, se é que posso perguntar?

— O que quer que eles estivessem fazendo em Bolvangar, nossos corações nos diziam que era errado. Lyra é inimiga deles, então somos amigos dela. Não conseguimos enxergar mais que isso. E também a amizade do meu clã pelo povo gípcio, desde que Farder Coram salvou minha vida. Estamos fazendo isso a pedido deles. E eles têm laços de obrigação para com lorde Asriel.

— Entendo. Então vão rebocar o balão até Svalbard por amizade aos gípcios; essa amizade vai nos levar de volta também? Ou vou ter que esperar um vento bom e, enquanto isso, depender da indulgência dos ursos? Mais uma vez, madame, quero dizer que estou perguntando só para passar o tempo.

— Se pudermos ajudar o senhor a voltar para Trollesund, sr. Scoresby, faremos isso. Mas não sabemos o que vamos encontrar em Svalbard. O novo rei dos ursos mudou muitas coisas; os velhos hábitos caíram em desuso; pode ser uma aterrissagem difícil. E não sei como Lyra vai conseguir chegar até o pai. Nem sei o que Iorek Byrnison pretende fazer, só sei que o destino dele está ligado ao dela.

— Também não sei, madame. Acho que ele se ligou à garotinha como uma espécie de protetor. Ela o ajudou a recuperar sua armadura, entende? Quem é

que sabe o que os ursos sentem? Mas se um urso algum dia amou um ser humano, ele ama essa menina. Quanto a pousar em Svalbard, isso nunca foi fácil. Mas, se eu puder contar com vocês para um empurrãozinho na direção certa, vou me sentir mais tranquilo; e se puder retribuir de algum modo, é só dizer. Mas, só por curiosidade, pode me dizer de que lado eu estou nesta guerra invisível?

— Nós dois estamos do lado de Lyra.

— Ah, quanto a isso não há dúvida.

A viagem prosseguiu. As nuvens impediam que se soubesse a velocidade em que iam. Normalmente o balão ficava imóvel em relação ao vento, se movendo na velocidade com que o ar se movia; mas agora, puxado pelas feiticeiras, o balão se movia através do ar, e não com ele, e resistia ao movimento, pois sua forma redonda não tinha a aerodinâmica de um zepelim. Como resultado, a cestinha balançava de um lado para outro, muito mais do que em um voo normal.

Lee Scoresby não estava preocupado com seu conforto, e sim com seus instrumentos, e passou algum tempo se certificando de que eles estavam bem presos. Segundo o altímetro, estavam a quase dez mil pés de altura. A temperatura era de vinte graus negativos. Ele já lidara com temperaturas piores, mas não muito, e não queria sentir mais frio agora; então, desenrolou a lona que usava como barraca de emergência e a estendeu diante das crianças adormecidas, para desviar o vento, antes de se deitar com as costas apoiadas nas de seu velho companheiro de batalha, Iorek Byrnison, e adormecer.

Quando Lyra acordou, a lua estava alta no céu, e tudo em volta reluzia em luz prateada, desde a superfície das nuvens lá embaixo até os pingentes de gelo nas cordas do balão.

Roger dormia, assim como Lee Scoresby e o urso. Ao lado da cesta, porém, a feiticeira-rainha voava serenamente.

— Quanto tempo falta para chegarmos a Svalbard? — perguntou Lyra.

— Se não encontrarmos vento, estaremos acima de Svalbard daqui a umas

doze horas.

— Onde é que vamos pousar?

— Depende das condições do tempo. Vamos tentar evitar os rochedos. Lá vivem criaturas que atacam qualquer coisa que se move. Se pudermos, vamos deixar vocês no interior, longe do palácio de Iofur Raknison.

— O que vai acontecer quando eu encontrar lorde Asriel? Ele vai querer voltar para Oxford? Também não sei se devo contar a ele que eu sei que ele é meu pai. Ele pode querer fingir que ainda é meu tio. Nem conheço ele direito.

— Ele não vai querer voltar para Oxford, Lyra. Parece que há uma coisa a ser feita em outro mundo, e lorde Asriel é o único que consegue atravessar o abismo entre esse mundo e o nosso. Mas ele precisa de ajuda para fazer isso.

— O aletíômetro! — exclamou Lyra. — Quando o reitor da Jordan me deu o aletíômetro, achei que ele queria dizer alguma coisa sobre lorde Asriel, mas não teve chance. Eu sabia que ele não queria envenenar lorde Asriel *de verdade*. Ele vai ler o aletíômetro para ver como fazer a ponte? Aposto que eu podia ajudar. Com certeza, agora consigo ler os símbolos tão bem quanto qualquer pessoa.

— Não sei — respondeu Serafina Pekkala. — Não sabemos como ele vai fazer isso, e qual será a tarefa dele. Há poderes que falam conosco e poderes acima deles; e há segredos até para os mais elevados.

— O aletíômetro me diria! Eu podia ler agora...

Mas estava frio demais; ela não conseguiria segurá-lo. Enrolou-se nas peles e puxou bem o capuz contra o vento frio, deixando apenas uma fenda para enxergar. Bem à frente e um pouco abaixo deles, a corda comprida presa ao anel do balão era puxada por seis ou sete feiticeiras sentadas em seus galhos de pinheiro-nubígeno. As estrelas tinham o brilho frio dos diamantes.

— Não está com frio, Serafina Pekkala?

— Nós sentimos frio, mas não ligamos para ele, porque não podemos ficar doentes. E se nos agasalharmos contra o frio não sentiremos outras coisas, como a sensação do brilho das estrelas, ou a música da Aurora Boreal, ou, acima de tudo, a sensação sedosa do luar em nossa pele. Vale a pena sentir frio.

— Eu conseguiria ter essas sensações?

— Não. Você morreria se tirasse os agasalhos. Fique bem agasalhada.

— Quanto tempo vivem as feiticeiras, Serafina Pekkala? Farder Coram diz que são centenas de anos. Mas você não parece velha.

— Tenho mais de trezentos anos. Nossa feiticeira-mãe mais idosa tem quase mil anos. Um dia Yambe-Akka virá buscá-la. Um dia ela virá me buscar também. É a deusa dos mortos. Ela vem sorrindo, com muita bondade, e a gente fica sabendo que está na hora de morrer.

— Existem feiticeiros também, ou só feiticeiras?

— Existem homens que nos servem, como o cônsul em Trollesund. E existem homens que tomamos como amantes ou maridos. Você é muito novinha, Lyra, jovem demais para entender, mas vou lhe dizer assim mesmo e mais tarde você vai compreender: os homens passam diante de nossos olhos como borboletas, criaturas que duram apenas uma estação. Nós os amamos; eles são corajosos, orgulhosos, belos, inteligentes; e morrem quase de repente. Eles morrem tão depressa que nosso coração fica constantemente cheio de dor. Damos à luz os filhos deles, que serão feiticeiras se forem mulheres, e humanos, se forem homens; e então, em um piscar de olhos, eles já partiram, caíram, morreram, se perderam. Nossos filhos também. Quando um menino está crescendo, ele acha que é imortal. A mãe dele sabe que ele não é. Cada vez fica mais doloroso, até que finalmente a gente fica com o coração partido. Talvez seja nesse momento que Yambe-Akka vem nos buscar. Ela é mais antiga que a tundra. Talvez para ela a vida de uma feiticeira seja tão curta quanto a dos homens é para nós.

— A senhora amava Farder Coram?

— Sim. Ele sabe disso?

— Não sei, mas sei que ele ama a senhora.

— Quando ele me salvou, era jovem, forte, cheio de orgulho e beleza. Eu me apaixonei na mesma hora. Eu teria mudado minha natureza, teria renunciado à sensação das estrelas e à música da Aurora; nunca mais teria voado. Eu teria renunciado a tudo em um instante, sem hesitar, para ser uma esposa gípcia e morar em um barco, cozinhar para ele, compartilhar seu leito e ter seus filhos. Mas não se pode mudar o que a gente é, só o que a gente faz. Eu sou uma feiticeira; ele é humano. Fiquei com ele tempo suficiente para ter

um filho...

— Ele nunca me contou isso! É uma menina? Uma feiticeira?

— Não. Um menino, e ele morreu na grande epidemia de quarenta anos atrás, a doença que veio do Oriente. Pobre criança, ela entrou e saiu desta vida como uma faísca. E isso dilacerou meu coração, como sempre acontece. E o de Coram também. E então veio o chamado para que eu voltasse para o meu próprio povo, porque Yambe-Akka tinha levado minha mãe, portanto, eu era a nova rainha do clã. Então parti, como era meu dever.

— Nunca mais viu Farder Coram?

— Nunca. Ouvi falar das façanhas dele; soube que foi ferido pelos esclaelingues com uma flecha envenenada e mandei ervas e encantos para ajudar na cura, mas não estava suficientemente forte para ir visitá-lo. Soube que depois disso ele ficou muito enfraquecido, e sua sabedoria cresceu, ele leu e estudou muito. Fiquei muito orgulhosa dele, mas me mantive afastada, pois era uma época de perigos para o meu clã, com ameaças de guerra entre as feiticeiras, e, além disso, achei que ele iria me esquecer e arranjar uma esposa humana...

— Ele nunca faria isso — retrucou Lyra. — A senhora devia ir até ele. Ele ainda ama a senhora, eu tenho certeza.

— Mas ele ficaria envergonhado pela sua idade, e eu não quero que ele se sinta assim.

— Talvez seja verdade. Mas devia pelo menos mandar um recado. É o que eu acho.

Serafina Pekkala ficou um longo tempo sem dizer coisa alguma. Pantalaimon se transformou em uma andorinha e voou até o galho dela por um segundo, reconhecendo que talvez eles tivessem sido insolentes.

Lyra perguntou então:

— Por que as pessoas têm daemons, Serafina Pekkala?

— Todo mundo pergunta isso, e ninguém sabe a resposta. Desde que os seres humanos existem, os daemons existem também. É o que nos torna diferentes dos animais.

— É! Somos mesmo diferentes deles... Como os ursos. Eles são estranhos, não são? Parecem uma pessoa, e de repente fazem uma coisa tão estranha ou

tão selvagem que a gente acha que nunca vai conseguir entender um urso... Mas sabe o que Iorek me disse? Ele disse que a armadura era para ele o que um daemon é para uma pessoa. Ele disse que é a alma dele. Mas nisso também somos diferentes, porque ele mesmo fez a sua armadura. Tiraram a primeira armadura dele quando ele foi para o exílio, ele encontrou um pouco de ferro-celeste e fez uma nova. É como fazer uma nova alma. Nós não podemos fazer nossos daemons. Então as pessoas em Trollesund fizeram ele ficar bêbado e roubaram a armadura, eu descobri onde estava, e ele pegou de volta... Mas eu queria saber por que ele está voltando para Svalbard. Vão atacar ele. Podem até matar... Eu adoro o Iorek. Gosto tanto dele que queria que ele não tivesse vindo.

— Ele lhe contou quem é?

— Só seu nome. E isso foi o cônsul em Trollesund quem nos contou.

— Ele é nobre. É um príncipe. Aliás, ele seria agora o rei dos ursos se não tivesse cometido um grande crime.

— Ele me disse que o rei se chama Iofur Raknison.

— Iofur Raknison se tornou rei quando Iorek Byrnison foi exilado. É claro que Iofur também é um príncipe, senão não poderia governar. Mas ele tem a esperteza dos humanos; faz alianças e tratados. Ele não vive como os ursos em fortalezas de gelo, e sim em um palácio; fala em trocar embaixadores com nações humanas e explorar as minas de fogo com ajuda de engenheiros humanos... Ele é muito habilidoso e sutil. Dizem alguns que ele levou Iorek ao ato que o condenou ao exílio, e outros dizem que, mesmo que isso não seja verdade, ele encoraja que pensem que é, pois isso aumenta sua reputação de esperteza e sutileza.

— Afinal, que *foi* que Iorek fez? Sabe, uma das razões de amar Iorek é o meu pai, pelo fato de ele estar sendo punido por alguma coisa que ele fez. Acho que os dois são parecidos. Iorek me contou que matou outro urso, mas nunca disse como foi.

— A luta foi por uma ursa. O macho que Iorek matou não queria mostrar os sinais de rendição, mesmo estando claro que Iorek era mais forte. Apesar de todo o seu orgulho, os ursos nunca deixam de reconhecer a superioridade de outro urso e se render a ela, mas, por um motivo qualquer, esse urso não

fez isso. Tem gente que diz que Iofur Ragnison influenciou a mente dele, ou então lhe deu ervas embriagantes para comer. De qualquer maneira, o urso jovem insistiu, e Iorek Byrnison permitiu que seu temperamento o dominasse. O caso não foi difícil de julgar, pois ele podia ferir, mas não matar.

— Quer dizer que se não fosse isso ele seria o rei... — disse Lyra. — Eu ouvi o catedrático de palmeriano na Jordan falar alguma coisa sobre ter conhecido Iofur Ragnison, porque ele tinha estado no norte. Ele falou... Eu queria tanto lembrar... Acho que ele tomou o poder por meio de um golpe, ou coisa assim... Mas, sabe, Iorek me disse uma vez que não se consegue enganar um urso e me provou que eu não conseguia enganar ele. Parece que os dois foram enganados, ele e o outro urso. Talvez só os ursos consigam enganar um urso, talvez as pessoas não consigam. A não ser... Aquela gente em Trollesund, aquelas pessoas enganaram ele, não foi? Quando deixaram ele bêbado e roubaram sua armadura?

— Quando os ursos agem como gente, talvez possam ser enganados — disse Serafina Pekkala. — Quando agem como ursos, talvez não possam. Normalmente um urso não beberia álcool; Iorek Byrnison bebeu para esquecer a vergonha do exílio, e foi só isso que permitiu que as pessoas em Trollesund o enganassem.

— É verdade — concordou Lyra. Achava que era isso mesmo. Admirava Iorek de todo coração e ficou feliz com a confirmação da nobreza dele. — A senhora foi muito inteligente. Eu jamais saberia disso se a senhora não tivesse me contado. Acho que deve ser mais inteligente do que a sra. Coulter.

A viagem continuava. Lyra mascou um pouco de carne de foca que encontrou no bolso. Depois de algum tempo, perguntou:

— Serafina Pekkala, o que é o Pó? Porque acho que toda essa confusão é por causa do Pó, só que ninguém me diz o que é isso.

— Eu não sei — afirmou Serafina Pekkala. — As feiticeiras nunca se preocuparam com o Pó. Só posso lhe dizer que, onde há padres, há medo do Pó. A sra. Coulter não é um padre, naturalmente, mas é uma poderosa agente do Magisterium e foi ela quem criou o Conselho de Obleação e convenceu a Igreja a financiar Bolvangar, por causa do interesse dela no Pó. Não

conseguimos entender os sentimentos dela. Mas há muitas coisas que nunca conseguimos entender. Vemos os tártaros fazendo buracos no crânio e ficamos curiosas, achamos estranho. Então esse Pó deve ser uma coisa estranha. Ficamos curiosas, mas não nos preocupamos nem cortamos coisas para descobrir o que é. Deixamos isso nas mãos da Igreja.

— A Igreja? — ecoou Lyra.

Ela se lembrou de conversar com Pantalaimon nos Pântanos sobre o que podia estar movendo o ponteiro do aletíômetro, e eles tinham pensado na ventoinha no altar principal da Faculdade Gabriel, e em como as partículas elementares empurravam as pequenas hélices. O intercessor tinha sido bem claro sobre a ligação entre as partículas elementares e a religião.

— Pode ser... Afinal, a maioria das coisas da Igreja é mantida em segredo — disse. — Mas a maioria das coisas da Igreja é velha, e o Pó não é velho, pelo que sei. Será que lorde Asriel vai poder me explicar...?

Lyra tornou a bocejar.

— Acho melhor me deitar, senão vou congelar — disse a Serafina Pekkala. — Senti bastante frio lá no chão, mas nunca tanto frio assim. Acho que com um pouco mais eu morreria.

— Então deite e se enrole nas mantas.

— É, vou fazer isso. Se eu tivesse que morrer, ia preferir morrer aqui em cima do que lá embaixo. Quando nos botaram debaixo daquela coisa de cortar, achei que estava na hora... Nós dois achamos... Ah, aquilo foi muito cruel. Mas agora vamos dormir. Nos acorde quando chegarmos.

E se deitou na pilha de mantas, desajeitada e dolorida em todas as partes do corpo com a intensidade profunda do frio, o mais perto que pôde do adormecido Roger.

E assim os quatro viajantes seguiram caminho, dormindo no balão salpicado de gelo, rumo às rochas e geleiras, às minas de fogo e às fortalezas de gelo de Svalbard.

Serafina Pekkala chamou o aeróstata, que acordou de imediato, dormente de frio, mas sabendo, pelo movimento da cesta, que alguma coisa estava errada:

ela balançava de um lado para outro, sacudida pelos ventos fortes que açoitavam o balão, e as feiticeiras que puxavam a corda mal conseguiam controlá-lo. Se soltassem a corda, o balão seria arrastado, e a julgar pela bússola ele seria levado na direção de Nova Zembla a quase cento e cinquenta quilômetros por hora.

— Onde é que nós estamos? — gritou ele.

Lyra ouviu a pergunta. Estava semidesperta, com um pouco de medo por causa do movimento e com tanto frio que seu corpo inteiro estava dormente.

Não conseguiu entender a resposta da feiticeira, mas pela fenda no capuz ela viu, à luz de uma lanterna ambárica, Lee Scoresby se agarrar a um cabo e puxar uma corda que subia e entrava no próprio balão. Ele deu um puxão forte e levantou o olhar para a escuridão, antes de enrolar a corda em uma ranhura do anel de suspensão.

— Estou tirando um pouco do gás — explicou ele para Serafina Pekkala. — Vamos descer. Estamos alto demais!

A feiticeira gritou alguma coisa em resposta, mas Lyra novamente não conseguiu entender. Roger também estava acordando; os estalos da cesta eram suficientes para acordar qualquer um, isso sem falar nos solavancos. O daemon de Roger e Pantalaimon estavam agarrados um ao outro em forma de sagui, e Lyra se concentrou em ficar deitada, imóvel, controlando o medo.

— Tudo bem — disse Roger, parecendo muito mais animado que ela. — Assim que a gente descer vamos fazer uma fogueira para nos aquecer. Tenho uns fósforos no bolso. Roubei da cozinha em Bolvangar.

O balão estava mesmo descendo, pois um segundo depois eles foram envolvidos por uma nuvem espessa e congelante; pedacinhos de gelo caíam na cesta, e de repente tudo ficou escuro. Era como a névoa mais densa que Lyra já havia visto. Depois de um instante, ouviram outro grito de Serafina Pekkala, e o aeróstata desenrolou a corda e a soltou. A corda subiu rapidamente, e mesmo com todo o barulho da cesta e do vento Lyra ouviu, ou sentiu, um som alto vindo de algum lugar acima dela.

Lee Scoresby a viu arregalar os olhos.

— É a válvula do gás — explicou. — Funciona com uma mola e prende o gás lá dentro. Quando eu puxo para baixo, o gás escapa por cima, e a gente

desce.

— Já estamos...

Ela não terminou, pois uma coisa horrível aconteceu: uma criatura com metade do tamanho de um homem e com asas de couro e garras recurvadas estava rastejando pela lateral da cestinha na direção de Lee Scoresby. A coisa tinha a cabeça chata, olhos esbugalhados e uma enorme boca de sapo, de onde saíam lufadas de um fedor insuportável. Lyra não teve tempo nem de gritar antes que Iorek Byrnison levantasse a pata e jogasse a coisa longe; ela caiu para fora da cesta e desapareceu com um guincho.

— Espectros-dos-penhascos — resmungou Iorek Byrnison.

No momento seguinte, Serafina Pekkala apareceu e, agarrada à lateral da cesta, falou em tom urgente:

— Os espectros-dos-penhascos estão nos atacando. Vamos pousar o balão, e então teremos que nos defender. Eles estão...

Mas Lyra não ouviu o resto do que foi dito, porque houve um som de coisa sendo rasgada e tudo virou de lado. Então um golpe terrível arremessou os três humanos contra a lateral do balão onde a armadura de Iorek Byrnison estava empilhada. Iorek estendeu a pata para segurá-los, por causa dos solavancos da cesta. Serafina Pekkala desaparecera. O barulho era assustador: acima de qualquer outro som, vinham os guinchos dos espectros-dos-penhascos, e Lyra os via passar e sentia seu cheiro terrível.

Então ocorreu outro solavanco, tão repentino que jogou todos no chão outra vez, e a cesta começou a cair com uma velocidade apavorante, girando todo o tempo. Parecia que tinham se soltado do balão e estavam em queda livre; então aconteceu outra série de solavancos e batidas, a cesta sendo jogada rapidamente de um lado para outro como se estivesse rebatendo entre paredes de pedra.

A última coisa que Lyra viu foi Lee Scoresby atirando com sua pistola de cano longo diretamente na cara de um espectro-dos-penhascos; então ela fechou os olhos com força e se agarrou ao pelo de Iorek com muito medo. Uivos, guinchos, o açoite e o assobio do vento, os estalos da cesta parecendo um animal torturado, tudo isso enchia o ar com um barulho terrível.

Então aconteceu o maior solavanco de todos, que a jogou para fora da

cesta. Todo o ar de seus pulmões foi expulso quando ela aterrissou tão embolada que não sabia onde era em cima e onde era embaixo; e seu rosto, dentro do capuz bem puxado, estava cheio de cristais secos e frios...

Era neve; ela havia caído em uma área de neve fofa. Estava tão atordoada que mal conseguia pensar. Ficou imóvel por alguns segundos antes de cuspir a neve da boca, sem forças, e então, com a mesma falta de energia, soprou até formar um pequeno espaço para respirar.

Nada parecia estar doendo muito; ela se sentia apenas sem fôlego. Com cuidado, tentou mexer mãos, pés, braços, pernas, e erguer a cabeça.

Enxergava muito pouco, pois seu capuz ainda estava cheio de neve. Com esforço, como se cada uma de suas mãos pesasse uma tonelada, ela limpou a neve e olhou para fora. Viu um mundo cinzento — cinza-claro, cinza-escuro e preto —, onde lufadas de névoa vagavam como fantasmas.

Os únicos sons eram os guinchos distantes dos espectros-dos-penhascos bem acima e o estrondo de ondas batendo em rochedos a distância.

— Iorek! — gritou ela com voz fraca e trêmula, e tentou novamente, mas ninguém respondeu. — Roger! — chamou, com o mesmo resultado.

Parecia que estava sozinha no mundo, mas isso naturalmente ela nunca estava, e Pantalaimon veio surgindo de dentro do agasalho como um rato para lhe fazer companhia.

— Verifiquei o aletômetro, e ele está inteiro — disse Pan.

— Estamos perdidos, Pan! — exclamou ela. — Viu aqueles espectros-dos-penhascos? E o sr. Scoresby atirando neles? Deus nos ajude se eles descerem aqui...

— É melhor tentarmos encontrar a cesta.

— É melhor não gritarmos. Fiz isso há pouco, mas é melhor não, para eles não ouvirem. Queria saber onde estamos.

— Podemos não gostar de saber — observou o daemon. — Podemos estar no fundo de um abismo sem caminho para cima, e com os espectros-dos-penhascos lá no alto para nos caçarem quando a névoa dissipar.

Ela tateou em volta, depois de descansar por vários minutos mais, e descobriu que aterrissara em uma fenda entre dois rochedos cobertos de gelo. A névoa congelante encobria tudo; de um lado havia o barulho das ondas a

uns cinquenta metros, julgando pelo som, e de cima ainda vinham os guinchos dos espectros-dos-penhascos, embora parecessem estar diminuindo um pouco. Ela não enxergava mais do que dois ou três metros, e até mesmo os olhos de coruja de Pantalaimon eram inúteis.

Com dificuldade, escorregando e deslizando pelas pedras ásperas, ela se afastou do barulho das ondas e subiu um pouco a praia, encontrando apenas rochas e neve, e nenhum sinal do balão ou de algum de seus ocupantes.

— Não pode ter *todo mundo* desaparecido — sussurrou ela.

Pantalaimon, em forma de gato, andava um pouco à frente dela e encontrou quatro sacos de areia arrebatados, o conteúdo espalhado e já congelando.

— Lastro — informou Lyra. — Ele deve ter jogado fora para poder ganhar altitude...

Ela engoliu em seco para limpar o nó na garganta, ou o medo em seu peito, ou ambos.

— Ah, meu Deus, estou morrendo de medo — confessou. — Espero que todos estejam bem.

Pantalaimon então veio para os braços dela e em forma de rato se esgueirou para dentro do seu capuz, onde ficaria escondido. Ela ouviu um ruído, alguma coisa arranhando a pedra, e se virou para ver o que era.

— Ior...!

Mas não chegou a completar o nome dele, pois não se tratava de Iorek Byrnison. Era um urso desconhecido, usando uma armadura polida e coberta de orvalho congelado, com uma pluma no elmo.

Ele ficou imóvel a uns dois metros de distância, e ela pensou que estava realmente perdida.

O urso abriu a boca e rugiu. Dos rochedos veio um eco que fez aumentar o ruído dos guinchos no céu. Outro urso surgiu da névoa, e mais outro. Lyra ficou imóvel, apertando seus pequenos punhos humanos.

Os ursos não se moveram até o primeiro deles falar:

— Seu nome?

— Lyra.

— De onde você vem?

— Do céu.

— Em um balão?

— Sim.

— Venha conosco. Você é nossa prisioneira. Agora, mexa-se. Depressa.

Exausta e apavorada, Lyra começou a caminhar, aos tropeções, pelas pedras ásperas e escorregadias, seguindo o urso e se perguntando se a sua esperteza conseguiria livrá-la daquela situação.

19. O CATIVEIRO

Os ursos levaram Lyra por uma trilha que subia até o topo do penhasco, onde a neblina era ainda mais espessa que na praia. Os guinchos dos espectros-dos-penhascos e o barulho das ondas ficavam mais fracos à medida que ela subia, e finalmente o único som era o incessante piar dos pássaros marítimos. Subiram em silêncio, vencendo rochedos e geleiras, e embora Lyra não deixasse de examinar, de olhos arregalados, a neblina cinza que os envolvia, e forçasse os ouvidos tentando escutar o ruído da chegada de seus amigos, ela parecia ser o único ser humano em Svalbard, e Iorek poderia muito bem estar morto.

O urso-líder não falou com ela até chegarem a um terreno plano. Ali ele ordenou que todos parassem. Pelo som das ondas, Lyra calculou que tinham chegado ao topo do penhasco e não ousou sair correndo para não cair no precipício.

— Olhe para cima — disse o urso, no momento em que uma brisa afastava a pesada cortina de névoa.

De qualquer maneira, a luz do dia era pouca, mas Lyra olhou assim mesmo, e se viu diante de uma enorme construção de pedra. Era tão alta quanto a parte mais alta da Faculdade Jordan, porém muito mais compacta, e toda entalhada com cenas de batalhas mostrando os ursos vitoriosos e os esraelingues se rendendo, tártaros acorrentados trabalhando como escravos nas minas de fogo, zepelins chegando de todas as partes do mundo trazendo presentes e tributos ao rei dos ursos, Iofur Raknison.

Pelo menos foi o que o urso-líder disse que os entalhes representavam; ela própria não conseguia ver essas coisas, pois cada protuberância e reentrância da fachada ornamentada era ocupada por mergulhões e gaivotas rapineiras que piavam, gritavam e vojavam constantemente em círculos, e cujas fezes tinham coberto todo o prédio com espessas manchas de um branco-

amarelado.

Os ursos pareciam não ver a sujeira; obrigaram Lyra a atravessar o enorme arco, pisando no chão congelado, imundo com as fezes dos pássaros. Havia um pátio, escadarias e vários portões, e em cada um deles havia ursos de armadura que exigiam a senha para lhes dar passagem. Suas armaduras eram claras e brilhantes, e todos usavam plumas nos elmos. Lyra não conseguia deixar de comparar cada urso que via com Iorek Byrnison, e ele sempre ganhava; era mais forte, mais gracioso, e sua armadura era um instrumento de batalha de verdade, com cor de ferrugem, manchas de sangue e marcas de luta, e não uma armadura de enfeite, elegante e polida como a maioria das que ela estava vendo agora.

À medida que penetravam no prédio, a temperatura aumentava, e outra coisa também aumentava: o cheiro no palácio de Iofur era insuportável — gordura de foca rançosa, sangue, dejetos de todo tipo. Lyra tirou o capuz para sentir menos calor, mas não conseguiu deixar de torcer o nariz; esperava que os ursos não entendessem as expressões do rosto humano. A cada poucos metros, havia alças de ferro prendendo lamparinas a gordura de peixe, e naquela luz fraca nem sempre era fácil enxergar onde ela estava pisando.

Por fim, pararam diante de uma pesada porta de ferro. Um urso-guarda puxou a enorme tranca, e o líder de repente virou a cabeça, empurrando Lyra pelas costas, e ela foi jogada porta adentro. Antes que conseguisse ficar de pé, ouviu a porta sendo trancada atrás de si.

A escuridão era total, mas Pantalaimon virou um vaga-lume e lançou um brilho minúsculo em volta deles. Estavam em uma cela estreita com paredes úmidas e cuja única mobília era um banco de pedra; no canto mais distante, havia uma pilha de trapos que ela imaginou ser a cama. Isso era tudo que conseguia ver.

Lyra se sentou, com Pantalaimon no ombro, e tateou nas roupas em busca do aletômetro.

— Ele tem levado muita pancada, Pan. Espero que ainda funcione — cochichou.

Pantalaimon voou para o pulso dela e ficou ali brilhando enquanto Lyra preparava a mente. Parte dos seus pensamentos achava incrível que ela

pudesse estar em perigo e mesmo assim mergulhar na calma necessária para ler o aletímetro; mas aquilo agora fazia parte dela de tal maneira que as perguntas mais complicadas se destacavam com seus símbolos com a mesma naturalidade com que seus músculos moviam seus braços; mal precisava pensar.

Ela moveu os ponteiros e pensou:

Onde está Iorek?

A resposta foi imediata: “A um dia de distância, levado pelo balão depois da queda; mas está vindo depressa”.

E Roger?

“Com Iorek.”

O que Iorek Byrnison vai fazer?

“Ele pretende invadir o palácio e libertar você, apesar de todas as dificuldades.”

Ela guardou o aletímetro, ainda mais ansiosa que antes.

— Eles não vão permitir, não é mesmo? São muitos. Eu queria ser uma feiticeira, Pan, aí você poderia ir até ele, levar e trazer recados, e a gente poderia fazer um bom plano...

Então ela levou o maior susto de sua vida quando uma voz masculina perguntou, a poucos passos dela:

— Quem é você?

Ela deu um salto e soltou um grito de medo. Pantalaimon imediatamente virou morcego, guinchando, e voou em volta da cabeça dela enquanto Lyra recuava até a parede.

— Hein? Quem está aí? — insistiu o homem. — Responda!

— Vire vaga-lume de novo, Pan. Mas não chegue perto demais — pediu ela, com voz trêmula.

O pontinho de luz dançou pelo ar e voejou em volta da cabeça do homem. Afinal, não era uma pilha de trapos: era um homem de barba grisalha acorrentado à parede, com olhos que cintilavam à luz de Pantalaimon e cabelos sujos que lhe chegavam aos ombros. Seu daemon, uma serpente de aparência exausta, estava deitado no colo dele e ocasionalmente lançava a língua para Pantalaimon.

— Qual é o seu nome? — perguntou Lyra.

— Jotham Santelia. Sou professor *Regius* de cosmologia na Universidade de Gloucester. Quem é você?

— Lyra Belacqua. Por que está preso?

— Maldade e inveja... De onde você vem? Hein?

— Da Faculdade Jordan.

— O quê? De Oxford?

— É.

— Aquele safado do Trelawney ainda está lá? É?

— O catedrático de palmeriano? Está sim.

— Ah, é? Hein? Deviam ter forçado a demissão dele há muito tempo. Plagiador desleal! Maldito!

Lyra emitiu um som neutro.

— Ele já publicou o trabalho sobre os fótons de raios gama? — perguntou o professor, erguendo o rosto para Lyra.

Ela recuou.

— Não sei. — Então, por puro hábito, começou a inventar. — Não, agora me lembro. Ele disse que ainda precisava verificar alguns cálculos. E... disse que ia escrever sobre o Pó também. É isso.

— Safado! Ladrão! Traidor! Vigarista! — bradou o velho.

Ele tremia com tanta violência que Lyra achou que o homem ia ter um ataque. Seu daemon deslizou lentamente do colo do professor, que dava murros nas pernas, cuspidando uma chuva de saliva.

— É, eu sempre achei que ele era ladrão. E vigarista, e tudo mais — disse Lyra.

Se era improvável que surgisse em sua cela uma garotinha que conhecia o homem que era a sua obsessão, o professor *Regius* não percebeu. Ele *estava* mesmo louco — o que não era de estranhar, coitado; mas podia ter alguma informação útil para Lyra.

Ela se sentou ao lado dele cautelosamente, não suficientemente perto para que ele a tocasse, mas o bastante para que a minúscula luz de Pantalaimon o iluminasse claramente.

— Uma coisa que o professor Trelawney dizia para se gabar era que

conhecia muito bem o rei dos ursos...

— Para se gabar? É? Ele é mesmo um metido! Um fanfarrão! E um preguiçoso! Nem uma única linha de pesquisa ele fez! Foi tudo pirateado de homens melhores que ele!

— É, tem razão — disse Lyra em tom veemente. — E quando ele *faz* alguma pesquisa, faz tudo errado.

— Sim! Sim! Perfeitamente! Não tem talento nem imaginação, é uma fraude do princípio ao fim!

— Por exemplo, aposto que o senhor sabe mais que ele sobre os ursos — sugeriu Lyra.

— Ursos! Rá! Eu poderia escrever um tratado sobre eles! Foi por isso que me prenderam, sabia?

— Por quê?

— Porque sei demais, e não ousam me matar. Não têm coragem, por mais que tenham vontade. Eu sei, entende? Tenho amigos. Sim, amigos poderosos!

— É, e aposto que o senhor é um professor maravilhoso, tendo tanto conhecimento e com tanta experiência de ensinar...

Mesmo nas profundezas da sua loucura ainda brilhava uma centelha de bom senso, então ele olhou para a menina com atenção, quase como se suspeitasse de sarcasmo por parte dela. Mas ela havia passado a vida inteira lidando com professores idosos e desconfiados e retribuiu o olhar dele com um olhar de admiração que o convenceu e acalmou.

— Professor... — disse ele. — Ensinar... É, eu poderia ensinar. Se eu tivesse um bom aluno, acenderia uma fogueira na mente dele!

— Porque o seu conhecimento não deveria simplesmente desaparecer — continuou Lyra, em tom encorajador. — Devia ser passado adiante, para que as pessoas se lembrem do senhor.

— É, sim — concordou o homem, com seriedade. — Você é muito esperta, garota. Qual é o seu nome?

— Lyra — ela tornou a dizer. — Pode me ensinar sobre os ursos?

— Os ursos... — ecoou ele, em tom de dúvida.

— Eu realmente gostaria de aprender sobre cosmologia, o Pó e tudo mais, mas não sou suficientemente inteligente para isso. Podíamos começar com os

ursos e progredir até o Pó, quem sabe?

Ele assentiu outra vez.

— É, acho que tem razão. Existe uma correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo! As estrelas estão vivas, menina. Sabia disso? Tudo lá em cima é vivo, e existem grandes propósitos lá fora! O universo está cheio de *intenções*, entende? Tudo acontece com um propósito. O seu é me recordar isto. Muito bom, muito bom; no meu desespero eu tinha esquecido. Ótimo! Excelente, menina!

— Então: já conheceu o rei Iofur Raknison?

— Ah, se conheci! Vim para cá a convite dele, sabia? Ele ia me nomear vice-chanceler. Seria um tapa de luvas de pelica no Régio Instituto do Polo Ártico, hein? Hein? E naquele safado do Trelawney! Ah!

— O que foi que aconteceu?

— Fui traído por homens indignos. Entre eles Trelawney, é claro. Ele estava aqui, sabia? Em Svalbard. Espalhou mentiras e calúnias sobre a minha capacidade. Calúnias! Invenções! Quem foi que descobriu a prova definitiva da hipótese de Barnard-Stokes, hein? Hein? Sim, o velho Santelia. Trelawney não conseguiu aceitar isso. Mentiu do princípio ao fim. Iofur Raknison mandou me jogar aqui. Um dia vou sair, você vai ver. Vou ser vice-chanceler, ah se vou. E Trelawney vai me procurar, implorando piedade! Quero ver o Régio Instituto do Polo Ártico recusar meus textos! Ah! Vou denunciar todos eles!

— Acho que Iorek Byrnison vai acreditar no senhor, quando ele voltar...

— disse Lyra.

— Iorek Byrnison? Não adianta esperar por isso. *Aquele lá* nunca vai voltar.

— Ele está vindo.

— Então vai morrer. Ele não é urso, entende? É um renegado. Como eu. Um degenerado, entende? Sem direito a qualquer privilégio de um urso.

— Se Iorek Byrnison voltasse e desafiasse Iofur Raknison para uma luta...

— Ah, nunca permitiriam isso — disse o professor em tom decidido. — Iofur nunca irá se rebaixar reconhecendo o direito de Iorek Byrnison de lutar com ele. Iorek não tem *mesmo* esse direito; ele pode ser uma foca, ou uma

morsa, mas não um urso. Seria morto com um lança-chamas antes de chegar perto. Não há esperança. Não existe piedade.

— Ah... — suspirou Lyra, com o desespero pesando no peito. — E os outros prisioneiros dos ursos, onde estão?

— Outros prisioneiros?

— Assim como... lorde Asriel.

De repente o professor mudou inteiramente; ficou encolhido contra a parede e balançou a cabeça com nervosismo.

— Shh! Fale baixo! Podem ouvir!

— Por que não podemos falar de lorde Asriel?

— Proibido! Muito perigoso! Iofur Ragnison não permite que o nome dele seja mencionado!

— Por quê? — perguntou Lyra, chegando mais perto e cochichando também, para não assustá-lo.

— Manter lorde Asriel prisioneiro é uma tarefa especial dada a Iofur pelo Conselho de Oblação — cochichou de volta o velho. — A sra. Coulter em pessoa veio visitar Iofur e lhe ofereceu todo tipo de recompensas para ele manter lorde Asriel fora do caminho. Sei disso porque na época, entende, eu ainda tinha a confiança de Iofur. Conheci a sra. Coulter! É verdade. Tivemos uma longa conversa. Iofur estava encantado com ela. Não parava de falar nela. Faria qualquer coisa por ela. Se ela quer que lorde Asriel fique preso a mil quilômetros de distância, assim será. Qualquer coisa pela sra. Coulter, qualquer coisa. Ele vai dar o nome dela à capital do seu país, sabia disso?

— Então ele não deixa ninguém visitar lorde Asriel?

— Não! Nunca! Mas Iofur também tem medo dele, entende? Iofur está jogando uma partida difícil: está mantendo lorde Asriel em confinamento para agradar à sra. Coulter, mas deixa lorde Asriel ter todo o equipamento que quiser, para agradá-lo. Este jogo não vai durar muito tempo. É um equilíbrio difícil. Agradar os dois lados. Hein? A estrutura dessa situação vai desmontar logo, logo. Sei disso de uma fonte segura.

— É mesmo? — fez Lyra, distraída, pensando furiosamente sobre o que ele acabara de dizer.

— É, sim. A língua do meu daemon sente o sabor da probabilidade,

entende?

— É, a minha também. Quando é que nos alimentam, professor?

— Nos alimentam?

— Devem colocar comida, senão morreríamos de fome. E o chão está cheio de ossos. Imagino que sejam de foca, não são?

— Foca... Não sei. Pode ser.

Lyra se levantou e bateu até a porta. Não havia maçaneta, naturalmente, nem fechadura, e não havia uma só fresta por onde passasse a luz. Ela encostou o ouvido, mas nada escutou. Depois ouviu o ruído das correntes do ancião quando ele se virou para o lado e dormiu.

Ela bateu de volta ao banco. Pantalaimon, cansado de emitir luz, virara um morcego, o que para ele era ótimo; ficou voejando, guinchando baixinho, enquanto Lyra, sentada, roía as unhas.

De repente, sem o menor aviso, ela recordou o que tinha ouvido o catedrático de palmeriano dizer na sala privativa tanto tempo antes. Alguma coisa vinha cutucando sua mente desde que Iorek Byrnison mencionara pela primeira vez o nome de Iofur, e agora ela se lembrava: o professor Trelawney tinha dito que aquilo que Iofur Raknison queria mais que tudo era um daemon.

Claro que na hora ela não havia entendido o que ele queria dizer; ele tinha falado em panserbjornes em vez de usar a palavra inglesa, então ela não sabia que estavam falando de ursos e não podia imaginar que Iofur Raknison não era um homem. E um homem naturalmente teria um daemon, então aquilo não fazia sentido.

Mas agora era óbvio. Somando tudo que ela havia ouvido sobre o urso-rei, o resultado era: o poderoso Iofur Raknison desejava mais que tudo ser um humano e ter o próprio daemon.

E ao pensar isso ela imaginou um plano: um modo de fazer o que Iofur Raknison normalmente jamais faria; um modo de conduzir Iorek Byrnison ao trono a que tinha direito; um modo, em suma, de chegar ao lugar onde tinham aprisionado lorde Asriel e entregar a ele o aletômetro.

Essa ideia esvoaçou e brilhou delicadamente, como uma bolha de sabão, e ela temia encará-la de frente, para não destruí-la. Mas estava familiarizada

com todo tipo de ideias, e a deixou amadurecer, olhando para outro lado e pensando em outra coisa.

Estava quase dormindo quando os ferrolhos foram corridos ruidosamente e a porta foi aberta. A luz jorrou para dentro da cela, e Lyra ficou de pé no mesmo instante, com Pantalaimon escondido rapidamente no bolso.

Assim que o urso-guarda baixou a cabeça para levantar a posta de carne de foca e jogá-la para dentro, ela estava ao lado dele, dizendo:

— Me leve a Iofur Raknison. Vai ter problemas se não fizer isso. É urgente.

Ele deixou a carne cair da boca e ergueu os olhos. Não era fácil ler a expressão de um urso, mas ele parecia zangado.

— É sobre Iorek Byrnison — falou ela depressa. — Sei de uma coisa sobre ele, e o rei precisa saber.

— Diga o que é e eu mando avisar — respondeu o urso.

— Isso não seria certo. Ninguém pode saber antes do rei — disse a menina. — Sinto muito, não quero ser grosseira, mas você sabe, a lei diz que o rei tem que ser o primeiro a saber de tudo.

Talvez ele fosse burro; de qualquer maneira, fez uma pausa e depois jogou a carne dentro da cela antes de dizer:

— Está bem. Venha comigo.

Levou-a para o ar livre, o que a agradou muito. A névoa se dissipara e estrelas brilhavam acima do pátio cercado de muros altos. O guarda falou alguma coisa com outro urso, que veio falar com ela.

— Não pode falar com Iofur Raknison quando bem entender. Vai ter que esperar até ele querer falar com você.

— Mas o que eu tenho para dizer a ele é urgente — argumentou ela. — É sobre Iorek Byrnison. Tenho certeza de que Sua Majestade ia querer saber, mas ao mesmo tempo não posso contar a outra pessoa, entende? Não seria apropriado. Ele ia ficar furioso se soubesse que nós não agimos de acordo com a etiqueta.

Aquilo tudo parecia fazer sentido, ou então deixou o urso suficientemente

confuso para obrigá-lo a raciocinar. Lyra tinha certeza de que sua interpretação estava correta: Iofur Raknison havia feito tantas mudanças que nenhum dos ursos sabia como proceder, e ela poderia explorar essa insegurança para chegar a ele. Assim, o urso foi consultar o urso acima dele, e não demorou para que Lyra fosse novamente levada para dentro do Palácio, mas dessa vez para os aposentos reais. Aquela parte era tão suja quanto a outra, e o ar era até mais irrespirável que o da cela, porque todos os fedores naturais estavam misturados a uma camada pesada de perfume adocicado. Mandaram que ela esperasse no corredor, depois na antessala, depois junto a uma porta enorme, enquanto ursos discutiam, debatiam e iam apressados de um lado para outro. Lyra teve tempo para olhar em volta e contemplar a ridícula decoração: as paredes eram cobertas de arabescos em gesso dourado, algumas partes já descascando ou se desmanchando por causa da umidade, e os tapetes floridos estavam imundos.

Por fim, a porta enorme foi aberta. Tudo que notou foi um clarão de luz de meia dúzia de candelabros, um tapete roxo e mais perfume adocicado pairando no ar; e os focinhos de uma dezena de ursos, todos olhando para ela, nenhum deles de armadura, mas todos com o mesmo tipo de enfeite: colar dourado, cocar de plumas roxas, uma faixa vermelha na cintura. Curiosamente, havia também pássaros no aposento: andorinhas-do-mar e gaivotas rapineiras se empoleiravam na moldura de gesso das paredes e mergulhavam para bicar os pedaços de peixe que caíam do ninho dos outros pássaros nos candelabros.

E, em um tablado no extremo oposto do aposento, ela viu um trono enorme. Era feito de granito, para ser forte e maciço, mas, como todas as coisas no palácio de Iofur, ele era decorado com arabescos e festões dourados que pareciam lantejoulas em uma montanha. Sentado no trono estava o maior urso que ela já vira. Iofur Raknison era mais alto e mais corpulento até que Iorek, além de mais expressivo, com uma espécie de humanidade que ela nunca tinha visto em Iorek. Quando Iofur olhou para ela, foi como se visse um homem olhando de dentro dos olhos dele, o tipo de homem que ela conhecera na casa da sra. Coulter — um político hábil, acostumado ao poder. Ele usava uma pesada corrente de ouro em volta do pescoço com um

penduricalho chamativo, e suas garras — com uns bons vinte centímetros cada uma — eram folheadas a ouro. O efeito era de enorme força, energia e esperteza; ele era suficientemente corpulento para carregar aquelas joias de tamanho absurdo; nele, elas não pareciam ridículas, e sim bárbaras e magníficas.

Ela hesitou. De repente, sua ideia parecia tola demais. Mas se adiantou, pois era obrigada a isso, e então viu que Iofur segurava algo no colo, como um ser humano seguraria um gato — ou o seu daemon.

Era uma grande boneca estufada, um manequim com rosto humano imóvel e morto. Estava vestida como a sra. Coulter gostava de se vestir, e se parecia um pouco com ela. Iofur estava fingindo que tinha um daemon. Então Lyra viu que estava salva.

Ela se aproximou do trono e fez uma profunda reverência, com Pantalaimon quieto e imóvel em seu bolso.

— Nossas saudações, grande rei — disse Lyra em voz baixa. — Quer dizer, minhas saudações, não as dele.

— Dele quem? — perguntou Iofur.

Tinha a voz mais fina do que ela imaginara, mas cheia de sutilezas e expressividade. Enquanto falava, balançava a mão diante da boca para espantar as moscas que se juntavam ali.

— De Iorek Byrnison, Majestade. Tenho uma coisa muito importante e secreta para lhe contar, e acho que, na verdade, devia fazer isso em particular.

— É sobre Iorek Byrnison?

Ela se aproximou, pisando cuidadosamente no chão coberto de sujeira de pássaros, e afastou as moscas que zumbiam junto ao seu rosto.

— Sobre daemons — disse Lyra, para que apenas ele ouvisse.

A expressão dele mudou. Ela não conseguiu decifrar o que o urso estaria pensando, mas não havia dúvida de que estava imensamente interessado. De repente, ele se inclinou para a frente, fazendo com que a menina saísse do caminho, e rugiu uma ordem para os outros ursos. Todos eles fizeram uma reverência e recuaram em direção à porta. Os pássaros, que tinham se alvoroçado com o rugido, piaram e voaram baixo antes de se acomodarem novamente em seus ninhos.

Quando Iofur Raknison e Lyra ficaram a sós na sala do trono, ele olhou ansiosamente para ela.

— Então? Diga quem é você. Que história é essa de daemons?

— Eu *sou* um daemon, Majestade.

Ele ficou imóvel.

— De quem? — quis saber.

— De Iorek Byrnison.

Foi a coisa mais perigosa que ela já falara na vida. Via claramente que só o espanto dele o impedia de matá-la ali mesmo. Então não perdeu tempo.

— Por favor, Majestade, me deixe contar tudo primeiro, antes de me matar. Vim até aqui correndo perigo, como o senhor bem sabe, e nada do que eu tenho a dizer pode prejudicá-lo. Aliás, quero ajudar, e foi por isso que vim. Iorek Byrnison foi o primeiro urso a conseguir um daemon, mas devia ter sido o senhor. Eu prefiro muito mais ser o seu daemon do que dele, por isso eu vim.

— Como? — perguntou ele em um sussurro. — Como é que um urso consegue um daemon? E por que ele? E como é que você consegue ficar tão longe dele?

As moscas caíam da boca do urso como minúsculas palavras.

— Isso é fácil. Eu posso me afastar dele porque sou como os daemons das feiticeiras. Sabia que eles podem se afastar centenas de quilômetros de suas donas? Pois é a mesma coisa. E ele me conseguiu em Bolvangar. Com certeza o senhor já ouviu falar em Bolvangar, porque a sra. Coulter deve ter-lhe falado disso, mas ela provavelmente não lhe contou tudo que eles faziam lá.

— Cortavam...

— Sim, a intercisão; isso é uma parte. Mas eles faziam muitas outras coisas lá, como, por exemplo, implantes de daemons. E experiências com animais. Quando Iorek Byrnison soube disso, se ofereceu como voluntário para uma experiência, para ver se conseguiam fazer um daemon para ele. Eles conseguiram, e o daemon sou eu. Meu nome é Lyra. Os daemons dos humanos têm forma de animais, então o daemon de um urso tem forma humana. E eu sou o daemon dele. Posso ler a mente dele e saber exatamente

o que está fazendo, onde está e...

— Onde é que ele está?

— Em Svalbard. Está vindo para cá o mais rápido possível.

— Por quê? O que ele quer? Deve estar louco! Vamos matá-lo!

— Ele quer a mim, está vindo me buscar. Mas não quero ser o daemon dele, Iofur Raknison, quero ser sua. Porque, depois que viram como um urso fica poderoso com um daemon, o pessoal em Bolvangar resolveu não repetir a experiência. Iorek Byrnison é o único urso a ter um daemon. Com a minha ajuda, ele poderia levantar todos os ursos contra o senhor. É para isso que ele vem a Svalbard.

O urso-rei rugiu de ódio. O rugido foi tão alto que os lustres de cristal tilintaram, todos os pássaros no grande salão piaram e os ouvidos de Lyra zumbiram.

Mas ela conseguiu se sair bem.

— É por isso que gosto mais do senhor — disse a Iofur Raknison. — Porque o senhor é entusiasmado, forte e inteligente. Eu tinha que abandonar Iorek Byrnison e vir lhe contar, porque não quero que ele governe os ursos. Tem que ser o senhor. E existe um modo de me tirar dele e me fazer seu daemon, mas o senhor não sabe disso e, se não for avisado, pode fazer com Iorek o que costuma fazer com ursos renegados; não lutar com ele, mas matá-lo com lança-chamas ou coisa parecida. E se fizesse isso, eu ia apagar como uma luz e morreria com ele.

— Mas você... Como é que...

— Eu *posso* realmente me tornar seu daemon, mas só se o senhor derrotar Iorek Byrnison em uma luta. Então a força dele vai passar para o senhor, e a minha mente vai fluir para dentro da sua, e seremos como uma pessoa, pensando os pensamentos um do outro; e o senhor vai poder me mandar a qualquer lugar para espionar, ou me deixar ficar aqui ao seu lado, como preferir. E eu vou ajudar a chefiar os ursos para conquistar Bolvangar, se o senhor quiser, e obrigar que eles façam mais daemons para os seus ursos favoritos; ou, se preferir ser o único urso com um daemon, poderíamos destruir Bolvangar para sempre. Juntos, Iofur Raknison, poderíamos fazer qualquer coisa!

Durante todo o tempo, ela segurava Pantalaimon no bolso com a mão trêmula, e ele estava o mais imóvel possível na menor forma de rato que conseguia assumir.

Iofur Raknison andava de um lado para outro com ar de explosiva excitação.

— Uma luta entre nós dois? Eu tenho que lutar com Iorek Byrnison? Impossível! Ele é um renegado! Como pode ser isso? Como é que posso lutar com ele? É a única maneira?

— É a única maneira — repetiu Lyra.

Ela queria que não fosse, porque Iofur Raknison parecia maior e mais feroz a cada minuto. Por maior que fosse o seu afeto por Iorek e por mais forte que fosse sua confiança nele, ela não conseguia acreditar que ele pudesse derrotar aquele gigante entre gigantes. Mas era a única esperança que eles tinham; ser destruído a distância por lança-chamas não era uma esperança.

Iofur Raknison se virou de repente.

— Então prove! Prove que você é um daemon!

— Está bem — disse ela. — Posso fazer isso, é fácil. Posso descobrir alguma coisa que o senhor sabe e ninguém mais; algo que só um daemon conseguiria descobrir.

— Diga qual foi a primeira criatura que matei.

— Para isso vou ter que ficar sozinha. Quando eu for seu daemon, o senhor vai poder ver como é que faço isso, mas até lá tem que ser segredo.

— Vá para a sala atrás desta e volte quando souber a resposta.

Lyra abriu a porta e entrou em um aposento iluminado por uma tocha e contendo apenas um armário de mogno com enfeites de prata sujos. Ela tirou o aletímetro e perguntou:

Onde está Iorek agora?

“A quatro horas de distância, vindo o mais rápido que pode.”

Como posso dizer a ele o que eu fiz?

“Precisa acreditar nele.”

Ela pensou ansiosamente no cansaço que ele certamente estava sentindo. Mas então refletiu que não estava fazendo aquilo que o aletímetro acabara

de lhe dizer: acreditar nele.

Deixou de lado esse pensamento e fez a pergunta que Iofur Raknison queria. Qual foi a primeira criatura que ele matou? Veio a resposta: o próprio pai.

Ela fez outras perguntas e descobriu que, quando jovem, em sua primeira expedição de caça, Iofur estava sozinho no gelo quando encontrou um urso solitário. Os dois discutiram e lutaram, e Iofur matou o outro. Mais tarde, quando soube que se tratava do próprio pai (pois os ursos eram criados pela mãe e raramente viam o pai), ele escondeu a verdade, portanto ninguém sabia disso além do próprio Iofur Raknison.

Ela guardou o aletímetro, pensando em como contar isso a ele.

— Como se fosse um elogio! — sussurrou Pantalaimon. — É só o que ele quer ouvir.

Então Lyra abriu a porta e encontrou Iofur Raknison esperando, com expressão de triunfo, esperteza, apreensão e cobiça.

— Então?

Ela se ajoelhou diante dele e encostou a cabeça na pata dianteira esquerda dele, pois todos os ursos eram canhotos.

— Peço o seu perdão, Iofur Raknison! Não sabia que era tão forte e grandioso!

— O que é isso? Responda a minha pergunta!

— A primeira criatura que o senhor matou foi seu próprio pai. Acho que o senhor é um novo deus, Iofur Raknison. Só pode ser. Só um deus teria poder para fazer isso.

— Você sabe! Consegue ver!

— Sim, porque eu *sou* um daemon.

— Me diga mais uma coisa. Que foi que lady Coulter me prometeu quando esteve aqui?

Mais uma vez Lyra foi para a outra sala e consultou o aletímetro antes de voltar com uma resposta.

— Ela prometeu que ia fazer o Magisterium em Gênova concordar que o senhor fosse batizado como cristão, mesmo não tendo daemon. Bem, infelizmente ela não fez isso, Iofur Raknison. Para ser sincera, acho que eles

nunca concordarão se o senhor não tiver um daemon; acho que ela sabia disso e não lhe contou a verdade. Mas, de qualquer maneira, quando o senhor me tiver como daemon, *poderá* ser batizado se quiser, pois ninguém poderá ser contra. O senhor poderá exigir isso, e eles não vão poder recusar.

— Sim... É verdade. Ela disse isso mesmo. É tudo verdade. Fui enganado? Eu confiei nela, e ela me enganou?

— Foi, sim. Mas ela não tem mais importância. Com sua licença, Iofur Ragnison, espero que não fique zangado por eu dizer isso, mas Iorek Byrnison está a quatro horas daqui, e talvez fosse melhor o senhor dar ordens aos guardas para que não o ataquem. Se pretende lutar com ele, Iorek vai ter que chegar até o Palácio.

— É mesmo...

— E quando ele chegar, talvez seja melhor eu fingir que ainda pertenço a ele e que apenas me perdi. Ele não vai descobrir. Eu vou fingir. O senhor vai contar aos outros ursos que eu sou o daemon de Iorek e que vou pertencer ao senhor quando o senhor lutar com ele e vencer?

— Não sei... O que devo fazer?

— Acho melhor não contar. Quando estivermos unidos, o senhor e eu, poderemos pensar no que é melhor, e então chegar a uma decisão. Agora o que o senhor precisa fazer é explicar a todos os outros ursos por que vai lutar com Iorek como se ele fosse um urso comum, mesmo sendo um renegado. Porque eles não vão entender e temos que inventar um motivo para isso. De qualquer maneira, eles vão obedecer, mas se tiverem um motivo, vão admirar o senhor ainda mais.

— É. O que devemos dizer a eles?

— Diga... Diga que para tornar seu reino inteiramente seguro, o senhor mesmo chamou Iorek Byrnison de volta para uma luta, e o vencedor vai governar os ursos para sempre. Entenda: se disser que a ideia da vinda dele foi sua, eles vão ficar mesmo impressionados. Vão pensar que o senhor consegue chamar Iorek de longe. Vão pensar que o senhor consegue fazer qualquer coisa.

— É...

O grande urso estava conquistado; Lyra sentia o poder que tinha sobre ele

quase como uma embriaguez, e se Pantalaimon não tivesse mordiscado sua mão para lembrá-la do perigo que todos corriam, ela poderia facilmente ter passado dos limites.

Mas voltou a ter bom senso e recuou um passo para observar e esperar enquanto os ursos, sob as ordens agitadas de Iofur, preparavam o campo de batalha para Iorek Byrnison; e enquanto isso Iorek, sem saber de coisa alguma, se aproximava depressa daquilo que — ela gostaria de poder contar a ele — era um combate de vida ou morte.

20. À OUTRANCE

Lutas entre ursos eram comuns em ocasiões de grandes rituais. Mas era raro um urso matar outro, e, quando isso acontecia, em geral era por acidente, ou quando um urso interpretava mal os sinais de outro, como foi o caso de Iorek Byrnison. Casos de assassinato, como aconteceu com Iofur, que matou o próprio pai, eram ainda mais raros.

Porém, às vezes surgiam circunstâncias em que a única maneira de resolver uma disputa era por meio de um combate mortal. E para isso havia uma cerimônia.

Assim que Iofur anunciou que Iorek Byrnison estava a caminho e haveria um confronto, o campo de batalha foi varrido e alisado, e fabricantes de armaduras vieram das minas de fogo para verificar a armadura do rei. Cada pino foi examinado, cada elo foi testado, e as placas foram polidas com a areia mais fina. A mesma atenção foi dada às garras de Iofur; a folha de ouro foi raspada e cada garra foi afiada e afilada até se tornar uma arma mortal. Lyra observava tudo com uma crescente sensação de náusea, pois Iorek Byrnison não receberia todos esses cuidados. Ele marchava sobre o gelo havia quase vinte e quatro horas, sem alimento ou descanso; podia estar ferido por causa da queda do balão. E ela havia preparado essa luta sem que ele soubesse! Em certo momento, depois que Iofur Raknison testou o potencial das suas garras em uma morsa recém-abatida lhe cortando a pele como se fosse papel, e a força de seus murros no crânio do animal (com dois murros, ele o rachou como se fosse um ovo), Lyra teve que inventar uma desculpa e pedir licença a Iofur para ir chorar de medo.

Até Pantalaimon, que normalmente conseguia alegrar a menina, pouco tinha a dizer de otimista. Tudo que ela podia fazer era consultar o aletômetro, que lhe disse que Iorek estava a uma hora de lá e repetiu que ela devia confiar nele; Lyra também (e isso foi mais difícil de decifrar) ganhou

uma repreensão por fazer duas vezes a mesma pergunta.

A essa altura, a notícia tinha se espalhado, e o campo de batalha já estava tomado pelos ursos. Os de posição mais elevada ocupavam os melhores lugares, e havia um local especial para as ursoras — inclusive, claro, as esposas de Iofur. Lyra tinha uma curiosidade enorme a respeito das ursoras, pois sabia muito pouco sobre elas, mas não era hora de ficar por ali fazendo perguntas. Em vez disso, ela ficou perto de Iofur Raknison e observou os cortesãos em volta dele exibindo sua posição acima dos ursos comuns; ela tentou adivinhar o significado das variadas plumas, medalhas e condecorações que todos pareciam usar.

Lyra percebeu que alguns dos mais graduados levavam pequenos bonecos, como a boneca de trapos de Iofur, talvez para agradá-lo imitando um hábito que ele iniciara. A menina ficou satisfeita quando percebeu que, ao verem que Iofur não estava carregando sua boneca, ficaram sem saber o que fazer com as deles. Deveriam jogar fora? As bonecas já não eram bem-vistas? Como deveriam agir?

Pois Lyra começava a perceber que aquele era o estado de espírito reinante na corte: eles não tinham certeza daquilo que eram. Não eram como Iorek Byrnison, puros, seguros e absolutos; havia um constante manto de insegurança envolvendo todos os ursos, enquanto observavam uns aos outros e observavam Iofur.

E observavam Lyra, também, com evidente curiosidade. Ela permanecia discretamente ao lado de Iofur, sem dizer nada, baixando os olhos sempre que um urso olhava para ela.

A névoa se dissipara e o ar estava claro; e, por um capricho da sorte, o breve intervalo de claridade por volta do meio-dia coincidiu com a hora em que Lyra achava que Iorek ia chegar. Tremendo, parada em um montinho de neve na borda do campo de batalha, ela ergueu os olhos para a leve claridade no céu e desejou com todo o coração avistar uma esquadrilha de vultos negros e elegantes descendo para levá-la, ou ver a cidade escondida da Aurora Boreal, onde ela poderia andar em segurança pelas largas avenidas sob o sol, ou ainda os braços generosos de Mãe Costa, sentir o cheiro reconfortante de carne e comida que envolviam Lyra na presença dela...

Quando Lyra deu por si, estava chorando, vertendo lágrimas que congelavam quase de imediato e que ela arrancava do rosto dolorosamente. Estava com muito medo. Os ursos, que não choravam, não conseguiam entender o que estava acontecendo com ela; achavam que era um processo humano qualquer, sem significado. E Pantalaimon não podia consolar Lyra como costumava fazer, embora ela mantivesse a mão no bolso segurando com firmeza o pequeno ratinho; ele, por sua vez, acariciava os dedos dela com o focinho.

Perto dela, os ferreiros estavam fazendo os ajustes finais na armadura de Iofur Raknison. Coberto de aço polido, as placas lisas enfeitadas com fios de ouro, ele parecia uma grande torre de metal brilhante; o elmo cobria a parte superior da cabeça em uma cintilante carapuça cinza-prateada, com fendas na altura dos olhos, e a parte inferior do corpo era protegida por um saiote de malha de metal ajustado. Foi quando viu isso que Lyra tomou consciência de que tinha traído Iorek Byrnison, pois o urso não possuía nenhuma dessas coisas: a armadura dele só protegia as costas e as laterais do corpo. Ela olhou para Iofur Raknison, tão dinâmico e poderoso, e sentiu uma pontada profunda, como uma mistura de culpa e medo.

— Com licença, Majestade — começou Lyra. — O senhor se lembra do que eu lhe disse antes...

Sua voz trêmula soava fina e fraca. Iofur Raknison virou a cabeça poderosa, tirando sua atenção do alvo que três ursos estavam segurando na sua frente para que ele o rasgasse com suas garras mortais.

— O que foi?

— O senhor se lembra de que eu disse que era melhor eu ir falar com Iorek Byrnison primeiro, e fingir que...

Mas antes que ela conseguisse terminar a frase, os ursos na torre de vigia deram um sinal. Todos os outros, sabendo de que se tratava aquilo, também começaram a rugir com triunfante agitação. Tinham avistado Iorek.

— Por favor? — disse Lyra em desespero. — Eu consigo enganá-lo, o senhor vai ver.

— Certo, certo. Vá e o *encoraje*!

Iofur Raknison mal conseguia falar de tanta raiva e animação.

Lyra se afastou dele e atravessou o campo de batalha deserto, deixando suas pequenas pegadas na neve; e os ursos do outro lado abriram caminho para que ela passasse. À medida que os corpanzís se afastavam, o horizonte se abria, escuro na palidez da luz do dia. Onde estava Iorek Byrnison? Ela não conseguia enxergar; mas a torre de vigia era alta, e eles conseguiam ver coisas que ela ainda não alcançava. Tudo que podia fazer era avançar caminhando pela neve.

Ele viu Lyra antes que ela o visse; com um ruído forte de metal e uma chuva de neve, Iorek Byrnison estava ao seu lado.

— Ah, Iorek! Eu fiz uma coisa terrível! Meu amigo, você vai ter que lutar com Iofur Raknison, e não está preparado! Está cansado e faminto, e a sua armadura...

— Que coisa terrível você fez?

— contei a ele que você estava chegando, porque li isso no leitor de símbolos, e ele está louco para ser como um humano e ter um daemon, desesperado. Então enganei ele, dizendo que sou seu daemon e que ia abandonar você para ser dele, mas para isso acontecer ele teria que lutar com você. Senão, meu querido Iorek, eles nunca iam deixar você lutar, iam botar fogo em você antes que pudesse chegar perto...

— Você enganou Iofur Raknison?

— Foi. Fiz o rei concordar em lutar em vez de matar você como um renegado, e o vencedor vai ser o rei dos ursos. Tive que fazer isso, porque...

— Lyra Belacqua? Não, você é Lyra da Língua Mágica — declarou ele. — Tudo que eu mais quero é lutar com ele. Vamos lá, pequeno daemon.

Ela contemplou Iorek Byrnison em sua armadura marcada pelo tempo, alto e feroz, e sentiu que o coração ia explodir de orgulho. Caminharam lado a lado em direção ao palácio de Iofur, onde o campo de batalha ocupava toda a base da muralha. Os ursos estavam em posição nos parapeitos, rostos pálidos enchiam todas as janelas, e os corpos pesados formavam uma densa parede branca, marcada de pontinhos pretos de olhos e focinhos. Os mais próximos se afastaram para um lado, formando duas filas, entre as quais Iorek Byrnison e seu daemon passaram. Os olhos de todos os ursos estavam fixos neles.

Iorek parou na borda do campo de batalha; na borda oposta estava Iofur

Raknison. O rei desceu do monte de neve e os dois se encararam a poucos metros de distância.

Lyra estava tão perto de Iorek que conseguia sentir um tremor dentro dele, como um grande dínamo gerando poderosa energia ambárica. Ela tocou de leve no pescoço dele, na borda do elmo, e disse:

— Boa luta, meu querido Iorek. Você é o verdadeiro rei. Ele não é nada.

Então Lyra recuou.

— Ursos! — rugiu Iorek Byrnison. Das muralhas do palácio veio um eco, espantando os pássaros de seus ninhos. — Eis os termos deste combate: se Iofur Raknison me matar, ele será rei para sempre, livre de desafio ou disputa. Se eu matar Iofur Raknison, serei o seu rei. Minha primeira ordem a todos vocês será derrubar este palácio, esta casa perfumada de falsidade e purpurina, e jogar o ouro e o mármore no mar. O metal dos ursos é o ferro. Não é o ouro. Iofur Raknison poluiu Svalbard. Eu vim para purificá-la. Iofur Raknison, eu o desafio!

Então Iofur se aproximou alguns passos, como se mal conseguisse se controlar.

— Ursos! — rugiu por sua vez. — Iorek Byrnison voltou a meu convite. Eu o atraí para cá. Sou eu quem tem que ditar os termos do combate, que são: se eu matar Iorek Byrnison, a carne dele será retalhada e servida aos espectros-dos-penhascos. A cabeça vai ficar exposta no topo do meu Palácio. Ele será esquecido. Será um crime grave falar seu nome...

Ele prosseguiu, e depois cada um dos dois tornou a falar. Era uma fórmula, um ritual fielmente obedecido. Lyra olhava para os dois ursos, tão diferentes: Iofur tão brilhante e poderoso, imenso em sua força e saúde, em sua armadura esplêndida, orgulhoso e fidalgo; e Iorek, menor — embora ela nunca tivesse imaginado que ele um dia pareceria pequeno — e mal-equipado, a armadura amassada e enferrujada. Mas a armadura dele era a sua alma; ele a tinha fabricado, e ela lhe servia perfeitamente. A armadura e o urso eram uma coisa só. Iofur não estava contente com sua armadura; ele queria outra alma. Estava inquieto, enquanto Iorek estava imóvel.

E Lyra estava consciente de que todos os outros ursos também faziam essa comparação. Mas Iorek e Iofur eram mais do que apenas dois ursos: eram

dois tipos de vida, dois futuros, dois destinos. Iofur tinha começado a levar os ursos em uma direção, e Iorek iria levá-los em outra, e no mesmo instante em que um futuro morresse, outro começaria a existir.

Enquanto o ritual do combate caminhava rumo à próxima fase, os dois começaram a dar passos inquietos na neve, se aproximando aos poucos, balançando a cabeça. Entre os espectadores não havia o menor movimento, mas todos os olhos seguiam os dois.

Por fim, os combatentes ficaram imóveis e silenciosos, se observando de frente através da largura do campo de batalha.

Então, com um rugido e uma chuva de neve, os ursos avançaram ao mesmo tempo. Como duas grandes pedras, equilibradas em picos vizinhos e soltas por um terremoto, rolando pelas encostas e ganhando velocidade, saltando acima de abismos e reduzindo árvores a gravetos e pó até colidirem uma com a outra com tanta força que ambas eram esmigalhadas, se transformando em lascas de pedra — foi assim o encontro dos dois ursos. O estrondo ressoou no ar e voltou como eco. Mas eles não foram destruídos como aconteceria com uma pedra; ambos caíram para o lado, e o primeiro a se levantar foi Iorek. Ele girou e agarrou Iofur, cuja armadura havia ficado danificada e que mal conseguia levantar a cabeça. Iorek foi direto ao ponto vulnerável no pescoço do outro, arrastou as garras no pelo branco e então as fincou debaixo da borda do elmo de Iofur, puxando-o para a frente.

Sentindo o perigo, Iofur rosnou e se sacudiu como Lyra tinha visto Iorek se sacudir na beira d'água, enviando esguichos para o alto; Iorek caiu longe, e com um horrível guinchar de metal retorcido, Iofur ficou ereto, esticando o aço das placas das costas apenas com a força bruta. Então, como uma avalanche, ele se jogou sobre Iorek, que ainda tentava se levantar.

Lyra ficou sem ar só de ver a força da queda. Certamente o chão estremeceu sob ela. Como Iorek poderia sobreviver àquilo? Ele estava lutando para girar o corpo e conseguir fincar os pés no chão, mas estava com os pés para cima, e Iofur tinha enfiado os dentes em algum lugar perto da garganta dele. Pingos de sangue quente voavam pelo ar: um deles caiu no casaco de Lyra, e ela segurou o pano manchado como um sinal de amor.

Então Iorek enfiou as patas traseiras nos elos do saiote de Iofur e puxou,

rasgando-o; a frente inteira caiu, e Iofur se afastou para examinar o estrago, permitindo que Iorek ficasse de pé.

Por um instante os dois ursos ficaram parados, recuperando o fôlego. Iofur agora tinha a malha de aço para atrapalhar, pois em vez de proteção ela se transformara em um obstáculo; ainda estava presa a ele, e era arrastada pelo chão pendurada entre suas patas traseiras. No entanto, Iorek estava em pior situação: sangrava muito pela ferida no pescoço e ofegava intensamente.

Mas ele saltou sobre Iofur antes que o rei conseguisse se desvencilhar do saiote de malha de aço e o derrubou em uma cambalhota, atacando em seguida a parte nua do pescoço onde a borda do elmo estava empenada. Iofur o jogou longe, e então os dois colidiram outra vez, fazendo voar esguichos de neve em todas as direções e dificultando acompanhar os lances da batalha.

Lyra assistia, mal ousando respirar e apertando as mãos com tanta força que chegavam a doer. Ela pensou ter visto Iofur abrindo um buraco na barriga de Iorek, mas isso não devia ser verdade, porque logo em seguida, depois de outra explosão de neve, os dois ursos estavam de pé nas patas traseiras como boxeadores, e Iorek tentava arranhar o rosto de Iofur com suas garras poderosas, enquanto Iofur atacava de volta com a mesma selvageria.

Lyra estremecia a cada golpe. Como se um gigante estivesse girando um martelo, e esse martelo tivesse cinco pinos de aço...

Ferro batia em ferro, dente batia em dente, respirações ofegavam, pés trovejavam na neve revolta e suja de sangue, formando uma lama vermelha.

A essa altura, a armadura de Iofur estava em estado lastimável, as placas rasgadas e empenadas, as incrustações de ouro arrancadas ou cobertas de sangue, e o capacete tinha sido arrancado. A armadura de Iorek estava em melhores condições, apesar da feiura: amassada, mas intacta, suportando os murros possantes do urso-rei e desviando aquelas garras brutais.

Por outro lado, Iofur era maior e mais forte que Iorek, que estava cansado, faminto e tinha perdido mais sangue. Ele estava ferido na barriga, em ambos os braços e no pescoço, enquanto Iofur sangrava somente na mandíbula. Lyra daria tudo para ajudar seu querido amigo, mas nada podia fazer.

E as coisas agora estavam ruins para Iorek. Ele mancava; cada vez que colocava a pata dianteira esquerda no chão, dava para ver que ela não

aguentava o próprio peso. Nunca a usava para atacar, e os golpes de sua mão direita também eram fracos comparados aos murros poderosos que ele dera poucos minutos antes.

Iofur havia percebido isso e começou a provocar Iorek, chamando-o de mão-quebrada, filhote desmamado, enferrujado, morto-vivo e outras coisas, enquanto o atacava por todos os lados com socos que Iorek não conseguia evitar. Iorek teve que recuar, um passo de cada vez, e se agachar sob a chuva de murros do sarcástico urso-rei.

Lyra chorava. O seu querido e corajoso amigo, o seu defensor destemido estava prestes a morrer, e ela não ia lhe fazer a traição de não assistir, pois, se ele olhasse para ela, tinha que ver olhos brilhantes de amor e confiança, não um rosto escondido covardemente ou costas voltadas por medo.

Então, ela ficou assistindo, mas as lágrimas não deixavam que a menina enxergasse o que estava realmente acontecendo no campo de batalha; talvez fosse mesmo algo impossível de ver. Iofur com certeza também não enxergava.

Porque Iorek estava recuando apenas para encontrar solo firme e seco e uma rocha sobre a qual se apoiar, e a inútil pata esquerda estava, na verdade, forte e em condição de lutar. Não se podia enganar um urso; mas, como Lyra mostrara, Iofur não queria ser um urso, queria ser um humano, e Iorek estava conseguindo enganá-lo. Por fim, ele encontrou o que procurava: uma pedra firmemente ancorada na terra. Iorek se encostou nela, tencionando as pernas e esperando a oportunidade.

Que chegou quando Iofur se ergueu sobre as patas traseiras, urrando sua vitória e virando a cabeça, em provocação, para o lado esquerdo de Iorek, aparentemente o lado mais fraco.

Foi então que Iorek atacou. Como uma onda que vinha ganhando força através de milhares de quilômetros de oceano e que causava pouca agitação em águas profundas, mas, próxima à praia, se elevava no ar aterrorizando as pessoas, antes de cair sobre a terra com força irresistível — assim Iorek Byrnison se ergueu contra Iofur, explodindo para o alto, impulsionado pelas patas plantadas na rocha seca e dilacerando com um feroz movimento da pata esquerda o queixo desprotegido de Iofur Raknison.

Foi um golpe terrível, arrancando a parte inferior da mandíbula do outro urso, que voou pelo ar espalhando respingos de sangue pela neve a muitos metros de distância.

A língua vermelha de Iofur ficou pendurada sobre a garganta exposta. O urso-rei, de repente, perdera os dentes, a voz, a luta. Iorek não precisava de mais nada; avançando, enfiou os dentes na garganta de Iofur e sacudiu a cabeça de um lado para outro, erguendo do solo o corpo enorme e batendo com ele no chão como se Iofur fosse uma foca na beira d'água.

Então fez força para cima, e a vida de Iofur Raknison se esvaiu entre seus dentes.

Havia ainda um ritual a ser cumprido. Iorek abriu o peito desprotegido do rei morto, arrancando a pele para expor as costelas estreitas, brancas e vermelhas, como o esqueleto de um barco virado; enfiou a mão entre as costelas, arrancou o coração de Iofur — vermelho, soltando vapor — e o devorou ali mesmo, na frente dos súditos de Iofur.

Houve então aclamações, alvoroço, pandemônio, os ursos avançando em massa para homenagear o matador do antigo rei. A voz de Iorek Byrnison soou acima do clamor:

— Ursos! Quem é o seu rei?

E o brado transformou-se em um rugido, como se fosse todos os seixos do mundo, açoitados pelas ondas de uma tempestade no mar.

— Iorek Byrnison!

Os ursos sabiam o que tinham a fazer; cada enfeite, medalha e faixa foi jogado fora e pisoteado com desprezo, para logo ser esquecido. Agora eram ursos de Iorek, ursos de verdade, não quase humanos inseguros, conscientes apenas de uma torturante inferioridade. Correram para o Palácio e começaram a atirar grandes blocos de mármore do alto das torres, soltando as pedras das ameias com suas patas poderosas e as arremessando por cima dos rochedos para o ancoradouro centenas de metros abaixo.

Iorek ignorou tudo isso e soltou as placas da armadura para cuidar dos ferimentos; porém, antes que começasse, Lyra estava a seu lado, batendo com os pés na neve vermelha e gritando para os ursos pararem de destruir o Palácio, pois havia prisioneiros lá dentro. Eles não ouviram, mas Iorek sim, e

quando ele rugiu, seus súditos pararam no mesmo instante.

— Prisioneiros humanos? — ele quis saber.

— É, Iofur Raknison os botou nas masmorras. Eles têm que sair e se abrigar em algum lugar, senão vão morrer nas ruínas do Palácio...

Iorek deu ordens rápidas e alguns ursos correram para dentro do Palácio para soltar os prisioneiros. Lyra encarou o seu amigo.

— Deixe que eu cuide de você, quero ter certeza de que não está muito ferido, meu querido Iorek, ah, eu queria ter uns curativos ou coisa assim! Este corte na barriga está horrível...

Um urso colocou no chão, aos pés de Iorek, um bocado de uma massa verde rígida, congelada.

— Musgo-de-sangue — explicou Iorek. — Enfie isto nas feridas, Lyra. Cubra com a pele e então segure um pouco de neve em cima até a massa congelar.

Iorek não deixou que os ursos cuidassem dele, apesar da grande ansiedade de todos; as mãos de Lyra eram hábeis, e ela estava desesperada para ajudar. Assim, a menina se inclinou sobre o grande urso-rei, enfiando o musgo-de-sangue, puxando a pele por cima e congelando o ferimento até interromper o sangramento. Quando terminou, tinha as luvas empapadas de sangue, mas os ferimentos de Iorek estavam tratados.

Pouco depois, os prisioneiros começaram a sair do Palácio, em um grupo de cerca de uma dúzia de homens tremendo e piscando muito. Lyra achou que não havia motivo para falar com o professor, pois ele estava louco; ela gostaria de saber quem eram os outros homens, mas havia coisas mais urgentes a fazer. E não queria distrair Iorek, que dava ordens breves que enviavam ursos correndo para todos os lados, mas ela estava preocupada com Roger, Lee Scoresby e as feiticeiras, estava com fome e cansada... Achou que a melhor coisa a fazer naquele momento seria ficar fora do caminho.

Assim, encontrou um canto sossegado do campo de batalha, se enroscou em Pantalaimon como filhote de lobo para aquecê-la, empilhou neve em cima de si como um urso faria; e adormeceu.

Alguma coisa cutucava seu pé, e uma voz de urso desconhecida disse:

— Lyra da Língua Mágica, o rei quer falar com você.

Ela acordou quase congelada e não conseguiu abrir os olhos, pois as pálpebras tinham endurecido devido ao frio; mas Pantalaimon derreteu o gelo dos cílios com pequenas lambidas, e ela logo conseguiu ver à luz da lua o jovem urso que havia falado. Tentou ficar de pé, mas caiu por duas vezes.

— Suba em mim — ofereceu o urso. E se agachou para que ela alcançasse as costas largas; pendurada, quase caindo, Lyra conseguiu ficar montada enquanto ele a levava para um vale profundo onde muitos ursos tinham se reunido.

E entre eles havia uma pessoa que correu para ela e cujo daemon deu um salto para saudar Pantalaimon.

— Roger!

— Iorek Byrnison me fez ficar aqui fora na neve enquanto ia buscar você. Nós caímos do balão, Lyra! Depois que você caiu, nós fomos carregados por muitos e muitos quilômetros, e então o sr. Scoresby esvaziou mais um pouco o balão e nós batemos em uma montanha e caímos por um barranco como nunca se viu. Não sei onde o sr. Scoresby foi parar, nem as feiticeiras. Só Iorek Byrnison e eu. Ele veio direto para cá, procurando você. E aqui me falaram do combate...

Lyra olhou em volta. Sob a direção de um urso mais velho, os prisioneiros humanos estavam construindo um abrigo de madeira e retalhos de lona. Pareciam felizes por terem alguma coisa para fazer. Um deles batia em uma pederneira para acender o fogo.

— Temos comida — disse o jovem urso que havia despertado Lyra.

Uma foca recém-abatida estava sobre a neve. O urso a abriu com uma garra e mostrou a Lyra onde encontrar os rins. Ela comeu um deles, cru: era quente, macio e mais delicioso do que se poderia imaginar.

— Coma a gordura também — aconselhou o urso, arrancando um pedaço para ela. Tinha sabor de creme temperado com avelãs. Roger hesitou, mas logo seguiu o exemplo dela. Os dois comeram gulosamente e, em poucos minutos, Lyra estava inteiramente acordada e começando a sentir calor. Limpando a boca, ela olhou em volta, mas Iorek Byrnison não estava à vista.

— Iorek Byrnison está conversando com seus conselheiros — informou o jovem urso. — Quer falar com você depois que tiver se alimentado. Venha comigo.

Ele os guiou por cima de uma elevação na neve até um lugar onde os ursos estavam começando a construir uma parede de blocos de gelo. Iorek estava sentado no centro de um grupo de ursos mais velhos e se levantou para recebê-la.

— Lyra da Língua Mágica, venha ouvir o que estão me dizendo — chamou.

Ele não explicou a presença dela aos outros, ou talvez eles já soubessem sobre ela; mas lhe ofereceram um lugar e trataram Lyra com imensa cortesia, como se ela fosse uma rainha. Ela sentiu um orgulho enorme de se sentar ao lado de seu amigo Iorek Byrnison, sob a Aurora Boreal que cintilava graciosamente no céu polar, e participar da conversa dos ursos.

O que acontecia era que o domínio de Iofur Raknison sobre eles tinha sido como um feitiço; alguns culpavam a influência da sra. Coulter, que visitara Iofur e lhe dera muitos presentes, antes até do exílio de Iorek, embora este não soubesse disso. Um dos ursos contou:

— Ela deu a Iofur Raknison uma droga que deixou Hjalmur Hjalmurson louco.

Lyra calculou que Hjalmur Hjalmurson era o urso que Iorek tinha matado e por causa disso sido exilado. Então a sra. Coulter estava por trás daquilo também! E havia mais...

— As leis humanas proíbem certas coisas que ela planejava fazer, mas as leis humanas não vigoram em Svalbard. Ela queria montar uma estação como a de Bolvangar aqui, só que pior, e Iofur ia permitir, contra todos os costumes dos ursos; pois já tivemos humanos nos visitando, ou prisioneiros, mas nunca morando ou trabalhando aqui. Aos poucos, ela ia aumentar seu poder sobre Iofur Raknison e o dele sobre nós, até virarmos seus escravos, fazendo tudo que ela ordenasse, e nosso único dever ia ser tomar conta da abominação que ela ia criar...

Quem falava era um urso velho. Seu nome era Soren Eisarson, e ele era um conselheiro que tinha sofrido muito sob as ordens de Iofur Raknison.

— O que ela está fazendo agora, Lyra? — perguntou Iorek Byrnison. — Quando souber da morte de Iofur, quais serão seus planos?

Lyra pegou o aletiômetro. Estava escuro demais para enxergar, e Iorek pediu que lhe trouxessem luz.

— O que foi que aconteceu com o sr. Scoresby e as feiticeiras? — perguntou Lyra, enquanto esperavam.

— As feiticeiras foram atacadas por feiticeiras de outro clã. Não sei se eram aliadas dos mutiladores de crianças, mas estavam patrulhando nossos céus em grande número e atacaram durante a tempestade. Não vi o que aconteceu a Serafina Pekkala. Quanto a Lee Scoresby, o balão tornou a subir depois que eu caí com o menino, e ele estava lá dentro. Mas o seu leitor de símbolos vai lhe contar o destino deles.

Um urso chegou puxando um trenó no qual havia um tabuleiro cheio de carvão em brasa, e jogou um galho resinoso dentro dele. O galho pegou fogo no mesmo instante, e nesta luz Lyra girou os ponteiros do aletiômetro e perguntou sobre Lee Scoresby.

Pela resposta, ele ainda estava no ar, levado pelos ventos em direção a Nova Zembla. Tinha escapado dos espectros-dos-penhascos e lutado contra as feiticeiras do outro clã.

Lyra contou a Iorek, que assentiu, satisfeito.

— Se está no ar, está em segurança — disse. — E quanto à sra. Coulter?

A resposta foi complicada, com o ponteiro indo de um símbolo a outro em uma sequência que deixou Lyra pensando durante muito tempo. Os ursos estavam curiosos, mas reprimidos por respeito a Iorek Byrnison e pelo dele por Lyra, enquanto ela os esquecia e mergulhava no transe do instrumento.

A mensagem dos símbolos era desalentadora.

— Está dizendo que ela... Ela soube que estávamos voando para cá e conseguiu um zepelim de transporte armado com metralhadoras, acho que é isso, e está voando para Svalbard neste instante. Ela ainda não sabe que Iofur Raknison foi derrotado, é claro, mas logo saberá, porque... Ah, sim, porque algumas feiticeiras vão ficar sabendo pelos espectros-dos-penhascos e vão contar a ela. Acho que há espiões no ar por toda parte, Iorek. Ela vinha para... para fingir ajudar Iofur Raknison, mas, na verdade, ia tomar o poder

com um exército de tártaros que está vindo por mar. Eles chegarão em poucos dias. — Lyra tomou fôlego antes de continuar: — Assim que puder ela vai até onde lorde Asriel está preso e vai mandar matá-lo. Porque... Agora está ficando claro: uma coisa que eu nunca tinha entendido, Iorek! É por isso que ela quer matar lorde Asriel: porque ela sabe o que ele vai fazer e tem medo, quer fazer ela mesma e obter o controle antes dele... Deve ser sobre a cidade no céu, só pode ser! Ela está tentando chegar lá primeiro! E agora ele está dizendo outra coisa...

Ela se inclinou sobre o instrumento, muito concentrada enquanto o ponteiro ia de um lado para outro. Ele se movia quase depressa demais para a vista: Roger, olhando por cima do ombro dela, nem conseguia ver o ponteiro parar, e só percebia um diálogo rápido entre os dedos de Lyra movendo os ponteiros menores e o ponteiro grande respondendo, uma linguagem tão extraordinária quanto a própria Aurora Boreal.

Por fim, ela descansou o instrumento no colo e, piscando e suspirando, saiu da profunda concentração.

— Sim, entendo o que ele está dizendo — afirmou. — Ela está de novo atrás de mim. Quer alguma coisa que eu tenho, porque lorde Asriel também quer. Precisam disso para esse... Para essa experiência, seja lá o que for...

Ela parou e respirou fundo. Alguma coisa a incomodava, e ela não sabia o que era. Tinha certeza de que *aquela coisa* tão importante era o próprio aletiômetro, porque, afinal de contas, a sra. Coulter *tentara* ficar com ele, e que mais poderia ser? Mas não era isso, pois o aletiômetro tinha outra maneira de se referir a si mesmo.

— Imagino que seja o aletiômetro — disse, em tom de tristeza. — Foi o que eu pensei o tempo todo. Tenho que entregar a lorde Asriel antes que ela apareça. Se *ela* pegar o aletiômetro, todos nós vamos morrer.

Ao dizer isso, Lyra se sentiu tão cansada, tão exausta e triste que morrer teria sido um alívio. Mas o exemplo de Iorek Byrnison impedia que ela admitisse isso. Guardou o aletiômetro e se sentou com as costas retas.

— A que distância ela está? — perguntou Iorek.

— A poucas horas. Acho que é melhor levar o aletiômetro para lorde Asriel o mais depressa possível.

— Vou com você — decidiu Iorek.

Ela não discutiu. Enquanto Iorek dava ordens e organizava um grupo armado para ir com eles na parte final da viagem ao norte, Lyra ficou imóvel, poupando as energias; sentia que perdera alguma coisa durante a última leitura. Fechou os olhos e dormiu; mais tarde eles a acordaram, e partiram.

21. AS BOAS-VINDAS DE LORDE ASRIEL

Lyra cavalgava um urso jovem e forte, e Roger viajava montado em outro, enquanto Iorek caminhava incansavelmente à frente; atrás deles ia um grupo armado com um lança-chamas, defendendo a retaguarda.

O caminho era longo e difícil: o interior de Svalbard era montanhoso, com picos irregulares e desfiladeiros profundos cortados por ravinas e vales de paredes íngremes, e o frio era intenso. Lyra recordou os trenós velozes e macios dos gípcios a caminho de Bolvangar; como aquela viagem parecia agora rápida e confortável! O ar ali era o mais penetrante e frio que ela já conhecera; ou podia ser que o urso que ela montava não fosse tão ágil quanto Iorek Byrnison; ou talvez ela estivesse cansada até a alma. De qualquer maneira, foi uma viagem bastante difícil.

Ela pouco sabia sobre o destino da caravana, ou a que distância ficava a prisão; tudo que sabia era o que o urso ancião Soren Eisarson lhe contara enquanto preparavam o lança-chamas. Ele participara das negociações sobre as condições do encarceramento de lorde Asriel e lembrava muito bem.

Ele disse que, no início, os ursos de Svalbard consideravam lorde Asriel igual a qualquer um dos outros políticos, reis ou baderneiros que tinham sido exilados para aquela ilha distante. Os prisioneiros eram importantes, senão teriam sido mortos por seu próprio povo; podiam ser valiosos para os ursos um dia, se seus destinos políticos mudassem e eles voltassem a governar suas terras; portanto, podia valer a pena não tratá-los com crueldade ou desrespeito.

Então lorde Asriel tinha achado as condições em Svalbard nem melhores, nem piores do que as de centenas de outros exilados antes dele. Mas certas coisas faziam seus carcereiros terem mais medo dele do que dos outros prisioneiros; havia um ar de mistério e de perigo espiritual que envolvia qualquer coisa relacionada ao Pó; eles tinham visto o pânico evidente

daqueles que haviam levado lorde Asriel até lá, e havia as conversas particulares entre a sra. Coulter e Iofur Raknison.

Além disso, os ursos nunca tinham visto alguém com a natureza orgulhosa e autoritária de lorde Asriel. Ele dominava até mesmo Iofur Raknison, discutindo com firmeza e eloquência, e convenceu o urso-rei a permitir que ele próprio escolhesse o lugar onde ia morar.

O primeiro que lhe deram era baixo demais; ele disse que precisava de um lugar no alto, acima da fumaça e da poluição das minas de fogo e dos ferreiros. Deu aos ursos um projeto para o alojamento que desejava e lhes disse onde devia ser construído; ele os subornou com ouro e bajulou e intimidou Iofur Raknison; de boa vontade, achando graça, os ursos começaram a trabalhar. Em pouco tempo, uma casa foi construída em uma ponta de terra virada para o norte: uma construção ampla e sólida, com lareiras que queimavam grandes blocos de carvão retirados da terra e carregados por ursos, e com grandes janelas de vidro de verdade. Ali ele habitava, um prisioneiro vivendo como um rei.

E então se dedicou a reunir os equipamentos para montar um laboratório.

Com furiosa concentração, mandou buscar livros, instrumentos, agentes químicos, todo tipo de ferramentas e aparelhos. E, de um jeito ou de outro, recebeu tudo que pedira — uma parte abertamente, outra contrabandeada pelos visitantes que ele insistia ter direito de receber. Por terra, mar e ar, lorde Asriel reuniu seu material, e aos seis meses de prisão já possuía tudo que queria.

E então começou a trabalhar, pensando, planejando e calculando, esperando a única coisa que precisava para completar o trabalho que tanto assustava o Conselho de Oblação. E essa coisa estava cada vez mais próxima.

A primeira visão que Lyra teve da prisão de seu pai veio quando Iorek Byrnison fez todos pararem no sopé de um rochedo para que as crianças esticassem as pernas, que estavam ficando perigosamente frias e rígidas.

— Olhe lá para cima — disse ele.

Uma ladeira coberta de rochas e gelo de uma antiga avalanche, onde uma

trilha tinha sido trabalhosamente aberta, levava ao topo de um penhasco. Não havia Aurora, mas as estrelas brilhavam. O penhasco era negro e hostil, mas no topo havia um prédio espaçoso, de onde jorrava luz em todas as direções — não o brilho enfumaçado e inconstante das lamparinas a gordura de peixe, nem a luz branca e chocante dos holofotes ambáricos, e sim a luz cálida de nafta.

As janelas de onde a luz emergia também mostravam o formidável poder de lorde Asriel. O vidro era um material caro, que em grandes extensões ajudava a manter o calor naquelas regiões inóspitas; assim, esse material evidenciava riqueza e influência, muito mais do que o palácio vulgar de Iofur Raknison.

Montaram nos ursos pela última vez, e Iorek os guiou encosta acima até a casa. Havia um pátio coberto de neve, rodeado por um muro baixo; quando Iorek empurrou o portão, eles ouviram uma campainha tocar em algum lugar dentro da casa.

Lyra desceu das costas do urso. Mal conseguia ficar de pé. Ajudou Roger a desmontar também e, um apoiando o outro, os dois se dirigiram para a porta, atravessando a neve que chegava até seus quadris.

Ah, como lá dentro devia estar quentinho! Ah, como ia ser bom descansar em paz!

Ela estendeu a mão para a corda da sineta, mas a porta se abriu antes que pudesse pegá-la. Havia um pequeno vestíbulo mal-iluminado, que servia para manter o ar quente dentro de casa, e parada sob a lamparina estava uma pessoa que ela reconheceu: Thorold, o criado de lorde Asriel, com seu daemon-pinscher, Anfang.

Com um gesto cansado, Lyra puxou o capuz para trás.

— Quem... — começou Thorold, mas logo a reconheceu, e continuou: — Não é Lyra? A pequena Lyra? Estou sonhando?

Ele estendeu a mão para trás para abrir a porta interna.

Um salão com um fogo de carvão ardendo em uma plataforma de pedra, a cálida luz de nafta brilhando nos tapetes, nas poltronas de couro, na madeira encerada... Lyra não via isso desde que deixara a Faculdade Jordan, e sentiu um nó se formar na garganta.

A pantera branca, o daemon de lorde Asriel, rosnou.

Ali estava o pai de Lyra, seu rosto moreno e forte, a princípio intenso, triunfante e ansioso. E então a cor desapareceu; ele arregalou os olhos, horrorizado, ao reconhecer a filha.

— Não! Não!

Cambaleou para trás e se agarrou à prateleira sobre a lareira. Lyra não conseguia se mover.

— Saia! — gritou lorde Asriel. — Dê meia-volta e saia, vá embora! *Não mandei buscarem você!*

Ela não conseguia falar. Por duas vezes abriu a boca e então conseguiu dizer:

— Não, não, eu vim porque...

Ele parecia apavorado; não parava de balançar a cabeça e ergueu as mãos como se esse gesto pudesse fazê-la desaparecer. Ela não conseguia acreditar naquilo.

Deu um passo à frente para tranquilizá-lo, e Roger veio ficar ao seu lado, ansioso. Os seus daemons saíram voejando, e um momento depois lorde Asriel passou a mão pela testa e se controlou um pouco. A cor começou a voltar ao seu rosto enquanto ele contemplava as duas crianças.

— Lyra — disse. — É você mesmo, Lyra?

— Sou, sim, tio Asriel — respondeu ela, achando que aquele não era o momento para falar de seu verdadeiro parentesco. — Vim lhe trazer o aletômetro, da parte do reitor da Jordan.

— Ah, sim, naturalmente — disse ele. — Quem é este aí?

— É Roger Parslow. É ajudante da cozinha na Jordan. Mas...

— Como foi que chegou aqui?

— Eu estava contando... Iorek Byrnison está lá fora, ele nos trouxe aqui. Veio comigo desde Trollesund, e nós enganamos Iofur...

— Quem é Iorek Byrnison?

— Um urso de armadura. Ele nos trouxe aqui.

— Thorold! — chamou ele. — Prepare um banho para esses dois e comida. Depois eles vão precisar dormir. As roupas deles estão imundas; arranje alguma coisa para usarem. Faça isso agora, enquanto eu converso

com o urso.

Lyra sentiu a cabeça rodar. Talvez fosse o calor, talvez alívio. Ela observou o criado fazer uma reverência e sair da sala, e lorde Asriel sair para o vestíbulo e fechar a porta atrás de si, e então ela se deixou cair na poltrona mais próxima.

Parecia que, no instante seguinte, Thorold estava falando com ela.

— Venha comigo, senhorita.

Ela se obrigou a levantar e foi com Roger para um banheiro aquecido, onde toalhas macias estavam penduradas em um varal aquecido e uma banheira de água quente soltava vapor à luz de nafta.

— Você primeiro — disse Lyra. — Vou me sentar lá fora para conversarmos.

Então Roger, fazendo careta por causa da água quente, entrou na banheira e tomou banho. Eles tinham nadado sem roupa muitas vezes, brincando no rio Isis ou no Cherwell com outras crianças, mas agora era diferente.

— Estou com medo do seu tio — disse Roger através da porta aberta. — Quer dizer, do seu pai.

— É melhor continuar chamando ele de meu tio. Eu também tenho medo dele, às vezes.

— Quando a gente entrou, ele não me viu. Só viu você. E ficou apavorado, até me ver. Então se acalmou de repente.

— Ele ficou chocado, só isso — retrucou Lyra. — Qualquer pessoa ficaria, vendo alguém que não esperava ver. A última vez que ele me viu foi depois daquele caso da sala privativa. Deve ter sido mesmo um choque.

— Não, foi mais que isso — insistiu Roger. — Ele estava olhando para mim como um lobo ou coisa assim.

— Você está imaginando coisas.

— Não estou. Tenho mais medo dele do que tinha da sra. Coulter, a verdade é esta.

Enquanto ele jogava água no corpo, Lyra pegou o aletômetro.

— Quer que eu pergunte ao leitor de símbolos sobre isso? — perguntou.

— Bom, sei lá. Algumas coisas eu prefiro não saber. Parece que tudo que ouvi depois que os Papões chegaram em Oxford foi ruim. Tudo no futuro

depois de cinco minutos tem sido ruim. Como agora, este banho está gostoso, e no futuro daqui a cinco minutos vai ter uma toalha quentinha. E enquanto eu me enxugo, vou pensar em uma comida gostosa cinco minutos depois, mas só vou até aí. Depois de comer, talvez dentro de cinco minutos eu possa estar dormindo em uma cama confortável. Mas depois disso, não sei, Lyra. Nós vimos coisas horríveis, não foi? E ainda vem mais, com certeza. Então acho melhor não saber o que está no futuro. Prefiro o presente.

— Está certo. Às vezes sinto isso também — disse ela em tom cansado.

Assim, embora tenha ficado com o aletímetro nas mãos por mais algum tempo, era apenas como um amuleto; não mexeu nos ponteiros e não percebeu que o ponteiro grande se mexia. Pantalaimon observava em silêncio.

Depois que ambos tomaram banho e comeram pão com queijo, bebendo vinho com água quente, o criado Thorold disse:

— O menino deve ir para a cama. Vou mostrar o caminho. Srta. Lyra, lorde Asriel pede que vá ao encontro dele na biblioteca.

Lyra encontrou lorde Asriel em um aposento com janelas largas que davam para o mar congelado bem abaixo deles. Havia um fogo de carvão em uma ampla lareira e uma lamparina a nafta com a chama bem baixa, de modo que havia poucos obstáculos entre os ocupantes da sala e a paisagem escura e estrelada lá fora. Lorde Asriel, reclinado em uma grande poltrona a um lado da lareira, indicou que ela ocupasse a outra poltrona, de frente para ele.

— Seu amigo Iorek Byrnison está descansando lá fora — informou. — Ele prefere o frio.

— Ele lhe contou a luta com Iofur Raknison?

— Não com detalhes. Mas entendi que agora ele é o rei de Svalbard. Isso é verdade?

— Claro que é. Iorek nunca mente.

— Parece que ele se nomeou seu guardião...

— Não. John Faa disse a ele para tomar conta de mim, e ele está obedecendo. Está seguindo as ordens de John Faa.

— Como é que John Faa entrou nessa história?

— Eu lhe conto se o senhor me contar uma coisa — ela propôs. — O

senhor é meu pai, não é?

— Sou. E daí?

— Daí que devia ter me contado antes. Não devia esconder esse tipo de coisa, porque as pessoas se sentem idiotas quando descobrem, e isso é crueldade. Que diferença faria se eu soubesse que era sua filha? O senhor podia ter me contado há muitos anos. Podia ter me contado e pedido para eu guardar segredo, e eu guardaria, pois, mesmo sendo criança, eu teria feito isso se o senhor me pedisse. Eu teria tanto orgulho que nada arrancaria isso de mim, se o senhor me pedisse para guardar segredo. Mas o senhor não. Contou a outras pessoas, mas não a mim.

— Quem lhe contou?

— John Faa.

— Ele falou sobre sua mãe?

— Falou, sim.

— Então não resta muita coisa para eu contar. Acho que não quero ser interrogado e condenado por uma menina insolente. Quero saber o que você viu e fez na sua viagem para cá.

— Eu lhe trouxe o maldito aletômetro, não trouxe? — explodiu Lyra. Estava quase chorando. — Cuidei dele desde que saí da Jordan, escondi bem escondido e me preocupei, passando por tudo que nos aconteceu. E aprendi como é que se usa e o carreguei por todo o maldito caminho, quando podia simplesmente entregar ele e ficar em segurança, e o senhor nem diz um obrigado, nem mostra qualquer sinal de estar feliz em me ver. Não sei por que resolvi fazer isso. Mas fiz, não desisti, mesmo no palácio fedorento de Iofur Raknison, com todos aqueles ursos me cercando, eu não desisti, sozinha, e enganei ele, fiz ele lutar com Iorek para que eu pudesse vir até aqui por sua causa... E quando o *senhor* me viu, quase desmaiou, como se eu fosse alguma coisa horrível que o senhor nunca mais queria ver. O senhor não é humano, lorde Asriel. Não é meu pai. Meu pai não me trataria assim. Os pais amam as filhas, não amam? O senhor não me ama, e eu não amo o senhor, e pronto. Eu amo Farder Coram, amo Iorek Byrnison. Amo um urso de armadura mais do que amo meu próprio pai. E aposto que Iorek Byrnison me ama mais que o senhor.

— Você mesma me disse que ele está só obedecendo ordens de John Faa. Se vai ficar sentimental, não vou perder meu tempo conversando com você.

— Então pegue o seu maldito aletiômetro, e eu vou voltar com Iorek.

— Para onde?

— Para o palácio. Ele pode lutar contra a sra. Coulter e o Conselho de Oblação quando eles aparecerem. Se perder, eu também vou morrer, mas não me importo. Se ele vencer, vamos mandar buscar Lee Scoresby, e eu vou embarcar no balão dele e...

— Quem é Lee Scoresby?

— Um aeróstata. Ele nos trouxe aqui e então caímos. Pronto, aqui está o aletiômetro. Está em perfeito estado.

Ele não fez menção de pegar o instrumento, então ela o colocou na grade de bronze que rodeava a frente da lareira.

— Bom, acho que é minha obrigação dizer que a sra. Coulter está a caminho de Svalbard e assim que souber o que aconteceu a Iofur Raknison virá para cá. Em um zepelim, com muitos soldados, e vão matar nós todos por ordem do Magisterium.

— Não vão nos alcançar — disse ele calmamente.

Estava tão calmo e relaxado que parte da raiva dela se desfez.

— O senhor não tem como saber — retrucou Lyra, meio em dúvida.

— Mas sei.

— Então tem outro aletiômetro?

— Não preciso de um aletiômetro para isso. Agora quero saber da sua viagem para cá, Lyra. Comece do princípio. Quero saber tudo.

Ela contou. Começou na noite em que se escondeu na sala privativa, depois falou sobre o sequestro de Roger pelos Papões e o tempo que passou com a sra. Coulter, e tudo que tinha acontecido.

Era uma longa história, e quando terminou, ela disse:

— Só tem uma coisa que eu quero saber, e acho que tenho esse direito, como tinha o direito de saber quem eu sou de verdade. E como não me contou aquilo, vai me contar isso como compensação. O que é Pó? E por que todo mundo tem tanto medo dele?

Lorde Asriel a encarou como se quisesse adivinhar se ela compreenderia o

que ele ia dizer. Lyra pensou que aquele homem nunca havia olhado seriamente para ela; até então tinha sido sempre como um adulto observando as gracinhas de uma criança. Mas pareceu que ele achou que ela estava pronta.

— Pó é o que faz o aletiômetro funcionar — disse.

— Ah... Achei que fosse mesmo! Que mais? Como foi que descobriram isso?

— De certo modo, a Igreja sempre soube. Durante séculos, eles vêm fazendo sermões sobre o Pó, só que não usam este nome. Mas, há alguns anos, um moscovita chamado Boris Mikhailovitch Rusakov descobriu um novo tipo de partícula elementar. Você já ouviu falar em elétrons, fótons, neutrinos e o resto? Receberam o nome de partículas elementares porque não podem ser divididas: não há nada dentro delas além delas mesmas. Bem, esse novo tipo de partícula era realmente elementar, mas era muito difícil de ser medido porque não reagia de modo normal. A coisa mais difícil para Rusakov foi entender por que a nova partícula parecia se juntar onde havia seres humanos, como se fosse atraída por nós. Especialmente por adultos. Pelas crianças também, mas não tanto, até seus daemons fixarem sua forma. Durante os anos de puberdade, elas começam a atrair mais Pó, e ele pousa nelas como pousa nos adultos.

“Ora, todas as descobertas desse tipo, por terem influência nas doutrinas da Igreja, têm que ser anunciadas pelo Magisterium em Gênova. E essa descoberta de Rusakov era tão improvável e estranha que o Inspetor do Tribunal Consistorial de Disciplina suspeitou que Rusakov estivesse possuído pelo diabo. Fizeram um exorcismo no laboratório e interrogaram Rusakov segundo as regras da Inquisição, mas afinal tiveram que aceitar o fato de que ele não estava mentindo ou tentando enganá-los: o Pó realmente existia.

“Aí surgiu o problema de decidir o que era isso. E devido à natureza da Igreja só poderiam ter escolhido uma coisa: o Magisterium decidiu que o Pó era a evidência física do pecado original. Sabe qual é o pecado original?”

Ela comprimiu os lábios. Era como estar de volta à Jordan, sendo sabatinada sobre alguma coisa que mal tinham lhe ensinado.

— Mais ou menos — respondeu.

— Não sabe, não. Vá até a prateleira atrás da escrivaninha e me traga a Bíblia.

Lyra obedeceu e entregou ao pai o grande livro de capa preta.

— Você se lembra da história de Adão e Eva?

— Claro. Ela não devia comer o fruto, mas foi tentada pela serpente e comeu.

— O que aconteceu depois?

— Hum... Eles foram expulsos. Deus expulsou os dois do paraíso.

— Deus tinha dito para eles não comerem o fruto, senão iam morrer. Eles estavam nus no paraíso, eram como crianças, seus daemons tinham a forma que desejassem ter. Mas ouça o que aconteceu.

Ele procurou o Capítulo Terceiro do Gênesis e leu:

“E a mulher disse à serpente: ‘Nós comemos do fruto das árvores que estão no paraíso.

‘Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso Deus mandou que não o comêssemos, e nem o tocássemos, para que não suceda que morramos.’

Porém a serpente disse à mulher: ‘Vós de nenhum modo morrereis.

‘Pois Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, abrir-se-ão vossos olhos, e vossos daemons assumirão suas formas verdadeiras, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.’

Viu, pois, a mulher que (o fruto da) árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e uma árvore desejável para revelar a forma verdadeira do daemon de alguém; e tirou do fruto dela, e o comeu; e deu a seu marido, que também o comeu.

E os olhos de ambos se abriram; e eles viram a forma verdadeira de seus daemons e falaram com eles.

Mas quando o homem e a mulher conheceram seus próprios daemons, viram que uma grande transformação neles se efetuara, pois até aquele momento parecia que eles eram como todas as criaturas da terra e do céu, e não havia diferença entre eles.

E eles enxergaram a diferença, e conheceram o bem e o mal; e

envergonharam-se. E coseram folhas de figueira para cobrir sua nudez...”

Ele fechou o livro.

— E foi assim que o pecado chegou ao mundo — disse. — O pecado, a vergonha e a morte. Ele surgiu no momento em que os daemons de Adão e Eva se tornaram imutáveis.

— Mas... — Lyra lutou para encontrar as palavras que queria. — Mas isso não é *verdade*, é? Não é como química ou engenharia, não é esse tipo de verdade, é? Adão e Eva nunca *existiram*, não é? O catedrático de cassington me disse que era só uma espécie de conto de fadas.

— A Cátedra de Cassington tradicionalmente é dada a um livre-pensador; a função dele é desafiar a fé dos catedráticos. Naturalmente ele tinha que dizer isso. Mas pense em Adão e Eva como um número imaginário, como a raiz quadrada de menos um: a gente nunca vê uma prova concreta de que ele existe, mas quando incluímos esse número nas nossas equações, podemos calcular todo tipo de coisa que seria impossível imaginar sem ele. De qualquer maneira, essa história é o que a Igreja vem ensinando há milhares de anos. E quando Rusakov descobriu o Pó, finalmente havia uma prova física de que alguma coisa acontecia quando a inocência se transformava em experiência. Aliás, a Bíblia nos deu também o nome “Pó”; no princípio deram o nome de Partículas de Rusakov, mas logo alguém observou um curioso versículo no final do Capítulo Terceiro do Gênesis, quando Deus amaldiçoa Adão por ter comido o fruto.

Ele tornou a abrir a Bíblia e mostrou a Lyra.

Ela leu:

“Comerás o pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra, de que foste tomado: porque tu és pó, e ao pó retornarás...”

Lorde Asriel continuou:

— Os estudiosos da Igreja sempre ficaram confusos com a tradução desse versículo. Alguns dizem que não deveria ser “ao pó retornarás”, mas sim

“serás sujeito ao pó”, e outros dizem que o versículo inteiro é uma espécie de trocadilho com as palavras “terra” e “pó”, e que ele significa na verdade que Deus está admitindo que sua própria natureza é parcialmente pecaminosa. Não há um consenso; não se consegue chegar a uma conclusão, porque esse texto foi modificado. Mas a palavra servia bem demais, e é por isso que as partículas ficaram conhecidas como Pó.

— E quanto aos Papões? — Lyra quis saber.

— O Conselho Geral de Oblação... A quadrilha da sua mãe. Foi muita esperteza dela identificar a oportunidade de formar sua própria base de poder, mas ela é uma mulher esperta, como você já deve ter percebido. É vantajoso para o Magisterium permitir que floresça todo tipo de diferentes organizações. Podem jogar umas contra as outras; se uma der certo, podem fingir que a apoiaram o tempo todo, e se ela fracassar, eles podem fingir que era uma organização clandestina.

“Sabe, sua mãe sempre desejou o poder. No princípio, tentou conseguir poder pela maneira normal, por meio do casamento, mas isso não funcionou, como você já deve saber. Então ela teve que recorrer à Igreja. Naturalmente ela não podia seguir o caminho que um homem seguiria, ser padre e subir na hierarquia da Igreja, então teve que fazer uma coisa alternativa: teve que criar sua própria ordem, seus próprios canais de influência, e trabalhar com isso. Foi uma boa jogada se especializar no Pó. Todo mundo tinha medo dele, ninguém sabia o que fazer; e quando ela se ofereceu para dirigir uma investigação, o Magisterium ficou tão aliviado que eles a apoiaram com dinheiro e recursos de todo tipo.”

— Mas eles estavam *cortando*... — Lyra não conseguiu dizer o resto; as palavras ficaram travadas em sua garganta. — O senhor sabe o que estavam fazendo! Por que a Igreja deixou que fizessem uma coisa dessas?

— Havia um precedente. Já tinha ocorrido uma coisa parecida. Sabe o que significa a palavra *castração*? Significa remover os órgãos sexuais de um menino para que ele nunca desenvolva as características de um homem. Um castrado tem a voz fina pelo resto da vida, e é por isso que a Igreja permitia: era útil nos coros da Igreja. Alguns *castrato* se tornaram grandes cantores, artistas maravilhosos. Muitos se tornaram apenas meio-homens, balofos e

temperamentais. Alguns morreram por causa da operação. Mas a Igreja não se importou com a ideia de um pequeno *corte*, entende? Havia um precedente. E agora seria muito mais *higiênico* do que os métodos antigos, quando não existia anestesia nem curativos esterilizados. Agora a operação seria muito mais suave.

— Não é, não! — exclamou Lyra com ferocidade. — Não é!

— Não. Claro que não. É por isso que tiveram que se esconder no Extremo Norte, distantes e na escuridão. E por isso a Igreja ficou tão contente em ter alguém como a sua mãe tomando conta. Quem iria imaginar tais coisas de uma mulher tão encantadora, tão bem relacionada, tão simpática e educada? Mas por se tratar de uma operação obscura e clandestina, ela era alguém que o Magisterium poderia negar conhecer, se fosse necessário.

— Mas de quem foi a ideia de fazer esse *corte*?

— Foi dela. Ela adivinhou que as duas coisas que acontecem na adolescência poderiam estar ligadas: a mudança no daemon e o fato de que o Pó começa a ser atraído. Talvez, se o daemon fosse separado do corpo, pudéssemos não ser sujeitos ao Pó, ao pecado original. A questão era se seria possível separar o daemon do corpo sem matar a pessoa. Mas ela viajou por muitos lugares e viu muitas coisas. Viajou pela África, por exemplo. Os africanos conseguem criar um escravo chamado *zumbi*. Ele não tem vontade própria; trabalha dia e noite sem fugir nem reclamar. Parece um cadáver...

— É uma pessoa sem seu daemon!

— Exatamente. Assim, ela descobriu que *era* possível separar os dois.

— E... Tony Costa me contou sobre os fantasmas horríveis que existem nas florestas do norte. Imagino que devem ser o mesmo tipo de coisa.

— Isso mesmo. De qualquer maneira, o Conselho Geral de Oblação cresceu por causa de ideias como esta e da obsessão da Igreja com o pecado original.

O daemon de lorde Asriel mexeu as orelhas, e ele pousou a mão na bela cabeça do animal.

— Outra coisa acontecia quando faziam o corte, porém eles não perceberam —continuou ele. — A energia que liga o corpo ao daemon é imensamente poderosa; quando o corte é feito, toda essa energia se dissipa

em uma fração de segundo. Eles não perceberam, pois confundiram com choque, ou trauma, ou raiva, e treinaram para não sentir aquilo. Então deixaram de ver o que essa energia podia fazer e nunca pensaram em aproveitá-la...

Lyra não conseguia ficar quieta; levantou-se, caminhou até a janela e ficou contemplando a escuridão. Eles eram cruéis demais! Por mais que fosse importante descobrir sobre o pecado original, era crueldade demais o que tinham feito a Tony Makarios e a todos os outros. Nada justificava isso.

— E o que o *senhor* estava fazendo? — perguntou ela. — Também cortou alguém?

— Estou interessado em uma coisa completamente diferente. Acho que o Conselho de Oblação não tem visão; eu quero ir à própria fonte do Pó.

— À fonte? De onde ele vem, então?

— Do outro universo que conseguimos ver através da Aurora Boreal.

Lyra se virou outra vez para a sala. Seu pai estava recostado na poltrona, relaxado e poderoso, os olhos tão ferozes quanto os de seu daemon. Ela não o amava, não conseguia confiar nele, mas não podia deixar de admirá-lo, admirar o luxo extravagante que ele reunira naquela imensidão desolada, admirar o poder da ambição dele.

— O que é esse outro universo? — perguntou.

— Um dos incontáveis bilhões de mundos paralelos. As feiticeiras sabem sobre eles há séculos, mas os primeiros teólogos a provarem matematicamente a existência deles foram excomungados, há uns setenta anos ou mais. No entanto, é verdade; não há como negar.

“Mas ninguém pensava que um dia seria possível atravessar de um universo para outro. Isso violaria leis fundamentais, nós achávamos. Bem, estávamos errados. Aprendemos a enxergar o mundo lá em cima; ora, se a luz consegue atravessar, nós também conseguimos. E tivemos que *aprender* a enxergar esse outro mundo, Lyra, assim como você aprendeu a usar o aletíômetro.

“Ora, esse mundo e todos os outros universos surgiram como resultado da possibilidade. Veja o exemplo de jogar uma moeda para o alto: pode dar cara ou coroa, e antes que ela caia não sabemos como vai cair. Se der cara, isso

significa que a possibilidade de dar coroa está destruída, mas até aquele momento as duas possibilidades eram iguais.

“Mas em outro mundo ela cai coroa. E quando isso acontece, os dois mundos se separam. Estou usando o exemplo de uma moeda para tornar a coisa mais simples. Na verdade, essas destruições de possibilidade acontecem do mesmo modo no nível das partículas elementares: em dado momento, várias coisas são possíveis; no momento seguinte, apenas uma acontece e o resto não existe. Porém surgiram outros mundos, onde elas *acontecem*.

“E eu pretendo ir a esse mundo por trás da Aurora Boreal, porque acho que é de lá que vem o Pó do nosso universo. Você viu aqueles slides que mostrei aos Catedráticos na sala privativa; viu o Pó jorrando neste mundo, vindo da Aurora Boreal. Você mesma viu aquela cidade. Se a luz pode atravessar a barreira entre os universos, se o Pó pode, se nós conseguimos ver aquela cidade, então podemos construir uma ponte e atravessar. É preciso uma descarga de energia fenomenal, mas tenho como fazer isso. Em algum lugar está a origem de todo o Pó, toda morte, pecado, miséria, destruição no mundo! Os seres humanos não conseguem ver qualquer coisa sem querer destruí-la, Lyra. *Este* é que é o pecado original. E eu vou acabar com ele. A morte vai morrer.”

— Foi por isso que prenderam o senhor aqui?

— É. Estão apavorados. E com razão.

Ele ficou de pé, imitado pelo seu próprio daemon — orgulhoso, lindo e letal. Lyra ficou imóvel. Tinha medo do pai, admirava-o profundamente e achava que ele estava inteiramente louco, mas quem era ela para julgar?

— Vá para a cama — ordenou ele. — Thorold vai lhe mostrar seu quarto.

Ele se virou para sair.

— O senhor está esquecendo o aletômetro — avisou ela.

— Ah, é. Na verdade, não preciso mais dele. De qualquer maneira, não ia ser útil sem os livros. Sabe, acho que o reitor da Jordan estava dando o aletômetro para você. Ele pediu mesmo que você o trouxesse para mim?

— Sim, ora! — exclamou ela.

Mas parou para pensar e concluiu que, na verdade, o reitor não tinha lhe pedido para fazer isso; ela imaginava que era o que ele pretendia.

— Não — corrigiu Lyra. — Não sei. Pensei que...

— Bem, eu não o quero. Ele é seu.

— Mas...

— Boa noite, garota.

Sem palavras, admirada demais com isso para exprimir sequer uma das dezenas de perguntas que lhe enchiam a mente, ela pegou o aletômetro e o embrulhou no veludo preto. Então se sentou perto do fogo e ficou vendo lorde Asriel se afastar.

22. A TRAIÇÃO

Ela despertou com uma pessoa sacudindo seu braço. Então Pantalaimon acordou com um pulo e rosnou, e ela reconheceu Thorold. Ele segurava uma lamparina a nafta na mão trêmula.

— Senhorita, senhorita, levante depressa! Não sei o que fazer. Ele não deixou ordens. Acho que enlouqueceu.

— O quê? O que está havendo?

— Lorde Asriel, senhorita. Ele esteve quase delirando desde que a senhorita foi dormir. Nunca vi meu amo tão transtornado. Arrumou muitos instrumentos e várias baterias em um trenó, atrelou os cachorros e partiu. Ele levou o menino, senhorita!

— Roger? Ele levou o Roger?

— Lorde Asriel me disse para acordar e vestir o menino, e nem pensei em questioná-lo, nunca fiz isso. O menino ficou perguntando pela senhorita, mas lorde Asriel queria vê-lo sozinho. Lembra quando a senhorita chegou? Quando ele viu quem era, não queria acreditar, e ficou mandando a senhorita ir embora?

A cabeça de Lyra estava tão cheia de pensamentos e temores que ela mal conseguia pensar.

— Sei! Sei!

— Era porque ele precisava de uma criança para terminar a experiência, senhorita! E lorde Asriel tem um jeitinho todo especial de conseguir o que quer; é só pedir e...

Agora a cabeça de Lyra estava cheia de trovões, como se ela estivesse tentando evitar que certa informação chegasse ao seu consciente.

Tinha saído da cama e ia vestir suas roupas quando caiu no chão de repente soltando um grito agudo de desespero. O grito saía dela, mas era maior do que ela; era como se o desespero estivesse gritando. Pois ela havia se

lembrado das palavras dele: a energia que une o corpo ao daemon é *imensamente poderosa*; e para abrir a ponte entre os dois mundos era preciso *uma descarga de energia fenomenal...*

Ela acabava de perceber o que fizera.

Tinha lutado para chegar até ali para levar algo a lorde Asriel, pensando saber o que ele queria; e não era o aletiómetro. Tudo que ele queria era uma criança.

E ela tinha levado Roger para ele!

Por isso ele tinha gritado quando viu Lyra: “Não mandei buscarem você!”; ele mandara buscar uma criança, e o destino lhe trouxera a própria filha — era o que ele havia pensado, até ver Roger.

Ah, que angústia terrível! Ela pensara que estava *salvando* Roger e o tempo todo estava trabalhando para trair o amigo... Lyra estremecia, aos soluços. Aquilo não podia ser verdade!

Thorold tentou acalmá-la, mas não sabia o motivo para tanto sofrimento, e tudo que podia fazer era ficar dando tapinhas nervosos no ombro dela.

— Iorek... — soluçou ela, afastando o criado. — Onde está Iorek Byrnison? O urso? Ainda está lá fora?

O velho deu de ombros, sem saber responder.

— Me ajude! — pediu ela, tremendo de fraqueza e medo. — Traga meus agasalhos. Tenho que ir. *Agora! Rápido!*

Ele pousou a lamparina e fez o que ela pedia. Quando dava ordens naquele tom imperioso, ela ficava muito parecida com o pai, embora tivesse o rosto molhado de lágrimas e os lábios trêmulos. Enquanto Pantalaimon andava de um lado para outro sacudindo a cauda com força, a pelagem quase faiscando, Thorold correu para trazer as peles dela, rígidas e fedorentas, e ajudar Lyra a se agasalhar. Assim que todos os botões estavam fechados, ela correu para a porta, e sentiu o frio atingir sua garganta como uma espada e congelar as lágrimas em seu rosto.

— Iorek! — ela se pôs a gritar. — Iorek Byrnison! Venha, preciso de você!

Houve uma erupção de neve, um ruído de metal, e o urso apareceu a seu lado; estivera dormindo tranquilamente sob a neve que caía. Na luz da

lamparina que Thorold segurava junto à janela, Lyra viu a cabeça comprida e sem rosto, as frestas escuras dos olhos, o brilho de pelos brancos sob o metal avermelhado, e teve vontade de abraçá-lo, procurando consolo no elmo de ferro, no gelo acumulado.

— Que foi? — perguntou ele.

— Temos que alcançar lorde Asriel. Ele levou o Roger e vai... não consigo nem pensar nisso... Ah, Iorek, eu imploro, temos que ir depressa!

— Então vamos.

Lyra saltou para as costas do urso. Não havia necessidade de perguntar o caminho; o rastro do trenó levava para a planície, e Iorek partiu no encalço dele. Seu movimento fazia agora parte de Lyra, de modo que se equilibrar havia se tornado uma coisa automática para ela. Ele corria mais depressa do que nunca pelo espesso manto de neve sobre o solo rochoso, e as placas da sua armadura roçavam umas nas outras em um ritmo regular.

Atrás deles, os outros ursos vinham mais devagar, carregando o lança-chamas. O caminho estava claro, pois a lua estava alta, e sua luz, derramando-se sobre o mundo nevado, era tão viva como tinha sido no balão: um mundo de prata brilhante e negrume total. O rastro do trenó de lorde Asriel ia direto para uma serra de picos pontiagudos, formas aguçadas e estranhas que se sobressaíam em um céu tão negro quanto o veludo que embrulhava o aletômetro. Não havia sinal do trenó — ou havia um levíssimo movimento na encosta do pico mais alto? Lyra tentou enxergar, forçando os olhos, e Pantalaimon voou o mais alto que pôde para espiar com sua visão clara de coruja.

— É lorde Asriel, sim, ele está chicoteando furiosamente os cães, e tem uma criança com ele...

Lyra sentiu Iorek Byrnison diminuir a velocidade; alguma coisa tinha chamado sua atenção. Ele erguia a cabeça, virando-a para a esquerda e para a direita.

— O que foi? — ela quis saber.

Ele não disse. Estava escutando com atenção, mas ela nada conseguia ouvir. Mas então escutou alguma coisa: um ruído misterioso e muito distante de coisa roçando e estalando. Era um som que ela já ouvira: o som da Aurora

Boreal. Um véu de brilho tinha caído do nada e pendia cintilante no céu austral. Todos aqueles bilhões e trilhões de partículas carregadas invisíveis, e possivelmente também de Pó, ela pensou, formavam uma radiância descendo da atmosfera superior. Naquela noite, a Aurora Boreal ia ser bem mais brilhante e extraordinária do que qualquer outra que Lyra já vira, como se soubesse do drama que se desenrolava lá embaixo e quisesse iluminá-lo com os mais impressionantes efeitos especiais.

Mas nenhum dos ursos estava olhando para cima: tinham a atenção voltada para a terra. Então não havia sido a Aurora que atraía a atenção de Iorek! O urso agora estava imóvel, e Lyra escorregou das costas dele, sabendo que Iorek precisava de liberdade de movimentos para poder se orientar. Alguma coisa o preocupava.

Lyra olhou em volta e para trás, para a vastidão plana que levava à casa de lorde Asriel, olhou para as montanhas que tinham atravessado mais cedo, e nada viu. A Aurora Boreal ficou mais intensa; os primeiros véus tremularam e deslizaram para um lado, e cortinas irregulares se dobraram e se desdobraram acima deles, aumentando em tamanho e em brilho a cada minuto; espirais e arabescos se retorciam de um horizonte a outro, e tocavam o próprio zênite com arcos de luz. Ela escutava com mais clareza do que nunca o portentoso canto sibilado de vastas forças inalcançáveis.

— As feiticeiras! — exclamou um dos ursos.

Lyra se virou, com alegria e alívio, mas um focinho pesado a empurrou pelas costas e a jogou no chão; sem fôlego para se levantar, a menina ficou caída, ofegante e trêmula, pois no lugar onde ela estivera de pé havia agora a pena verde de uma flecha; a ponta e o cabo estavam enterrados na neve.

Impossível!, ela pensou, mas era verdade, pois outra flecha bateu ruidosamente na armadura de Iorek, que estava parado acima dela. Não eram as feiticeiras de Serafina Pekkala; eram de outro clã. Ficaram voando em círculos, mais de uma dúzia delas, dando rasantes para atirar uma flecha e tornando a subir depressa, e Lyra xingou muito, dizendo todos os palavrões que sabia.

Iorek Byrnison deu ordens rápidas. Era evidente que os ursos tinham prática em lutar contra feiticeiras, pois no mesmo instante eles se colocaram

em posição defensiva, e as feiticeiras passaram ao ataque. Elas só conseguiam acertar no alvo se atirassem de perto, e para não desperdiçar flechas elas mergulhavam, atiravam a flecha e no mesmo instante subiam. Mas quando chegavam ao ponto mais baixo do mergulho, tendo as mãos ocupadas com o arco e a flecha, elas ficavam vulneráveis, e os ursos saltavam com as garras estendidas e puxavam as feiticeiras para o chão. Várias foram derrubadas assim, e logo liquidadas.

Lyra ficou abaixada junto a uma rocha, observando. Algumas feiticeiras atiraram nela, mas erraram o alvo; e então Lyra, olhando para cima, viu que a maior parte do grupo se destacava e ia embora.

Se ela ficou aliviada com isso, o alívio não durou mais que uns instantes: da direção que as feiticeiras tinham tomado vinham muitas outras, e com elas no céu havia um grupo de luzes brilhantes; e vindo do outro lado da planície de Svalbard, sob a radiância da Aurora Boreal, ela ouviu um som que abominava: o pulsar de um motor a gás. O zepelim estava chegando, trazendo a bordo a sra. Coulter e sua tropa.

Iorek rosnou uma ordem e os ursos tomaram outra formação. Lyra ficou observando enquanto eles preparavam o lança-chamas. A linha de frente da esquadrilha de feiticeiras também viu isso e a saraivada de flechas recomeçou, mas os ursos confiavam em suas armaduras e trabalharam depressa para montar o aparelho: um braço comprido que se estendia para o alto em ângulo e uma cuia com um metro de diâmetro, além de um grande tanque de ferro coberto de fumaça e vapor.

Enquanto ela observava, surgiu uma labareda brilhante, e uma equipe de ursos bem treinados se pôs em ação. Dois deles baixaram o braço do lança-chamas, outro jogou pás de fogo dentro da cuia e veio a ordem de disparo; o enxofre flamejante foi lançado para o céu escuro.

As feiticeiras estavam tão juntas no céu acima deles que três delas caíram no primeiro tiro, mas logo ficou claro que o verdadeiro alvo era o zepelim. O piloto nunca tinha visto um lança-chamas, ou então subestimava o poder da arma, pois continuou voando diretamente para os ursos, sem subir ou se desviar.

Então eles entenderam que o zepelim também tinha uma arma poderosa:

uma metralhadora montada no nariz da gôndola. Lyra viu centelhas voando da armadura de alguns ursos, e os viu se enrodilharem para se proteger, antes de ouvir o ruído das balas. Ela gritou com medo.

— Eles estão seguros — disse Iorek Byrnison. — Essas balas de brinquedo não conseguem furar nossas armaduras.

O lança-chamas funcionou de novo: dessa vez uma massa de enxofre em chamas foi jogada para o alto e atingiu a gôndola, explodindo em uma cascata de brasas. O zepelim fez uma curva para a esquerda e se afastou em um grande arco antes de voltar para o grupo de ursos que trabalhavam depressa junto ao lança-chamas. Enquanto o zepelim se aproximava, o braço da arma descia; a metralhadora cuspiu balas, e dois ursos caíram, arrancando um rugido baixo de Iorek Byrnison; quando a aeronave estava quase acima deles, um urso gritou uma ordem, e o braço do aparelho foi erguido.

Dessa vez, o enxofre foi lançado contra o balão de gás do zepelim. A estrutura rígida segurava uma cobertura de seda impermeabilizada que continha o hidrogênio, e, embora ela fosse suficientemente forte para resistir a pequenos golpes, o peso de toda aquela carga de mineral em chamas foi demais: a seda se rasgou de um lado a outro e o enxofre e o hidrogênio se encontraram, em uma catástrofe de chamas.

No mesmo instante, a seda ficou transparente; todo o esqueleto do zepelim ficou visível, escuro contra o inferno vermelho e amarelo, e flutuou no ar pelo que pareceu ser um tempo impossivelmente longo antes de cair devagar, quase com relutância. Pequenas figuras, escuras contra a neve e o fogo, saíram dele cambaleando ou correndo, e as feiticeiras desceram para ajudar a afastá-las das chamas. Em menos de um minuto, o zepelim tinha se tornado uma massa de metais retorcidos, fumaça e algumas chamas esparsas.

Mas os soldados a bordo, e os outros também (embora Lyra estivesse longe demais para identificar a sra. Coulter, sabia que ela estava lá), não perderam tempo; com a ajuda das feiticeiras, eles arrastaram e armaram a metralhadora e continuaram o combate em terra firme.

— Vamos — disse Iorek. — Eles ainda vão aguentar por muito tempo.

Ele rugiu, e um grupo de ursos se destacou e atacou o flanco direito dos tártaros. Lyra sentia a vontade que ele tinha de estar lá também, mas os

nervos dela gritavam para que partissem, e sua mente estava cheia de imagens de Roger e lorde Asriel; e Iorek Byrnison sabia, pois deu as costas à luta e começou a subir a montanha, deixando seus ursos combatendo os tártaros.

Enquanto subiam, Lyra forçava os olhos para enxergar à frente, mas nem mesmo o olhar de coruja de Pantalaimon conseguia identificar qualquer movimento no flanco da montanha que eles estavam subindo. Mas as marcas do trenó de lorde Asriel estavam claras, e Iorek as seguia rapidamente, saltando através da neve que se erguia atrás dele. O que acontecia às suas costas era exatamente isto: algo que havia ficado para trás. Lyra sentia que estava deixando o mundo, de tão distante e decidida que estava, de tão alto que estavam subindo, de tão estranha e misteriosa era a luz que os banhava.

— Iorek, você vai encontrar Lee Scoresby?

— Vivo ou morto, vou encontrá-lo.

— E se vir Serafina Pekkala...

— Eu conto a ela o que você fez.

— Obrigada, Iorek.

Por algum tempo, ficaram em silêncio. Lyra entrou em uma espécie de transe que não era dormir nem estar acordada, quase um estado de sonho consciente no qual ela sonhava que estava sendo carregada por ursos para uma cidade nas estrelas.

Ia contar isso a Iorek Byrnison quando ele parou.

— Os rastros seguem em frente, mas eu não posso continuar — disse ele.

Lyra saltou para o chão e parou ao lado dele. Estavam de pé na beira de um abismo. Era difícil dizer se se tratava de uma fenda no gelo ou uma fissura na rocha, mas isso não fazia diferença. O que importava era que o precipício mergulhava na escuridão.

E o rastro do trenó de lorde Asriel chegava até a borda... e ia em frente, por uma ponte de neve compactada.

Era evidente que a ponte tinha sentido o peso do trenó, pois havia nela uma rachadura junto à outra borda do abismo, e a superfície da ponte perto da rachadura tinha cedido quase meio metro. Poderia suportar o peso de uma criança, mas nunca o de um urso de armadura.

E o rastro de lorde Asriel atravessava a ponte e subia a montanha do outro lado. Se Lyra continuasse, teria que ir sozinha. Ela falou para Iorek Byrnison:

— Tenho que atravessar. Obrigada por tudo que fez por mim. Não sei o que vai acontecer quando eu alcançar lorde Asriel. Podemos todos morrer, mesmo que eu não chegue até lá. Mas, se eu voltar, virei fazer uma visita para agradecer mais uma vez, rei Iorek Byrnison.

Ela colocou a mão na cabeça dele, e ele assentiu delicadamente.

— Adeus, Lyra da Língua Mágica.

Com o coração apertado e dolorido, ela colocou um pé na ponte. A neve estalou sob seu peso, e Pantalaimon voou para pousar na outra extremidade e encorajá-la a prosseguir. Ela deu um passo após outro, perguntando-se a cada um se seria melhor correr até o outro lado e dar um pulo para a margem ou ir devagar como estava fazendo, pisando de leve. Na metade do percurso, ela ouviu outro estalido da neve; perto de seus pés, um pedaço de gelo despencou no abismo, e a ponte cedeu mais alguns centímetros.

Ela ficou imóvel. Pantalaimon, em forma de leopardo, estava agachado, pronto para saltar e agarrá-la.

A ponte aguentou. Ela deu outro passo, mais outro, e então sentiu que alguma coisa cedia sob seus pés e saltou para a borda com toda a força que tinha. Aterrissou de barriga na neve e, no mesmo instante, a ponte inteira caiu no abismo.

Pantalaimon tinha as garras cravadas nas peles do agasalho da menina.

Depois de um minuto, ela abriu os olhos e rastejou para longe da borda. Já não havia caminho de volta. Ela ficou de pé e levantou a mão para o urso que a observava. Iorek Byrnison ficou de pé nas patas traseiras para se despedir, e então desceu a montanha correndo, para ir ajudar seus guerreiros na batalha contra a sra. Coulter e os soldados do zepelim.

Lyra estava sozinha.

23. A PONTE PARA AS ESTRELAS

Quando o urso desapareceu de vista, Lyra sentiu que uma grande fraqueza a dominava, e às cegas bateu em busca de Pantalaimon.

— Ah, meu querido Pan, não posso continuar! Estou tão apavorada, tão cansada, viajei tanto, estou morrendo de medo! Queria que outra pessoa estivesse no meu lugar, juro!

O daemon se encostou ao pescoço dela, morno e reconfortante.

— Não sei o que fazer. — Lyra soluçou. — É demais para nós, Pan, nós não vamos conseguir...

Ela se agarrou a ele, ninando-o e deixando os soluços ecoarem pela neve.

Pensava: *Mesmo se... se a sra. Coulter chegasse primeiro, isso não ia salvar Roger. Ela levaria o menino para Bolvangar ou coisa pior, e me mataria por vingança...*

— *Por que eles fazem essas coisas, Pan? Será que todos eles odeiam tanto assim as crianças? Por quê?*

Mas Pantalaimon não sabia responder; tudo que podia fazer era ficar bem grudado nela. Aos poucos, enquanto a tempestade de medo se acalmava, ela recuperou a confiança em si. Afinal, era Lyra! Podia estar com frio e com medo, mas era Lyra!

— Eu queria... — começou a dizer, mas parou; querer não levava a nada.

Com um último suspiro trêmulo, ela estava pronta para seguir em frente.

A essa altura, a lua morrera, e o céu ao sul estava profundamente escuro, embora milhões de estrelas brilhassem como diamantes no veludo. A Aurora Boreal, porém, brilhava cem vezes mais que elas. Lyra nunca a tinha visto tão intensa e espetacular; a cada movimento, novos milagres de luz dançavam pelo céu. E, por trás da inconstante cortina de luz, aquele outro mundo, a cidade iluminada pelo sol, aparecia, clara e sólida.

Quanto mais Lyra e Pantalaimon subiam, mais a terra árida se estendia

abaixo deles. Ao norte estava o mar congelado, com rachaduras onde duas placas de gelo tinham colidido, mas, tirando isso, era plano e infinito, chegando até o próprio Polo Norte e indo além dele, sem atributos, sem vida, sem cor, nu como Lyra jamais poderia ter imaginado. Para o leste e para o oeste, havia mais montanhas de picos altos e pontudos, as escarpas cobertas de neve e cortadas pelo vento em lâminas aguçadas como espadas. Para o sul, estava o caminho por onde tinham vindo, e Lyra olhou para trás com emoção, esperando ver seu querido amigo Iorek Byrnison e sua tropa; mas nada se movia na planície. Ela nem sequer tinha certeza de estar enxergando os restos do zepelim ou a neve manchada de vermelho em volta dos cadáveres dos guerreiros.

Pantalaimon levantou voo e voltou para o pulso dela em forma de coruja.

— Estão logo atrás do pico! — disse. — Lorde Asriel preparou todos os seus instrumentos, e Roger não consegue fugir...

Enquanto ele falava, a Aurora Boreal piscou e perdeu intensidade, como uma lâmpada ambárica no fim do tempo de uso, e então *desapareceu* de vez. No escuro, porém, Lyra sentia a presença do Pó, pois o ar parecia cheio de más intenções, como formas de pensamentos ainda por nascer.

Na escuridão que a envolvia, ela ouviu uma voz infantil:

— Lyra! Lyra!

— Estou indo! — gritou ela em resposta, e cambaleou para cima, caindo, levantando, lutando, já no final de suas forças, mas avançando sem parar através da neve que brilhava fantasmagoricamente.

— Lyra! Lyra!

— Estou quase chegando. — Ela ofegou, exausta. — Quase chegando, Roger!

Pantalaimon, em sua aflição, mudava de forma rapidamente: leão, arminho, águia, gato-do-mato, salamandra, coruja, leopardo, todas as formas que ele já havia tomado, um caleidoscópio de formas em meio ao Pó...

— *Lyra!*

Ela chegou ao topo e viu o que estava acontecendo.

A uns cinquenta metros de distância, lorde Asriel estava torcendo juntos dois fios que levavam ao trenó tombado de lado, sobre o qual havia uma fila

de baterias, vidros e peças de aparelhagem, já cobertos de cristais de gelo. Ele vestia peles grossas e tinha o rosto iluminado pela chama de uma lamparina de nafta. Deitado como a Esfinge ao lado dele estava seu daemon, movimentando a cauda preguiçosamente sobre a neve, a linda pelagem brilhando.

Em sua boca estava o daemon de Roger.

A pequena criatura lutava, arranhava, mordida, passando de pássaro a cachorro, depois gato, rato, outra vez pássaro, incessantemente chamando por Roger, a poucos metros de distância, também lutando, tentando dominar o pânico e a dor e gritando de sofrimento e de frio. Roger chamava o nome de seu daemon e chamava Lyra; ele correu e agarrou o braço de lorde Asriel, mas este o jogou longe. Ele tornou a tentar, chorando e implorando, mas lorde Asriel o jogou no chão outra vez.

Estavam na beira de um abismo; atrás deles havia apenas trevas infinitas. Estavam mais de trezentos metros acima do mar congelado. Lyra enxergou tudo isso à luz das estrelas; mas então, enquanto lorde Asriel ligava os fios de seus equipamentos, a Aurora Boreal surgiu outra vez, como a centelha de poder mortal que brincava entre dois terminais, só que nesse caso um deles tinha mais de mil quilômetros de altura e trinta mil de comprimento. A Aurora Boreal mergulhava e crescia, ondulando, cintilando, uma gloriosa catarata de luz.

E era *controlada* por ele...

Ou então ele estava recebendo energia dela, pois havia um fio que saía de um imenso carretel no trenó e subia diretamente para o céu. Da escuridão surgiu um corvo, que Lyra identificou como o daemon de uma feiticeira. Havia uma feiticeira ajudando lorde Asriel, e ela levava o fio para as alturas.

E a Aurora brilhava outra vez.

Estava quase pronto. Lorde Asriel chamou Roger, e o menino obedeceu, balançando a cabeça, implorando, chorando, mas sem nada poder fazer.

— Não! Fuja! — gritou Lyra, se lançando encosta abaixo na direção dele.

Pantalaimon saltou sobre a pantera branca e arrancou o daemon de Roger dos dentes dela. O daemon-pantera saltou sobre ele, e Pantalaimon soltou o daemon de Roger; ambos, mudando de forma sem parar, voltaram e

começaram a lutar com o enorme animal. Stelmária tentava atingi-los com suas garras afiadas, e seu rugido encobriu até mesmo os gritos de Lyra. As duas crianças também lutavam contra ela ou contra as formas no ar, aquelas más intenções que desciam pelos jorros de Pó...

E lá no alto a Aurora Boreal oscilava, e seu brilho iluminava ora um prédio, ora um lago, ora uma fila de palmeiras, tudo tão perto que dava a impressão de que se podia passar caminhando de um mundo ao outro.

Lyra deu um pulo e agarrou a mão de Roger, puxando-o com força. Os dois se desvencilharam de lorde Asriel e correram de mãos dadas, mas Roger caiu e começou a se contorcer, pois a pantera tornara a capturar seu daemon; Lyra conhecia aquela dor e tentou parar...

Mas não conseguiram parar.

O chão estava deslizando debaixo deles.

Uma plataforma de neve, deslizando inexoravelmente para o abismo...

Para o mar congelado, centenas de metros abaixo...

— LYRA!

Coração pulsando...

Mãos se agarrando com força...

E lá no alto, a maior maravilha.

O domo celeste, cravejado de estrelas, profundo, foi perfurado como se por uma lança.

Um jato de luz, um jato de pura energia liberada como uma flecha lançada por um arco imenso, disparou para cima. As cortinas de luz e cor que eram a Aurora Boreal se rasgaram com um som alto que chegou às extremidades do universo; havia terra seca no céu...

A luz do sol!

A luz do sol brilhando na pelagem de um macaco dourado...

Pois o deslizamento de neve havia cessado; talvez uma protuberância na encosta tivesse interrompido a queda. Lyra avistou, na neve remexida do topo da montanha, o macaco dourado surgir ao lado da pantera e viu os dois daemons se eriçarem, fortes e atentos. O macaco tinha a cauda ereta, e a pantera balançava a dela de um lado para outro. Então o macaco estendeu a pata, hesitante, e a pantera baixou a cabeça em gracioso reconhecimento, e os

dois se tocaram...

E quando Lyra desviou o olhar deles, viu a própria sra. Coulter presa nos braços de lorde Asriel. A luz brincava em volta deles como raios e centelhas de intensa energia ambárica. Lyra, impotente, só podia imaginar o que tinha acontecido: a sra. Coulter havia conseguido atravessar o abismo e chegar até ali...

Seu pai e sua mãe, juntos!

E em um abraço apaixonado: uma coisa inimaginável.

Ela arregalou os olhos. O corpo de Roger estava morto em seus braços, imóvel, quieto, descansando. Ela ouviu os pais conversando.

A mãe disse:

— Eles nunca vão permitir...

— Permitir? — repetiu o pai. — Nós já passamos da fase de *pedir permissão* como se fôssemos crianças. Eu tornei possível que qualquer um atravessasse, se quiser.

— Eles vão proibir! Vão fechar a passagem e excomungar quem tentar!

— Vai ter gente demais querendo passar. Eles não vão conseguir impedir. Isso vai significar o fim da Igreja, Marisa, o fim do Magisterium, o fim de todos esses séculos de trevas! Olhe para aquela luz lá no alto: é o sol de outro mundo! Sinta o calor dele na sua pele, agora!

— Eles são mais poderosos que tudo, Asriel. Você não conhece...

— Eu não conheço? Ninguém no mundo conhece mais do que eu o poder da Igreja! Mas ela não é suficientemente poderosa para isso. De qualquer maneira, o Pó vai mudar tudo. Agora é impossível impedir.

— Era isso que você queria? Sufocar todos nós, matar todos nós com pecado e trevas?

— Eu queria me libertar, Marisa! E consegui. Olhe, veja as palmeiras balançando na praia! Está sentindo o vento? É o vento de outro mundo! Sinta nos cabelos, no rosto...

Lorde Asriel afastou o capuz do rosto da sra. Coulter e virou a cabeça dela para o céu, deslizando os dedos pelos cabelos dela. Lyra observava sem ousar mover um só músculo.

A mulher se agarrou a lorde Asriel como se estivesse tonta e sacudiu a

cabeça, aflita.

— Não, não... Eles estão vindo, Asriel. Sabem para onde eu vinha...

— Então venha comigo para longe deste mundo!

— Não tenho coragem...

— Você? Logo você, não tem *coragem*? Até sua filha viria. Sua filha teria coragem para qualquer coisa, envergonhando a mãe dela.

— Então vá com ela, e boa viagem. Ela é mais sua do que minha, Asriel.

— Não. Foi você quem a levou; tentou moldá-la. Naquela época, você a queria.

— Ela era rude demais, teimosa demais. Deixei passar muito tempo... Mas onde é que ela está? Segui as pegadas dela até aqui...

— Ainda quer ficar com ela? Duas vezes tentou prendê-la e duas vezes ela fugiu. Se eu fosse ela, ia sair correndo para não lhe dar uma terceira oportunidade.

As mãos dele, ainda segurando a cabeça dela, de repente ficaram tensas e a puxaram para um beijo apaixonado. Para Lyra aquilo parecia mais crueldade do que amor. Olhando para os daemons dos dois, viu uma cena estranha: a pantera tensa, agachada, com as garras sobre a carne do macaco dourado, e o macaco relaxado, feliz, cambaleando na neve.

A sra. Coulter escapou do beijo e disse:

— Não, Asriel, meu lugar é neste mundo, não em outro...

— Venha comigo! — ordenou ele, em tom urgente e autoritário. — Venha trabalhar comigo!

— Você e eu não podemos trabalhar juntos.

— Não? Você e eu podemos desmontar o universo e tornar a montá-lo, Marisa! Podemos encontrar a fonte do Pó e destruí-la para sempre! E você gostaria de fazer parte dessa grande obra, não minta. Pode mentir sobre todo o resto: sobre o Conselho de Obleação, sobre os seus amantes... Sim, eu sei de Boreal, e não me importo. Pode mentir sobre a Igreja, pode até mentir sobre a menina, mas não minta sobre o que realmente deseja...

E suas bocas novamente se uniram com um desejo avassalador. Seus daemons brincavam violentamente; a pantera se deitou de costas, e o macaco passou os dedos na pele macia do pescoço dela, que ronronou de prazer.

— Se eu não for, você vai tentar me destruir — disse a sra. Coulter, se desvencilhando.

— Por que eu iria querer destruir você? — perguntou ele, rindo, com a luz do outro mundo brilhando em volta da cabeça. — Se vier comigo, se trabalhar comigo, vou cuidar de você; se ficar aqui, neste mundo, perderei todo o interesse. Não pense que vou me lembrar de você por um segundo que seja. Agora: ou fique, para fazer suas maldades neste mundo, ou venha comigo.

A sra. Coulter hesitou; fechou os olhos e oscilou, como se fosse desmaiar; mas recuperou o equilíbrio e abriu os olhos, que mostravam uma tristeza bela e infinita.

— Não. Não vou.

Os dois daemons estavam novamente separados. Lorde Asriel baixou a mão e mergulhou os dedos fortes nos pelos da pantera; então se afastou sem dizer mais nada. O macaco dourado saltou para os braços da sra. Coulter soltando pequenos gemidos de tristeza e estendendo os braços para a pantera que se afastava; o rosto da sra. Coulter era uma máscara de lágrimas. Lyra as via brilhar: eram reais.

Então a mãe, ainda chorando, se afastou montanha abaixo, desaparecendo de vista. Lyra a observou com frieza, depois ergueu os olhos para o céu. Nunca tinha visto tamanha maravilha.

A cidade ali flutuando, tão vazia e silenciosa, parecia recém-construída, à espera de ser ocupada, ou adormecida, à espera de ser despertada. O sol daquele mundo brilhava neste mundo, tornando douradas as mãos de Lyra, derretendo o gelo no capuz de pele de lobo que Roger estava usando, tornando transparentes as faces pálidas do menino, brilhando em seus olhos entreabertos e cegos.

Lyra estava dilacerada de infelicidade. E de raiva, também. Poderia ter matado o pai; se pudesse arrancar o coração dele, teria feito isso, por causa do que ele fizera a Roger. E também a ela: ele tinha mentido.

Ela ainda estava abraçada ao corpo de Roger. Pantalaimon dizia alguma coisa, mas ela estava com o cérebro em tumulto e não escutou até que ele enfiou suas garras de gato-do-mato na mão dela. Lyra piscou.

— Que foi? — perguntou.

— O Pó!

— O que você está dizendo?

— O Pó. Ele vai encontrar e destruir a fonte do Pó, não é?

— Foi o que ele disse.

— E o Conselho de Oblação, a Igreja, Bolvangar, a sra. Coulter e o resto, todos querem a mesma coisa, não é?

— É... Ou que ele pare de afetar as pessoas... Por quê?

— Porque se *eles* acham que o Pó é ruim, ele deve ser bom.

Ela não respondeu; uma onda de ansiedade crescia em seu peito. Pantalaimon continuou:

— Nós ouvimos todos falarem sobre o Pó, e eles têm muito medo dele, e sabe de uma coisa? Nós acabamos *acreditando* neles, mesmo vendo que tudo que faziam era errado, perverso e cruel... Pensamos que o Pó devia ser ruim, porque eles eram adultos e diziam isso. Mas e se não for? E se ele for...

Ela o interrompeu:

— É! E se na verdade ele for *bom*...

Lyra olhou para Pantalaimon e viu seus olhos verdes de gato-do-mato cintilarem. Sentiu uma tonteira, como se o mundo inteiro estivesse oscilando sob seus pés.

Se o Pó era uma coisa *boa*... Se fosse algo a ser procurado e valorizado...

— Nós também podemos procurar o Pó! — exclamou a menina.

Era o que Pan queria ouvir.

— Podemos encontrar antes dele e...

A grandiosidade daquela missão os silenciou. Lyra ergueu os olhos para o céu em chamas. Tinha consciência de como eram pequenos, ela e seu daemon, comparados com a majestade e a vastidão do universo; e de como sabiam tão pouco, em comparação com os profundos mistérios acima deles.

— Nós *podemos*, sim — insistiu Pantalaimon. — Chegamos até aqui, não foi? *Podemos* conseguir.

— Mas estávamos errados, Pan. Fizemos tudo errado com relação ao Roger. Pensamos que estávamos ajudando... — Ela soluçou e beijou o rosto imóvel de Roger desajeitadamente, diversas vezes. — Entendemos tudo

errado.

— Na próxima vez, checaremos tudo e formularemos todas as perguntas que pudermos imaginar. Vamos acertar da próxima vez.

— Nós estaremos sozinhos. Iorek Byrnison não vai estar lá para nos ajudar. Nem Farder Coram, nem Serafina Pekkala, ou Lee Scoresby. Ninguém.

— Então só nós dois. Não importa. De qualquer maneira, não estamos sozinhos como...

Ela sabia o que ele estava querendo dizer: “Como Tony Makarios, como aqueles pobres daemons perdidos em Bolvangar; ainda somos um único ser, nós dois somos um só”.

— E temos o aletiômetro — completou Lyra. — É, acho que temos que fazer isso, Pan. Vamos subir lá e procurar o Pó, e quando encontrarmos, vamos saber o que fazer.

O corpo de Roger pendia imóvel em seus braços. Ela o colocou no chão carinhosamente.

— E faremos — completou.

Ela se virou para o sol do novo mundo. Atrás deles, ficavam a dor, a morte e o medo; à sua frente, a incerteza, o perigo e mistérios inimagináveis. Mas eles não estavam sozinhos.

Assim, Lyra e seu daemon deram as costas ao mundo em que nasceram, e caminharam para o céu.

Final do Livro Um

PHILIP PULLMAN é um dos escritores mais aclamados da atualidade. Sua obra mais conhecida é a trilogia *Fronteiras do Universo* (composta por *A Bússola de Ouro*, *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar*), que foi selecionada como uma das cem melhores obras de todos os tempos pela revista *Newsweek*. Ele também ganhou vários prêmios importantes, incluindo o Carnegie Medal por *A Bússola de Ouro*; o Whitbread Prize por *A Luneta Âmbar* ; e o Astrid Lindgren Memorial Award, pelo conjunto da obra. Em 2004, foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico. Atualmente vive em Oxford, na Inglaterra.

Para saber mais:

philip-pullman.com

hisdarkmaterials.com

[@PhilipPullmanA](#)

Copyright © 1995 by Philip Pullman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Northern Lights

Design e ilustração de capa
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

Preparação
Carolina Vaz

Revisão
Geuid Dib Jardim
Laura Victal

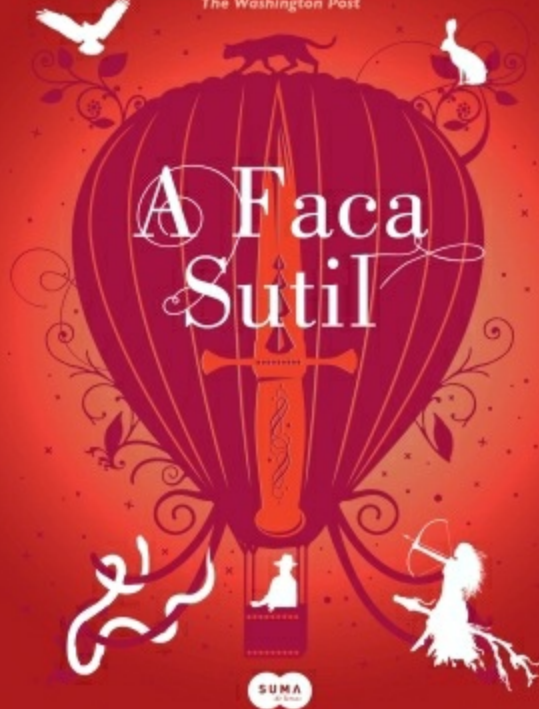
Coordenação editorial
Página Viva

ISBN 978-85-438-1043-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR

PHILIP PULLMAN

"Tão envolvente e viciante quanto *A bússola de ouro*."
The Washington Post



A faca sutil

Pullman, Philip

9788543810515

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Volume II da trilogia Fronteiras do Universo.
Perdida em um mundo novo, Lyra Belacqua encontra Will Parry — um fugitivo que logo se torna um aliado mais que necessário. Pois este novo mundo é povoado por Espectros sugadores de alma, e no céu as feiticeiras disputam espaço com anjos. Will procura pelo pai, um explorador desaparecido há anos, e Lyra busca a origem do Pó. No entanto, o que os dois encontram é um segredo mortal e uma arma de poder absoluto, capaz de decidir o resultado na guerra que se forma ao redor deles. O que nenhum dos dois suspeita é do quanto suas vidas, seus objetivos e seus destinos estão conectados... até que precisam se separar. A faca sutil é a viciante sequência de *A bruxa solista de ouro*, um clássico da fantasia considerado pela Entertainment Weekly “o melhor livro de todos os tempos”. A fantástica aventura de Lyra continua, levando o leitor a novos mundos, rumo a uma descoberta devastadora.

[Compre agora e leia](#)



Canção de Susannah

King, Stephen

9788581050850

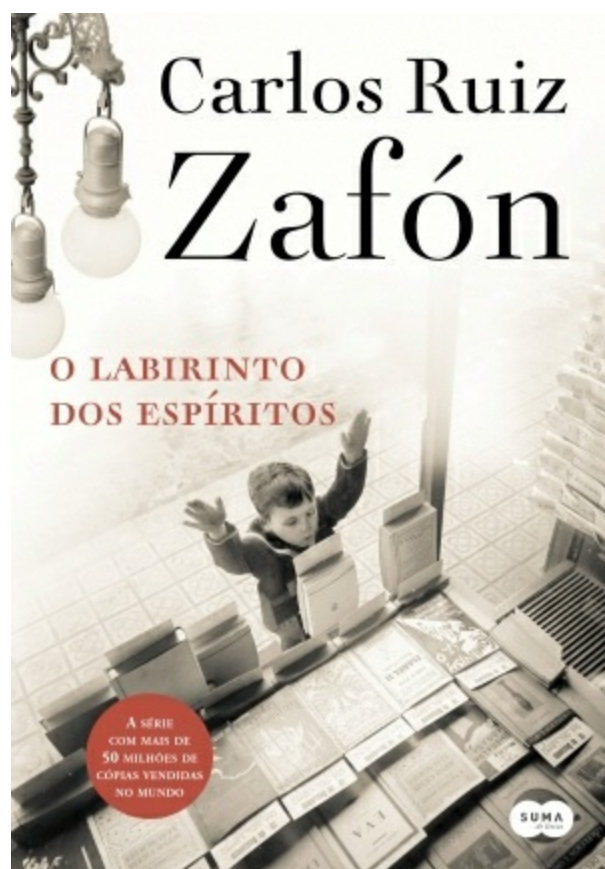
408 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inspirada no universo imaginário de J.R.R. Tolkien e repleta de referências à cultura pop, às lendas arturianas e ao faroeste, a série A Torre Negra mistura ficção científica, fantasia e terror numa narrativa que forma um verdadeiro mosaico da cultura popular contemporânea. Seus sete volumes reúnem todos os temas sobre os quais Stephen King escreveu ao longo de sua carreira, até o limite da metafísica quando, em "A canção de Susannah", a vida real do próprio autor se mistura à trama do livro. "Eu já escrevi romances e contos suficientes para lotar o sistema solar da imaginação - mas A Torre Negra é o meu Jupiter - o planeta que brilha mais do que todos os outros. Eu me dei conta de que os livros desta série contém todos os outros que já havia criado", define o autor. King começou a escrever a coleção quando ainda era um estudante universitário, na década de 1970. O primeiro volume, "O pistoleiro", foi publicado inicialmente em capítulos na revista de ficção científica "The Magazine of Fantasy and Science Fiction". Relançado em

1982 em forma de livro, foi seguido por "A escolha dos três” (1987), "Terras devastadas” (1991) e "Mago e vidro” (1997).

[Compre agora e leia](#)



O labirinto dos espíritos

Zafón, Carlos Ruiz

9788543810591

680 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro IV da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.
Madrid, anos 1950. Alicia Gris é uma alma nascida das sombras da guerra, que lhe tirou os pais e lhe deu em troca uma vida de dor crônica. Investigadora talentosa, é a ela que a polícia recorre quando o ilustre ministro Mauricio Valls desaparece; um mistério que os meios oficiais falharam em solucionar. Em Barcelona, Daniel Sempere não consegue escapar dos enigmas envolvendo a morte de sua mãe, Isabella. O desejo de vingança se torna uma sombra que o espreita dia e noite, enquanto mergulha em investigações incógnitas sobre seu maior suspeito — o agora desaparecido ministro Valls. Os fios dessa trama aos poucos unem os destinos de Daniel e Alicia, conduzindo-os de volta ao passado, às celas frias da prisão de Montjuic, onde um escritor atormentado escreveu sobre sua vida e seus fantasmas; aos últimos dias de vida de Isabella, com seus arrependimentos e confissões; e a intrigas ainda mais perigosas, envolvendo figuras capazes de tudo para manter antigos esqueletos enterrados.

[Compre agora e leia](#)



Os olhos do dragão

King, Stephen

9788581051550

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um conto de fadas escrito pelo mestre do terror? Pode parecer estranho, mas o Os olhos do dragão é um livro de características bem diferentes das demais obras de Stephen King. Segundo o escritor, esse romance surgiu do desejo de criar algo especial para a sua pequena filha, Naomi. Surgiu, então, a história de uma família. O resultado é uma história sobre o amor fraternal na qual o autor se dirige ao leitor como se estivesse contando uma lenda em voz alta.

O livro conta a história de um reino chamado Delain onde viviam Sua Majestade, Rolando, a rainha Sacha e seus filhos, Pedro e Tomas. Apesar de ser esforçado, Rolando não tinha carisma e era considerado um rei medíocre. Quem contava com a simpatia e o respeito do povo era a rainha. Essa admirável alimentava o ódio de um perigoso inimigo — Flagg, o feiticeiro, um influente conselheiro nas decisões reais.

Mas eis que Sacha morre misteriosamente. E Flagg, que planejava dominar o reino, começa a agir. Elimina o tolo Rolando; em seguida, afasta Pedro do trono levando ao poder o pequeno Tomas, a quem Flagg tinha certeza que poderia manipular facilmente. Mas o que Flagg não sabia é que Tomas escondia um segredo que nem a bola de cristal do mago poderia

vislumbrar. E nem tudo sai como Flagg planejara.

[Compre agora e leia](#)

PHILIP PULLMAN

"Guerra, política, magia, ciência, vidas separadas e destinos cósmicos:
há de tudo neste livro. É fascinante."

The New York Times



A Luneta Âmbar



SUM A

A luneta âmbar

Pullman, Philip

9788543810560

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

Volume III da trilogia Fronteiras do Universo.

Em todos os universos, forças se reúnem para tomar um lado na audaciosa rebelião de lorde Asriel contra a Autoridade. Cada soldado tem um papel a desempenhar – e um sacrifício a fazer. Feiticeiras, anjos, espiões, assassinos e mentirosos: ninguém sairá ileso.
Lyra e Will têm a tarefa mais perigosa de todas. Com a ajuda de Iorek Byrnison, o urso de armadura, e de dois minúsculos espiões galivespianos, eles devem alcançar um mundo de sombras, onde nenhuma alma viva jamais pisou e de onde não há saída.
Enquanto a guerra é travada e o Pó desaparece nos céus, o destino dos vivos – e dos mortos – recai sobre os ombros dos dois. Will e Lyra precisam fazer uma escolha simples, e a mais difícil de todas, com consequências brutais.
A luneta âmbar é o último livro da trilogia Fronteiras do Universo, que teve início com A búsula de ouro e A faca sutil. Uma conclusão emocionante, que leva o leitor a novos e fantásticos universos.

[Compre agora e leia](#)